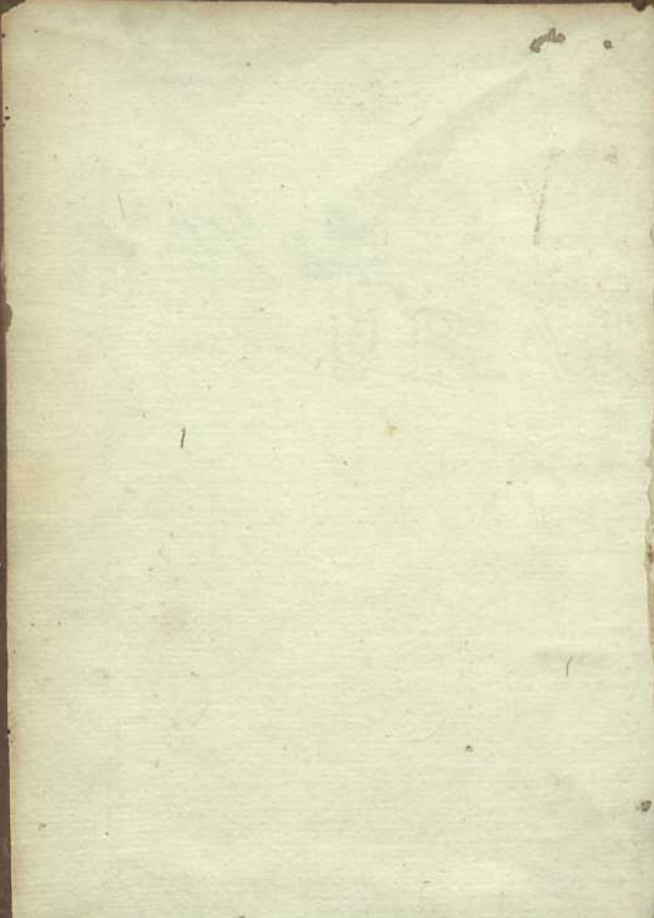






1488

2070



Per
W. W. W. *Conte*

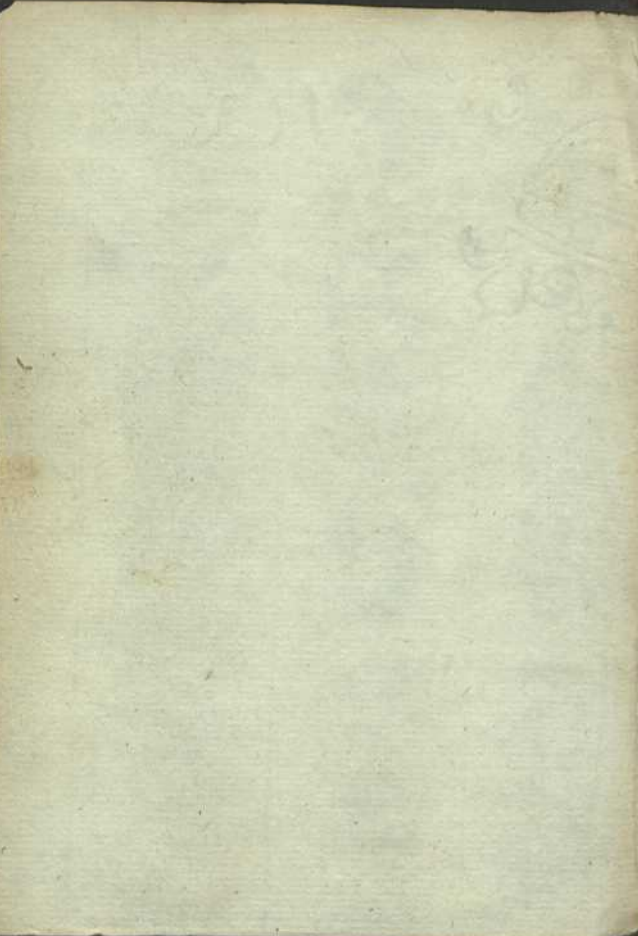


IMAGEM
DA VIDA CHRISTAM,
ORDENADA PER
Dialogos, como membros
de sua compo-
siçam.

- O primeyro he, da verdadeyra Philosophia *
- O segundo, da Religião *
- O terceiro, da Iustica *
- O quarto, da Tribulaçãõ *
- O quinto, da vida Solitaria *
- O sexto, da lembrança da Morte.



COMPOSTOS POLO. R. P. FREY
Hector Pinto da Ordem de S. Hierony-
mo: & per elle acrescentados ne-
sta vltima impressam

EM LISBOA.

Impresso por Antonio Alvarez.

Anno de 1591.

✠ COM LICENÇA. ✠

fa.  dre.

- 472 M. d. 28

10. 0 92^m
17/11/84
¶ Approuaçam do P.F. Bertola-
meu Ferreira.

VI por mandado do Illustrissimo,
& Reuerendissimo Senhor Arce-
bispo, Inquisidor Geral, dignissimo, de
stes Regnos, à primeira parte, dos Dia-
logos do padre Frey Hæctor Pinto, &
me pareceo a doutrina delles Catholi-
ca, & de muita edificação: Por onde
me parece, que sera seruiço de Deos
imprimirente, xvj. de Julho. 1584.

F. Bertolameu Ferreira.

VIsta a informação podesse imprí-
mir, & depois de impresso torna-
ra a esta mesa, hum dos nouamente im-
pressos, com o original, pera se conta-
r com elle, & se lhe dar licença para
correr. Em Lisboa 21. de Julho de mil-
quinhentos oitenta & quatro annos.

Paulo Afonso.

Jorge Sarrão.

PRIVILEGIO REAL.



REL REY, Faço saber a quantos este meu alvará virem. Que auendo respeito ao que na petição atrás escripta diz Frey Heçtor Pinto, Doutor em sancta Theologia, & ao proncyto que se poderá tirar do liuro chamado, segunda parte dos Diálogos da Imagem da vida Christãã, que diz que ora quer imprimir: & assi do liuro chamado Imagem da vida Christãã, q̃ ja anda imprimido. V Ey por bẽ, & me praz, q̃ pessoa algũa de qualquer calidade q̃ seja, nam possa por tempo de dez annos imprimir, nẽ vender nenhum dos ditos liuros, em todos meus Reynos, & Senhorios, nem os trazer de fora delles, saluo o dito Frey Heçtor Pinto, ou quem pera isso seu poder & licença tiuer. ¶ E qualquer pessoa, que durando o dito tempo de dez annos imprimir, ou vender qualquer dos ditos liuros em meus Reynos, & Senhorios ou trouxer de fora sem licença do dito Frey Heçtor Pinto, perde raa pera elle todos os volumes, que assi imprimir vender, ou trouxer de fora, & alem disso encorre raa em pena de trinta cruzados, ametade pera os captiuos, & a outra ametade pera quem o accusar. E mando a todas minhas justiças a que

PRIVILEGIO

este Aluará for mostrado, & o conhecimento de
 le pertencer, que o cumpram & façam inteira-
 mente cūprir, & guardar como se nelle cōthem. O
 qual ey por bem, que valha, tenha força, & vigor
 como se fosse carta em meu nome, per mim assina-
 da, & passada per minha Chancellaria, posto q̃
 per ella não passe, sem embargo das Ordenações
 em contrayro. Francisco Taucyra o fez em Al-

meyrim a xxx. de Ianeyro, de mil & qui-
 nientos & setenta & dous annos. Ioam

de Caçtilho o fez escreuer. ¶ Os

quaes liuros não podera imprã

mir sem Licença do

Conselho Gee-

ral da

Santa Inquisiçam: & do

Ordinario.

R E Y.

PRO-

PROLOGO

DO AVTHOR, DIRIGIDO

Ao Illustrissimo, & muyto excellent-
te Senhor Dom Theodosio,
Duque de Bragan-
ça, &c.



OIAM OS ANTIGVOS

Imaginarios, quando acaba-
uam de fazer suas esta-
tuas, antes q̄ de todo saís-
sem com ellas a luz, & as
dessem por acabadas, exa-

minal as curiosamente: & se lhe achauam
tal vizeza, proporçam, & perspectiua, que
nem seu artificio tiuesse mais que pintar,
nem seu desejo mais que pedir, punhamnas
em lugares, em que todos as podessem ver
miudamente, & contemplar a perfeçãam
de suas feyções. Mas se em algũa dellas a-
chauam taes erros & defeytos, que logo se
conhecessem dos que a olhassem de perto
punhamna nũa alta & fermosa columna pe-
ra que os que de longe a vissem, lhos nam
enxergassem, antes a tiuessem por perfeita,

PROLOGO.

fomento pola perfeçã da columna . Assim
eu, depois que tinh feyta esta obra , como
estatuã & imagem da vida Christã repar-
tida em Dialogos , como em membros de
hũa figura , vilhe tantas imperfeçõs , que
fenti que me compria buscarlhe hũa colũna
muy alta & excellente a que a dedicasse . E
lançando a hũa & a outra parte osolhos do
entendimento, nam achei outra mais illu-
stre que vossa Senhoria, a quem a deuisse in-
titular & dirigir, pera que somete com isto,
os que a vissem a estimassem. Mas per outra
parte, vendo que nam convinha apparecer
ante tam excellente Principe senão obras de
primor & grande lustro , & de tanto preço
que o não tiuessen, pondo os olhos na bai-
xeza desta minha feyta, não per aquelles in-
fignes artifices Phidias & Policleto, que an-
tre os antiquos pretenderam abalifarse na
arte de Architectura, mas per hum mal de-
stro & pouco polido imaginario, & laurada
pela fraca mão de meu baixo ingenho , esti-
ue per vezes cuidando o que faria. E depois
de baralhado em diversos pensamentos con-
siderando a humanidade de Vossa Senho-
ria, & a fama de sua grande virtude, igoal &
correspondente ao real tronco donde pro-
cede

PROLOGO.

cede, teue esta consideração tanta força, que
 ma deu pera conuertter meu temor em oufa
 dia, forjandoa na fragoa do desejo de o ser-
 uir. Aqui cabia bem tomar eu nas mãos lou-
 uores de vossa Illustrissima Senhoria, pois
 hai campo larguissimo pera me per elle po-
 der nelles esprayar, mas eu não o farey, por
 que sey quanto mais elle quer merecelos
 que ouuilos: cousa natural de altos animos
 ter a honra em muyto, & o pregam della
 em pouco. Somentetocarey (porque não
 posso deixar de o fazer) a justiça & paz em
 que vossa Senhoria tem suas terras, que
 he tam alto grao de perfeçam, & passa tan-
 ta alem das basilicas de meu ingenho, que
 não podiam deyxar de ficar bayxos, quae-
 quer louuores que lhe eu nisto quisesse dar.
 Pois a grande affeição, & inclinação que
 tem às letras, & a vontade com que as fau-
 rece, & deseja de augmentar, quem hai, que
 o não veja mais claro com seus olhos, do
 que eu o posso dizer com minhas palauras,
 pois esta constituindo a sua Villa viçosa em
 vniuersal Academia, & fazendo della outra
 Athenas, onde concorram de muitas partes
 deste Reyno, así como a Athenas concur-
 riam doutras partes de Grecia, como a feira

P R O L O G O .

franca de todas as bõas artes, & doutrinas. Este he hum grande louuor de vossa Senhora, hum marauilhofo resplandor de seu nome, que nunca seraa escurecido com trevas de esquecimento, & hũa gloria, que ainda de pois de sua morte terà vida, em quanto a tiuer a memoria dos mortaes. Quanto mais que ainda que á virtude faltasse o louuor humano, nam hai mór theatro que a consciencia, & alem do eterno premio que lhe no ceo está reseruado, por ser feita por amor de I E S V C H R I S T O nosso verdadeiro Deos, ainda em esta vida traz ella consigo gloria & suaue contentamento. Isto he o que dizia aquelle diuino Paulo, vaso de

2. Cor. 1. eleiçã, na segunda aos Corinthios: Esta he a nossa gloria o testemunho de nossa consciencia.

Ambro. Donde veo a dizer Sancto Ambrosio, que assi como o mau he pena de si, assi o bom he gloria de si mesmo: porque assi como os peccados sam tratos de polé, & co

Hieron. mo diz nõ são padre Sam Hieronymo, quantos são os vicios: tantos são os tormentos da alma, assi as virtudes são gostos do espirito, & quantas ellas são, tanto são elles. Mas como a virtude lance de si hum singular resplendor, não pode deixar de ser louuada. E

P R O L O G O .

caso que os enuejosos a queyram apagar, Compa
 todavia não podem effectuar seu desejo, an- ração
 tes ficam semelhantes aas infelices berbole
 ras, que querendo apagar o claro lume da
 candea, ellas mesmas se queymam, & ficam
 do a vela acesa com sua claridade, pagam
 com sua morte a temeridade de sua vida,
 sem a poderem tirar aa clara luz. Esta cla
 ridade resplandece em vossa Senhoria, em
 estimar summamente a sciencia & a paz, ca
 impossivel he fauotecer hũa, desfauorecen
 do a outra. E por isso não he de espantar ser
 vossa Senhoria amigo das letras, pois o he
 do affossego do Reyno, que onde elle rey
 na, hai tem ellas seu assento. E esta he a cau
 sa d'auer agora tantos & tam excellentes le
 trados nesta terra, darlhe Deos Principes, Compa
 que os fauorecessem, & amassem a paz. ração.
 Assim como quando as ondas dos grãdes rios vam
 tefas & furiosas, se recolhem os peixes algũ
 remanso, & quando os ventos são asperos &
 tempestuosos, fogem as aues pera o abriga
 do, assi andando reuolto o mundo em guer
 ra & tumultos, fugiram as artes, & bõas le
 tras de suas brauas ondas, & crueis tempe
 stades, & vieramse todas recolher no quieto
 remanso & pacifico abrigo deste Reyno, on
 de

PROLOGO.

de vindo ellas cansadas, & como mortas, cobraram alento, & receberam sangue & vida, & foram honradas & favorecidas, & collocadas no cume de sua dignidade. E ainda que a paz nam tiuera outro bem senam sercouthabitacã das musas, este era afaz: quanto mais que he ella hũa cisterna de todas as virtudes, & faltando ella todas faltam, & a terra que carecer della, onde em lugar de amor & concordia reynar odio & dissensam, não poderas permanecer. Querendo o propheta Esaias declarar que os Afsyrios entrariam no Egypto, & o destruiriam, & regariam seus campos com o sangue da barbara gête, daa por certo final da destruição dos Epypcios que antre elles mesmos se perderia a paz, & se aleuantaria guerra, & se conueteria em desamor, Oseas diz: Pois seu coração he diuiso, agora perceram. Isto he o que diz C H R I S T O nosso Redemptor no Euangelho: Todo o reyno em si diuiso, sera destruido & desolado. E per Sam Ioam diz, que nisto seremos conhecidos por seus discipulos, se nos amarmos hũs aos outros. He tam excellente couza o amor & concordia, que atee os gentios allumiados nam mais que com o lume natural

Esai. 9.

Ose. 13

Cuc. 21.

Ioan. 13

PROLOGO.

tural, o entenderam. Empedocles Agrigen- Emped-
 tino insigne philosopho, discipulo que foy
 do grande Pithagoras, diz q̄ o mundo con-
 sta do amor & de paz, porque pera se gerar
 qualquer cousa natural, ham de concotter
 todos os quatro elementos, & voirse em cõ-
 cordia. Isto quis significar o antigo Orfeo Orphico
 quando disse que o amor tinha as chaves de
 todas as cousas, com as quaes lhe abria seus
 nascimentos pera sairem a luz. Hora se isto
 tanta força tem nas cousas naturaes, que fa-
 raa nas moraes? Por isso diz Platão no quin- Platão.
 to da repubrica, que não ha nella cousa mais
 perniciosa que a discordia, nem mais vtil q̄
 a paz. E por esta razão tem Vossa Senhoria
 muyta em a conseruar, como vemos que
 faz. A quem deuo logo de offerecer minhas
 cousas, que são trabalhos de estudos, & fru-
 cto da doce paz senão a Vossa Senhoria, que
 he o fauorecedor delles, & conseruador del-
 la? Tudo o que digo nesta obra, vay corrobora-
 do com authoridade das divinas letras,
 & de muy approvados & excellentes autho-
 res. Porque assi como quem quer prantar
 hũ nouo jardim, busca garfos & enxertos de Compa-
 ração.
 boas arvores, assi eu busquey authoridades
 de graues & famosos authores, pera prantar
 neste

PROLOGO.

nesselivro, diuiso em Dialogos, a maneyra
dos de Platão. O que peço a vossa Senho-
ria, he, que os aja por seus, & que com su-
a costumada benignidade os recolha sob seu
emparo, pera que possam apparecer, & an-
dar seguros pelo mundo com o nome, & fa-
vor de vossa Senhoria, a quem nosso Se-
nhor traga na sua especial goarda,
& acabe em seu sancto ser-
uiço. Amen.



OS AVTHORES QUE SE

allegam nest a obra são os seguintes, e
fora as authoridades da sagrada
Scriptura, que a cada passo
vão explicadas.

A.

- S. Augustinho.
- S. Ambrosio.
- S. Athanasio.
- S. Antonio.
- S. Anselmo.
- Alberto Magno.
- Antiocho.
- Archiloco chronogra.
- Archiloco poeta.
- Aristoteles.
- Alexan. Aphrodisen.
- Aulo Gelio.
- Apolonio Tyro.
- Alcidano.
- Amiano Marcellino.
- Annio Viterberse.
- Alciato.

- Beroso Chaldem.
- Baptista Egnacio.
- Baraolo.
- Balthasar Castellam.
- Bartol. à Casaneco.

C.

- S. Cypriano.
- S. Cyrillo.
- S. Chrysostomo.
- Chrysologo.
- Cassiodoro.
- Chrysippo.
- Cornelio Tacito.
- Columella.
- Calimacho.
- Celio.
- Cambino Florenti-
no.

B.

- S. Basilio.
- S. Bernardo.
- Beda.

D.

- S. Dionysio Areopagi-
ta.
- D. mosthenes.

Diodoro Siculo.	Heraclides.
Dião Casio.	Horacio.
Diogenes Laercio.	I.
E.	S. Ioaõ Damasceno.
Eusebio.	S. Isodoro.
Eratosthenes.	Iamblico.
Euripides.	Iustiniano.
Ennio.	L.
Epitesto.	Lactancio Firmiano.
Eutropio.	Lucrecio.
Eliano.	Laberio.
Eugubino.	Luciano.
F.	M.
Fenestella.	Macrobio.
Flauio Vopisco.	Manilio.
Fauorino.	Marciano.
Fulgosio.	Menandro.
Fulvio.	Modestino.
G.	Marulo.
S. Gregorio.	Marsilio Ficino.
Gersam.	N.
Galeno.	S. Nazanzeno.
	Nicephoro.
H.	Nigidio Figulo.
S. Hieronymo.	O.
Homero.	Origenes.
Hesiodo.	Oppiano.
Herodoto.	Onido.

P.

Platão.
 Philo Platonico.
 Pindaro.
 Plutarcho.
 Plinio.
 Pomponio Mela.
 Prophyrio.
 Ptolomeo.
 Pomponio Leto.
 Plotino.
 Platina.
 Policrato.
 Procopio.
 Philostrato historico.
 Petrarcha.
 Pagnino.
 Patricio Sentes.
 Pontano.
 Peraldo.

Q.

Quintiliano.
 Quinto Curcio.

R.

Rauisio Textor.

S.

Seneca.

Strabo.

Sidonio Apolinar.

Solino.

Symmache.

Sexto Aurelio.

Stoben.

Salustio.

Serui.

Sabelico.

T.

S. Thomas.

Tertuliano.

Theodoreto.

Theophilacto.

Trismegisto.

Theophrasto.

Timen Historico.

Tullio.

Titolinio.

Tibullo.

Trebellio.

Thomas Mouros.

V.

Vgo de sancto Vitor.

Varro.

Vitruuio.

Valerio Maximo.

Ulpiano.
Vergilio.
Vegecio.
Volaterrano.

X.
Xanto Historico.
Xenophonte.

¶ A fora sentenças de muytos Philosophos. Como sam.

Pythagoras.	Empedocles.
Socrates.	Hermionio.
Anaxagoras.	Periandro.
Archimedes.	Phociam.
Anaxillo.	Simonides.
Anthistenes.	Themistocles.
Architas Tarentino.	Theodoro Athens.
Carneades.	Pyttaco.
Demetrio Phalereu.	Panecio.
Democrito.	Solam.
Diogenes Cynico.	Thales.

E outros muitos.



DIALOGO

DA VERDADEIRA

Philosophia.

Interlocutores, hum Philosopho, hum seu
companheiro, & hum hermitão.

CAPITULO. I.

Da excellencia da vista sobre os outros
sentidos, & do descobrimento
da verdade.



NDO praticado
pelos cêseyraes de
Coimbra, ao longo
do Mondego dous
amigos, que saíram
da cidade, hũ deles
dado muyto ao es-
tudo da humanida-
de, que presunha

excessiuamente de discreto & grãde Philo-
sopho, & queria antes parecelo, que selo (da
côdiçã dos q̄ escolhé antes latão lustroso
que para sem lustro) outro menos humani-
sta, mas mais humano, encontraram cõ hũ
hermitão, homẽ religioso & retrado, de q̄ tẽ

A

nham

nhã conheeimêto doutro tẽpo, em q̃ todos
naquella vniuersidade estudarão & cõversa
ram. E depois de saudados, & passarẽ antre
si algũas amorosas palauras, pergũtou o fi
losofo ao ermitão como eslaua, & q̃ anos ti
nha de idade, por q̃ lhe parecia mais velho
do q̃ ele cuidaua q̃ era. Eu, respõdeo o ermi
tão, não estou, nẽ tenho hũ soo ano de ida
de, e o mesmo podẽ cõverdade dizerã si to
dos os homẽs. Noua opiniã disse o philoso
pho he essa. Antestornou o ermitão, não he
noua: nẽ opiniã, senã antigua & manifesta
verdade. Que se fora noua começará pouco
ha, e ella he sentença dos sabios antiguos q̃
de si deyxatã glorioza memoria, & se fora
opiniã fora d̃ cousas cõtینگêtes & incertas
e ella he necessaria e certissima. E eu, disse
o philosofho, tenhoa por falsissima. E he o
tã sem duuida, q̃ a não terã nisso, senã quẽ
segũdo o costume dos Academicos, quiser
em tudo dauidar: hai ha verdades, disse o cõ
panheiro, q̃ no lo não parecẽ, não polo não
serẽ, mas por nã entêdermos a diuersidade
do estillo em q̃ saõ ditas: digo isto, por q̃ opa
dre como se desnaturou do mũdo pera q̃
quãto d'elle estiu: esse mas a partado, tãto elle
vessẽ cõ deos mais ynido, & quãto mais ló

ge estiuessse da terra, & de si inda mais lóge
 tão mais perto estiuessse do ceo, tẽ outro e-
 stilo tão differẽte do nosso, q̃ auemos de en-
 tẽder, q̃ se o não entẽdemos he, por q̃ passa
 elle alẽ das balifas d̃ nosso entẽdimẽto mas
 não porq̃ em suas palauras aja erro nẽ falsi-
 dade. Nã sey, disse o philosopho, pera q̃ faõ
 razões pera escusar hũa sã razão: pois de q̃
 rer escusar hũa nacẽ muitas. Assim como lâçã
 do hũa pedra ẽ hũ grãde poço se faz hũ cir-
 culo nãgoa, e d'elle procede outro mayor, &
 este mayor faz outro mais estẽdido, apos o
 qual vẽ outro, & outros cada vez mayores
 quasi ẽ infinito, assi de hũ erro nace outro
 e este traz outro cõsigo mayor, apos o qual
 vẽ outros muytos cada vez mayores quasi
 em infinito, se lhe não atalhã logo no prin-
 cipio. Facil cousa seria atalhar logo no prin-
 cipio a hũ rio, entupindo lhe a fonte dõde
 nasce, ou lâçã dolha per outra bãda mais de
 pois q̃ neste entrã outro, e outros ribeyros,
 e cõ a entrada de muitos rios se faz podero-
 so, e fundo, nã ha quẽ lhe possa resistir. Isto
 he o q̃ diz Aristoteles, q̃ pi q̃no erro no prin-
 cipio se faz grãde na fim, & q̃ dado hũ incõ-
 ueniẽte se seguẽ muytos: & ás vezes de não
 apagar hũa palha, se vẽ atear o fogo nũa: &

Compa
ração.Compa
ração.

noutra ate q̄ se vê a q̄ymar toda hũa casa, e de peq̄na faizca se faz grãde icêdio. Eu disse o cõpanheiro, não me determino logo tam afinha como isso, a condenar o que n o acaba de entender: & sempre tiue pera mim que as cousas se auian de julgar com deliberação. Que como diz Bias o Philosopho, segundo refere Laercio, nenhũa cousa he mais contrãya a deliberar, que a ira, & a pressa. E não vos pareça q̄ reprehendo a diligẽcia nas obras, antes tenho pera mim que não ha cousa que ella não vença. Porque assi como a negligencia he madrastra das virtudes, assi a diligencia he mãy de todas ellas. Ella he hũa mãe de bẽs, & a negligencia hum peço sem fundo em que todos se alagam: mas a diligencia ha de ser pesada, & leuando nos pes as esporas da ligezyza & velocidade, ha de leuar na mão as redeas da razão & do conselho, de maneira que na deliberação ha dauer tardança, & na execução da boa obra pressa. Donde veo aquelle tam antigo como famoso Proverbio: Apreffate de vagar. O que tambem quis significar o

Tito vel Emperador Tito Vespasiano filho do gran pasiano. de Vespasiano, quando mandou por por diuisa nas suas medalhas hũ golfinho velocissimo

Da verdadeyra philosophia.

3

fimo enrodilhado nũa ancora vagarosa. He
 verdade, disse o philosopho q̄ pela âcora se
 entêde a tardança, & pello golfinho a pressa
 porque Aristoteles affirma q̄ he elle ligei- **Aristo.**
 rissimo, & Oppiano no seu segũdo liuro da **Oppini.**
 natureza dos peyxes, diz q̄ nadam os golfi-
 nhos tanto pela agoa, como voam as aues
 pelo ar. E Plinio no seu nono liuro da histo **Plinio-**
 ria natural, diz, q̄ são os mais ligeiros de to-
 dos os animais, asji aquatiles, como terre-
 stes, como volatiles. E não somêre Tito Ves-
 pasiano, mas Octauanio Augusto se soya
 muito deleitar cõ esse Proverbio, como cõ
 ta Aulo Gelio no x. de suas noites Atticas, **Aulo**
 & Macrobio no sexto dos Saturnaes. Mas **Gelio.**
 isso se entêde, quãdo se representam algũas **Macrobo**
 duuidas, q̄ fazem distrahir o animo em di-
 uersos pareceres, entã ha de auer delibera-
 çam vagarosa & maduro conselho, o qual
 ha de ser secreto: & por isso edificaram os
 antigos Romanos o tẽplo de Cõso, a quẽ
 elles chamauam deos dos conselhos, debay
 xo da terra. E apos o cõselho se ha de seguir
 a execuçam com tanta diligencia q̄ pareça
 q̄ o effeyto precedeo a deliberação, de ma-
 neyra que primeyro pareça feyto que cuy-
 dado. Mas quando as cousas são tam mani-

festas, que nellas não ha q̄ deliberar, de que
 serne galtar o tēpo em conselhos, & occu-
 par o juyzo em escolher quātas cousas a va-
 ria fantesia lhe representa, & o pensamento
 em fazer difficuldades onde as não ha? quā-
 do os erros são tam claros como he este do
 padre, pera q̄ he senão cōdenalos logo sem
 mais? Eu todavia, disse o companheiro, sus-
 pēdo o entēdimento, até ver como vos pa-
 dre prouais que nem vos nem homē algum
 está, nē tem annos de idade. Folgaria muy-
 to de saber como pode ser isso. Isso disse o
 philosopho não sabereis vos nūca. Porque?
 disse o companheiro. Porque o que não he
 respondeo o philosopho, nã se pode saber.
 Eu vos prouarey, disse o ermitão, o q̄ digo
 se vos não tiuerdes os ouvidos entupidos e
 opilados. Antes creio eu, tornou o philoso-
 pho, que no los intupireis vos cō palauras, e
 em fim não a dareis a vossa empresa. Cou-
 sa he essa, disse o companheyro, que eu em
 estremo folgarey de ouir: & pera isto assen-
 temonos. Assentemos, disse o philosopho.
 Assentayvos vós, disse o ermitão, q̄ eu esta-
 rey aqui encostado a esta verde & sombria
 arvore, & ouvi se vos bē parecer. Vos padre
 disse o cōpanheyro, podeis dizer o q̄ quizer

des sem nos pedirdes as vôtades, em especial a minha que não discrepará da vossa. deveis padre, disse o philosopho, de tomar outra tema, & não gastar o tēpo em defender sonhos, mas cousas dignas de vos. A verdade he a q̄ eu vejo cō meus olhos: que vos vejo estar, & vejouos viuer, & não podeis vos viuer sem terdes dias de vida. E hi não ha melhor proua q̄ a q̄ se vé cō os olhos, o q̄ sabemos de ouvida pode ser incerto, mas o q̄ sabemos de vista he certissimo. Dôde veo a dizer Thales Milezio, mestre q̄ foy dogrã de Anaximádro, & ante os Greges primeyro inuentor da geometria, que a differença q̄ auia dos olhos ás orelhas, auia da verdade á mintira: dâdo a entender, q̄ ainda que os ouvidos se enganassẽ, a vista não se podia enganar. E daqui vieram os da ilha de Creta, que agora se chama Candia, onde nasceo Strabo o Cosmographo, a pintar Iupiter cō os olhos, & sem orelhas, como cōtra Celio no. vj. liuro das suas lições antigvas, significâdo que os que tiuessẽ mando & dominio não auiam de crer tudo o que ouvissem, porque podia ser falso mas o q̄ vissem: porque isso he o que auiam de ter por sem duuida. E por isso he o sentido da vista

Taleso

Celio.

Galeno, mais excellête que todos os outros: em tan-
 to que Galeno chama aos olhos mēbros di-
 uinos. E não sem causa os pos a natureza na
 mais alta parte do corpo humano, como sé-
 tido mais insigne, & que mais amamos, & a
 que sobre todos os outros deuemos de esti-
 mar. E assi como estão mais altos, assi des-
 cobrē mais cousas. E como nenhũa natural-
 mente entēdamos senão per meo dos senti-
 dos, portas & seruētiās do entēdimento, &
 pelo sentido dos olhos sintamos mais que
 per nenhũ dos outros sentidos, segue-se que
 a elles deuemos a maior parte do q̄ sabemos.
Aristo. Isto sentia Aristoteles quando no primeiro
 da Metaphisica disse, q̄ a razão porque tã-
 to amauamos os olhos, he porque nos mo-
 stran elles muitas cousas em cujo conheci-
Anaxag. mēto consiste a Philosophia. Anaxagoras
 aquelle excellête Philosopho, q̄ quistã alta
 mēte contēplar o curso das estrellas, & a di-
 sposição da machina do mūdo, que por sair
 de hũa duvida sio de si, como refere Xeno-
Xenop. phonte no liuro q̄ fez dos feytos & ditos de
 Socrates, pergūtado pera que nascera respõ-
 deo, q̄ pera ver o sol, & a lũa, & as estrellas:
Laetan. assi o conta Laetácio Firmiano nas suas di-
 uinas instituiçõs. Nam disse este famoso
 Phi-

Philosopho, que nascera pera ouir falar ne
 stas cousas, senão pera as ver cõ seus olhos.
 Que aproueyta hum homẽ sem vista? Diz
 Quintiliano na segũda declamação, q̃ a pri
 uação dos olhos, he a total fraqueza do ho
 mem. Vay grande differença de ver a ouir
 Assi como o fogo he o mais sutil e alto dos
 elementos, & que naturalmente sobe pera
 cima, por ser o seu lugar o concauo do ceo
 da lãa, ficado o ar abaixo d'elle, assi o sol hos
 tem superioridade sobre os ouidos: porq̃
 como diz Aristoteles, vemos com o fogo, &
 ouimos com o ar. Porq̃ dentro dos ouidi
 dos está encerrado hũ ar, a que Aristoteles
 chama immouel, & outros connatural, no
 qual como toca o tom que vem polo ar, lo
 go ouimos. E nos nossos olhos anda hum
 fogo sutilissimo, a cujo lume ajuntandose o
 lume, ou claridade exterior, logo vemos a
 cõr que se nos diante appresenta, se hi não
 ha impedimento. E esta he a causa, como
 diz Alexandre Aprodiseu, no seu liuro das
 causas, porque às vezes dando rijo com a
 cabeça nalgũa cousa dura, vemos ante os
 olhos candeas acesas, que he o lume que
 nos sae delles com o impetuoso mouimẽto
 da percussam. E algũas vezes acordando

Quinti

Aristot.

Aristot.

Alexan.

de noyte ás escuras vemos ás mesmas can-
 deas, porque o lume que estaua dentro nos
 olhos encerrado, abrindoos sae junto, & a
 primeyra cousa q̄ vemos he elle. O q̄ acon-
 tece pola mór parte nos colericos, por a sua
 compreyssam responder ao fogo. Onde se
 colhe q̄ não he milagre o que Plinio diz de
 Tiberio Cesar, q̄ em se aleuantando de noi-
 te ás escuras, via a casa allumiada. E inda q̄
 estes philosophos isto não testificaram, ba-
 staranos pera isso a philosophia adquirida
 pela experiencia: porque tanto que se faz o
 trouão, vemos logo o relampado, & des-
 pois ouuimos o tom, sendo tudo num tem-
 po, o tom & o relápado: o que procede da
 ligeyreza do fogo, com que num instante
 vemos, & do vagar & espessura do ar com q̄
 per espaço ouuimos. O que claramente se
 vé no tirar da bôbarda, inuentada por phi-
 losophico artificio, a semelhança do trouã
 que estando de longe, primeiro vemos o fu-
 mo & o pilouro, que ouçamos o tiro. Tem
 mais esta potencia do ver sobre a do ouuir
 que nũca se enfada, nem obra cõ trabalho,
 nem tem nece ssidade de ninguem, & eslen-
 de se mais ao lóge que todos os outros sen-
 tidos, & não ha cousa q̄ mais nos certifiq̄
 que

Plinio.

Vigilia

maxilla

Da verdedeyra Philosophia. 6

que a vista. Logo pois o ver he tanto mais certo & prompto & excellente que o ouir como quereis vos que crea eu & admitta o que vos ouço, & não o q̄ vejo, sendo o que diz vossa boca contrayro ao que vem meus olhos. Saluo se per artificio de engenho nos quereis persuadir o que não he, & meter-nos com engano, no entendimento a machina dessa vossa opinião, como Sinam o Grego aos Troyanos, a entrada do engano fo caualo polos muros de Troya. Podera eu pera vos exagerar & amplificar minhas razões trazer ainda hũa nuvem de authoridades com que vos assombrara, mas não he minha arte meter todos os registros, & fazer logo no principio grande toada.

Prouera a Deos, disse o Ermitão, que tiueis vos desempedidos & allumiados os olhos do entendimento, que vos vireis quam falso he isso que cuidais que vedes, & quam pouco importa a superioridade dos olhos, com tudo isso que dizeis pera refutar o que eu digo. Os olhos do corpo enganase muitas vezes, por estarem ennevoados, ou doutra maneyra empedidos, ou porque ainda que sejam claros, não hai distácia delles ao objecto, ou se a ha, he desproporcionada.

ou

Sinam

Como
1831

01.223

ou pela brevidade do tempo da vista. Mas os olhos do entêdimento, allumiados com os rayos do diuino resplendor, não se enganam, porque doutra maneyra não seria entendimêto. E daqui vieram os diuinos Prophetas a chamar a suas prophcias vi'oens, como cousas certas & desenganadas. E pera vos viuerdes desengana do, folgaria q me ouuisseis, mas queria que me entendesseis: porque saindo de hũ engano não entrasseis noutro. Nê tomeis por trabalho ouirme, se quereis que vos eu tambem ouça, porq que n não for prompto no ouir, não se de ue d'escutar. E ainda que cõ as muytas parlauras que accumulastes, aleuantastes tanto pó, que parece que se não vé a verdade, todauia ella em fim se verá. Porque afsi como o pao, sendo com impeto lançado na agoa ainda que se vá ao fundo, com tudo não pô de estar tanto escondido que logo não torne acima, & apareça: afsi a verdade pode ser por algum tempo escondida, mas em fim por mais que façam, ella por si se ha de descubrir. Ca nenhũa cousa se faz com tanto resguardo, que o tempo a não mostre. Isto he o que dizia Christo nosso Redêptor em

Compa.
raçam.

Mat. 10

Sam Matheus, Não hai cousa tam encuber

Da verdadeyra Philosophia. 7

ta que se não descubra, nem tam occulta q̄
se não sayba. E sam Bernardo diz, que a ver- Bernar.
dade impunhada & perseguida, entam res-
prandece mais. E Tertuliano diz, que a ver- Tertul.
dade ha vergonha de estar escondida. Don-
de diz S. Augustinho nos soliloquios, que a August.
verdade té por companheya a constancia.
Pera dar a entender que nunca se abate. E
sam Ioam Chrysoftomo affirma que he tã
clara a verdade, que o seu resplendor abate
o do sol. É pera que o verdadeyro resplan-
dor nos alumie, primeiramente inuoco a
Christo Iesu nosso Deos summo & sempi-
terno, a que peço que nos fauoreça cõ sua
graça, dandoma a mim pera explicar o que
sentir, & a vos pera sentir o q̄ eu explicar.
Porque onde falece a graça ainda que sobe
je a sciencia, não são os entendimentos tam
claros que não viuam ás escuras.

CAPITULO. II.

Da velocidade & inconstancia da vida &
do erro dos que cuydam que ellão,
& tem annos de vida.

E Stando promptos os dous companhe-
ros, começou o ermitão desta maneira:

Hum dos enganos em q̄ está atolado o gē-
 nero humano, he ter pera si, que as cousas
 do mundo são firmes & estaveis. E deste
 erro dos homēs, vieram elles a cair em ou-
 tros, q̄ he pór falsos nomes ás cousas, cha-
 mando estados ás cousas que nunca estão,
 mas sempre correm. Chamam estado de
 Principes, estado de nobres, estado de ple-
 beyos. Vocabulo que parece que auia de ser
 desterrado do mundo, em especial d'antre
 os Christãos criados no regaço da igreja ca-
 tholica, com o leyte das sagradas Scriptu-
 ras: ou ao menos que auia de ser bem inter-
 pretado. Se tudo passa, se nenhũa cousa do
 mundo está, como se pode propriamente
 chamar estado? Não se pode dizer estar, o
 que nunca está: & pois não está, como he
 estado? Saluo tomando estado impropria-
 mente, mas eu falo de estado segundo sua
 propria derivaçam. Como pode auer esta-
 do nos homens, & como se pode dizer que
 estão, dizendo o sancto Job: O homē foge
 como sombra, & nũca permanece nũ mes-
 mo estado. Não diz, o homē anda, mas fo-
 ge, pera mostrar a velocidade do curso da
 vida: nem diz foge como corpo, mas como
 sombra. Que cousa hai mais mudavel & in-
 con

constante que a sombra. E com q̄ palauras
 podera o glorioso Sãcto milhor explicar &
 exagerar o cõtinuo fluxo & mouimento da
 nossa idade? Isto sentia bẽ a q̄lle diuino Pro- Psal. 38
 pheta & serenissimo Rey David, quando nũ
 Psalmo dizia, Em imagẽ traspassa o homẽ.
 Como se dissera, Quereis ver q̄ o homẽ nũ
 ca estã attẽtay pera elle, & vereis q̄ nãõ so-
 mẽte passa, mas traspassa, e nãõ como substã
 cia, mas como imagẽ della, nãõ como cousa
 solida & maciça, mas como vaã, & caduca.
 Antes deste verso disse o Propheta estas pa-
 lauras que estam situadas no mesmo Psal-
 mo. Toda a vaidade he todo o homem que
 viue. Onde diz, que viue, pode dizer, que
 estã quanto a seu parecer. E assi interpre-
 tam algũs o vocaculo Hebrayco, como se
 mais claramente dissera. Chamem os ou-
 tros vaidade ao que quizerem, que eu di-
 go que o homem que cuyda que esta he to-
 da o vaidade do mundo, he hũa imagem
 apparente de fora & vaã de dẽtro, que nãõ
 estã, mas sempre corre. Esta he hũa das in-
 terpretações, & verdadeyros sentidos, em
 que o Psalmista nos quis dar o desengano
 de quem somos. E á verdade se nos quizer-
 mos altamẽte cõsiderar, & desembaraca da
a fau-

a fantasia de seu enleo pregar os olhos na verdade, veremos claramête q̄ as cousas do mūdo não são substancias estantes, mas figuras q̄ passam. Donde veo a dizer o diuino

1. Co. 7. Paulo na segunda aos Corinthios, passa a figura deste mūdo. Não diz está, mas passa nem diz que passa a substancia do mundo, mas á figura. Por mayores, & mais ricas, fixas & permanentes que pareçam as cousas do mundo, em fim não são substâncias, mas figuras, ou estatuas transitorias de substancias.

Dani. 2. Isto quis significar a sagrada Scriptura no liuro de Daniel, naquella estatua q̄ vio em sonhos Nabuchodonosor, que com quanto parecia grãde & poderosa, cō tudo era figura & estatua de sustancia: & por ter os pes de barro, tinha tam pouca firmeza, que com hũa pedra que lhe tocou nelles, foy desfeyta & tornada em palhinhas, que logo arrebatadas do vento desapareceram. He muyto pera notar, que entendendo se per aquella visam a grandeza, riqueza, potencia, prosperidade, & finalmente os Reynos do mundo, não diz o Propheta que era substancia, mas imagem, nem que tinha todos os pes de ferro duro, mas que parte delles era de barro quebradiço: nem diz que

Da verdadeira Philosophia. 9

permaneeço, mas que foy desfeita e leuada do vento, nã diz que foi vista vigiando, mas dormindo em sonhos, e não realm'ête. Que nos q̄r n'isto a sagrada Scriptura significar senão que as cousas do mundo são hũasvãs imagês sem fundamento nem firmeza, varias, incertas, inconstantes, caducas & transitorias, que passãõ como sonho, pois se não vem senão em sonhos, & que em fim nã são cousas solidas, mas sombra dellas. O Ecclesiastico chama lhe sonhos, sombra, vento, & mentiras manifestas. Tertuliano no liuro q̄ fez da coroa do soldado, falando das riquezas & cousas que o mũdo tem por grandes & verdadeyras, diz. Todas as cousas quantas ha neste mundo, são imaginarias, & nenhuma ha que seja de verdade. San Hieronymo n'ua Epistola ao Papa Damaso diz assi: As cousas criadas, ainda q̄ pareçam ser, não são: porque foy quando não foram: & pode outra vez não ser aquillo que não foy. Deos só, que he eterno, & que nunca teue principio, tem verdadeyramente nome de essencia. E esta he a causa, porque querêdo elle declarar a Moyses quem era, disse: Eu sou o que sou E depois l'he disse, q̄ disse l'he aos Hebreos: Aquelle que he me mandou

Eccl. 34

Tertul.

Hieron.

Exo. 3.

a vos. Isto he de S. Ieronimo. Dizeivos, disse o Philosopho, o que quizerdes q̄ vos não podeis negar o q̄ Aristoteles affirmar, & todos os philosophos cõfessam, que as cousas se diuidem em substancias & accidẽtes. Por

Aristo.

Thoma.

que S. Thomas Principe dos theologos escolasticos, com todos os outros theologos questionarios admitem esta diuissam. E ou auẽis de cõfessar que vos errais, e os outros todos acertam, ou q̄ vos so acertais, e todos os outros erram. Porq̄ como todos tẽ contra vos, se vos dizeis bem, todos os outros di. e mal, & sera isso quereides affirmar q̄ a Philosophia estã fundada sobre engano q̄ he querer destruir toda a sciencia humana.

Athlas.

E não sey como vos ousareis a fazelo, salvo se vos sois o Athlas, q̄ fingiram os antigos q̄ sustinha cõ a cabeça todo o peso do ceo, dãdo a entẽder q̄ tinha a sciẽcia não somente das cousas humanas, mas diuinas. Essa diuissã, disse o ermitão, não he má, nẽ erraram os Philosophos q̄ a escreueram, nẽ os theologos que a approuaram: porque falam das cousas do mũdo comparadas ante si. E entã he verdade q̄ hũas sã substancias, outras accidentes cotejadas conferidas hũas cõ as outras. Mas cõparadas ellas cõ Deos

ficam

ficam menos que accidentes. Porque como
 Deos seja aquelle que he, como elle mesmo
 diz, e o nosso ser seja não per si, mas per par
 ticipação, & não sejamos per nos, mas per
 Deos, & elle seja per si, e nos não tenhamos
 de ser mais q̄ o que participamos de seu ser
 segue-se q̄ elle só he a verdadeira substancia,
 & q̄ nós em sua cõparação não somos mais
 que hũa imagẽ de substãcia, & menos ainda.
 Per onde fica claro, que o vosso argumento
 não faz nada contra mi. Nem ha cousa que
 possa cõ razam refutar & desfazer esta ver
 dade q̄ eu digo, pois como vedes he tirada
 do thesouro infallivel da sagrada Scriptura
 & da liçam dos Doctores Theologos. Mas
 por q̄ vos seguistes aos Philosophos Gëtios,
 per elles voia quero provar. Iáblico Philo
 sopho Grego naquella obra q̄ fez chamada
 a sua coua, onde elle copiosamẽte exprimio
 a doutrina de Platão, mostra que as cousas
 do mundo não são mais que hũas sombras,
 & que as não tem por cousas & substãcias
 realmẽte, senão os que vivẽ tam enganados
 que leuam a opiniãõ por guia. Epicteto Pla
 tonico diz, que nos não perturbam, cousas,
 senão opiniões dellas: & que não façamos
 fundamento dellas, pois logo passam. Euri

tambm,

Capit. I I.

- Plutar.** pides dizia que a gloria do mundo não durava mais que hũ dia, como conta Plutarcho. E ainda disse muyto. E não sem causa
- Demet.** foy reprehendido de Demetrio, q̄ não ouuera de dizer hũ dia, mas hũ ponto, por q̄ nũ pôto se cõsume toda ella. E daqui veo o antigo Proverbio (Homobulla) de q̄ vsa Varro.
- Varro.** na prefacão dos liuros da Agricultura: e
- Lucian.** Luciano no dialogo de Charõte, q̄ quer dizer q̄ o homẽ he hũa empola dagoa, que logo
- Homer.** se desfaz. Homero cõpara a vida humana a folhas daruores caducas: & Pindaro a sonho de sõbra. Nã se cõtẽtou cõ lhe chamar sombra, mas sonho de sombra. Isto sentia bem aquelle moral & excellẽte Philosopho
- Seneca.** Seneca, quando escreuendo a Lucillo dizia: Ponto he o que viemos. Como se differa: He tam breuenossa vida, & passa com tãta
- M. Tul.** velocidade, que não dura mais que hũ momento. E Marco Tullio na primeyra Tusculana diz, que voa a idade: & diz bem, por q̄ não ha aves por ligeyras que sejam que cõtãto impeto & ligeireza vão ferindo os inconstantes vêtos com os ramos de suas asas que se possaõ cõ o velocissimo curso de nossa vida comparar. A par do Hypanis rio de Scithia, que cae dũa parte da Europa no Põ

ro, diz Aristoteles q̄nacem hūs pequenos Aristot.
 animaes que não duram mais que hum dia
 & os q̄ chegam á tarde sam velhos, e se acer
 tam de chegar ate sol posto, saõ da creditos
 Vedes vos esta breuidade de vida destes ani
 maes, pois muito mais breue he a nossa cõ
 parada cõ a eterna. Ainda q̄ nisto não ha cõ
 paração, ca o finito não se compara ao infi
 nito. Se os Mathematicos affirmam q̄ a ter
 ra em comparação do ceo fica hum ponto,
 cousa tam piquena q̄ senão pode diuidir, sê
 do o ceo finito, que fica logo nossa vida co
 tejada com a eterna, senão menos que hū
 ponto, pois ella he infinita, esta finita: ella
 eterna, esta tēporal: ella sempre permanece
 esta sempre passa, & finalmete pois ella he
 vida, & esta sombra? Isto sentia bē Manilio,
 quando dezia: Nacendo morremos, & a fim
 pende do principio. E Quintiliano diz: To
 da a hora per calados, & enganosos cursos
 nos vay chegãdo á morte: & nos enleuados
 nū triste & falso pensamento de longa vida
 imos correndo per hūs breues momentos
 do tēpo, q̄ vay depressa fogindo. Isto he o q̄
 sentiam os Gentios da breuidade & incon
 stãcia da vida. E pera q̄ nisto não duvideis,
 quero volo prouar pelas diuinas letras, &

Manilio

Quinti.

- Pfal. 38.** doutrina dos Sâctos. Estâdo hũa vez o real propheta falando nũ Psalmo com Deos sobre esta materia disse. Et substantia mea tanquam nihilom ante te. Onde Symaco em lugar de sua substância poê vida. E foy esta sua interpretação tam recebida dos varões doutos que ate agora inda não vi nenhũ que falando nella a não engrandecesse. E S. Hieronymo aq̃lle peito de Sapiência, aquella cisterna onde se recolherá todos os conhecimentos das linguas necessarias ao entêdimêto das diuinas letras, traslada aquelle verso do Hebrayco desta maneira. Et vita mea quasi nõ sit in cõpectu tuo. Como se differa: A minha vida he como nada, & em cõparação de meu Deos, he quasi como se não fora. Quero dizer, que he hũ instante, & menos inda a vida tẽporal cõparada cõ a eterna. Cõ isto concerta o que diz o Apostolo Sãtiago na
- Jaco. 4.** sua canonica: Que he vossa vida? He hũ vapor que pouco dura. Como se differa: Não vos enganéis com a opinião de longa vida, porque vos defengano q̃ não he senão hum vapor ou fumo tam momêraneo, q̃ tanto q̃ aparece desiparece. Sam Ieronymo na epistola do epitapho de Nepociano diz assi: Cadadia morremos, cadadia nos mudamos & indo

& indo caminhãdo pera a morte cuidamos q̄ somos imortaes S. Augustinho no liuro **August.** tercio decimo da Cidade de Deos, escreue estas palauras. Todo o tẽpo q̄ se viue se tira do espaço da vida, & cada vez fica menos o que mais fica: demaneira que nenhũa outra cousa he o tẽpo da vida, q̄ hũa carreyra pera a morte, na qual se não permite a ninguem estar nem deterse, senão correr igualmente, que tam de pressa corre o que viue cincoenta annos, como o q̄ viue não mais q̄ hũ. O que mais viue não anda mais de vagar, mas anda mais caminho. Isto he do glorioso Augustinho. O Psalmista diz: Os meus dias passaramse como sombra, & eu sequey me como feno. Falando o liuro da Sapiẽcia **Sap. 5.** nas cousas do mundo diz dellas estas palauras: Passaram todas aquellas cousas como sombra, & como correo q̄ vay pela posta. E Seneca. Tudo o q̄ ves corre com o tempo, **Seneca.** não ha cousa no mũdo estauel, firme, & permanecẽte. E pois tudo vay com as esporas nos pẽs, pois tudo tam de pressa passa, & nada estã, segue se q̄ nos não estamos, mas passamos & corremos de cõtino esta posta ate a morte. Passar & correr, & jũtamẽte estar repunha, Como he possiuel, como se com-

padece nũ mesmo tẽpo e tartamos & correr-
 mos, ficarmos & paliarmos? Dõde se con-
 clue q̃ nã vsã de bõa linguagẽ os q̃ pergũta
 como estais? Nẽ os q̃ respõdem: estou bem
 ou estou mal. Tam mã he a resposta como a
 pergũta. Os q̃ tem mais altos os spiritos, e
 falam mais propriamẽte, pergũtando dizẽ.
 Como passais: & respõdendo dizem: Passo
 desta maneyra, ou desta. Desta cõclusam se
 segue a outra, q̃ eu dizia, que nã tinha, nã
 digi eu annos, mas nẽ ainda dias devida. Se
 os annos passam, se os dias voã, se as horas
 fogẽ, se os momentos desaparecẽ, se depois
 de passados nã fica nada delles; como pos-
 so eu ter, nẽ outra pessoa algũa, o que hi nã
 ha? Vedes logo quã mal pergũtaueis, quan-
 tos annos eu tinha, Melhor pergũtareis quã-
 tos annos deixaua de ter. Nũca pergũteis
 a ninguem de que annos he, senã de que
 annos deyxã de ser. Nos liuros das confis-
 soẽs diz sancto Augustinho. As cousas quã-
 do nascem, & vãõ a seu ser, quanto cõ mais
 velocidade crescem pera serem, tanto mor-
 pressa, se dãõ pera nãõ serem. E nos liuros
 da cidade de Deos diz assi: O homem indo
 viuendo vay quasi continuamente morren-
 do. E nisto nãõ deue auer debate, pois
 quan-

quanto mais viuemos, tâto mais nos imos
 chegâdo á morte, & quâto mais nos appro
 pinquamos ao ser tanto mais imos deyxan
 do de ser. A q̃lle diuino Gregorio outro Sã
 Pedro no regimêto, outro S. Paulo no pul
 pito, escreue estas palauras nos Moraes. No
 mesmo cotidiano momêto q̃ viuen os, sem
 cessar passamos da vida, e o espaço della en
 ram mingoa, quãdo cuidamos que cresce.
 Donde se colhe q̃ viuer he deyxar de viuer.
 Isto se tira do quinto capitulo da Sapiêcia,
 onde estão situadas estas palauras (Nos nati
 cõtinuo de sinimus esse.) Nõs ã comecãdo
 a nacer: começamos a morrer. Dõde se infe
 re q̃ a nossa vida, como diz S. Gregorio nã
 homilia, he hãa morte perlongada: A qual
 nõs não chamamos morte senão na fim da
 vida, mas ella começa quãdo a vida começa
 E assi se entêde aquillo q̃ Deos disse a Adã
 nosso primeiro padre, q̃ no dia q̃ com esse
 da arvore da sciência do bẽ e mal, n otterria.
 E assi foy, q̃ tâto q̃ comco, logo morreo, nã
 somête spiritual, mas corporal n ãte: mas du
 rou a morte corporal até a fim da vida, por
 q̃ em pecãdo, tâto q̃ o peccado foy cõsuma
 do, gerou a morte, & elle ficou mortal, &
 quanto mais hia viuêdo, tanto mais hia dei

Gregor.

Gene. 2

xãdo de viuer. Dõde nos quanto mais imos
 apos a vida, tanto mais nos alógamos della,
 & quanto mais della alcágamos, tâto mais
 dela perdemos. E como diz S. Isidoro, corre
 mos, & sem sabermos o q̄ fazemos, imos da
 cõ nosco nos limites da morte. E pois quan
 to mais imos crecêdo, tâto mais a vida vay
 mingoando, & quanto mais viuemos, tanto
 mais deyxamos de viuer, passandose os an
 nos & os dias, & elles passados deixã de ser,
 & deixando de ser não os hai, está claro que
 nẽ eu, nem ninguẽ tê annos nẽ dias de vida,
 porque o q̄ hi não ha, não se tem. E cõ isto
 ficam prouadas as duas proposições, q̄ eu
 auia de provar, que nem eu estaua, nẽ tinha
 dias de idade. E não vos enganeis cõ vos pa
 recer q̄ me vedes estar, por q̄ assi como hũ
 homẽ q̄ vay nũa nao cõ todas as velas des
 pregadas a força dos vêtos atravesando as
 duuidosas ondas, caso q̄ elle vá a sêtado, to
 dauia anda chegãdose ao porto, assi eu ain
 da q̄ pareça q̄ estau, cõ tudo caminho pera
 a morte. E olhay quã pouco ha q̄ vos aqui
 ropey, q̄ des então ategora passẽy hũa hora
 de vida, q̄ agora tenho menos. E esta perdi
 este espaço que viui, por q̄ viuet he perder a
 vida, & perdela he morrer, e morrer he dey

Ysid. li. 3
 in Amos

Compa
 ração.

zar de ser, q̄ o nōsso viuer & o nōsso ser an-
 dam ao linel vnidos, & inseparaveis hū do
 outro. Dōde se colhe q̄ quē deyxá de viuer,
 vay deixando de ser, & deixādo de ser, nã
 estã sempre nū ser. E daqui se cōclue ser fal-
 so o que vos dizieis, que me vieis cō vossos
 olhos viuer & estar. Porq̄ como viuer seja
 passar a vida, & passar seja nã estar, segue se
 que se me vedes viuer, vedes me passar & nã
 estar. Quanto mais q̄ me nã vedes viuer.
 Hũa cousa he verdes me viuo, outra he ver-
 des me viuer. A primeira he verdadeira, a se-
 gūda falsa. Porq̄ se me visseis viuer, verieis ir
 caminhando a vida, & ella nã se vé, dado q̄
 se vejam seus effeytos: porque como a cōr
 seja objecto da vista corporal, & ella nam
 possa ver senãõ cousa cōrada, porq̄ nenhũa
 cousa se vé senãõ per meo da cōr, & a vida
 nã tenha cor, segue se que he inuisiuel. Dō
 de estã clarissimo que me nã vedes viuer.
 E assi tenho prouadas por verdadeiras e cla-
 rissimamēte cōcluidas as minhas duas pro-
 posições, q̄ vos tinheis por falsas, & as vos-
 sas por falsas, que vos tinheis por verdadei-
 ras. Per onde me parece que tereis ja amay-
 nadas as velas de vossa opiniãõ, e inclinado
 a minha tengam o vosso entendimēto, que
 quan-

Capit. III.

quando he claro & distincto, logo se rende á
verdade, que he o seu proprio objecto.

CAPITULO. III.

¶ Da resposta ás objeyções acerca da vida,
& da introduçam da verdadeyra
Philosophia.

A Cabado este razoamêto fez o ermitão
mostra, que de cansado da longa prati-
ca lhe daua fim. E cuydando o Philosopho
que não tinha elle mais que dizer, soltou as
redeas á boca, não côsiderando quantas ra-
zões o ermitio trouxera pera o reprêder, &
quam poucas elle tinha pera se desculpar, e
disse desta maneyra. Costume he dos Philo-
sophos refutar primeiro as razões falsas, &
depois prouar as verdadeiras, como faz Ari-
stoteles nos physicos, & nos liuros de Ani-
ma, & em outros muytos lugares. Por q̄ assi
como o bõ laurador primeiro tira fora do
campo as espinhas, & depois lança a bõa se-
mête, assi o bom philosopho & orador pri-
meiro refuta as rezões côtrayras, que côfir-
me as suas. Mas vos pelo contrayro confir-
mastes as vossas sem responder ás minhas,
trazêdo eu muitas acerca da superioridade
da vista, q̄ vos ategora não desatastes, por q̄
á ver-

Aristot.

Compa.
raçam.

à verdade não cuydastes bem o q̄ auieis de
dizer, que as cousas bẽ cuidadas cuydo eu q̄
não daõ cuydado de se desfazerẽ. Não he
sempre necessaria, tornou o ermitão, primei-
ro refutar q̄ confirmar, em special quando
as razões contrayras não fazem a propo-
sito, & são taes que ellas per si se refutã, por
que a falsidade tem isto, que como se lhe a-
traueffa diante a verdade, ella per si se des-
barata. As razões q̄ trouxeistes pera provar
des a excellência dos olhos, está claro, q̄ não
fazem por vos, porque inda que a vista faça
certa proua, isso he quando nella não ha en-
gano: o que como prouey, senã pode dizer
pola vossa. Que se bẽ estiuestes atento clara-
mente vos mostrey, q̄ me não vicis viuer, &
estar, & que não somete isto he falso, mas im-
possivel, q̄ he o q̄ vos dizeis, porq̄ viuer he
passar, & estar he ficar, como o mostrey por
razões manifestas & necessarias. Per onde fi-
ca euidente, que não vedes o que dizeis que
vicis, & q̄ isso he hũa pouca d'area solta so-
bre que fundastes vossas rezões, q̄ como nã
tem aliceece, ellas caẽ per si cõ qualquer ba-
fo de vento. Quanto mais que não hai ra-
zam pera cõ tãtas louuardes, & tam exces-
siuamente engrandecerdes os olhos, pois
elles

- Gene. 3** elles são a muitos causa de muitas desaventu-
 ras. Se Eva não vira a arvore defesa, pode
 ser que não peccara: mas tão que a vio fer-
 mosa, & delectosa á vista, tomou do fructo
 della, & comco. No segundo liuro dos Reis
2. Re. 11 diz a Scriptura sagrada que vio el Rey Da-
 uid de hũ seu eyrado a fermosa Bersabe mo-
 lher do capitão Urias, & que foy ferido de
 seu amor, & que peccou cõ ella. Milhor lhe
 fora nunca a ver, pois estandoa vêdo ganha-
 ram os olhos contentamento, & o coração
Judit. 10 perdeu a liberdade. De Olofernes diz a Scri-
 ptura, q̄ vio a Judith, & q̄ foy preso em seus
Thre. 3. olhos. Nas lamentações de Ieremias se diz:
Ps. 118. O meu olho roubou minha alma. Isto sen-
 tia bẽ o propheta Real, quando dizia. Apar-
 ray Senhor meus olhos, por q̄ não vejã vay-
 dade. E pera q̄ falemos tâbem nashumanas
 historias: Dizeyme qual foy a causa & prin-
 cipio da destruição de Troya, senão os olhos
 de Paris & Elena? Elles foram a fonte d'a-
 quella espantosa guerra tam nomeada em
 todo o mũdo. Nem hai razão peradizerdes
 que os olhos são o coração donde procedẽ
 todas as vezes da philosophia, como q̄ sem
 elles não poderemos philosophar, & con-
 templar os segredos da natureza, & os altos

myfterios não fomête das coufas naturaes
mas sobrenaturaes. Antes a vifta he impedi-
mento pera philosophar. E Aristoteles no
liuro de Somno & vigilia diz, que os cegos
de natureza tem mais pefeytas as virtudes
interiores. E vemos cada dia que os homê-
daltoſos ſpiritos buscam lugares eſcuroſos pera
ſuas contêplações, onde o juizo quieto poſ-
ſa eſcolher as coufas q̃o alto ingenho inuê-
tar: porq̃ a vifta exterior diſtrae a interior.

Em tanto que Demochrito, que aprendeo
a Astrologia dos Chaldeos & Gyncoſophi-
ſtas, a quem Plinio chama ſagaz, & vtiliſſi-
mo pera a vida humana, tirou os olhos, per
poder milhor philosophar, & ſubtilizar as
obras da natureza. E não me atreuera a di-
zer que elle per ſi ſe cegara, ſe o não diſſera

Aulo Gellio, Laberio, Lucrecio, Marco Tul-
lio, & muitos outros autores. Cego foy Af-
clepiades o Philoſopho, & Diodoro Stoico
& Caio Durio o juriſcô ulto, & nê por iſſo
deyxaram de ſer excellêtes & famous. Pois
Apio Claudio Romano, depois de cego foy
Cenſor, & governou marauilhoſamente a
republica, & fez grãdes couſas, muitas das
quaes deyxou em eſcripto Plinio philoſo-
pho, & aquelle grande orador Marco Tul-

Aristot.

Democ.
Plinio.Aul. gel.
Laberio
Lucrec.
M. Tull.
Aſclep.
Diodo.
C. Dur.
Apio.
Claudi.
Plinio.

lio,

- Tulio.** lio, eume da Oratoria, ao qual antre todos os mortales foi referuada a palma da humana eloquencia. Que me direis de Homero aquelle extremo da poehia, tam estimado no mundo depois de sua morte, q̄ cõrende ram antre si muytas cidades, sobre de qual dellas fora natural: né ouue Principe antre os Gentios, que das letras tiuesse conhecimento, que não estimasse summanete suas obras: em tanto que Alexandre Magno de dia as trazia nas mãos, & de noyte as tinha consigo á cabeceyra: & affirma Plotarcho, que trazendo lhe hũa vez appresentada hũa cayxa preciofissima, que fora del Rey Dario, disse, que era boa pera guardar nella a Ilia da de Homero. Pois affirma Herodoto que foy cego, & que sendo antes chamado Melosigenes, fora chamado Homero, que na lingua dos Iones, quer dizer cego. E Marciano lhe chama Meconio cego. E Petrarca diz q̄ este era o cego q̄ via muitas cousas.
- Didym.** Diz S. Ieronymo no Catalogo dos escriptores ecclesiasticos, q̄ Didymo Alexádrino cegou sendo criança, pela qual causa nunca conheceu as letras, & que assi cego aprendeo perfeitamete a dialectica & a geometria, & que foy tam excellente theologo, que escre-

ueo cōmentarios eruditissimos sobre todos
 os psalms, & sobre Esaias, & Oseas, sobre
 os Evangelhos, & contra os Arrianos, e ou
 tras obras de grande doutrina. E foy contē
 poraneo & grande amigo de S. Ieronymio,
 ao qual dedicou os commentarios sobre
 Oseas. E nisto não hai que debater: Poylo
 affirma o mesmo S. Hieronymo como testi
 munha de vista. Ainda q̄ os cegos nã possã
 julgar & discernir o branco do negro, basta
 que possam julgar & discernir o verdadey
 ro do falso, o justo do injusto, o honello do
 torpe, & finalmente o bom do mau. E por
 não gastar o tempo em recitar varões infi
 nhes, que foram carecidos da vista, lede a
 Officina de Textor, & hi vereis grande nu
 mero delles. E quanto he á resposta de Ana **Textor.**
 xagoras q̄ vos tanto engrandecestes & cele **Anaxag.**
 brastes, estã rã lōge de dina de ser louuada
 como perto de reprēdida. Porque se a bem
 quiserdes examinar, não achareis nella que
 louuar mas muyto q̄ reprehender. Melhor
 fora certo quando lhe perguntaram pera q̄
 nascera, responder que nacera pera ver, &
 conhecer & amar, & servir, quem fez o Sol,
 que pera ver o mesmo Sol. Se lhe punha ad
 miraçam a luz de tam excellente Planeta,

Ioan. 8. posera os olhos do entendimento naquella
 Ioan. 1. luz sempiterna, dõde procede toda a outra
 luz: considerara aquelle alto Deos, que de

si diz: Eu sou luz do mundo. De quem diz
 são Ioan: Elle era a luz verdadeyra que al-
 lumia todo o homẽ q̃ vê a este mudo: olha
 ra pera aquelle sol de justiça, aquelle diuino
 & sempiterno lume, q̃ não he todo o vniuer-
 so possante pera lhe tolher sua luz, & este
 sol que vemos, basta só a lûa pera o eclipsar.
 Se o attrahia a si a fermosura do sol criado,
 contemplara a fermosura do Criador, dõde
 vem toda a outra fermosura, por q̃ a fermo-
 sura das criaturas vem do criador. Onde
 vieram a dizer os sabios antigos (Bonitas
 est in centro, pulchritudo vero in circulo.)

Celio. Como o relata Celio no principio de suas
 lições antigas. Como se mais claramente
 disseram: Toda a bondade está no ponto
 do meo da esphera, do qual procede a fer-
 mosura della mesma. A esphera tem hũ pō-
 to no meo, q̃ se chama centro, do qual saem
 as linhas pera a circumferencia. Pelo centro
 entẽdem elles a Deos, & que per si, per sua
 essencia & natureza só elle he bõ, & q̃ a fer-
 mosura das criaturas, assi interior, como ex-
 terior he per participação desta summa bõ-
 dade

dade, que he Deos. Isto he o que quis significar Christo nosso Redêptor, quando disse, como conta S. Marcos. Ninguem he bom senão só Deos. Assim como o centro he hũ, & indiuisivel, & está no meo, & delle saẽ as linhas pera a circũferencia, assi Deos he hũa vniidade simplicissima, hũa acto purissimo, q̃ está em todas as cousas, do qual procedẽ os rayos da fermosura das creaturas. Elle está dêtro em nos, & he fonte de todo o ser sendo mesmo nosso ser, mais intimo a nos q̃ nos. Isto entendia o bõ Propheta quando falando cõ Deos dizia no Psalmo: Apud te est fons vitæ. (phrase Hebrayca) como se mais claramenta dissera: Vos Senhor sois a fõte, dõde mana toda a vida, & todo o ser. Isto he o que dizia Christo Iesus falando com os Iudeus: Eu, que falo com vosco, sou o principio. E Sã Paulo na epistola aos Romanos: Delle, & per elle, & em elle saõ todas as cousas. D E O S he hum principio sem principio, a mesma bondade, donde vem tudo o que he bom. A fermosura da terra com suas eruas, flores, plantas, rios, & animaes: a beleza do ceo com toda a tapeçaria das claras & resplandecentes estrellas toda a graça, sapiencia, virtudes, & ornamẽ

Mar. 10

Psal. 35

Ioan. 8.

Rom. 11

Capit. III.

eos d'alma, finalmete toda a fermosura assi
 interior, como exterior, he hum resplendor
 dos rayos da diuina fermosura. Tudo vem
 de Deos, daquella fermosura antiqua, da-
 quella sapiencia infinita, daquella bondade
 imensa, daquelle centro summo & sempi-
 terno, que he Deos. E pois todo o nosso bẽ
 he participado, & procedido daquelle sum-
 mo bem, de que seruia a Anaxagoras dizer
 que nascera pera ver o Sol, & as Estrellas,
 sem lembrança de quem as criou, sem pen-
 samento daquelle alto & poderoso criador
 & moderador do ceo, & da terra? Se nos
 não naceramos senão pera ver o sol, segue
 se que os que nascem cegos, nasceriam de
 balde, & seriam lançados no mundo pera
 nada, que não pode ser mor erro. Nos não
 nascemos pera conhecer o Sol, senão pera
 conhecer a Deos, o que pode ser sem olhos
 corporaes, pera q̃ conhecendo, o amemos
 & siruamos: & amãdo & seruindoo o ve-
 jamos na vida eterna, & gozemos delle na-
 quella summa & celestial gloria pera sem-
 pre. Esta immortal bẽauenturãça se alcan-
 ça com a verdadeyra philosophia, q̃ não cõ-
 siste no conhecimẽto de muitas cousas, co-
 mo vos dizeis, porq̃ pouco a proueytara a
 hum

Hum homẽ conhecer muytas cousas, senão conhece a si mesmo, nẽ faz cousas cõformes ao pera que foy criado. Pois disse o Philoso- pho, em que consiste logo a verdadeira phi- losophia? Sera, respõdeo o ermitão, lógo de cõtar o que sinto nesta parte: & por isso se- ra melhor callar, que dizer pouco, no que se não pode dizer senão é muito. Não ha cou- sa no mûdo, disse o cõpanheiro, & eu agora mais folgara de ouvir, que em que cõsistia a verdadeyra philosophia: porque he esta hũa difficuldade, que téabalados muytos entendimêtos. E não sinto eu agora pessoa de quem a eu tanto deseje de ouvir padre, como de vossa reuerencia, porque sey que a tratareis muito bê, & que responderá o q̃ disserdes ao q̃ tẽdes dito, q̃ certo prouastes marauilhosamente o q̃ propusestes, & des- fizestes as objeycões & razões em cõtrairo com tanta euidência, que não tenho eu pala- uras com que o possa explicar, quanto mais q̃ as vossas são mais claro & verdadeyro te stemunho de vosso louuor, do q̃ as minhas o podẽ certificar. Foy a vossa pratica hũ sol que me desfez hũa nuuẽ que tinha ante os olhos. E se minhas petições tem ante vos algũa valia, teria eu grande cõtentamento,

fe o vos tiueſſeis de tratar eſta materia: E peço uos muito q̃ o façais, porq̃ me fareis niſſo grande merce. E eu tambem, diſſe o Philoſopho folgarey de uos ouir, e recebe rey em charidade a que niſto nos fizerdes, não porque o eu não ſayba, mas folgarei de ſaber quanto ſabeis. E eu, diſſe o cõpanheiro, não o ſey, & folgarey de ouir. Ia vejo diſſe o ermitão, que me não poſſo eſcuſar, mas peſa me de não ter igoaes hombros a tamanha carga, porq̃ me acho muito falto de força, ainda que voſſo rogo teue tanta q̃ ma deu. E o que diſſer ſera tirado dos autores, em cuja liçã tenho conſumida a maior parte da minha idade. Porque erro he intolerauel, querer hum homem tractar ſomente com ſuas rezões, & inuencão de ſeu ingenho materias tam altas, que enfraquece o entendimento, & vacilla logo no principio ſomente em ellas cuydar.

CAPITULO. IIII.

¶ Da conſideraçã & conhecimento de ſi meſmo.

AQV I eſteue o ermitã hũ pouco calado, com os olhos pregados no chão, como que reuoluia na memoria, o que auia de

de dizer, & tornádo como sobre si disse: He
 cousa tam alta & excellente a Philosophia,
 & tam bayxas & rudas minhas palauras, q̃
 não aueys datentar ao pouco que digo, se-
 não o mayto que quero dizer. Os Mathe-
 maticos pera mostrarem as cousas do ceo, **Cópara-**
 tem na mão hũa esphera de pao, que acer- **ção.**
 ta ás vezes de ser de aros de peneyra: & al-
 li estam mostrádo a linha equinocial, o zo-
 diaco com os doze signos, cada hũ de trin-
 ta graos em cõprimẽto, & doze em largura
 os polos, arctico & antarctico, o eyxo, & os
 circulos, com as mais cousas do ceo. A ver-
 dadeyra philosophia he como hũ ceo, & mi-
 nha pratica he esphera de pao, & em compa-
 ração da excellencia do subjecto ficam mi-
 nhas palauras aros de peneyra. Mas traba-
 lharey por ser breue & compendiooso. Porq̃
 así como aquella moeda he melhor, q̃ sen- **Cópara**
 do menor na materia, he mayor na valia, af **ção.**
 si aquella tenho por melhor pratica, q̃ sêdo
 mais breue nas palauras, he mais longa nas
 sentenças. A verdadeyra philosophia come-
 ça no homẽ pela consideração de si mesmo
 Isto quis dizer S. Ioão Chrysofostomo, quan-
 do affirmou, q̃ a primeyra cousa do homẽ
 deçejoso da sapiencia he contemplar a si. E

Basilio. desta cõtêplação vê o homê em conhecimêto de si mesmo, que como diz S. Basilio no seu Exameron, he a mais difficultosa de todas as cousas. Este he hũ alto conhecimêto conhecer hũ homê a si. Adam nosso primeiro padre pos os nomes aos animaes, e diz a

Gene. 2 Scriptura no segũdo capitulo do Genesis, q̃ os nomes q̃ elle lhe pos, esses lhe ficarã: e pôdo nome às outras cousas não o pos assi. Porque este nome Adam he appellativo, & cõ num a todos os homês, sem embargo, q̃ se applica propriamente a nosso primeyro padre, mas basta que o nome he comũ. Assi como homê se deriua de humo, palaura latina, q̃ quer dizer (terra) assi Adam se deriua de adamah, palaura Hebrayca, que quer dizer o mesmo: porq̃ os homens saõ de terra.

Hieron. Dõde S. Ieronymo no liuro dos nomes hebraicos, & S. Augustinho no quintodecimo liuro da cidade de Deos dizẽ q̃ Adã he nome comũ, assi como o he homê. O q̃ se colhe de muitos lugares da sagrada Scriptura, q̃ por breuidade deixo de recitar. Muyto he pera ponderar, & inquirir, qual he a causa, porq̃ pôd Adam o nome às outras cousas o não pos assi. Porq̃ cuydarmos q̃ foy isto descuydo, sera mostrarmos descuydados

onde auiamos de ser muito follicitos. O q
 me a mi n parece he isto. Pera 'aber pòr cõ
 ueniêtes nomes ás coufas, requerefe conhe
 cerlhe as efências & naturezas: e como Adã
 no estado da innocêcia tinha sciencia de to
 das as coufas que natural-mente fe podiam
 saber, & doutras mais, como o affirma sam
 Thomas fe guindo & amplificãdo a fentença Thom.
 de sam. Auguftinho, facil coufa lhe foy por Auguft.
 lhe nomes conuenientes a fuas qualidades.
 Mas não pos nome a fi, porque não fe atre
 ueo a dizer q se conhecia a fi. Quis nos enfi
 nar a Scriptura, q he tam difficil o conheci
 mēto de nos mefmos, & tam alta esta philo
 fophia, que muyto mais facilmente entēde
 remos as naturezas das coufas, por efcondi
 das & incognitas que sejam, que a nos mef
 mos. Mas não acaba aqui a verdadeyra phi
 lofophia, porque passa mais auante. Deste
 conhecimēto de nos vimos a conhecimen
 to de Deos. E afsi interpreta sam. Basilio
 aquillo do Pſalmifta, Mirabilis facta est sciē
 tia tua ex me. Como se differa: De ter fciē
 cia de mī viu Señor a ter marauilhosa fciē
 cia de vos. Quãto mais cayo na cõta de quē
 fou, rãto ô meu Deos se me alevanta. o spī
 titu ao marauilhoso conhecimēto de quē
 C 5 fois.

Thom.
Auguft.

Basilio.
Pl. 138.

Philo.

fois. Philo Platonico no liuro que fez do sonho de Iacoc diz assi. Aquelle sapientissimo Abraham quando sumamête se conheceo entam se deixou de conhecer a si, por conhecer bẽ aquelle bem, q̃ verdadeiramente he o que he. Isto diz elle, porq̃ nos conuem entrar e nos, & meternos no cẽtro de nos mesmos, & dahi passarmos a Deos, pera o conhecermos, & amarmos, & cõttemplarmos.

Hugo.

Hugo no seu liuro de Anima diz. Por demais alevãta o olho do coração pa ver a Deos quem ainda não he idoneo pera se ver a si. E á verdade parece isto ser verdade. Porq̃ como a ignorãcia de si mesmoseja causa da

Lactan.

malicia, como diz Lactancio Firmiano, & o coração malicioso & deprauido nã veja a Deos, bem se segue, q̃ não vendo hũ homẽ a si, não verá a Deos. Diz S Gregorio Nazan.

Nazan.

zanzeno, que assi como socede mal a quem quer pregar fitos os olhos nos rayos do Sol tendoos doẽtes & agrauados, assi o impuro não pode ver summa pureza, & os olhos q̃ são tam enfermos, que nam podem considerar & ver sua bayxeza & miseria, mal veram a sũma grandeza & diuina majestade. Porq̃ nos quanto mais per humildade defcemos ao conhecimento de nos, tanto mais

per

per contéplação sobimos ao conhecimêto de Deos. Nas cousas corporaes toca no alto que se estêde & alevãta, & nas spirituaes que se abayxa, e inclina. A falsa philosophia cõ enganofas alas de soberba sobe pera de cer, & a verdadeyra dece pera subir. Que nos aproueita conhecer os cursos & influências das estrellas, as virtudes das plantas, as qualidades doselementos, as naturezas dos animaes, & de todos os outros corpos mistos, se nos não conhecemos a nós? Qual po de ser mor miseria, que nam conhecemos nossa miseria? Que mor falta pode ser de conhecimento, q̃ não acabarmos de conhecer, que nos não conhecemos? Como podemos saber muyto na casa alhea, se tampouco sabemos na nossa, q̃ nos não sabemos a nos. Se ignoramos nossas cousas próprias, de q̃ serue gloriarmos no conhecimento das alheas? E mais pois hahi algúas, que nos seria melhor não sabermos: como parece que quis significar a sagrada Scriptura no segũdo capitulo do Genesis, onde Deos mãdou a Adam q̃ não comesse d'arvore da sciência do bé & do mal. São Paulo na primeira aos Corinthios diz, q̃ a sciência incha, & a charidade edifica. São Bernardo diz, q̃ a sciencia sem

Gene. 2

1. Co. 8

Bernar.

Capit. IIII.

Compa
ração.

sem charidade he manjar indigesto, q̄ por falta de calor natural, q̄ he o diuino amor, se corrompe: & que carrega, & não nutre, damna, & não aproueyta. A area per si soo não aproueyta pera edificar, ha mister que seja jūta & misturada com a cal. Porque entam ajunta, vne, sustenta, fortifica, & perpetua as pedras do edificio. A sciência he area á charidade de cal. Sciencia sem charidade he area sem cal. E esta he a sciencia sem conhecimento de nos, & sem virtude, em especial quando he de cousas q̄ nos danam. Não curemos logo de saber o q̄ nos empece, mas o q̄ nos aproueyta. E primeyramente conheçamos a nos mesmos, entendamos nossa miseria, & desfaremos a roda de nossa fantasia. Quê hai que vêdo que he terra, o mais bayxo dos elemētos, e borra de todos elles, ou se ter presunçam? Não nasce ella senão de não conhecermos quê somos. San Augustinho diz estas palauras: Antes q̄ fosses homē eras terra, & antes q̄ fosses terra eras nada. Logo antre ti, & nada não se mete senam hūi pouca de terra, & inda não bõa per tã pa. Nos somos de terra, & a terra de nada, logo somos filhos da terra, e netos de nada. Vedes aqui nossos auoengos. Esta he nossa

August.

Gen.

I. Co.

Bern.

geraçam, & nossa fidalguia, estas são nossas
 armas & appellidos. De Philippe padre de
 Alexandre Magno se diz, que tinha hũ pajẽ Philippe.
 q̃ lhe seruia de lhe dizer cada dia estas pala-
 uras: Philippe es homẽ. Como se lhe disse-
 ra: Não viuas esquecido de ti, não te enlee a
 falsa prosperidade do mũdo, lèbrete que es
 homẽ, & q̃ sendo homem es mortal, caduco
 & subjecto a enfermidades & desauẽturas.
 Assim como os outros Principes tẽ pajês de
 lança, pajês de campainha, pajês d'outras
 cousas, assim Philippe tinha este pajẽ do de-
 sengano, q̃ a meu ver era o mais necessario
 que tinha. E prouesse a Deos q̃ tiuessem
 todos os Principes taes pajês, q̃ os seruis-
 sem de lhe dar o desengano de seus profun-
 dos enganos, & lhe trouxessem cada dia á
 memoria que eram mortaes, & que se co-
 nhecessem a si mesmos. Os antigos disse-
 rã q̃ a mais excellẽte sentença & apothema
 que se podia imaginar era esta: Conhece-te
 a ti mesmo. Diogenes Laercio diz, que ella
 de Thales hũ dos sete sabios de Grecia. Pli-
 nio diz q̃ he de Chilo Lacedemonio. Oui-
 dio de Pythagoras, Socrates, & Platão atri-
 buemna a Apollo, aos quaes segue Macro-
 bio no sũo Scipião. Como quer que seja,
ella

Demon. ella era tida por diuina, & em tantã estima
 q̄ pergũtando Demonax o Philosopho quã
 do começara a philosophar, respondeo, que
 depois q̄ começara a conhecer a si mesmo,
 cõforme á diuina sentença. Em fim q̄ ella era
 contada entre as cousas sobrenaturaes, &
 por tal a tinham escripta na porta do tẽplo
 de Apollo, que elles tinham entre as vaidades
 de seus falsos deoses, a cujo oraculo el-
 les hiã fazer suas pergũtas & orações. E di-
 ziam que a tinhã escripta na entrada & frõ-
 tispicio do tẽplo, pera significarẽ, que antes
 que cada hum pedisse, olhasse pera si, & co-
 nhecesse quem era, porque de se não conhe-
 cer, não saberia o que lhe cõpria, & de não
 saber o que lhe compria, viria a não atinar
 no que auia de pedir, donde procederia pe-
 dir cousas, q̄ cuidãdo serem causa de sua bẽ-
 auenturança, fossem causa de sua defauetu-
 ra. Dõde concluiam que se os homẽs nã sa-
 biam a Deos pedir, era porque se não sabiã
 conhecer, & não conhecẽdo a si, não conhe-
 ciam as outras cousas. Socrates, como cõta
 seu discipulo Xenophõte diz, que ignorarse
 hũ homem a si, & cuydar que conhece o q̄
 nã conhece, não somete he ignorãcia, mas
 desatino. E Platão diz, q̄ he cousa ridicula
 igno

Socrat.

Xenop.

Platão.

ignorar a si, & querer conhecer os outros.
 E daqui vem nossa soberba, de não cairmos
 na conta de nossa miseria. Vaynos tão em
 sabermos, que somos terra & lodo, que sem
 este conhecimêto cairemos nũ tam profun
 do abyfmo de males, que nos perderemos
 de todo. Querendo Christo nosso Deos cu
 rar hum cego da natureza, di. S. Ioan aos
 nove capitulos de seu sagrado Euzgelho, **Ioan: 9.**
 que cuspio em terra, & q̄ fez lodo, & q̄ lho
 pos nos olhos, & mādou lavar á fonte de
 Siloe, & que desta maneira o farou. Ainda q̄
 á primeyra vista esta cura pareceffe contra
 natureza, porque a lama lançada nos olhos
 cõjuas & não os alimpa, cegos, & não os
 aclara, cõ tudo quis nosso Redẽptor curalo
 desta maneyra, pera nos ensinar, q̄ sempre
 seriamos cegos, senão tiuessemos ante os
 olhos a terra & lama, de que somos. E que
 se queriamos ter vista, que vissemos quẽ era
 mos, & que vistas & examinadas nossas mi
 serias & culpas, nos fossemos á fonte da pe
 ni êcia, & q̄ alli seriamos lauados na q̄llas di
 uinas agoas da sacrametal cõfissam ordena
 da per Christo. Não basta termos nos olhos
 a lama, se nos não formos á natatoria de Si
 loe: quero dizer, q̄ nos não basta conhecer
 mos

Esai. 8.

2. Co. 10

mos que somos, & os males q̄ cometemos
 mas he necessario irmo nos lauar á q̄lle glo
 rioso sacramento da confissão, áquellas ce
 lestiaes agoas de Siloe, que como diz Esaias
 correm com silencio áquella secreta cõfissão
 pela qual com o per diuino cano correm as
 agoas dos mereci mētos da morte & paixã
 de Iesu Christo nosso verdadeiro Deos, fi
 gurado, como diz S. Paulo na q̄lla pedra, da
 qual ferida saio no deserto abũdãcia de ma
 rauilhosas agoas. E como em nos aja duas
 partes corpo e alma não basta conhecermo
 nos quanto a hũa, senão tambẽ quãto a ou
 tra. E deste conhecimento irey tratando, o
 qual he de tanta excellencia, q̄ excita aos q̄
 o tem a perderem a fazêda por alcançãrẽ a
 honra, porque aquelles tem a gloriosa fa
 ma em muito, que os interesses da breue vi
 da estimam em pouco.

CAPITULO. V.

¶ Da composiçã humana, & do verda
 deyro conhecimento della.

O Alto Deos criador do vniuerso pera q̄
 o homẽ senã ensoberbeceffe, formo uo
 do limo da terra: & pera q̄ se não abatesse,
 felo á sua imagẽ & semelhança. Se se aleiã
 tasse vãmente por se ver feito á imagẽ de
 Deos.

Deos, viſſe per outra parte q̄ era terra: & ſe
 lhe quebraſſe o coraçã por ſe ver terra, ſe
 lembrãſſe q̄ era à imagẽ de Deos. Deulhe
 corpo corruptiuel, & comum cõ os brutos
 animais, mas alma racional & immortal. Se
 viue ſegũdo a carne, he comparado aos bru-
 tos, ſe viue ſegundo o ſpirito, he cõpanhey-
 ro dos Anjos. Deſtas duas partes corpo &
 alma he compoſto o homẽ cõ tam marauil-
 hoſo artificio, que lhe chamaram os ſab os,
 Gregos microcosmos, q̄ quer dizer pique-
 no mũdo. Diziã elles q̄ o mũdo era como
 hũ homẽ grande, & o homem hũ mũdo pi-
 queno. Isto he o que diz Damasceno no ſe-
 gũdo da fe orthodoxi, q̄ fez Deos o mundo
 piqueno no grande. Galeno fez dezafete li-
 uros em q̄ declara o concerto das partes &
 proporções do homẽ. Fazer hum ourivez
 nũa grande paſta muita obra, não he muy-
 to, pois hai campo pera tudo: mas debu-
 xar, & obrar todo o mundo nũa piquena
 medalha, não vem ſenão d'alto ingenho, &
 de querer moſtrar ſeu ſingular artificio. Di-
 go isto porque parece que quis o alto Deos
 moſtrar ſua grande ſapiencia, na fabrica &
 compoziçã do homem, que ſendo tam pi-
 queno, fez nelle tam marauilhoſa obra, que

Singular

Damaſ.

Galeno

Cõpara-
çãõ.

que se chama outro mudo. Admirado disso
August. S. Augustinho no liuro das confissoes diz,
 que he mor milagre o homẽ, que quantos
 fazem os homẽs. He de tanta admiracãm o
 ho nem, & de tanta dignidade, que nem as
 estrellas clarissimas, nem o sol mais excellẽ
 te de todos os planetas, que com o resplan-
 dor de sua luz allumia o vniuerso, nem os
 mesmos ceos distintos, ornados & esmalta-
 dos cõ a fermosura & claridade de tãtos lu-
 mes, mas elle somente sabemos q̃ foy criado
 de Deos á sua imagem & semelhança. E nã
 o criou Deos, senão depois de ter pera elle
 criado o mundo, & por isso o não quis criar
 as escuras, mas antes de sua criacã fez a luz,
 pera q̃ e o homẽ abrindo os olhos visse cla-
 ramẽte quãtos bẽs Deos pera elle tinhacria-
 do, & se inflãmasse no amor, de quem pera
 elle tãtas cousas fizera. Mas nós esquecidos
 disso não temos conta com Deos, nem cõ
 a alma, sendo ella muyto mais excellente
 que o corpo sem comparaçãm. O corpo he
 como bainha d'alma, & como vaso de bar-
 ro, em q̃ ella se recolhe. Donde Salamão no
 Ecclesiastes lhe chama talha d'agoa quebra-
 dita. E o Apollolo S. Paulo na segundã aos
 Corinthios diz, que temos o thesouro em
 vasos

Vasos de barro, entendêdo por elles os corpos. Não hia longe d'isto Anaxarco o Philosopho, que sendo ferido de Nicocreôte tyranno de Chypre, como conta Plinio, dizia: **Anaxar.**
 Dá & fire, quanto quizeres, o vaso de Anaxarco, que a Anaxarco nunca o feriras. Tinha pera si este philosopho, que elle era sua alma, & que o seu corpo era hũ vaso seu. **+**
 E Marcello Capitão Romano, que exandose da fraqueza dos seus soldados dizia, que via corpos Romanos, que via vasos Romanos, mas, que não via homẽs Romanos. **Marcel.**
 Assim o cõra Põtano na sua philosophia. Esta **Pontan.**
 materia tractou altamente ante os Philosophos Platão no dialogo da natureza humana chamado Alcibiades primo, onde Socrates disputando com Alcibiades proua **Platão.**
 per claras razões que o homem não he corpo, que use d'alma racional, mas he alma racional, que usa do corpo. De maneira que vem a concluir que o corpo he hum instrumento, de que usa a alma, & que o homem he a sua mesma alma, q'usa deste instrumento. **+**
 Verdade he que o homẽ he cõposto de corpo & alma, que são materia & forma, mas he a alma tanto mais excellentẽ que o corpo, que chamam ao homem alma, & ao cor

po seu instrumento. E ainda que pareça q
Aristot. Aristoteles em hũa parte sentio o côtraio
 com tudo no liuro segundo de Anima veo
 a confessar que o corpo he instrumêto d'al-
 ma, & no decimo das Ethicas declara mara-
 uilhosamente a excellencia d'alma sobre o
 corpo, & em fim o homem he a mesma sua
M. Tul. alma. E destes autores o tomou Marco Tu-
lio, & o deixou escripto na qlle seu elegãte
 liuro de Seneçtute, e no do sôno de Scipião
 Em fim que costumará os antiquos philoso-
 phos chama rãmas aos homês. E dos nos-
La&an. sos theologos tratou diuinamête esta mate-
Angust. ria Le Etãcio no liuro de opifício Dei, e são
 Augastinho no liuro terciodecimo da cida-
 de de Deos, & muytos outros. Mas pera
 que he determe em allegar lãtas humanas
 pois o testificam as diuinas. Lede hum &
 outro testamento, & vereys q tem por co-
Ge. 14. stume, chamar almas aos homês. No quar-
 to decimo capitulo do Genesis, onde se cõ-
 ta a victoria, que Abraham ouue dos Reys
 que leuaram preso a Loth seu sobrinho, cõ
 outra muyta gente, diz a escriptura, q pe-
 dio el Rey d'aquella terra a Abrahã a gen-
 te, & q tomasse pera si todo o mais despojo
 dizendolhe. Dame as almas, & o al tomão

pera ti. Onde ás pessoas chamá almas. E
 aos 46. capitulos estam estas palauras. **Gen. 40**
 das as almas q̄ entraram cō Jacob no Egy-
 pto, & procederam d'elle, foram setenta. E
 S. Lucas na fim do penultimo capitulo dos **Act. 28**
 Actos dos Apostolos diz assi. E desta ma-
 neira foy feito, pera todas as almas escapa-
 rē em terra, entendendo pelas almas os ho-
 mēs, que escaparam do naufragio. E ainda
 a phrase Portuguesa tē estylo, como quādo
 dizemos. Em tal guerra captiuarā os nossos
 tantas almas. Colhemos destas razões, q̄ in-
 da que alma he a forma do homem, & hũa
 das partes de sua composiçam, todavia he
 tanto mais excellentē que o corpo, que o
 homem se chama, alma, & o corpo vaso, &
 instrumento do homem. Dōde se colhe cla-
 ramente, que quem conhece soamente seu
 corpo, não conhece a si, mas cousa sua, & q̄
 conhecer a si he principalmente conhecer
 sua alma, & a obreza & dignidade d'ella. &
 segundariamente conhecer seu corpo, e sua
 fraqueza, & miseria. A nossa alma, deixadas
 as falsas opiniões dos Gentios, he hũa sub-
 stancia participante de rezão, incorporea,
 imortal, inuisivel, accommodada a reger o
 corpo, semelhāte a Deos, criada d'elle de na-

da pera os bẽs eternos, a qual tẽ a imagem
 de seu criador. E pera aqui vereis quã neces-
 sario he conhecermos quẽ somos, porq̃ vẽ-
 do a dignidade d'alma, & q̃ somos criados
 pera cousas altas & celestiaes, nã nos abate-
 remos a terreas bayxezas: & nã fazẽdo ca-
 so das cousas temporaes, suspiramos polas
 eternas, & conhecendo a miseria do corpo,
 nos nã aleuantaremos em soberbo. Se nũs
 considerassemos q̃ he nossa alma immortal
 buscaria nos bẽs immortaes: & se atẽtasse-
 mos que he á imagem de Deos, nã trariz-
 mos nella debuxada a imagẽ do mũdo, nẽ
 nos iriamos tras nossas concupiscencias. Fa-

Canti. 1 lando Deos com nossa alma nos Cãticos de
 Salamão diz: Se te ignoras a ti õ mais ferme-
 sa das molheres, sayte, & vay apos as pega-
 das das manadas de teus gados. Como se
 mais claramente dissera: Se te nã conheces
 a ti õ alma fermosissima, assellada cõ a mi-
 nha imagem, ornada & arroyada com mi-
 nha semelhança, remida, & resgatada com
 meu sangue, bella & preciosa per natureza,
 sayte has de ti, & iras apos teus maos pen-
 samentos, seguindo teus deprauados appe-
 tites, comparados a brutos animaes. Dõde
 se colhe que os effeytos do deo conhecimen-

to q̄ temos d'alma, são apascētarmos nos-
 sas más cōcupiscēcias, & seguirmos os pas-
 sos das manadas de nossos vicios: & pelo cō-
 trairo de nos conhecermos procede nã pec-
 carmos. Isto o q̄ diz a escriptura aos cinco
 capitulos de Iob: Visitās speciē tuã nō pec-
 cabis. Como se dissera. Queres nã peccar?
 Contempla & conhece tua alma, que he tua
 fermosura, ou como interpreta sam Anto-
 nio: conhece tua essencia, conhece a ti mes-
 mo, & não peccaras. Ex aqui o princio da
 vida Christã, per aqui começa a verdadey-
 ra Philosophia, pela consideração, & conhe-
 cimēto de si mesmo, sem o qual ainda q̄ te
 nhamos habilidade pera emendar erros a-
 lheos, carecemos della pera sentir os nossos

Iob. 5.

Anton.

CAPITULO. VI.

Em q̄ o Ermitã vay poro seguindo a ma-
 teria do conhecimento de si, & do amor
 & da humildade, & da cubiça.

Se o homem se conhecesse, fugiria de to-
 da a guerra & contenda. Porque vendo
 que foy criado pera concordia, não busca-
 ria discordia. Mas nós esquecidos de nós
 sem conhecimento da criação de nosso
 primeyro padre, sem lembrança d'aquil-

Io, pera que Deos nos criou, em lugar d'a-
 mor buscamos odio, em lugar de paz, dis-
 fensam. A ira não goarda os direytos á ra-
 zão, a enueja desprega as velas ao desejo, o
 odio traznos tam desterrado o juyzo, que
 não vemos o mal, que fazemos a nos, com
 o querer fazer aos outros. Qual he a cau-
 sa porque criando Deos juntamente as es-
 trellas, & juntamente as plantas, & junta-
 mente as aues, & juntamente os peixes, &
 juntamente os animaes terrestres, não quis
 criar os homés juntamente, mas criou logo
 hum sómente, donde procedessem todos os
 outros? Qual foy a razão disto, senão que-
 rernos ensinar quanto lhe contentaua em
 nos a vuidade, & concordia, & que visse-
 mos, que era a sua vontade, que a nossa de
 todos fosse só hũa, & que todos fossemos
 hũa mesma cousa, & nos lembrasse que to-
 dos procediamos d'hú mesmo pay, & por
 tanto tiuessemos todos hum só coração? E
 esta he a causa, porque criou o homem nũ
 & sem armas, porque como Deos he amor,
 como diz San Ioan, quis que o homem,
 que elle criara á sua imagem & semelhan-
 ça, amasse a elle sobre tudo, & ao proximo
 como a si, & que finalmente fuisse fundido
 no

no fogo deste sancto amor. Dôde vem que trazendo os outros animaes logo cõfigo fizesse guerra & discordia, os touros cornos, os lobos dentes, liões unhas, ouriços cachellos espinhos, os espins setas, & assi os outros animaes, o homẽ como foy criado pera paz & cõcordia, say nũ do vẽtre de sua mãy sã nenhũas armas. Mas depois o odio e crueldade dos homẽs tirou o ferris das entranhas da terra, pera tirar as de seus proximos. E assi vẽ os homẽs a desbaratar-se hũs aos outros, o q̃ não seria se conhecẽdo o pera q̃ foram criados, se liassem & vnissẽ per amor. Porq̃, como diz S. Cypriano, a cõcordia per si jũta não se pode vẽcer. E S. Gregõrio Nazãzeno diz, que a razão porq̃ a arca de Noe se saluou no diluuiõ, he porque hiã todos em amor & cõcordia. S. Augustinho no duodecimo da cidade de Deos diz, que todas as naturezas tem cõfigo hũã paz. De maneira q̃ a guerra das creaturas não procede das naturezas, senão da corrupçõ das naturezas. Esta rezãõ moueo algũs dos Philosophos antigos a dizerem que o mundo constaua d'amor, & que elle era o principio das cousas natuães. Em lugar do que Aristoteles chama priuaçam, punham elles

Cypria.
Nazan.

August.

discordia, & em lugar da materia, & forma de Aristoteles punham elles concordia. Em fim que sentiam q̄ sem amor & cōcordia, se não podiam as cousas naturaes gerar. nem sustētar, & cō odio & discordia não podião permanecer. O qual nã hia lōge da verdade porq̄ a mesma verdade Christo nosso Deos diz, q̄ todo o reino é si diuiso, sera destruido. Dōde se colhe, q̄ nos he summamēte necessario o amor. Mas este amor ha de ser ordenado, porque se he sem ordē, & peruertido, ceganos, & empedenos o conhecimēto de nós mesmos, ainda q̄ seja amor de cousas boas. Porq̄ assi como hũa pasta pôdo se nos ante os olhos nos empede a vista, do q̄ está diãte della, tãto me dá q̄ seja de ouro, como de chũbo, assi a desordenada, & sobejã affeiçã posta como pasta diãte dos olhos de nosso entēdimēto, nos empede a vista de nós mesmos, quer seja d'ouro, quer de chũbo, quer dizer, q̄r seja de cousas boas, q̄r de más, basta ser de prauada affeyçã das creaturas. E de tal maneyra nos cega, q̄ quanto mais corremos pa nos entēder, tãto menos nos entēdemos, & ainda q̄ razão va correndo, não alcãça a opiniã q̄ lhe vay fogindo. E nisto andamos semelhantes á roda, q̄ vay

Correndo em voltas, que quanto vay a pos-
 si, tanto vay fogindo de si, sem hũa parte al-
 cançar a outra, por ambas correrem igual-
 mente. Assim que de nos não conhecermos
 nasce nossa discordia. Porque como de nos
 não conhecermos naça a soberba, & da so-
 berba a discordia, bem se segue, que de não
 fermos de nós conhecidos procede fermos
 discordes, & que este desconhecimêto lâça
 antre nós o pomo da discordia: porq̃ como
 diz sam Gregorio, a raiz da paz he a humil-
 dade, a qual nasce ao homẽ do conhecimen-
 to de si. E per aqui vereis quã necessario he
 ao homẽ este conhecimêto, pois delle pro-
 cede a cõcordia, q̃ como diz S. Augustinho
 no segũdo da cidade de Deos, he hũa cõso-
 nancia excellẽte: porq̃ assi como a armonia
 se ha na musica, assi a concordia na cidade.
 De maneyra q̃ assi como a musica ensina a
 cõcordia das vozes, assi a philosophia Chri-
 stam ensina a cõcordia das vontades. Esta
 cõcordia vẽ per meo da humildade, a qual
 sam Bernardo chama cofre, & receptaculo
 da graça, nũ sermão da Annúciaçã, & no li-
 uro da cõsideraçã a Eugenio Papa, chama a
 esta humildade fundamêto das virtudes. E
 Sam Gregorio nos motaes, diz q̃ ella he a q̃

Cõpara-
ção.

Grego:

August:

Bernar:

Grego:

Chryso.

accede o lume do entendimento. E S. Ioaõ
 Chrysostomo sobre S. Matheus, diz q̄ he (a
 sacrificio grãdissimo, em q̄ o homẽ se sacrifi-
 ca ao alto Deos no fogo do diuino amor.
 Enoutro lugar sobre o mesmo Euangelista
 diz, q̄ a humildad he a mãy da mais alta
 philosophia. E cõsiste ella em quatro cou-
 sas, a primeira em desprezar a si, a segũda e
 não desprezar a ningũe, a terceira e despre-
 zar o mundo, a quarta em desprezar os des-
 prezos, de maneyra q̄ quando formos despre-
 zados, desprezemos não nos prezarẽ, & não
 fazamos cõta de a não fazerem de nos. Esta
 he hũa grã de perfeycam & cume da humil-
 dade. Das quatẽta e duas moradas, ou por-
 sos, que a escriptura cõta, que fizeram os fi-
 lhos de Israel os quarenta annos, que anda-
 ram no deserto, desque partiram do Epypto
 ate chegarẽ á terra de promissam he a qua-
 dragesima Almõ Diblataim: Como estã es-
 cripto aos. 3 4. capitulos dos numeros. E
 são aquellas moradas hũs degraus da esca-
 da do ceo, per q̄ auemos de subir, ate che-
 garmos á eterna bemanentrança, que he
 a verdadeira terra de promissam. Primei-
 ramente auemos de sair de Epypto, auer-
 mo, de deixar a nos mesmos, por q̄ pera en-
 trar

Nu. 3 4.

trar Christo en nos, auemos de sair de nos
 pera fermos sens, auemos de deyxar de ser
 nosos. E depois de passar nos o mar toxo,
 & vencermos nossas difficuldades, viremos
 ás palmas onde beberemos nas fontes das
 suauesagoas, viremos á victoria de nos mes
 mos entendida pelas palmas, & alli beber
 mos de suaue cõtentament, q̃ cõsigo traz
 o triũpho que alcançamos de nos mesmos
 vencẽdo nossos appetites, & fazẽdoos tribu
 tarios & seruos da razão. Mas nẽ inda dahi
 embocaremos na terra prometida, antes
 passaremos tanto auante, q̃ chegamos a Al
 mon Diblataim, q̃ como interpreta S. Iero
 nymo no tratado das mansoẽs dos filhos de
 Israel, quer dizer desprezo dos opprobrios
 Equãdo chegarmos a esta perfeçãõ, que
 não sintamos nossas injurias, antes folge
 mos de ser desprezados, teremos tanto sub
 do, que estando com os pes no quadragesi
 mo degrao da gloriosa escada, estaremos ja
 com as mãos pregadas no ceo á fala com os
 Sanctos, cõuersando cõ os Anjos. Isto faz
 a humildade, q̃ quanto mais descemos, tan
 to mais subimos, & quanto mais imos em
 busca da baixeza pela via da humildade, tã
 to ella mais nos susluma & empina na mor
 altu

Hieroni

altura. Assim como a proptia sombra foge de quem corre apos ella, & vay apos quem della foge, assim a verdadeira gloria della vida foge a quem a busca, & busca a quem a foge, que a quem a não quer, dá a quem elle não pede, despede-se de quem a tem em muyto, segue a quem a tem em pouco, esquecese de quem a traz escripta na lembrança, & lembra-se de quem a traz riscada do liuro da memoria. Donde diz Chrystomo: Despreza as riquezas, & seras rico, despreza a gloria, & seras glorioso. De maneira que o edificio da verdadeira gloria da vida está fundada nos aliceces da humildade. A verdadeira gloria he desprezada & não admittir os vãos desejos daquelles que pera ter fama fazem muyto, & pera merecer na la, & com qualquer falsa honra ficão hū pauões, cō sua roda, enlenados em suas vaidades, em que a fantasia reparte seus pensamentos, tam altiuos, que cuydam, que tudo se deue a seu merecimento, sem elle deuer nada a ninguem. E não vey os enganados homẽs que quando cuidam que estam mais sublimados estam mais abatidos, & que entam seriam gloriosos, quando não desejassem selo, & fizessem com que merecessem ser: que como diz sam Augustinho, grande gloria he não

*Com
Lm*
Chryso.

August.

ser vencido della, & estar firme, & inteyro
 em soffrer cõ animo forte todo o desprezo.
 Esta firmeza traz consigo a perfeyta humil-
 dade, a qual contentandose cõ pouco, alcã-
 ça muyto, & desprezãdo as riquezas huma-
 nas, vay dar nas diuinãs. Nã vistes nũca ne-
 nhum verdadeyro humilde, q̃ fosse cubiço-
 so & auarento: porque a humildade cõten-
 tase com pouco, & a cubiça sempre deseja
 muyto, & hũa estã satisfeyta, outra nũca se
 farta, hũa nã tem vôtade de beber, a outra
 estã ardẽdo com sede. A humildade proce-
 de ao homẽ de se conhecer, a cubiça de se
 não conhecer, por q̃ conhecẽdo se o homẽ,
 & podo os olhos em si, na sua propria natu-
 reza & estatura, veria quã lãge denia de ser
 da cubiça das cousas do mũdo. Por q̃ tendo
 os outros animães a cabeça inclinada pera
 a terra, o homẽ somẽte a tẽ levantada pera
 o ceo. Quis Deos q̃ nossa mesma estatura, e
 cõposiçã nos significassem q̃ não eramos
 criados pera a terra, mas pera o ceo, & que
 pera lá auiamos de levar o pẽsamẽto, pera
 onde alevãtauaõ o corpo, por q̃ cousa he des-
 proporcionada ter o rosto erguido ao ceo
 & o pensamento caydo em terra, & sendo a
 estatura direita, ser a cõsciẽcia torta. Daqui

vieramos Gregos chamar Antropos ao ho-
 mē, q̄ quer dizer cousa q̄ cōtēpla & olha pe-
 ra cima. Dōde com razam colhe Lactancio
 que os homēs de rasteiros pensamētos, in-
 clinados a cousas terraes, & transitorias,
 perdidos por cousas q̄ logo se perdem, elles
 mesmos se deserdam de seu nome, nē são di-
 gnos de ser chamados homēs, nem lhe con-
 uem tal appellido, pois renunciā sua pro-
 pria natureza, deixando as cousas altas po-
 las baixas, & destruindo per obra o que são
 per natural cōposiçam. Bem que Socrates
 no Cratilo de Platão andalhe buscando, &
 attribuindo outra Etimologia, mas em fim
 quasi vem concertar cō esta. E porque nos
 temos a cabeça aleuantada pera cima, d'esse
 Platão que o homē era aruore transuersa,
 não fixa na terra, mas virada, pa o ceo, por
 que tendo os ramos, que são os pes, na terra
 tē a raiz, q̄ he a cabeça, pera o ceo, dōde lhe
 vem o mantimento & nutrimento, com q̄
 se rega & sustenta. Mas os maos & terreas
 cōtra natureza viram a cabeça pera baixo,
 & poē em a terra suas raizes, & todos seus
 fundamētos. E assicomo o tronco d'aruore
 lança as raizes pela terra a diuersas partes,
 assi hū homē teareal está repartido em di-

Da verdadeira Philosophia.

versos pensamentos todos terreaes. E assi como os bõs lançam as rayzes ao ceo, assi os maos as metê pela terra, & lançã os ramos ao ar. E como os pés, sejam os ramos, & as cabeças os troncos & raizes, segue se que os maos andam com os pés pera cima, & cõ a cabeça pera baixo contra natureza. Isto he o que Deos quis significar, quando disse per Ezechiel: Filho do homem esta sobre teus pés. Como se lhe differa: Filho do homê tu que es mortal, subjeyto a trabalhos & misérias, esta com os pes na terra, & cõ o pensamento no ceo, porque desta maneira estaras sobre os pes, & pelo côtrayro estaras debaixo de teus pes pisado de ti mesmo. Olha pera tua natureza & cõposiçã, & veras q̃ foste criado pera cima, & não pera baixo. Isto veremos nós claramêre, se quisermos cotejar o artificio & fabrica do homê cõ a dos outros animaes: por q̃ todos os q̃ tẽ mãos andam cõ ellas pela terra, senã o homem q̃ as tem aleuantadas. Que outra cousa nos quis nisto significar aquelle alto criador, senã q̃ os brutos animaes não nasceram pera possuir senão a terra, & por isso a trazem nas mãos: mas nós como fomos criados pa possuir o ceo, não tocamos cõ as mãos na terra

Ezec. 3.

101

E pera

Capit. VI.

Vera a ter & possuir, senam com os pes pera
 a calcar & desprezar. Esta he a philosophia
 de nossa natural composiçã. Mas he muyto
 pera sentir a miseria dos mortaes, q̄ sendo
 a terra tã piquena, q̄ a comparam os Mathe
 maticos a hum pôto, se perdem por ella, &
 tem suas cousas por tam grandes & magni
 ficas, que deyxam por ella os bẽs eternos,
 querendo antes as q̄ logo passam, que as q̄
 sempre duram, deixando as fixas polas trá
 sitorias, as altas polas baixas, desejando an
 tes as indignas de empregar nellas o dese
 jo q̄ as que se deue sũmamente desejar. O
 cegueira intoleravel, o vaidade dos filhos
 de Adã, ó erro grandissimo, & ignorancia
 muito pera chorar, & atravessar có dor to
 do o piedoso coração. Como podẽ ser cou
 sas grandes, as que cabẽ num ponto? Qual
 he o juizo que deixa o ceo pola terra, alma
 polo corpo, o bem polo mal, & finalmente
 aquelle que he tudo, por aquillo que he na
 da? Donde nos vê isto, senão de termos per
 dido o conhecimento de nos, & de não aca
 barmos de cair na conta de quẽ somos? He
 logo a resoluçam desta pratica, que de nos
 não conhecermos vê não termos humilda
 de, & de não ter humildade vem a soberba,
 do n

dão de procedem odios & cubiças, cruéis discordias, & perpetuas auarezas: as quaes cousas tra é cõsigo hũas escuras treuas, em q̃ a alma esta metida. Verdade he que temos o lume da fee, com o qual allumiados vemos muitas cousas, que nos excitam a tornarmos sobre nõs, & a vermos que nos nõ vemos, ate que aparelhandonos pera a graça, & fazendo o que em nõs he, Deos no lo dá pela sua misericordia. E constituidos nesta graça, fazemos boas obras, saídas da fé esperança, & charidade, as quaes esmaltadas com o sangue de Christo, & ornadas com os merecimentos de sua morte & paixão, são meritorias dos bẽs eternos. Mas tristes daquelles que senão querẽ dispor & aparelhar pera a graça: mas estãdo às escuras viue nõ tã longe de si, q̃ nem entram ainda, nõ somente pelo atrabalde do conhecimento de si, & nõ com elle atinã, nõ querẽ atinar. E por os homẽs nõ terem de si este conhecimento, o perderam de Deos, & metidos na escura noite da infidelidade, deyxaram o culto do criador, & vierã adorar as creaturas, & a ter por deoses paos, & pedras, e serpentes, ate virem a tanto desatino, q̃ edificaram tẽplo á injuria & desuergonhamẽto

Capit. VI.

Cicero. como a cousas diuinas, como o cõta Cicero no seu segundo liuro das leys. E estando o mûdo feito hũ labiryntho de incõportaucis erros, falsas, & diabolicas opiniões, auendo Deos misericordia do homẽ, q̃ criara, mandou seu filho vnigenito Christo nosso Deos pera nos saluar. Veo o bom Iesus, aquelle esplêdor da gloria, como lhe chama S. Paulo, & figura de sua substancia, veo aquella verdade sempiterna, aquella verdadeyra vida, aquella sapiencia sem fim, aquella bõda de immêsa, aquelle lume do lume, aquelle verbo diuino nosso summo bem, & tomada nossa humanidade converfou cõ nosco pera nos ensinar, & mostrar o caminho da eterna bemauêturança, & allumiar nosso entendimento. Porque nas cousas sobrenaturaes sem o lume diuino está cego o ingenho humano.

CAPITULO. VII.

¶ Em que o Ermitão proffegue a materia da encarnaçam de Christo, & sua morte, & do desprezo do mundo.

Diony. **O** Glorioso Dionysio Areopagita, discipulo q̃ foy do diuino Paulo, diz q̃ o bẽ he diffusiuo & cõmunicatiuo de si mesmo.

E cõ

E cõ isto cõcertam todos os Philosophos, e Theologos. Dõde se o bẽ for summo, summamente sera diffusiuo & cõmunicatiuo. E como Deos he summo bẽ, summamente se auia de diffundir & cõmunicar. Pois como podia Deos mais summamente communicar se com nosco, que fazerse homem como nõs, tomar nõs a natureza, & conuersar cõ nosco? E assi era conueniente a Deos, pois era conueniente segũdo a razãõ de sua propria natureza. Porque como a natureza de Deos, & a essencia da bõdade, como o affirma o diuino Dionysio, segue se que o que pertẽce á razãõ do bẽ conuenha a Deos, & á razãõ do bẽ pertẽce cõmunicar se, & á do summo bẽ cõmunicar se summamẽte, logo foy cõueniente a Deos a jũtar a si a natureza criada, & fazer se homem, pera se summamẽte cõmunicar aos homẽs. Quanto mais q̃ he cõuenientissimo, que pelas cousas visiveis se mostrẽ as inuisiveis de Deos. E por isto foy criado o mundo, como espelho das cousas inuisiveis, como diz o glorioso Paulo no primeiro capitulo da epistola aos Romanos. E pois pelo mysterio da encarnaçã, como diz S. Ioam Damasceno, se mostram as cousas inuisiueis de Deos, segue se q̃ fuy

Dionys.

Damasc.

Capit. VII.

cōuenientíssima, pois nos mostrou a bõdade de Deos, & a sua sapiencia & potêcia, & justiça. A bondade porque não desprezou a enfermidade da sua propria creatura. Em que podia Deos mais mostrar sua bondade ca em se fazer homem por salvar o homem, & receber morte por lhe dar a vida? Mostrou sua sapiencia no modo excellêntissimo q̃ achou pera nos salvar, ensinando nos por palavras & obras, quanto lhe deuiamos, pera que empregássemos em suas cousas o cabedal de nossas obrigações. Mostrou sua potêcia em nos liurar do poder do demonio. E mostrou sua justiça, porque nos não quis liurar per força, mas per direyto, pagando por nos, tomando nossos peccados sobre si sacrificãdo se por nossas culpas, & tirãdo da mão do tyrãno, o homẽ pelo homem. E assi diz Sam Paulo no terceiro capitulo da epistola aos Romanos, q̃ padeceo Christo por nos, pera mostrar sua justiça, por q̃ o Padre celestial quis castigar nossos peccados e seu proprio filho. Dõde elle diz per Esaias: Po la maldade do meu pouo o ferir. E o mesmo Propheta diz falando de Christo. Verdadeiramente elle soffreo nossas enfermidades, e tomou sobre si nossos trabalhos. Dõde o mes-

Rom. 3.

Esai. 53

mo Christo nũ Ppsalmo chama aos nossos peccados seus, porq̃ os tomou ás costas pe-
 ra padecer por elles, pera q̃ cõ sua morte nos
 abrisse o caminho da eterna vida. O q̃ esta
 ua traçado, figurado, & prophetizado no te-
 stamẽto velho, sombra & figura desbastada
 do nouo em tantos lugares, q̃ querelos ago-
 ra todos allegar, seria cousa quasi infinita,
 mas tocarey somẽte algũs como se passajẽ.
 No anno q̃ o nouo pono entrou na terra de
 promissão, morreo Aaron summo sacerdo-
 te no môte Hor, como estã escripto aos via-
 te capitulos dos Numeros. Dizer a Scriptu-
 ra q̃ pera os filhos de Israel entrarẽ na terra
 de promissão, auia primeyro de morrer o
 summo sacerdote, & q̃ morreo n'altura de
 hũ môte, & não em valle, não carece de my-
 sterio. Que summo sacerdote he este, senão
 Christo nosso Redemptor? q̃ se offereceo
 por nos no altãr da Cruz, & entrou per seu
 proprio sangue no sancta sanctorũ, q̃ he o
 ceo, cõforme ao q̃ estaua figurado no sũmo
 sacerdote do velho testamento, como per
 muitas & sentẽciosas palauras vay declarã-
 do o Apostolo S. Paulo na epistola aos He-
 breos. Que môte he este, ẽ cujo cumẽ mor-
 reo o sũmo sacerdote, senão o môte Calua-

Heb. 67
& 8.

rio, onde espirou o dador da vida, pera que alli onde acabauã seus trabalhos, começasse nos seus descãos. Quis nos nisto a escriptura significar, q̄ auia de morrer o sũmo sacerdote Christo nosso Deos no môte Caluário pera o nouo pouo, pera os filhos de Israel segũdo o spirito, que sãõ os Christãos, entrãrẽ naquella verdadeira terra de promissão que he a vida eterna. Recebeo alli morte; pero nos dar aqui a vida da graça, & depois a da gloria. Sẽdo viuo quis receber a morte pera q̄ nos, q̄ eramos mortos, viuessemos. O que muito tẽpo auia q̄ estaua no propheta Eliseu figurado. Cõtã as diuinas letras no

4. Re. 13 quarto liuro dos Reis, q̄ estãdo hũs homẽs enterrando hũ morto, viram vir ladrões, & q̄ fugirã lãgando o corpo morto no sepulchro do Propheta Eliseu que alli estaua enterrado. E tanto q̄ o morto tocou nos ossos do sancto Eliseu, ficou viuo, & aleuãtouse sobre seus pes. Quem he este morto, senam o homẽ, q̄ está em peccado mortal? Este era o genero humano contaminado de vicios. Quem sãõ estes, que o enterram senam seus dãnados appetites? Estes o sepultã, & o deixam em poder de ladrões, q̄ sãõ o diabo, o mũdo, & a carne. Mas aquelle celestial Eli-

seu

seu Christo nosso Deoscom sua morte o re
 suscita, morto da vida, & sepultado obta
 nossa resurreção. Todos fomos mortos,
 se elle nos não dera a vida com sua morte.
 Este he o cordeiro morto no Egypto, cujo
 sangue liurou os Hebreos: & a serpente de
 metal crucificada no deserto, pera a qual os
 Israelitas feridos aleuantã os olhos pera sa
 rarem da qual disse Moyses no Deuterono
 mio: E fara a tua vida depêdurada ante ti. E
 Esaias diz: Foi offerecido á morte, porq̃ ele
 quis. E o mesmo Christo per Jeremias: Eu
 sou o cordeiro m̃so leuado á morte. Isto
 he o pa q̃ Deos se fez homẽ, pa morrer por
 nós. E assi lhe chama Esaias no capitulo. 9
 Deos & homẽ. Porq̃ depois de dizer q̃ auia
 de nascer, & ser minino, e verdadeiro homẽ
 diz que o seu nome he Deos. E no capitulo
 quadragesimo disse, q̃ Deos auia de vir ao
 m̃do. E o Psalmista diz falando de Siã: O
 homẽ nasceo em ella, & elle, que he o altissi
 mo a fundou. Como se differa: Christo em
 quãto Deos fez a terra de Siam, & elle mes
 mo em quãto homẽ nasceo e ella. E o pro
 pheta Baruc falãdo bẽ claro de Christover
 dadeiro Deos, depois de muitas palauras
 diz no terceiro capitulo estas: Depois de

Deu. 28

Esai. 53.

Ier. 11.

Baru. 3.

Capit. VII.

estas cousas foy visto na terra . & cõuerfou
cõ os homês. Vsa do preterito polo futuro,
pera significar a certeza da prophesia , co-
mo he costume dos prophetas. E pera q̃ o re-
splêdor de Deos não cegasse os fracosolhos
dos homês, como quando saindo de lugar
obscuro nos ferê de improuiso os claros ra-
yos do sol, mādou diãte hũa lucerna, q̃ foy
S. Ioam Baptista, ao qual os Iudeus, vêdo q̃
era vindo o tẽpo da vinda do Mexias, quise-
ram dar o mexiadego, polo tirar a Christo.
Que este he o costume do mũdo, fazer ho-
mês pera desfazer homês, e alevãtar hũspe-
ra abater os outros. Dos nossos Portugue-
ses se escreue nas chronicas do descobrimẽ-
to & conquista da India, q̃ no cerco de Goa
sendo gouernador aq̃lle inuẽciuel, e espãto
fo capitã Afonso de Alborquerque, cõ hũ ti-
ro de artilharia chamado espera, quebrarã
outro dos imigos chamado camelo. Os nos-
sos fizerã hũa espera pera desfazerẽ hũ ca-
melo, & os Iudeus queriã fazer hũ camelo,
pera desfazer hũa espera. Quẽ he o camelo
senão S. Ioam vestido de pelos de camelo,
& quẽ he a espera senão Christo nosso Deos
nossa verdadeira esperãça? Christo he o ver-
bo de Deos, & S. Ioão a sua voz, como delle

tinha escripto Esaias aos quarêta capitulos
 como o interpretam todos os Euâgelistas.
 Mas esta voz mataua injustamête Herodes
 como cõta copiosamête o Euâgelho. E por
 esta causa alem das outras nã quis Christo
 respõder a Herodes, q̃ lhe pergütou muitas
 cousas, como cõta S. Lucas aos xxiiij. capit. Luc. 23º
 da sua historia euangelica. Porq̃ como auia
 Christo de respõder a quẽ lhe tinha morta
 a voz? Mas ainda que se calou em casa de
 Herodes, falou na cruz. Nã falou onde lhe
 hia a vida, & falou onde hia no ssa saluação,
 porq̃ a isso veio ao mûdo, a morrer por nos
 salvar. O amor o trouxe do ceo a terra, &
 d' immortal o fez mortal. Em q̃ podia Deos
 mais mostrar a fineza, lustro, & alto cume
 do amor, com que nos amaua, que em mor
 rer por nos resgatar do triste captiueyro de
 Satanas, pondo no banco da cruz seu pre
 cioso sangue em preço de no sso resgate? Al
 li padeceo por nos antre dous malfetores,
 como o tinha prophetizado Esaias dizêdo. Esai. 53º
 E cõ os maos sera deputado. Num destes la
 drões mostrou Christo sua justiça, noutro
 sua misericordia: hu nos cõuida a tem or, ou
 tro a esperãça. Em ambos temos exêplo, no
 perdido em se perder pera nos saluarmos, e
no

no saluo é se saluar pera nos nã perdermos.
 Que cousa foy estar o bom Ioseph preso no
 Egypto âtre dous Egipcianos, hũ dos quaes
 foy liure, outro cõdenado, se ão estar o bõ
 Iesu encrauado na cruz antre dous ladrões
 hũ dos quaes fuy saluo, outro perdido? An-
 tr'elles estaua aquelle diuino Pelicano mã-
 tendonos cõ o sangue de suas chagas. Que
 merce se podia mayor imaginar? Qual he
 o homẽ que se esquece de tam immẽsa mi-
 sericordia? Qual he o coraçõ q̃ se nã derre-
 te na fragoa do diuino amor? Que tẽpo ha
 no mũdo, q̃ tribulaçãõ, q̃ prosperidade, q̃
 lêbrança, que esquecimento, que possa tirar
 de nossã alma a memoria de tam pasmoso
 amor, e tã alto beneficio? Que sãõ isto senã
 effeitos d'hũ amor, q̃ he Deos, e d'hũ Deos
 q̃ he amor? Nã podiam tã altos beneficios
 ser senãõ daquelle alto Señor, que he chari-
 dade increada & sempiterna. Em quanto
 Deos nã podia morrer, & por isso se fez ho-
 mem, pera que sendo Deos & homem, em
 quanto homem padecesse, & em quanto
 Deos nos saluasse. E alsí sãõ duas naturezas
 diuina & humana, mas hũ sò supposto, hũa
 só pessoa, huim só Christo nosso Deos. Isto
 não entendeo Platão, isto ignorou Aristo-
 teles

teles cō todos aquelles, que carecem do lume da fe, leuauão a falsa sabedoria por guia da qual diz Deos pelo Propheta, como o interpretara São Paulo escriuendo aos Corinthios: **I. Co. 2** Eu destruirey a sapiencia dos sabios, & reprobarey a prudencia dos prudêtes. A verdadeyra sapiencia destrue a falsa. Christo he a sapiência verdadeyra, de q̄ diz S. Paulo: Falamos a sapiência de Deos em mysterio escondida. Que cousa foi o nascimêto de Christo, & sua morte, & todo o discurso de sua vida, senã hũa reprobacã da falsa sabedoria do mudo? O mundo poe a bēauenturança em riqueza, Christo em pobreza: o mundo em alegrias, Christo em lagrimas: o mundo em vingar injurias, Christo em soffrelas: o mudo em pōpa, Christo em humildade: e finalmente o mundo em suas proprias cousas, & Christo no desprezo d'ellas. Bemaueturado he aquelle, que conhecido o engano & vaydade do mundo foge d'elle, & se abraça com Christo. Que tem o mudo pera dar se não palhas? E ainda estas muytas vezes tira, semelhante a Pharaó, q̄ daua palhas aos Israelitas, & em fim tiroulhas. Serue hũ homem muytos annos a hũ Rey, & per derra deito máda o ir ganhar hũa comēda: dema
neyra

neyra q̄ lhe paga seus trabalhos com trabalhos. E ainda q̄ algũs sejã fauorecidos, e priuados, & alcancẽ dos Principes grãdes merces, sãõ tam poucos, que se pode a corte em algũa maneyra cõparar cõ a probatica piscina, de q̄ falas. Ioan, onde entrauam muitos, mas sõ hũ auia o que desejava. Quanto mais q̄ quẽ hai que aja das cousas do mũdo quantas deseja? Sõ Deos nos enche & satisfaz. Elle he nosso sũmo bẽ, & fartura de nossos desejos. Duas figuras hũa redonda, outra pyramidad nã quadrã, & metida a redonda na pyramidal nã a enche, por q̄ ficam vazios os cantos, & como o mundo seja redondo, & o nosso coraçã pyramidal, he impossivel que o mũdo lhe quadre, & o encha, & satisfaça. Hũ triangulo enche outro triangulo. A nossa alma sendo hũa tẽ tres potencias, entẽdimento, vontade, & memoria a maneira de triangulo, & por isso nã se pode quietar & satisfazer na circũferencia da esphera mũdana, mas no triangulo da Trindade diuina, q̄ sendo hũ sõ Deos ẽ essencia he trino em pessoas, Padre, Filho, e Spirito Sãcto. Quereis ver isto? Dauid hum pobre pastor veio a ser Rey, & grãde senhor: & nẽ isto pode fartar sua alma: antes dizia num psal-

Ioan. 5.

Comparaçãõ.

pſalmo: Entam ſeñor me fartarey, quando
 apparecer a voſſa gloria. Como ſe diſſera:
 He verdade ſeñor que foy tempo em q̄ eu
 andãdo paſtorando gado, não tinha mais q̄
 hũa çamarra & hũ cajado, & çurram, & q̄
 vos me fizes Rey d'hũ dos mais ricos & ex
 cellentes reynos do mũdo: mas nada diſto
 me quieta nê farta, por q̄ como fuy criado
 pera vos, ſempre ſerey inquieto ate q̄ repou
 ſe em vos: entam ſeñor ſerey farto & ſatif
 feyto, quãdo gozar de vos na eterna beaue
 turança. Quando hũa cera eſtã aſſellada cõ
 hũ ſello, com nenhũ outro a podẽ tornar a
 aſſellar, que quedar cõ o primeyro. Se noſſa
 alma he á imagem de Deos, ſe eſtã aſſellada
 com o ſello diuino, como lhe pode armar o
 ſello mundano? Donde diz S. Bernardo, q̄ Bernar.
 bẽ ſe pode alma racional cõ muytas couſas
 occupar mas não encher, porque como he
 capaz de Deos, tudo o que não he Deos, da
 do que pareça muito, pera a encher he pou
 co. Pera que he logo occupar o deſejo em
 couſas, q̄ o não podem ſatisfazer, ainda q̄
 durẽ muitos annos, & ate a morte? Quãto
 mais que quantos viſtes vos, q̄ viueſſem em
 proſperidade muito tempo? Antes vi eu ja
 muitos criados á ſombrz de grandes eſperã
 ças

Capit. VI.

ças, q̄ estando sublimados no cume das hō-
ras do mūdo, foram abatidos em dous dias
& tam destruidos, que nem ainda deixarão
final de sua passada prosperidade: criados s̄
Principes sam tentos de contar. Está hū ho-
mê a hūa mesa com contos lançando cōta
& sendo todos os tētos d' hū mesmo metal
& d' hūs mesmos cunhos & cruces, hūs valē
mil outros cēto, outros dez, outros hū: mas
desfeita a cōta, jūtos todos os tētos nū mō-
te, torna a cōtar, & acertase, q̄ os que dātes
estauam por mil, estam agora por hū, & os
q̄ estauā por hū, estem por mil, por ser assi a
vōtade do cōtador: Os priuados dos Princi-
pes q̄ estam no cōto dos mil, não se enfober-
beçam, & os q̄ estam no cōto de hū, não de-
sesperem, por q̄ pode desmancharse essa cō-
ta, & baralhados os cōtos fazerse outra, em
q̄ os tētos se mudē. Não façamos cōta da q̄
faz d' nós o mūdo, mas da q̄ auemos a Deos
de dar de nossa vida. Hōras humanas são jo-
gos de mininos, fazē hū rey, q̄ dura em quā-
ro o jogo dura, & elle acabado arrepelāno.
Mas isto não querē entēder os filhos da vai-
dade: ātes logo no pricipio de sua vida poē
os olhos na falsa fermosura do mūdo, e afei-
çoāose a elle, indo este amor criado tam fū-
das

das raizes é seu peito, q̄ depois não se podê
senão cõ grãde força arrancar. Mas taeshai
q̄ folgãem cõ ellas, inda q̄ vejam o dãno que
lhe fazê: conhecê seu mal, mas nã peralho
quererem. Dõde vem que alógandose da vi
da, que he Deos, dizê que he necessario ser
uir ao mûdo pera buscar vida: & deixado o
arrayal de Christo, desêparada a sua bandei
ra, q̄ he a cruz, vãose ganhar soldo no câpo
do demonio, sem verê os tristes, q̄ onde cui
dam q̄ ganham se perdê, ate perderem a cõ
ta de si: & assi infunados naquellas engano
sas esperanças gastam seu tempo, andãdo a
mór parte delle sem a saberê de si: & quan
to mais seruê, tanto pior lhe pagam, quãto
mais no mûdo cõfiam, tanto se acham mais
descõfiados, & quanto mais cuidam que ga
nhã, tanto mais se perdê, & cuidando q̄ bus
cam vida fogê da vida, & sem saberêo q̄ fa
zê vã cõ os olhos fechados dar cõfigo é casa
da morte. E pera nos tirar d̄ ste enleo, e dar
o desfengano de nossos enganos, veo o filho
d̄ Deos do ceo á terra, fazêdo tãto por nòs
q̄ morreo por nòs, ensinandonos o q̄ auia
mos de fazer por elle, pera q̄ abertos & allu
miados os olhos de nosso entêdimento dei
xassemos o mûdo, & polo seguirmos á elle

deyxassemos a nós, & em lugar de nossa v^ota
tade poselemos a sua, por q̄ tãto se acrese
ta na virtude, quanto se tira da propria von
tade.

CAPITULO. VIII. E FINAL.

¶ Em q̄ o Ermitão prosseguindo sua prati
ca mostra como auemos de seruir a Christo
& fazer guerra ao mudo, & vltimamen
te declara em q̄ consiste a verda
deyra Philosophia.

DEpois que o Ermitão acabado isto co
br u alêto disse: não vos pareça q̄ cor
to o fio à pratica, antes vos quero mostrar
o engano destes, q̄ vos agora dizia, que dizẽ
q̄ deixam Christo por buscar vida, peraque
visto seu erro cõclua, & de fim a esta questã
Christo he a vida, como elle diz per S. Ioão
& o Diabo he a morte, como lhe chama o
mesmo S. Ieã no Apocalypse, & Christo diz
d'elle q̄ he homicida desde principio. Pois
homẽ enganado como buscas vida, se deixas
a Christo, q̄ he vida, & te vas ao diabo, q̄ he
a morte? Se o diabo he matador, se he homi
cida, se dá a morte, se he a morte, como aue
ras a vida e casa da morte? Busca vida? Qual
vida, se tu dexas a vida? Isso não he vida,
mas morte. Como homẽ que vay corredõ
pera

pera o norte em busca da cousa, que fica ao sul, quanto mais cuida q̄ chega a ella, tanto mais se alóga d'ella, assi tu quãto mais buscas vida, tãto mais te apartas della: vãs por te sul da vida. Dizes q̄ queres viuer. Como podes viuer sê vida? Christo he a vida, & tu pera achares a vida, foges da vida. Oo engano grãdissimo, ó desatino intolerãvel. Busca o que buscas, mas não hai, onde o buscas. Busca a vida é Christo, q̄ he a mesma vida. Mas dizes q̄ he necessario viuer cõforme ao costume & regra do mûdo, & q̄ tãbê se saluã os que cõforme a elle viuẽ, & q̄ esta he a discriçã do mûdo. Oo ignorãte discriçã, ó falsa Philosophia mûdana, ó estulticia chamada falsamẽte prudẽcia. Que sabõ isso senã enganos do demonio, & assouios da q̄lla antiga serpente, q̄ cõ enganos derribou Eua nossa primera madre? Anteste digo q̄ totalmẽte te perderã, se tomares a regra do mundo. Escripto estã no velho testamẽto, q̄ vido os filhos de Israel do Egypto destruirã a cidade de Jerichó q̄ estaua diãte tolhẽdo lhe a êtrada, & mãdãdo Josue capitã dos Israelitas q̄ ninguẽ tomasse cousa algũa da cidade, mas q̄ toda fosse destruida, nã faltou quem quebrasse este preccito, por q̄ Acham

Tof. 6.
Figura

filho de Carmi tomou hũa regra douro de Iericho, pelo qual peccadô o exercito dos Israelitas perdeu a victoria, & ficou allivêci do nũa batalha. E sabida a causa foy o Achã morto & apedrejado per m. dado de Iosue. Mandou Iosue ao Sol q̄ estiveſſe quedo, & esteue quedo, & cõ o sol obedecer a Iosue, alcãçou elle perfeita vitoria de seus imigos & mandou á cubiça q̄ estiveſſe queda, e ella não quis senão ir por diante, por onde elle perdeu a vitoria. O sol inuifuel obedecio ao bõ Iosue, & esteue quedo grande espaço sem se bolir no meo do ceo, & a cubiça dos homês não obedecio. As creaturas insensiveis obedecẽ ao bõ Iesu, & os homês racionais não lhe querẽ obedecer. Qual he o coraçam q̄ cuidando nisto se não desfaz em lagrimas, saluo se he mais seco q̄ os môtos de Gelboe? Quãtas cousas avia q̄ dizer sobre isto. Mas passo avãte onde me chama o proposito. Não podiam os filhos de Israel possuir a terra de promissaõ sem destruire Ierichõ, nem se avia de salvar quẽ tomasse a sua regra. Maravilhosa figura he esta, & digna de a trazermos impressã em nossas almas. Iosue era figura de Christo, não somete o nome, mas nas obras, como diz o glorioso Ierony

mo nũa epistola a Paulino. Por q̄ assi como
 Moyses nã pode meter os filhos de Israel e
 terra de promissãõ, & foy necessario vir Jo
 sue q̄ os lá metesse, assi a ley velha per si nã
 leuaua ninguẽ a eterna beauenturãça, e era
 necessario acabar se ella, & vir o verdadeiro
 Iosue Christo nosso Saluador, q̄ nos leuasse
 á gloria, q̄ he a verdadeira terra de promissã
 sam. Mas poẽnos diante Ierichó, & tolhe
 nos a entrada: & por isso pera podermos en
 trar na celestial patria auemos de fazer guer
 ra a Ierichó, & vècermolo, sem delle querer
 mos nada. Quẽ he este Ierichó senão o mũ
 do? Ierichó q̄r dizer lũa, cõ a qual o mũdo
 he comparado. Por q̄ assi como a lũa ora he
 chea, ora minguada, ora esclarece, ora se ecli
 psa, assi o mũdo tẽ suas enchêtes & vazãtes
 nũca estã nũ ser, nũca tẽ firmeza nẽcõstãcia
 Aos q̄ oje empina e exalça, amenhã derriba
 & abate. He logo necessario fazermos guer
 ra ao mũdo, & derribamolo, q̄ elle he o q̄ se
 nos atrauessa diãte, pera nos epedir a passa
 gẽ pera a celestial Ierusalẽ. Mas q̄ quis signi
 ficar a sancta Scriptura em dizer q̄ manda
 ra Iosue matar a Acham, porque tomara a
 regra de Iericho, senão declararnos q̄ man
 da Deos, q̄ moura, & seja sepultado no infer

Compa
 raçam.

no pera sempre, quẽ goardar a regra & costume do mundo? Liure nos Deos da regra de Ierichó, q̃ ainda q̃ seja d'ouro basta ser de Ierichó, Quero dizer, q̃ ainda q̃ nos a esperança do mûdo afague cõ doces enganos & lisongeyros pensamẽtos, prometẽdonos grandes riquezas & prosperidades, se vsarmos da regra & deprauado costume do mûdo cõtra o preceyto do bõ Iesu nosso verdadeyro capitão, que nã lâcemos mão de taes promessas, porq̃ nos perderemos, se nos cõformarmos com o mûdo. Olhay o q̃ diz S.

Rom. 12

Paulo na epistola aos Romanos (Nolite cõformari huic seculo, sed reformamini in nouitate sensus vestre.) Como se disse: Fogi da regra de Ierichó, não sigais o mûdo, nã vos queirais cõformar com elle, deixai seu deprauado costume, reformai vos na novidade de vosso spirito, segui a regra de Christo, & deixay a do mûdo q̃ ainda q̃ vos pareça d'ouro, em fim he do mûdo, Vigiay, e viuey sobre auiso, nã vos engane Ierichó. E

1. The. 5

noutra parte diz: Nã durmamos afsi como os outros, mas vigiemos, Como se dissera: Nã permanecemos no somno do descuido, nã nos deixemos ir onde nos leuar o mûdo não sigamos os que o seguem, que esses cuidando

dando que vigiã dormê no somno do peccado, mas vigiemos, que temos o mûdo por inimigo, & he necessario porlhe cerco, & derribar estes muros de Ierichô. Esta he a exposiçã da figura, esta he a verdade, esta he a doutrina do glorioso Apostolo, em q̃ nos ensina q̃ obedecemos ao verdadeiro Iosue ao verdadeyro Salvador Iesu Christo, & q̃ fujamos dos enganõs, regras, & vaidades do mundo, & que vigiemos, & não durmamos. Porque assi como durmindo Adam foy feita Eua, que o excitou a peccar, assi durmindo nos no somno do descuido se está criando nossa sensualidade, a qual nos está pôdo diãte dos olhos o pomo defeso, dizendo q̃ comamos, & sigamos ao mûdo sem ter cõta com Deos. E logo no principio da idade nos começa denganar em tẽpo, q̃ as falsas, & pestíferas esperanças ainda muito ao lôge se começam de vrdir, sem nũca mais deixarem de nos cõbater. Mas he necessario resistir lhe cõ animo fortissimo, & vigiar cõ grande cautela, desprezando o mûdo com suas vaidades, & seguindo a Christo nosso Redẽptor. E assi armados com a Fé Catholica da sãcta madre igreja Romana, & ornados de esperãça & charidade, auemos de re-

Capit. VII.

filtiraos imigos d'alma, & cōprir os mada-
mentos de Deos, & da Igreja, & as obras d'
misericordia, & abraçarmonos cō a humil-
dade, & lançar mão dos conselhos euágeli-
cos, & abraçar a sensualidade, e fazer q̄ a ra-
zão tenha firme jurdiçã sobre o apetite, e
finalmēte saber ganhar a vida eterna. E pe-
ra isto he necessário a cada hum de nos não
sōmente te cōta consigo, mas cō os proxi-
mos aconselhandoos, & ensinandohe o q̄
não sabē, quãdo cōpre. Mas de tal maneira
auemos denfinar q̄ nossas obras não discre-
pem nossas palauras. Porq̄ entã dizemos
q̄ está o relógio certo de todo, quando não
sōmēte dá as horas certas a seu tempo, não
discrepando do sol, mas a mão q̄ as amostra
as aponta sem errar, & anda cōforme ao cō-
passo do relógio, & do sol. As horas são as
palauras, & doutrina, & bõ cōselhos, q̄ hã
de ser governados pelo sol da justiça Chri-
sto nosso. Deos; a mão he a operaçã q̄ mo-
stra a doutrina: porq̄ as obras hã de ser do
mesmo metal das palauras. Pera q̄ não seja-
mos como os carpēteiros & calafates da ar-
ca de Noe, q̄ fizeram a nao onde os outros
escapassẽ, & elles não entrarã nella, & per-
derãse no diluuiõ. Não se deve chamar phi-
loso-

Compa-
ração.

losophia a q̄ ensina, que dando aos outros a razão.
 doutrina bõa, fiquemos nós com a vida má
 semelhantes á peneira q̄ deita fora a bõa fa-
 rinha, & fica com o farelo. Mas verdadeira
 philosophia ensina ser avida, q̄ fizermos, cõ
 forme á bõa doutrina, q̄ ensinarmos. Esta
 he a vida Christã, esta he a propria sabedoria
 esta he a verdadeira philosophia, q̄ não cõsi-
 ste, como vos dizeis, é conhecer muitas cou-
 sas, porq̄ a fim della mais he fazer que saber
 mais he amar que disputar. Dõde diz S. Au-
 gustinho no nono da cidade de Deos, que o
 verdadeiro philosophar he amar a Deos. August.
 Mis cõsiste a verdadeira philosophia é nos
 conhecermos a nos mesmos, & dahi sobir-
 mos ao conhecimẽto de Deos, & amalo sũ-
 mamente cõ todo coraçam, cõ toda alma, &
 cõ todas as forças, & darmonos a elle, & fa-
 zermos lhe hũa total entrega de nós mes-
 mos, amando sobre tudo a elle, & ao proxi-
 mo como a nos por elle. E cõsiste em cuidar
 mos na sua morte & paixam, & nos myste-
 rios da redẽpçam humana. & é nos abraçar
 mos de tam feruente amor de Christo, que
 não estimemos por amor delle a vida, nẽ a
 morte, nẽ cousa nenhũa do mundo. E com
 estas asas de amor, auemos de trabalhar de
F 5 sobir

fobit aos altos ceos, leuados no ardête car-
 ro de Elias, inflâmados na q̃llas suaves, & bê
 auêturadas chamas do glorioso fogo do al-
 to amor diuino: de maneira q̃ estãdo inda na
 terra cõ o corpa, estemos no ceo cõ o pensa-
 mento, conuersando com os Anjos, vnidos
 com Deos, & feitos hum espirito com elle,
 onde separados da escura noyte das cousas
 terreaes, allumiados cõ o resplendor da luz
 de Deos contêplemos a diuina fermosura.
 Isto he o em q̃ consiste a verdadeira philo-
 sophia: que em fim bem affomado tudo, cõ-
 siste num feruentissimo, & sapientissimo a-
 mor. Muitos amão a Deos cõ hũ amor tâ-
 tibio, que quasi parece q̃ o não amã. Os q̃
 não passam alê deste amor nadam inda cõ
 cortiza à borda d'agoa, sem se meterem no
 pego alto: & nã se podẽ chamar de todo p-
 feitos na philosophia Christã, mas saõ co-
 mo anezinhas nouas, ainda não bê cubertas
 de todas as suas penas, q̃ ainda q̃ comecem
 de lucudir as aas, & voar algum tanto, toda-
 uia não se apartam inda lóge do ninho, nẽ
 se lançam ao ár aberto, nẽ ousam ainda de
 atraueffar as alturas indo ferindo os vêtos
 cõ a força de suas aas. Mas os pfeitos nesta
 philosophia alheos de si, & transportados
 em

Compa-
 ração.

em Christo, de tal maneira estã cõ elle liados & vnidos cõ os suaues liames do amor, que nẽ ha tormẽto nẽ alegria, fome nẽ fatura, vida nẽ morte, ceo nẽ terra, grãdes alturas nẽ profundos abysmos, que os possam da charidade de Christo apartar. Os q̃ passam por esta portella chegam ao alto cume da excellẽte philosophia, donde vem lá no fundo do monte os apaulados brejos, & perigosas varzeas do mundo, tam tristes, & carregadas ao entendimẽto dos bõs, q̃ vem seus males, como alegres & apraziueis ao sêtido dos maos, q̃ nã caẽ na conta de seus enganõs. Isto he o q̃ se me offereceo nesta materia, em que sey q̃ auia muito mais que dizer. Mas porque o piloto, depois de cãfado da lõga nauegação, achando lugar opportuno lança ancora pera descansar, assi eu cãfado da lõga pratica, quero lâçar ancora a lingua, & amainar as velas de minha spalantra que bem sey, q̃ nãõ respõderam á grandeza & preciosidade da materia. Võs padre, disse o philosopho, prouastes muito bem tudo, o q̃ propusestes, & declarastes copiosamente a questã. E certo que folgney de vos ver tã visto, assi nas letras humanas, como diuinas. Eu me dou por vécido, & folgo de o fer de

Comp
ração.

Capit. VIII.

vos, que parece que nascestes pera nunca o
ferdes de ninguem. Mas a falar verdade cõ
vosco, ainda me não encheistes as medidas,
porque vsastes d'algũas palauras não admi-
tidas dos bõs ouvidos. Que eu ainda q̄ pro-
fesso philosophia, nã a tenho por bõa, senã
he acõpanhada de bõa eloquencia: & antes
queria bõas palauras sem sentenças que sen-
tenças sem bõas palauras. E as palauras pe-
ra bõas não hã de ser muito antigas, ca co-
mo diz Phaurino, & refereo Bartholomeu
Chassaneo, na prefação do catalogo do glo-
ria do mundo, a lingoagem ha de ser de vo-
cabulos presentes, & a vida de costumes an-
tigos. As palauras, respõdeo o ermitão, sem
sentenças, são corpos sem almas. E ainda q̄
hai sentenças sem bõas palauras, não se po-
dem chamar bõas palauras, as q̄ são sem sã
tẽças. Eu como ando remoto da corte, não
he muito vsar de palauras toscas. E quanto
he nisso não se me deue pór racha, se me a-
charem algũas. Mas assi como quẽ ha sede
primeiro bebe, & depois contempla a galã-
taria & artificio do vaso, assi tenho pera mĩ
q̄ todo o homẽ deseioso de doutrina primei-
ro a ha de goistar, & depois atentar, se qui-
fer, pera o artificio da lingoagẽ. Antes, disse

Phauo.-
Chasse.

Compa-
raçam.

O companheiro, estou padre pasmado da elegancia de vosso estilo. Não cuidey q̄ num erinitão ouuefferãta eloquẽcia. Mas emfim assi como os Hebreos deyxando o Egypto trouxeram cõsigo as joyas dos Egyptiauos pera seruire a Deos com ellas, assi vos deyxando o mûdo leuastes cõuoscõ as joyas de sua eloquẽcia, pera cõ ellas fazerdes a Deos seruido: Dissestes tantas cousas, e tam bẽ ditas, declarastes tam altamente a materia, q̄ vos metemos antre as mãos, abristes tã claramente as fontes da verdadeyra philosophia, que não acho palauras, com q̄ vos possa declarar meu conceyto: nem creio, que ha hi tamanho rio de ingenho, nem tãta copia & força de eloquencia, que baste pera dizer a vossa. Estou tã cõtente com vos ouvir, & satisfazer me tanto vossa doutrina, & sciẽcia q̄ não sinto cousa cõ q̄ o possa cõparar. Tomara por partido não me apartar nunca de vos. Não me pesa senão por q̄ nunca vos fiz seruicos conformes a vossos merecimentos & meus desejos. Mas se no q̄ desfalece nas obras, se recebe por preço a vôtade, a minha he tã certa pera o que vos comprar, q̄ a ninguẽ darey avantage nos desejos da boa amizade, ainda q̄ a muitos nos effeitos delles

peça

Capit. VIII.

Pesame, disse o Philosopho de se achar tam
 a ssa ha este dia, por q̄ folgara de estarmos a-
 qui mais. Mas a ssona a humida noite, & as
 estrellias, que começã apparecer, nos amoe-
 stam q̄ nos vamos. E virandose pera o com-
 panheiro disse: serã bõ irmes com o padre
 que cõ suas palauras & doutrina nos leua-
 rá tras si, assi como homẽ, q̄ leua apos si ca-
 chorros soltos, com lhe ir lançãdo pedaços
 de pão, que vãõ comêdo. Eu disse o ermitão
 tenho muito q̄ andar, & q̄ rezar, & he neces-
 sario partirme, & ir só: O q̄ com ajuda de
 Deos poderei fazer: por q̄ he saida a hũa, q̄
 cõ sua claridade recebida do sol vẽ tirando
 parte da escuridã da noite. Os louuõres, q̄
 me dais, nẽ en os conheço, nẽ os ha em nũ-
 mas parece q̄ estando louuando a mi estais
 debuxando a vos. O bẽ vẽ de Deos, & a elle
 se ha de attribuir: elle fique cõ vosco, & vos
 dẽ sempre a sua graça. E a vos, respõderam
 elles, conserue nella, & vá cõ vosco. Aqui se
 abraçaram todos tres, & se despediram cõ
 soydade, & algũas lembranças do tẽpo pas-
 sado. Porque em fim antre os bõs ami-
 gos, ainda q̄ se perca a conuersaçã,
 não se perde o amor.

Fim do Dialogo da verdadeira philosophia

DIALOGO

DIALOGO

DA RELIGIA M:

Iterlocutores hum Re-
ligioso, & hum Pe-
grino.

CAPITULO PRIMEIRO.

Do repouso solitario, & quieta-
çam della.

NA Lombardia antre Parma, & Pla-
sença, se toparam nũ caminho dous
Portugueses, hum d'elles frade de
S. Ieronymo, outro leigo, homẽ fidal-
go em trajos de romeyro: que logo em sua
maneyra parecia homem d'alto fangue. E
depois de se saudarem, & passarem antre si
palavras de cortesia, disse o Peregrino: Pois
nos Deos aqui ajuntou, assentemonos ao
longo desta fresca ribeyra, debayxo destas
sombrias aruores, & estaremos descansan-
do hum pouco apascentando os olhos com
a vista dos verdes câpos, & os animos com
o contentamento de alguma bõa & honesta
pratica. Assentemos, disse o religioso, q̃ ha
grande espaço que caminho câfado, assi do
corpo

corpo como do espirito. A cnusa da cãseira
 do corpo, disse o peregrino, está clara, a do
 spirito folgaria de saber, se nisso não ha êpe
 dimêto. Eu vola direy, respondeo o religio-
 so. ao menos a principal parte della. Eu ha
 muito tempo que ando distraido em nego-
 cios da ordem, a que fuy mandado per obe-
 diencia. Tiue muitos trabalhos em Rôma,
 donde agora venho, onde estaua feito hum
 poço, em que os cegocios entraua continua-
 mente a tirar agoa de meu repouso, & a baz
 colejar me, & perturbar me, e distrahir me. E
 se algúa hora me queria furtar a mim mes-
 mo, & roubar o coraçam, e pensamento aos
 negocios, eram tantos sobre mi, que me to-
 mauam cõ a presa nas mãos, & atauão mas
 pera que eu não podelle fazer o q̄ queria,
 mas o q̄ elles queriam, que eu quisesse. Ver-
 dade he, q̄ per outra parte me traziam estes
 trabalhos algũ descanso, quando me lembra-
 ua que os sofria por seruir aos padres. q̄ me
 lá mandaram, & estimaua eu mais o gosto,
 cõ que os seruia, que o galardam, que delles
 por isso esperaua. Mas em fim os negocios
 me traziam tam distrahido, q̄ fizeram meus
 olhos erdeiros de muitas lagrimas. Por tẽ-
 po em que viui muito cõtente, nũ repouso

solitário dado ao estudo das diuinas letras, estãdo em Portugal, metido o mais do tẽpo na cella, mas por meus peccados vim a tãtos trabalhos, que parece que desferiram sobre mim todas as velas: em tanto que mais des-cõtente me faz a lẽbrança do cõtentamẽto q̃ tiue, que o descõtentamento q̃ tenho. Bẽ passaria cõ o trabalho q̃ ganhey, senão fosse a lẽbrança do descanso q̃ perdi: por q̃ entã causam infõfriuel dor os males presentes, quando são acõpanhados da memoria dos bẽs passados. E por isso me parece a mĩ q̃ permitio Deos q̃ os filhos de Israel indo de sterrados de Ierusalẽ, captiuos dos Babylo-nios leuassẽ cõ sigo os instrumẽtos musicos pera lẽbrança de suas passadas alegrias. Cõta o Propheta nũ psalmo, q̃ indo elles assĩ captiuos, se assentaram ao lõgo dos rios de Babylonia, q̃ são o Tigris e o Euphrates, estilando suas dores em tantas lagrimas, q̃ parece q̃ queriam fazer dellas outros rios, & q̃ alli depẽdurarã os instrumẽtos nos amargosos salgueiros, sem quererẽ cantar, nẽ tãger, nẽ mostrar sinal algũ de alegria. Em todo aq̃lle psalmo se não cõta q̃ elles leuassẽ de sua terra se não aquelles instrumentos, q̃ certo parece cousa marauilhosa, por q̃ pera q̃

ps. 136.

os leuauã senão auiam de vsar delles? Mas parece q̃ o permittio Deos assi, pera q̃ vêdo elles diãte de seus olhos as violas, arpas, laudes, & os outros instrumêtos de musica, cõ q̃ em outro têpo em sua terra se deleitauã, se lêbrassem pera mór magoa sua das musicas de Ierusalê, dos serões e cõtentamêtos, festas & alegrias q̃ por seus peccados perderã: por q̃ a soydosa memoria do prazer dos bês passados lhe acrescentasse a magoa da tristeza dos males presêtes. Assi a mi pera mayor magoa da inquietaçã q̃ tenho, se me apresenta ante os olhos a quietaçã q̃ tiue, cuja soydade me faz muitas vezes desfazer os olhos em lagrimas, cousa em q̃ ella faz experiêcia de sua dor. E esta he a causa da cãseira de meu spirito, per q̃ me pergũtais. Mas prazera a Deos q̃ cedo estes meus trabalhos terã fim, e irey gozar da suauidade do mosteiro, & da doce quietaçã da cella tornãdo em amizade cõ meus amigos antigos, quero dizer cõ os liuros, q̃ nã sey como sou vicio sê elles. Por q̃ assi como a põba nã achana descãso fora da arca de Noe, assi o religio so nã sente repouso fora do mosteiro. O ramo da oliueira cõ q̃ a põba hia cõtete leuãdo no bico, he a esperãça da certa

Gen. 8.

com

& propinqua tranquillidade, na qual posta hũa alma fica clara, ainda q̄ antes estiveſſe escura. Que isto tem a quietaçã aplacar o ſpirito, & aclarar o entendimento. Aſſi como agoa d'hũ tanque e a mouerdes & reuoluerdes, fica turua, e escura, mas acabado todo o movimento, estando ella em paz, & ſem ſe bolir, fica clara e limpa, aſſi alma diſtrahida e perturbada eſtã escura e çuja, mas quietandose e repouſando, vayſe aclarando, até que de todo fica limpa. E aſſi como estando agoa turua e bazcolejada nam vos vedes nella, mas como eſtã quieta, vos representa logo voſſa imagem, aſſi o deſaſſoſſego e perturbaçam na alma faz cõ que vos nã vejais nella, mas ſua quietaçam e repouſo faz cõ q̄ vos eſteis nella conhecendo e vendo quem ſois. Demaneira que a tranquillidade do ſpirito he como hũ eſpelho, q̄ vos eſtã pondo ante os olhos voſſa propria imagem. E creio eu que nã hai lugar, onde ſe ella milhor alcance & cõſerue, que no recolhimento do moſteyro & da cella. Folgo diſſe o peregrino, de vos ouir iſſo, por q̄ eu tinha pa mĩ, que nos moſteiros auia grã des trabalhos. Si ha, tornou o religioso, mas como elles ſã ſofridos, por amor de Chriſto.

Compa
raçam.

Compa
raçam.

trazem cõsigo suaues cõtentamêtos. E quã
 to os trabalhos saõ mayores, tãto mais fazê
 alevãtar o spiritu a Deos. Assim como arca d'
 Noe de q̃ agora falaua, não somente senão
 perdeu nas agoas do diluuiio, antes quanto
 ellas mais cresciam, tãto ella hia mais sobin
 do, & chegãdo se pera o ceo, assi quãto mais
 & mayores saõ os trabalhos, & spirituaes
 exercicios da religiã, tãto mais se vay o ani
 mo alevãtando & appropinquãdo a Deos.
 O pé d'hũa parreira a vista pareceruos ha
 seco & aspero, & se o apalpardes cõ a mão,
 achaloeis inda muito mais aspero: mas se o
 hardes bẽ, vereis na latãda muitas folhas ver
 des brãdas & graciosas, & muy suaue & ex
 cellête fructo: assi a vida da religiã cá de fo
 ra parece aspera, e se a experimẽtardes, acha
 laeismo muito mais aspera, mas as folhas da do
 ce cõuersação monastica, & o maravilhoso
 fructo da lição, oração, meditação, cõtẽpla
 ção, obseruãcia, & repouso solitario, excede
 tãto as balifas de todos os humanos cõtẽta
 mentos, q̃ o entẽdimẽto dos homẽs do mũ
 do fica muito áquem de o poder alcançar.
 Mas assi como o pé da parreira, senã da fru
 cto, não aproueita pera nada, auẽdo muitas
 aruores, q̃ caso q̃ não dem fructo, aprouei-

Compa
 ração.

Compa
 ração.

tam pera muyto, como são bordos, pinheyros, cedros, e soueireiros, q̄ serué de madeira pera naos, e edificios, e outras cousas, assi o religioso, q̄ acerca de ser ocioso, & distrahi do, & regido per sua propria vótade, não aproueita pera nada, auêdo muitos legos, q̄ ainda que estem cõ as mãos pegadas e seus proprios appetites, & tenham dado vassalagã & obediencia ao mūdo aproueitã pera defender a terra aos imigos, e pera officios mechanicos, e pera outras cousas. O religioso q̄ acertar de ser deste toq̄, terá por asperos os trabalhos da religiam: mas os bõs religiosos tēnos por suaues: porq̄ o amor de Christo nos trabalhos acha descanso, & no meo dos tormentos refrigerio. Este he hũ dos bēs q̄ tē a virtude, trazer cõsigo cõtentamēto. Não quera mór vingança d' hũ mao que poderlhe mostrar quãto perde em perder a Deos: onde cuida q̄ acha cõtentamēto hai o perde: porq̄ o vicio traz cõsigo dor & não fica delle mais q̄ o arrepēdimēto por despojo. Seneca diz, que nã ha mór pena pera os peccadores q̄ auer peccado. E pelo cõtairio não ha mór gosto pera o bē q̄ selo. E á verdade elle diz muyta verdade: porq̄ assi como he grande tristeza pera hũ peccador

Seneca.

Sap: 5.

2. Co. 1.

lembrarlhe que peccou, assi he grãde alegria
 pera hum justo ver que fez o que devia. No
 liuro da Sapiencia dizem assi os maos: Cã-
 fados estamos da vida da maldade, & perdi-
 çam, andamos per caminhos fragosos & dif-
 ficultosos. Nam hai que debater senão que
 os maos viuem có grandes descontêtam-
 tos, porque suas proprias cõsciências os acu-
 sam & atormentam. E pelo contrayro de si
 & dos bõs, dizia sam Paulo escreuendo aos
 Corinthios. Esta he a nossa gloria o testemu-
 nho de nossa cõsciencia. Esta gloria & gosto
 espirital he hum excellente mantimento
 dos bõs religiosos, & hũ pauto marauilhofo
 em q̃ sua alma se deleyta. Mas isto não aca-
 bam de entender os filhos da vaidade, que
 empegados & engolfados no mũdo buscam
 sòmente os contentamentos do corpo, sem
 fazer caso dos do spirito. Não he muito, dif-
 se o peregrino, não sentirẽ muitos dos ley-
 gos esses gostos espirituales, pois hai algũs
 religiosos, q̃ de os não sentirẽ, se tornam ou-
 tra vez ao mundo, onde calam as virtudes
 dos religiosos, & sòmẽte falam em seus de-
 feitos, se lhe algũs viram fazer, cousa cõ que
 alẽ de offenderẽ a Deos, deshorrã a si, & es-
 cãdalizam os q̃ ouuẽ. Os olhos desses tais
 disse

disse o religioso, são alambres, q̄ nã colhem Compa
das vidas alheas senão as Palhas. E nam he razão
muito, por q̄ natural he aos maos ter hũ pa
recer pera julgar, cõ que emendam o alheo,
outro pera fazer, cõ que não sentem o seu.

CAPITVLO. II.

¶ Em que o religioso estranha aos que se
faẽ da ordem, dizer mal della, & declara
que cousa he religião, & donde
se deriu.

NA Religiam ha muitas & muy grandes
virtudes, q̄ elles que se saem d'ella nã
querẽ seguir, nẽ cõtar. Nẽ atentam senã pe
ra algũas venialidades feytas a furto da ra
zão, sẽ as quaes a vida humana se não pãssa.
Estas contam acrescentãdolhe muito mais
& fazendo das palhas traues, pera escusarẽ
sua apostasia: & elles quãto mais se descul
pam tanto mais se condẽnam. Mas nam he
novo no mũdo os maos praguejar dos bõs.
A incontinente, ama do casto Ioseph, no-
tuo de incõtĩnẽcia. Os soberbos Hebreos
condenauam ao humilde Moyses de sober
ba. O desregido Absalão reprendia ao bom
Rey David de mau regimento. O maluado
Rabsaces viuendo d'enganos accusaua ao

Gen. 39

Nu. 16.

2. Re. 15

4. Re. 18 defenganado. Rey Ezechias d'enganador,
 Mas melhor he pør ser bõ ser murmurado
 dos maos, q̃ por ser mau ser odi- so aos bõs.
 Os sctõs Apostolos, e os gloriosos martires
 de Christo erã chamados feyticeiros & per-
 uersos. E per este caminho passou s. Ierony-
 mo, s. Ioã Chryostomo, & os outros sctõs
 q̃ forã dos maos falsamẽte murmurados,
 & injustamẽte perseguidos. Nẽ he de espã-
 tar pois a Christo nosso Deos chamarã en-
 ganador, Samaritano, feyticeiro. O seruo nã
 he mayor q̃ o seõor: e pois murmuram do
 Seõor, quãto mais dos seruos. Diz Salamã
 nos Prouerbios, q̃ os q̃ vã pelo caminho di-
 reito, & leuã a Deos por guia, sam despreza-
 dos dos q̃ caminhã pela vida da infamia.
 Pera q̃ he mais senã que blasphemaram os
 maos de nosso Saluador e verdadeiro Deos.
 Achou de que murmurar a malicia humana
 na bõdade diuina pondo nomes de culpas
 às virtudes, afeãdo os bẽs cõ cores de ma-
 les, A lingua d'hũ pragueto he pincel do de-
 monio, & como diz o Psalmista, Sepulcho
 aberto he a sua gargãta, cõ suas linguas vsã
 de enganos, veneno de aspides, bichas peço-
 nhentas e mortiferas, estã em seus beiços.
 Estes sãõ os de que diz s. Paulo na primei-

Compa-
 ração,
 Psal. 5.

ra aos Corinthios: Os maldizêtes não possuirã o reino de Deos. A lingua de hũ maotê poder pera desenterrar mortos, & enterrar vivos. E pera q̄ toq̄ nas historias humanas: os Ephesios injuriarã cõ feas palauras a Hermodoro, até o lâçarê da cidade, excedêdoos elle a todos na virtude & cõstãcia. O mesmo fizerã os Atheniêses a Aristide, & a Cymone, & a Themistocles, & os Syracusanos a Hermocrate, & a Dione, & os Romanos a Camillo, & a Rutilio, & a Metello. E não tẽdo Catão vticêse nenhũa cubiça, nẽ Hercules nenhũa couardia, cõta Plutarcho q̄ notará a Catão de cubiçoso, & a Hercules de couardo. Finalmẽte q̄ quasi todos os varões de grandes & heroicas virtudes são enuejados & murmurados & perseguidos, & caso q̄ algũs ponhã os olhos em suas obras pera as imitar, são muitos mais sem cõparação os q̄ poẽ nellas suas linguas pera as reprêder, & suas forças pera as destruir, sem verê q̄ cuidãdo q̄ danão aos outros da não a si. Diz s. Atanasio q̄ assi como o q̄ toma cõ suas mãos hũa bibera pa a lâçar a outro q̄ o morda, primeiro elle fica mordido d'ella: assi o malicioso q̄ q̄r perseguir o justo, primeiro persegue a si mesmo, & q̄ rêdo

I, Co. 6.

Plutar.

Athanas.

morder a fante alhea mata sua alma propria
 ca nã ha mordedura de bibera nẽ aspe tam
 venenosa e peçonhenta, como a malicia de
 hum peruerso. Mas isto nã acabam de entẽ
 der os que murmram da virtude, & attri-
 buem a vicio, e cõ falsidades fazem parecer
 o bem mal, e dos paos fazem pedras, como
 a fonte de Alemanha, de que fala Alberto
 Magno. Esses q̄ dizem mal da religiãõ, & se
 sayram della, nẽ sãõ pera elle, nem ella pera
 elles. Sãõ como cestos rotos, q̄ nam colhem
 agoa clara e excellẽte das vidas dos bõs, se
 nãõ algũs limos, ou palhas de algũs descuy-
 dos, em q̄ os homẽs algũas vezes caẽ, ainda
 q̄ se jã justos. Quereis ver claramẽte quẽ sã
 esses grosadores, olhay o q̄ dizẽ, atentaylhe
 pera a pratica cá ella he a q̄ descobre os co-
 rações. Sancto Ambrosio diz, que pela mór
 parte o espelho d' alma resplãdece nas pala-
 mas. São Ieronymo diz, q̄ as palavras q̄ saẽ
 per fora, sãõ final do q̄ estã dẽtro. Sam Bern-
 nardo diz q̄ a nossa boca he porta, e serue-
 tia de nosso coraçã. Socrates diz, q̄ qual he
 o varã, tal he sua pratica. Themistocles cõ-
 para os homẽs q̄ nã falã, a cartas pintadas
 & enroladas, e praticar a desenrolar. Se que-
 reis saber que debuxos sãõ os d' hũ pãno de

Alberto

Compa
ração.

Ambro.

Hiero.

Bern.

Socrat.

Themí.

Frades pintado, desenrolaylo, quereis saber de q̄ está pintado o coraçã d' hũ homẽ, praticay cõ elle. Pera que he mais? Christo nosso Redemptor diz, que da abundancia do coraçã fala a boca, & que pelas nossas palauras seremos justificados, e condemnados. Bem mostram esses q̄ se saẽ da religiã, & murmuram d' ella nas palauras q̄ dizem, as mãs entranhas que trazem. O propheta Ezechiel diz que viõ hũs animaes, que hiã onde os leuaua o espirito, & nem estauam ociosos, nem tornauam pera tras. Se esses, que se saíram da religiã, lauaram o espirito por guia, & se deram aos sanctos exercicios da ordẽ, elles forã por diante, & nã tornarã atras: mas tanto q̄ seguiram seu appetite, e se deram á ociosidade, perderã os gostos do espirito, dõde veõ andarẽ descõtentes no mosteiro, & enfastiados da mãna do ceo desejarẽ as cebolas do Egypto, até se tornarẽ ao mũdo, contëtandose de bayxos cõtentamẽtos, e perdẽdo o juizo, semelhãtes à mulher de Loth, q̄ caminhãdo pa o mõte, por olhar pera tras se tornou em statua de sal. Que pa rece q̄ o quis Deos assi, pera q̄ cõ a memoria da q̄lle sal salgasse e adubasse as enfiõs cõsciẽcias. Mas elles esquecidos disto saẽse

Mat. 12

Ezec. 12

Gen. 19

da

da religião, & v̄e morrer nas mãos do mundo, q̄ ainda que pareça que tinhã deixado quanto ao corpo, não tinhã deixado quanto á v̄otade. Os ceruos feridos da erua, caso cõ vão fogindo do caçador, todauia como leuã nas entranhas o farpão eneruado, v̄elhe morrer nas mãos. Assim os q̄ são feridos do amor das cousas do m̄udo, por mais q̄ pareça q̄ se apartam d'elle, se elles não lâçam de si a seta eneruada, andã & andã, & per derradeiro vem acabar no m̄udo. Esta cõparaçãõ me lembra q̄ li em s. Chrysostomo, que a meu ver he bẽ natural. O glorioso Bernardo cõpara a religião a hũ bõ estamago, que os bõs m̄atimẽtos cõseruaos & retẽnos, & os peçonhẽtos expelleos & arreuefla os. Bẽ assim a religião retẽ & conserua os bõs religiosos, mas os maos expelleos, & como a içoarias venenosas os arreuefla: porque de tal maneira os appremia, que se saẽ elles. Assim como o mar não retẽ em si os corpos mortos, assim nẽ a religião aos maos religiosos, & andam no m̄udo como homẽs arreueflados & como corpos mortos q̄ o mar de si lâçou perdidos por cousa tam perdida, como he o m̄udo. Nã sey, disse o peregrino, qual he a causa porque muitos destes q̄ se faem da ordem

Comp
raçãõ.

Chryf.
Bern.

Comp
raçãõ.

d'ê sendo nella criados, & ensinados em vir-
 tude, depois q̄ per cá andam, são piores que
 os leigos. Eu volo direy, respõdeo o religio-
 so. A agoa corrête, se per algum tempo a re-
 presam, depois quando acha lugar, sae com
 mais impeto e em mor quâtidade, q̄ quãdo
 vinha per seu curso: assi a maldade d'esses q̄
 na religião nã corria como antes, estaua re-
 presa, sem seus effeitos per fora apparece-
 rã, mas tanto q̄ se saem da ordem, & acham
 liberdade de peccar, & effectuar seus anti-
 gos e depravados costumes, sae a maldade
 em tâta copia, & cõ tanta furia & desoluçã
 que excede a dos q̄ sempre forã no mundo
 d'solotos. Esta nossa España vlterior está no
 Occidête, onde, como vedes, se acaba a cla-
 ridade do Sol, & começa a escuridã da noi-
 te, & pelo contrario a India Oriental, que
 os inuictissimos, & Christianissimos Reys
 de Portugal de gloriosa memoria desco-
 briam & ganharam, está no Oriente, onde, co-
 mo sabeis, nasce o sol, e mostra mais seu re-
 splendor. Demaneyra q̄ se pode dizer que os
 Indios habitã no dia, & nós na noyte, & q̄
 em elles se começa a claridade, & em nós á
 escuridã, por q̄ lá nasce o sol, e cá se poẽ. E
 sendo isto assi, elles são negros, & nós brã-
 cos,

Com
 Compa-
 ração.

cos, elles escuros e nós claros. Desta mesma
 / maneira sendo a religião em cõparaçã do
 mundo hũ Oriente, & o mundo em compa
 raçã d'ella hum Occidente, vereis algũs he
 mões ensinados na sancta religiã, q̃ sã na cõ
 sciencia muy escuros, & outros no mundo,
 que são nella muy claros. Mas nẽ por isso os
 bõs religiosos perdẽ sua valia. Porque assi
 como estando hũ cofre cheo de moedas de
 fino ouro, ainda q̃ antre ellas estivesse hũ
 falsa, nẽ por isso as outras perdiã seus qui
 lates, assi a religiã he hũ riquissimo thesou
 ro de seruos de Deos, de tanto preço, q̃ o nã
 tẽ, cheo de deuotos e excellentes religiosos
 ornados de tam grandes virtudes e louou
 res, q̃ por muitos q̃ se d'elles digam, ainda
 nelles ha mais, & sendo ella pouoada de tã
 claros varões nã he bem q̃ percã os bõs por
 hũ mau. E assi como quãdo tomais na mão
 hũa grande espiga de trigo, ainda q̃ de fora
 nã vedes mais que as praganas, todauia jul
 gais q̃ está dedẽtro chea de fermosos graõs
 assi considerada bẽ a religiã, caso que de fo
 ra vejais andar algũs pelo mũdo semelhan
 tes a praganas, auẽis de ter fixo em vossõ cõ
 ceito q̃ nesta fructifera e gloriosa espiga da
 religiã ha excellente fructo, e que está chea
 de

**Compa
 ração.**

de dētro de tã marauilhosos grãos ; quero dizer, de tam virtuosos & religiosos varões q̄ o q̄ mais de seus lououres se disser , he o menos q̄ nelles ha. Está isso tã claro, disse o peregrino, q̄ querelo eu cōtrariar, seria q̄rer cegar o Sol. Mas pois falamos em religiam folgaria de saber a sua difiniçã & deriuçã. Porque sendo eu moço em tempo q̄ o vso da palmatoria me fazia ter conhecimēto das letras latinas, ganhadas ao fumo da cãdea nas longas noytes, me lembra que li nos officios de Marco Tullio, q̄ tratãdose d'algũa cousa, se auia de começar da definiçã, pera se entēder o de q̄ se disputaua. E lêbrame q̄ dizia alli o meu mestre, que os logicos tinhã isto por regra infaluel, sem embargo q̄ cōfessauã que segũdo natureza primeiro era diuidir q̄ definir, pera se evitar a equiuocaçã, mas que quãdo definē sem diuidir persupoē a diuisã, ou he tal a couza que a não requiere. Religião, disse o religioso, tomase de muitas maneiras, primeira mēte pola sciēcia das couzas diuinas, como refere Plutarcho na vida de Paulo Emilio. Tomase tãbem por temor, como nota Ser. Plutar. uio sobre Virgilio. E tomase pola religiam Seruio. Christam em cōmũ. E tē outras accepções

M. Tul.

nosse

Augusto

nois

de

de q̄ aqui não tratamos. Somēte falamos da
 religiãõ, alsi como se cõmũmēte toma, quã
 do por hũ homē que deixou o mũdo, & se
 meteo na ordem de S. Ieronymo, ou de S.
 Domingos, ou de S. Francisco, ou em qual
 quer outra aprovada, dizemos que se me-
 teo em religiam. Esta he, disse o peregrino,
 a de q̄ vos pergunto. Religiãõ propriamen-
 te, disse o religioso, he hũa virtude moral,
 mas o estado da religiãõ porque pergũtais
 he hum modo de viuer separado, que cõ
 votos, regra, constituições, pias & ordena-
 das cerimõnias, & bõs custumes nos ata &
 liga com Deos, como cõ principio sempiter-
 no, pera o amarmos sobre tudo, & ao proxĩ-
 mo como a nos mesmos. Daqui se segue, q̄
 as cousas da religiam saõ liames, com q̄ ella
 nos lia cõ Deos e cõnosco. E por isso se cha-
 ma ella religiam, á religando, como diz La-
 tancio Firmiano, q̄ quer dizer atar & aper-
 tar. Esta derivaçam segue S. Augustinho no
 liuro de vera religione, e S. Antonino na sua
 terceira parte theologal, onde diz q̄ se deri-
 na de religando, porque o religioso alé do
 cõmum liame dos preceptos, he tãbem ata-
 do cõ o vinculo dos votos. Verdade he que
 S. Augustinho no decimo liuro dacidade d̄

Laetan.
August.

Anton.

Deos diz q̄ religião se deriua de religêdo, q̄ quer dizer tornar a escolher, por q̄ auemos de buscar aquelle, que pelo peccado perde mos. A quem segue S. Thomas na secunda Thom. secūda, o qual como era sanctissimo, & doctissimo, teue por cūstume animarse sempre a sancto Augustinho lunte da igreja, affinas letras como nas obras. Desta deriuaçã se infere q̄ a religiã excita, e moue a tirar o amor das creaturas, q̄ nos empedem o do criador, & polo no mesmo criador, tomando por aluo, onde vã parar as setas de nossas obras, palauras, & pēsamētos. Demanira q̄ a religiam ordena o homē a Deos, não assi como em objecto, mas como em fim, e por isso se n̄o chama ella virtude Theologal, mas moral: por q̄ as virtudes theologaes tē a Deos por objecto, e as moraes por fim. Outros dizē que religião se diz deste verbo relinquerē q̄ quer dizer deixar, e q̄ aquella cousa se chama religiosa q̄ por sua sanctida de he separada das cousas profanas. Dōde os latinos antigos vierã chamar lugar religioso a q̄lle, q̄ por sua difficuldade he remoto e apartado da cōuersaçam dos homēs. E a verdade parece isto ser verdade, porque o religioso hase de apartar & escōder do mūdo.

Exn. 43

do, & como Moyses, pór pelo rosto hũ ve
de clausura & recolhimento, & não se cõfi-
tanto de si, que cuide q̃ está seguro de si no
mũdo, antes lhe ha de fugir, & terse por tã
imperfeito, que cuyde, que qualquer con-
uersação do mundo lhe pode em algũa ma-
neyra empecer, & que qualquer toruação
lha pode dar. Porque esta he hũa grãde per-
feição conhecer sua imperfeição.

CAPITULO. III.

Do recolhimento, & da verdade, &
da fugida de si mesmo.

A Qui falou o peregrino dizendo: Todas
estas derivações de religião me pare-
cem muito bẽ, mas a meu geito essa derra-
deyra me satisfaz sobre todas, porque o re-
colhimento, & apartamento parece cousa
natural ao religioso, & quam bem lhe elle
parece, tã mal lhe está o distrahimẽto. Tri-
ste da q̃lle, disse o religioso, q̃ estado na or-
dẽ não pode viuer em clausura, & no ençar-
ramẽto do mosteyro, & indo á religião pe-
ra se apartar do mundo, não pôde sofrer vi-
uer apartado d'elle, e anẽdo de deyxar suas
cousas anda em busca dellas, buscando ma-
neiras

neiras pera andar fora do mosteiro, & está do nelle cõ o corpo está cõ a vôtade no mûdo, empregãdo seu amor em cousa tã sê elle Mal imitã estes a S. Ieronymo, q̃ dizia, q̃ a pouoaçam lhe parecia carcere, & o solitario apartamento paraíso. Mõge quer dizer solitario & apartado da secular cõuersaçã. A isto alludia S. Ieronymo, quando escreuêdo a Heliodoro dizia. Se es mõge, q̃ fazes na cidade? Sancto Antão dizia, q̃ assi como a subltãcia humida dá nutrimêto aos peixes, assi a vida solitaria dá ornãmêto aos religiosos, & que assi como os peyxes saindo em terra se corrompem, assi a gloria dos monges chegando as cidades se perde. Isto melêbra q̃ li em Cassiodoro na sua historia Tripartica Antiocho autor Grego antigo diz q̃ assi como as abelhas jũtas & encerradas na colmea fazê seus dulces fauos, & não andando fora della espalhadas, assi os religiosos dêtro em seu mosteiro, e não apartados pelas cidades produzê o doce fructo da religiã. Por quête que estê no inuerno hũa estufa, se lhe abrirê as portas ao ar, logo se esfriará. Quero dizer, que por feruente no amor de Deos q̃ seja o religioso ê seu principio, se elle abrir as portas da vontade aos

Hieron.

Hiero.

Anth.

Cassio
Antio-
cho.
Compa
raçãõ.

ventor do mundo, & seus negocios, & tem-
 peitades, de tal maneira se esfriará, q̄ nem
 goſte da lição, nê da oração, nê da contêpla-
 çam, nê dos outros exercicios do moſteiro
 ſenão dos negocios do mûdo, que he bem
 trille goſto, & bem differente dos q̄ tẽ os q̄
 ſe dão ao repouſo ſolitario. As imagẽs gran-
 des quanto mais ao perto as vedes, tanto
 menos perfeitas parecẽ, querem ſe viſtas ao
 longe, por q̄ entam parecẽ mais naturaes,
 tam viuas no parecer como mortas nos me-
 neos. Da meſma maneira os religiosos nam
 ſe hã de deixar ver & cõueſar ao perto, mas
 longe do mundo, apartados da ſecular con-
 uerſaçam ſe ham de deixar ver & conhecer
 mais per fama de religiã, que per familiari-
 dade do mundo. Isto ſentia bem ſam Paulo
 primeiro ermitão, ſancto Antão, ſam Hila-
 rio, ſam Ieronymo, ſam Baſilio, ſam Bernar-
 do, & os outros ſanctos glorioſos, q̄ tomarã
 vida ſolitaria e recolhida, profundos na hu-
 mildade, altos na con èplaçam, lêbrados de
 Deos eſq̄cidos do mûdo, frios no amor da
 terra, abraſados no amor do ceo, mortos a
 carne, viuos ao ſpirito: os quaes fizeram tã
 aſpera & eſpantofa penitencia, que os mem-
 bros deſemparados da força do corpo ſe fu-

tentavam no esforço do espirito, & quando
 de fracos não podiam cantar, e lançar a voz
 e oraçam, ao alto Deos soava aquelle musi-
 co instrumento, aquella arpa sonora & sua
 uissima de seu coraçã, que ainda que se não
 ouça dos mortaes, soa altamête ante Deos.
 E pera que tomemos a cousa mais de lon-
 ge, dizeyme, Elias, & Eliseu, & os filhos dos
 Prophetas, & Sam Ioam Baptista, e outros
 diuinos varões, que se forã aos ermos, que
 faziam senão ensinarnos, quanto nos con-
 uem o apartamento. Si, disse o peregrino,
 mas todavia effes mesmos tornauam a po-
 uado. E Sam Ioam veo do deserto a Ieru-
 salem a pregar na corte del Rey Herodes.
 Isso, disse o religioso, he verdade, por q̄ quan-
 do a charidade o require, licito he aos reli-
 giosos pregar nas cidades, & nos paços dos
 principes. Nem digo eu q̄ rã sayam nunca
 os religiosos de casa, mas q̄ nã sayam a ne-
 gocios de necessarios. Porque se elles sam
 necessarios & importantes, & q̄ redundam
 em seruiço de Deos entam deue cõ deuida
 obediencia sayr a fazelos, & nem por isso
 perdem sua religiam. Por q̄ assi como o sol
 ainda q̄ mude os signos, & corra todo o zo Compa
 diaco, não por isso deixa de resplâdecer & ração.

allumiar aos mortaes, assi o bom religioso mudado diuersos lugares, & corredo muytas partes, e todas mostra sua virtude, e relplandece cõ sua religiãõ. Assi o fez S. Ioã Baptista, q̃ mudando os lugares nã mudou a vida, & tã sancto era em Ierusalem no paço de Herodes, como fora no deserto de Palestina. Foi muito disse o peregrino, falar S. Ioã tã solto a el Rey Herodes, & dizerlhe a verdade tã liuremẽte. A verdade, disse o religioso he tã liure, & isenta nos homẽs de bõ espirito, q̃ onde se lhe apresentãõ maiores temores, ahi tẽ mór ousadia, e onde lhe fazẽ mais força, ahi mais se esforça. Verdade he q̃ hahi verdades, q̃ senã hã de dizer, & hai outras, q̃ caso q̃ he bẽ que se digãõ, que rẽse ellas cozidas, porq̃ hũa verdade crua não ha estamago de emã q̃ a esmoa. Hũa galinha he bõa igoaria, mas quer se assada, ou cozida, porq̃ crua nã ha quẽ a digista, nem quem a possa comer. Assi a verdade he igoaria maravilhosa, mas quer se cozida & temperada pera cõfortar o estamago dalma, & não escãdalizar. Bem que ahi peccados tam crus, que he necessario que a verdade se diga crua, & que o pregador a diga sem receo como fez Sam Ioã, de q̃ falamos, com Herodes

Compa
ração.

rudes, pelo qual elle o matou. Este foi o bis- Mat. 14
 pado q̄ el Rey deu a seu pregador, matalo
 porq̄ lhe falou verdade. He cousa maraui- Mat. 6.
 lhosa hũa donatã bella como á verdade pa-
 rir hũ filho tã feo como o odio. Mas solde-
 mos o fio á pratica q̄ corta sc̄s cõ vossa per-
 gũta S. Ioão, ainda q̄ pregou no paço, toda-
 via criou se no deserto. A q̄lla foy a acade-
 mia & eschola onde aprédeo. O deserto he
 como arrabalde do ceo, onde Deos leua os
 seus muito amados, pera lhe fazer grandes
 merces. Falando elle pello propheta Osea Osea. 2.
 na alma deuota diz: Leuala cy a lugares soli-
 tarios, e alli lhe fale rey ao coração. Estes es-
 colheram os sanctos pera nos ensinarem o
 proueyto, que traz consigo o apartamento
 em especial ao religioso, que ha de deixar o
 mundo com seus cõtentamentos. Vindo os
 filhos de Israel do Egypto, diz a sagrada es- Exo. 13
 criptura, que sayram todos de Ramasies,
 que era hũa Cidade de ladrilho quasi nos
 termos do Egypto. Bem podera a escriptu-
 ra contar esta sayda do Egypto sem fazer
 menção de Ramasies, mas dizer q̄ pera ca-
 minharem pelo deserto pera a terra de pro-
 missão, auiam de deixar totalmente a esta
 cidade de terra não carece de mysterio. Ra-

Hieron, maffes, como diz S. Ieronimo no tratado das manfoês dos filhos de Israel, quer dizer trouã de contentamento, Que he isto? Que nos querẽ nisto as diuinas letras significar? fenã que os religiosos, que deyxam Egypto, que he o mundo, ham tambem de deyxar seus contentamentos, & ham de caminhar pera a verdadeyra terra de promissão, que he a gloria, pelo deserto, & vida solitaria, & recolhimento da religiã? E poys buscam contentamentos do ceo, hã de deyxar os da terra, porque os do ceo são tam longos, que ja nũca se ham de acabar, e os do mundo tam breues, que os cõpara aqui a escriptura a toruão, que logo passa. Em dizer que esta Cidade do Egypto era de terra & de taypa, & não de pedra e cal, nota a baixeza, vileza, & incerteza do contentamento do mundo, & em dizer que se chamaua trouão de contentamento significa sua inconstancia & pouca dura. Pois este contentamento do mundo tam incerto e tam breue ha o religioso de deyxar, & morrera elle enterrandose na religião, viuendo nella sepultado ao mundo. Isto he o q̃ dizia s. Paulo na segũda aos Corinthios. Sejam os como mortos, sãdo nõs viuos. E aos Colossenses;

2. Co 6.
Colof. 3

Mortos sois, & vosa vida escondida he com Christo em Deos. Estando hũ homem pera morrer faz seu testamento, & testamenteyros, e aproprinquãdose á morte perde o calor natural, & o vso dos sentidos, de maneira q̃ nẽ ve, nẽ ouue, nem fala até que morre que perde totalmente o movimento, de maneira que pera ser mouido ha de ser peroutrẽ & nã per si. Entam o emborilham & amortalham, & finalmente o sepultã. Desta mesma maneyra se ha de auer o q̃ vem tomar o habito a religião: primeyramente ha de fazer seu testamento, encomendãdo sua alma a Deos, e o corpo aos trabalhos, e repartindo suas riquezas sem appropriar nada pera si, fazendo testamenteyros a seus prelados, entregando sua vontade á d'elles mesmos. E logo ha de perder o calor natural, quero dizer, o amor do mundo, e nem ha de ver, nẽ ouuir nem falar cousa, que lhe empida o amor de Deos. E tãto q̃ fizer profisã ha de ficar morto ao mundo, & ja se não ha de mouer per sua vontade, senã pela de seu prelado, & ha de ser amortalhado num habito, & finalmente escondido no molleyro como em sua propria sepultura. E viuento desta maneira he morto & viuo, & viuẽ

Capit. III.

Rom. 6,

do em si não ha cousa tam lóge d'elle como elle. Isso disse o peregrino, folgaria eu de entender. Porq̃ como he possivel, q̃ viuêdo hũ homem em si, viua lóge de si. Eu volo dity respõdeo o religioso. Em mĩ ha dons eus. E isto ha em todos os homẽs, hũ segũdo a carne, outro segũdo o spirito. Ao primeiro chama sam Paulo homem velho, ao outro homem novo. O homem velho trazemos de Adã, & do ventre de nossa may saymos cõ peccado, que he a sorte q̃ nos cabe, por sermos da linhagẽ dos primeiros padres transgressores do diuino preceito. E no homẽ nouo somos renouados per Christo, do qual temos a graça por sermos regerados & remidos cõ seu precioso sangue. Porq̃ assi como senão fomos gerados de Adã, não nascemos injustos, assi se não fomos regerados per Christo, nã fomos justificados. E este homem velho, que he segundo a carne, auemos de despir, & despedir, & desterrar de nos, & ficar no nouo, q̃ he segũdo o spirito, pera q̃ assi deyxemos de ser quem fomos, & viuendo em nós segundo o spirito, viuamos longe daquelle nós, que he segundo a carne, & possamos dizer com o diuino Paulo: Viuo eu, ja não eu, mas viue Christo

Gala. 2.

Christo

Christo em mim. Aquelle mesmo homem infimado no amor do alto Deos, viuia lóge daquelle si mesmo, q̄ em outro tēpo perseguia os Christãos. Embebeose tanto no amor de Christo, que se crucificou ao mundo, & o mūdo a elle, & abrafado naquellas bēauenturadas chamas da diuina charidade, como aue Fenix morreo ao mundo, & ficou gerado outro Paulo per Christo. Morreo em vida, ajuntou a lenha de seus pensamentos, & acendeo se hū fogo como aq̄lle de que dizia o Propheta: Em minha meditação arderá o fogo, Alli naquelle fogo se esteue debatendo có as afas da cōsideraçã de quem foram, & quão cego andat no tempo em q̄ elle affeyçoado a seu erro corria tras elle a redea solta perseguindo os Christãos. E desta cōsideração nascia outra das merces, que de Christo tinha recebido, que o fazia esquecerse de si, & o soruia nas lembanças domesmo Christo. E abrafado em hum diuino amor & ardente desejo queymou as penas velhas dos peccados e desfez o que fora, & na cinza do desprezo de si, se gerou aquelle bicho de humildade, ao qual nasceram grandes penas de charidade & amorosos desejos, & da todas as virtudes. E

Gala. 6.

Psal. 38

alc-

aleuantouse em contemplação, & foy arrebatado marauilhosamente, & veu a voar tam alto, que chegou ao terceyro ceo, & ouuo segredos, que como elle diz, não he licito ao homẽ per palauras explicalos. Finalmente morreo a Fenix velha do perseguidor dos Christãos, & leuantouse e resurgio, outra aue Fenix vnica, nomeada em todo o mundo. Porque a Fenix he hũa só no múdo segundo dizem. De perseguidor aleuantouse hum Apostolo, & vaso escolhido, vnico na conuersam, vnico no amor, vnico nos trabalhos, vnico no sofrimento, vnico na sabedoria & doutrina, vnica Fenix na alta contemplaçã, vnico espelho de peccadores perseguidores de Christo, em que resplãdece a diuina misericordia Finalmente ficoutal q̃ diz Chrysolomo, q̃ o seu coração era mais alto q̃ os ceos, mays largo q̃ todo o vniuerso, mais resplandecẽte q̃ o sol, mais feruente que o fogo, mais firme q̃ o diamãte. Vedes logo aqui como nã repunha viuermos em nós sem nós. Antes he necessario lançar de nós a carne, & viuer segundo o spirito. Isto he o q̃ dizẽ as diuinas letras no Ecclesiastico. Não vãs tras tuas cõcupiscências, & apertate da tua vontade. E s. Paulo aos Romanos:

s. Co. 12

Chryso.

Ecl. 18

Rom. 13

nos. Vestiuous do señor Iesu Christo, & o cui
 dado da carne não o façais em vossos dese-
 jos. E aos Ephesios: Dexaiuos següdo avof
 sa velha & antiga cõuerção, põde a hũ ca-
 bo o homem, que se corrompe segundo os
 delejos errados, & sede renouados no spiri-
 to da vossa mête, & vesti o nouo homem, q̃
 següdo Deos he criado em justiça, & sancti-
 dade da verdade. E finalmente isto he o q̃
 nos ensinou aq̃lle celestial mestre Christo
 nosso Deos, dizêdo: Quê me quiser seguir,
 negue a si mesmo, & tome sua Cruz, & siga
 me. Trescoufas diz aqui Christo aos q̃ quise-
 rem ir tras elle. A primeyra que se ham de
 negar a si mesmos, a segunda q̃ hã de tomar
 cada hũ sua Cruz, a terceira, q̃ deyxãdofe a
 si ham de seguir a elle. Diz S. Ieronimo, q̃
 aquelle nega a si mesmo, que deyxã o homẽ
 velho com suas obras, & pode dizer cõ ver-
 dade: Viuo eu, ja não eu, mas viue Christo
 em mim. Então nos negamos a nós mes-
 mos, quando batendo o mundo á porta de
 nosso coração tentandonos com suas falsas
 esperanças, & o diabo cõ seus enganõs, & a
 ca ne com suas pestíferas deleytações, nos
 negamos dizêdo que não somos os q̃ elles
 buscam, q̃ ja alli não viue quẽ elles cuidãõ

Ephes. 4.

Mat. 6.

Luc. 9.

Hieros

Isto

Hieron. Isto he o q̄ quis significar S. Jeronymo nos cōmentarios sobre a epistola ad Titú, quando disse q̄ tantas vezes nos negamos, quantas pisamos cō os pes os vicios antigos deyxando de ser o q̄ fomos, & começado a ser quē deuiamos de ser: Nã he outra couza negarse hũ homẽ a si, senãõ sopear & abater o corpo, trazer arrecado o pensamento, resistir a todo o mau appetite, morrer á carne & guiar se pelo norte do espirito, & finalmente desterrar de si a si, pera q̄ viua Christo nelle. Isto estaua figurado no testamẽto velho, sombra & figura do nouo, onde està escrito q̄ teue Abrahã dous filhos, hũ chama

Gen. 16 do Ismael filho d̄ Agar, criada sua, or trochamado Isaac, de Sara, sua propria molher. O

Gen. 21 filho da serua nasceo segũdo o humano costume, & o da liure segũdo a diuina re-promissão. A hũ chama S. Paulo segũdo a carne ao outro segũdo o espirito. E dizẽ as diuinas letras no Genesis, q̄ vêdo Sara q̄ o filho de Agar brincava cō seu filho Isaac, disse a Abrahã, q̄ o lâçasse fora de casa. O que Abraham tomou duramẽte. Mas disse he Deos, q̄ fizesse o q̄ lhe dizia Sara. E nã curãdo elle de se pôr às chaças cō Deos, lâçou fora de casa seu filho Ismael, q̄ andou desterra

do em

do em risco de se perder. Per Ismael se entende a carne, p' Isaac a alma. Sara q' na lingua g' Hebreá quer dizer Princeza, he a razão, q' esta he a q' ha de dominar, e a q' todos os sentidos há de obedecer. Em os sentidos ou vindo a cãpainha da razão há logo de acudir prôpto a todo o seruiço. Agastarse Sara de ver Ismael brincar cõ Isaac he nã sofrer a razão, q' a carne faça mimos, e afagos a alma, representádolhe lisongeiras esperanças falsos cõtétamêtos, & doces enganos. Mandar Deos a Abrahã, q' desterre, & lâce fora a Ismael, & que obedeça a Sara, he dizernos q' lancemos & apartemos de nòs nossa carne, & q' viamos segũdo o spirito, & obedecemos à razão. Donde veo a dizer S. Paulo escreuendo aos Romanos: Os que saõ em a carne, não podẽ cõtentar a Deos. E logo mais abayxo: Se viuerdes segundo a carne, morrereis. Dõde se cõlhe claramẽte, q' nos vay a vida em viuermos sem nòs, & q' viuido em nòs não viemos, porque a tal vida da carne he morte d'alma. E dos q' desta maneyra viuia, dizia Christo nosso Redẽptor. Deixay os mortos enterrar seus mortos. E a morte dos taes procede da carne, q' tão perseguie a alma, q' a mata pelo cõsentimen

Rom. 8.

Mat. 18

to do peccado mortal. Esta he a causa, por q̄
Gal. 4. diz sam Paulo na epistola aos Galatas, que
 Ismael perseguia a Isaac. Isso disse o peregrino
Gen. 12 no, folgaria eu padre q̄ me declarasseis. Se
 no Genesis, onde se cõta a hiltoria, nã diz
 que Ismael perseguia a Isaac, senão que zõ-
 bava ou brincava com elle, como vós ago-
 ra dizieis, como diz S. Paulo q̄ o perseguia.
 Que cousa he esta, a brincos chama o Apo-
 stolo perseguições, respondeo o religioso.
 Não ha mór perseguiçam no mûdo q̄ a q̄
 a carne faz a alma. Aquelles mimos & afa-
 gos cõ que a carne anima & grãea a alma
 pera q̄ cõsinta no peccado, a q̄llas enganosas
 deleitações, q̄ lhe representa, a q̄llas teas q̄
 lhe anda vrdindo de falsas esperanças, a q̄lles
 fios de vaõs pêsamentos tã lógo, & tam a fi-
 nha cortados, e dados ante tẽpo aos agudos
 fios da morte, a q̄llas promessas tam brãdas
 & tam falsas das prosperidades do mûdo, q̄
 sãõ senam terribes perseguições? Esta he a
 causa por q̄ dizẽdo o liuro do Genesis q̄ Is-
 mael afagava a Isaac, diz S. Paulo q̄ o perse-
 guia. Por q̄ á verdade a q̄lla se pode chamar
 verdadeira perseguiçam, q̄ cuberta cõ appa-
 rências de alegrias tẽporais leua a alma a tor-
 mentos eternos, apagãdo o juizo pera não

ver seus males, & accendendo o appetite,
pera não pagar os direyos á razão.

¶ CAPITVL O. I I I I.

Dos dous sentidos da sagrada escriptura,
& da perfeçam, q̄ he a fini da Religião.

EM extremo folgou o peregrino de ouvir a explanação da figura, por lhe fartar o entendimento, que estaua faminto & deseioso de a entender, & pôdo os olhos no religioso, disse. Satisfezme tanto a exposiçam dessa figura, & descubrio ella tam claramẽte o proueito da fugida de si meſmo, q̄ me moueo a desejar de achar caminho pera fugir de mim. Crede que hũa das cousas, que mais deleytam o espirito, he tratar cousas da sagrada escriptura. Quãdo começastes a contar a historia, pareciam me as palauras conchas de ostras, mas como as começastes a abrir, vias dentro cheas de perolas mais preciosas que as nossas Oriêtaes. A sagrada escriptura, disse o religioso, alê do sentido literal, té outro espiritual. Refere Eusebio na historia escholastica, que diziam os antigos, que era a escriptura hũ animal, cuja letra era o corpo, & o espirito a alma. Diz

Capi. IIII.

Origenes, que assi como andando Christo na terra, muitos viã sua humanidade, mas poucos conheciam sua diuidade, assi estãdo antre nós a diuina escriptura, muitos lhe vê a letra, mas poucos o spirito. Diz Theodoro, q̄ assi como as pedras preciosas, quãdo as achã, estã per cima cubertas de bayxa & vil materia, a qual os mestres & artificiosos lapidarios lhe tirã, assi a doutrina da sagrada scriptura, debaixo de palauras pouco polidas tẽ ricos e preciosos misterios. As palauras de cima dizem, q̄ Ismael he hũ filho de Abrahão, ma shũ dos sentidos allegoricos diz q̄ he a carne. Este he o homẽ velho, isto he o q̄ temos de Adam. Aquelle mortifero bocada, a q̄ Eua o cõvidou foi principio de nossas desauẽturas. Dõde os mininos ã nascẽdo não como em naufragio saẽ tremẽdo & chorãdo parece q̄ polo peccado de Adã. E na boca, per onde Adã peccou, trazẽ elles o final do peccado, q̄ he o choro, como pre nũcio dostrabalhos, q̄ depois ã todo o discurso de sua vida hã de passar. Porq̄ como diz S. Augustinho, as lagrimas dos mininos sãõ claros sinais da miseria de nossa vida. Assim como hũa ribeira, q̄ nasce no pinaculo de hũa alta serra perto do mar, sae logo fazẽdo

rugido

compara
ção

rugido, & vê decêdo pelos arrecifes batêdo nas duras rochas, & fazendo rôco tom, cõ os quebrados de suas agoas, a maneyra de quem vem chorando, atee se vir meter no mar, onde vã parar todos os rios, afsi nos como nacemos começamos a lamentar, & afsi imos todos os dias de nossa vida, chorando & gemendo, & queixâdonos, dando cõnosco hora num, hora noutro trabalho, atee q em fim imos dar cõnosco no mar da morte onde os rios de nossas vidas, afsi grâdes, como pequenos, se vã acabar & consumir. E acabada a vida imos dar conta a aquelle juſto juyz & alto Deos, do qual somos segun do nossas obras julgados, e posſos no lugar de nossos merecimentos, hũs no parayſo, outros no inferno, outros no purgatorio, a fora os mininos que morrem ſoamente cõ peccado original, q estes vã zo lugar pera elles constituido. E aquelles que nesta vida se apartarã do mundo & de ſi meſmos, & tomadas suas Cruzes seguirã a Christo, recebem por breues trabalhos eternos deſcã ſos. E pera se isto melhor poder fazer se fizeram as religiões, que ſam como certos atalhos pera a vida eterna, per mão de aquelle alto Deos ordenados, que em nenhũa cou-

fa teue desordẽ. Qu'al he, perguntou o peregrino, a fim da religiam? A fim n, respondeo o religioso, pera que ella foy ordenada, he a perfeção. Afsi o diz S. Antonio na terceira parte, onde vay seguindo a doutrina de S. Thomas. E esta perfeção cõsiste em alcançar a perfeita charidade, segũdo aquillo do

Colof. 3

Apostolo aos Colossenses: Sobre todas as cousas tende charidade, que he o liame da perfeçã. Esta charidade, lia & vne cõ Christo: & o que a té he feito hũ spirito cõ elle.

1. Co. 6.

Isto he o q̄ diz S. Paulo: Aquelle q̄ está unido cõ Deos, he hũ spirito cõ elle. O amor té virtude vnitiua, & trãformatiua. S. Augustinho diz, q̄ alma mais está onde ama, q̄ onde anima. S. Dionysio diz q̄ o amor trasforma o amante no amado: & como a charidade he amor, vne & trãforma, & faz sobir tã alto o amante, q̄ o leua ao ceo, onde está cõuersando cõ os Anjos, feito hum espirito com Deos. São Gregorio vsa, pera explicar isto, desta comparação: Agoa que vem d'alto, sobre tanto q̄ chega ao lugar, dõde desce, se está vnida na fõte, por q̄ se fizerdes buacos á fonte, derramar-se ha agoa, & nã subirá cima. Afsi se nossa alma está vnida cõ

Compa
ração.

figo, sobe tãto pera cima, que chega ao ceo
que

que he a sua patria: mas fazerlhe hum bura
 co pera as riquezas, outro pera as honras,
 outro pera os falsos cōtentamentos do mū
 do, derramar-se ha alma, & não subirá: mas
 ajuntandose & vnindose sobe tam alto que
 traspassando as nuuês se vay ao ceo, ficado
 quanto a sua essencia em terra. Isto he o q̄
 dizia o real Propheta: La estauam os nossos **Psal. 121**
 pés nas tuas moradas ó celestial erusalem.
 Os pes d'alma são as affeyções, cō as quaes
 ella anda como o corpo cō os pes, sē se mo
 uer per si localmēte. Isto he o que dizia S.
 Paulo aos Philippēses: A nossa conuersação **Phili. 3.**
 he nos ceos, isto dizia elle, porque os justos
 estã liados cō Deos per amor & charidade.
 E como a perfeiçã da criatura seja estar vni
 da cō o criador, & esta vnião seja effeito da
 perfeita charidade, segue-se q̄ quem alcãçar
 esta charidade alcançará a perfeiçã. Mas
 esta perfeiçã, q̄ se alcãça nesta vida, he de
 duas maneiras, hũa menor, outra mayor. A
 menor he quando o homẽ excluye, e nã ad
 mitte cousa cōtrayra a charidade, que he o
 peccado mortal: a mayor he quãdo o homẽ
 se aplica todo a darse a Deos: & não somē
 te não comete peccado mortal, mas deyxã
 as cousas humanas polas diuinãs, & se ètre

ga a Deos em holocausto & perpetuo facti-
 ficio, & esta mayor perfeção he ordenada
 a religião como a fim. E esta he a que deue
 buscar, & trabalhar por alcançar os religio-
 sos, pois pera isso foram as religiões consti-
 tuídas. Porq̃ Deos inspirou aos sanctos que
 fizessem regras, & estatutos, & clausuras, on-
 de os religiosos separados dos incôuenien-
 tes do mundo guardassem a vida Euangeli-
 ca gastado o tempo nos lououres de Deos
 rezado & cantado os diuinos os officios, su-
 primindo & sopeado os appetites com vigi-
 lias, & abstinencias, lições, meditações, disci-
 plinas, & outros spirituaes & corporaes tra-
 balhos & exercicios, & obras de misericor-
 dia empregado nisto o cabedal de suas obri-
 gações. E daqui vem q̃ os religiosos como
 diz S. Bernardo, caê mais raramente, & le-
 uantamse mais ligeiramente, andem mais
 cantos, viuem mais quietos, sam de Deos
 mais fauorecidos, morrê com mais confian-
 ça, & sam remunerados com mayor gloria.
 Os leigos virtuosos dam a Deos a fructa da
 sua auore, mas os bõs religiosos nam só-
 mente lhe dam o fructo mas toda a auore,
 porque polos votos que fazem, se dá todos
 a si mesmos a elle. Esta he a causa, como õiz
 S. Ansel-

Bernar.

S. Anselmo, por q̄ he mais meritoria a bõa obra do q̄ he obrigado per voto, q̄ daquelle que he sem a tal obrigação: porque o hũ da a Deos a fructa ficando he a aruore, o outro a fructa & aruore. E desta maneira fazẽ os religiosos sua vôtade em a não fazerem, submetendose ao prelado, & offerecendose a Deos em holocausto, quero dizer, em total sacrificio. E assi como o holocausto era todo queimado, assi o verdadeiro religioso ha de ser abraçado naquella viva chama do diuino amor, que consume toda a terreal baixez, de maneira q̄ separado do corpo alienado de si mesmo, esté mais em Deos que em si, pera que como verdadeiro amante se ja no amado embebido, e trãformado. A si como o espelho daço posto aos resplandentes rayos do sol, não somente fica resplã decente, mas ainda lâça de si os mesmos rayos semelhãte ao sol, & trãformado nelle assi o verdadeiro religioso estando amando & contemplando a Deos, està recebẽdo os rayos do diuino resplãdor, & allumiada sua alma está allumiando & lançãdo de si estes rayos, trãformado na mesma imagẽ dhũa claridade grande noutra mayor. E assi està do amando & cõttemplando a Deos, se està

fazendo diuina, transferindose no modo, &
 imitação da diuina natureza. Assim interpre-
 ta Theophylacto depois de Chrysostomo a-
 quelle lugar de S. Paulo na segunda aos Co-
 rinthios. Nos todos descuberta a face espe-
 culando a gloria do Senhor na mesma ima-
 gem somos trãformados de claridade em
 claridade. Este modo de vida he o a q̄ comũ-
 mente chamamos religiãõ, q̄ consiste em
 darse a Deos, & apartarse do mũdo, & de si
 mesmo. Dõde parece bõa a sentença dos q̄
 dizẽ, que se deriu a religiãõ de relinqũdo, q̄
 quer dizer deixar, ou apartar. E de tal ma-
 neira ham os religiosos de deixar o mũdo,
 & apartarse d'elle, & fugir-lhe, q̄ nem d'elle
 nẽ de suas cousas queirã algũm. Cõta a sagra-
 da escriptura, q̄ vendose o bõ Iacob muitas
 vezes enganado de Labam, & que quanto
 mais o seruia, tanto pior o tratava, pagãdo
 lhe com ingratitude & injurias, obras mere-
 cedoras de galardã, lhe fogio pera a terra
 de promissã, trazendo consigo todo seu fa-
 to & fazenda. Tanto que o Labam disto foi
 sabedor, foy apõs elle, & o alcançou no mõ-
 ro Galaad, onde lhe reuolueo seu fato sem
 achar cousa nenhũa sua. E alli fizerão hũ cõ-
 trato, q̄ nẽ Iacob queria nada de Labẽ, nẽ

Labam

Labã de Jacob. E posera nome áquelle mó-
 te Galaad, q̄ q̄r dizer móte de testimunho
 Diz S. Ieronymo, a quẽ segue Pagnino, que
 Labã quer dizer brancura. E Philo Hebreo
 diz, q̄ quer dizer cor. Como quer que seja,
 elle não quer dizer cousa solida, & firme, &
 substãcial, mas a cor da cousa. Quẽ he este
 Babam, este enganador, traydor, ingrato, q̄
 tâtas vezes enganou a Jacob? Quem he es-
 te mau, que não tem do bem senão a cor,
 que não tem cousa firme & maxiga, senam
 sombras & apparencias? Quẽ he este senão
 o mundo? Pois vemos seus enganos & seus
 males, & q̄ não cura nossos grandes descon-
 tentamentos senão com algũs descôtos de
 breues alegrias, & estas conuerteas em tam
 desesperadas tristezas, que a esperança que
 nos falta pera sermos alegres, nos sobeja pe-
 ra sempre sermos tristes, não o siruamos, nẽ
 lhe obedeçamos, mas tome mo todo o nos-
 so fato, todos nossos pensamẽtos, entrouxe
 mos tudo no carro da memoria, & fuçamos
 do mudo, não tenhamos cõ elle comprimẽ
 to algũ, vamonos sem nos despedir d'elle, fu-
 çamos lhe caminho da terra de promissão, q̄
 he a vida eterna, fuçamos de Labam, deste
 enganador & perseguidor dos bõs, & suba-

mos ao monte Galaad. Mas que monte he este, onde se acolheo o bõ Iacob, onde aue mos cõ elle de subir, senão á religião nõte alto de virtude? Mas os que aqui estiuere, não cuidem q̃ estam seguros, porq̃ aqui os ha de vir buscar Laban, aqui ha de vir dar cõ elles tentãdoos & perseguindoos, a hũs com representações de cõtentamẽtos, a outros de hõras, a outros doutras cousas. Ao coraçã do religioso por humilde & virtuoso que seja, quãdo vagam os officios, & prela zias, lhe tocam algũa hora á arma os pensa mentos vãos, mas compre acudir logo com a razão, & desprezar tudo, e fugir de taes pẽ samẽtos como de cousas de Laban, pera q̃ quãdo nos quiser saltar, & dar comnosco estãdo nõs em Galaad, não conheça e nos sas cousas nenhũa sua. Bemaventurado he aquelle em cuja cõsciencia não ha cousa do mũdo, em cuja casa, em cujo coração não acha Labã alfaya sua. Que cousa he religião senão hũ monte Galaad, hũ monte de testi munho, hum môte que testifica q̃ nem La ban quer nada de Iacob, nẽ Iacob de Labã quero dizer, q̃ nẽ o religioso quer nada do mundo, nem o mundo do religioso. O glo rioso monte, o maravilhoso couto, onde se
faz

faz o cōtrato & cōcerto, q̄ nem Jacob quer ter conta com o mundo, né o mūdo cō elle onde o religioso professa & testimunha que deixa não somente o mundo, mas a si, & q̄ caminha pera a terra de promissam, pera o ceo, pera o banquete dos Anjos, pera a forberana Ierusalé, pera aquellas gloriosas, & bemaventuradas moradas que ja nunca teram fim. Os q̄ andam no mūdo andam no **Compa** corro em perigo, mas o religioso está sobre **ração.** o firme palanque, como homē que da terra está vêdo a tēpestade & naufragio do mar. Verdade he, q̄ se acertam de quebrar as cordas do balāque, cae o q̄ estava nelle acolhido: así se os votos se quebrarem, dá o triste do mōge defauēturada queda. Mas em fim a religiam he o firme palēque, & o alto mōte Galaad. Verdade he, que por mais q̄ hū homē deixe a conuerfação do mūdo, & fuja a todo correr de Laban, não subirá ao cume do monte Galaad, senão arder em fogo quero dizer, que não alcançará a perfeição da religiam, senão tiuer a perfeita charidade. Fingirā os antiquos escriptores hūa serpente chamada hidra, de muitas cabeças de tal natureza que cortandolhe hūa lhe nasciam por ella muitas, & q̄ nã auia outro **medio**

medio pera lhas tirar de todo senão quey-
 malas, por q̄ o fogo lhas nã deixaua crescer
 E fingiram q̄ o famoso Hercules cō fogo a
 matara, pela qual causa elle mereceo perpe-
 tua memoria. Isto he o q̄ elles escreueram:
 não pera nos crermosque isto realmete assi
 passara, senão pera que nestas fições metef-
 sem sua doutrina embuçada em fabulas poe-
 ticas. O glorioso Basilio, a quẽ os antigos
 cō muita razão chamarã Magno pola gran-
 deza de sua alta sabedoria singular eloquẽ-
 cia, & grãde sanctidade, interpreta & mora-
 liza altamente esta fiçam. Diz elle q̄ as cabe-
 ças da terribel serpente sãõ os appetites &
 tentações, & que o fogo he o amor diuino,
 sem o qual cortadas as cabeças tornã logo
 a crescer, porque ficam debaixo as rayzes,
 & donde ás vezes cuidamos q̄ atalhamos a
 hum appetite ou tentaçam, caímos em eu-
 tras muitas. Pelo qual he necessario quey-
 malas de todo cō o diuino fogo, pera q̄ assi
 tiremos a vida a esta braua serpẽte da sã sua
 lidade, inimiga de nossa alma. Demaneyra
 que os religiosos, ham de ser abrafados nas
 gloriosas chamas do amor de Deos. Isto
 quis elle significar, quando mãdaua no Le-
 uitico, que fossem queymados no fogo os
 ani-

Basilio.

Luitico

animas, que lhe eram offercidos em sacrificio. E os que estam inflâmados nesta perfeita charidade, alcançã o cume de Galaad quero dizer, a perfeçã da religiã. E este modo escolhi eu de vida, pera alcãçar a verdadeyra vida, por me parecer que se atalha pera qui mais, & q̄ he este hum caminho di-
 reyto pera os bẽs eternos, & nelle viuo muito contente. E prouera a Deos que tal fora minha vida qual he a doutrina, que eu rici-
 bi na religiã, na qual sempre vi a uita uirtude, vinte annos ha que nella viuo: ainda q̄
 hãõ sey se diga que viuo, porque a vida dos que nam dam verdadeiro fim a seus males,
 nem verdadeiro principio a seus bẽs, parece que se deue chamar morte, q̄ os taes muitas vezes deixam primeiro a vida, que comecem de viuer.

CAPITULO. V.

Da obediencia, & victoria de si mesmo, & verdadeira nobreza.

TEndo o religioso acabado seu razoamento, cuidando que não ouia hi mais que dizer, disse o peregrino. Hum inconueniente acho eu nas ordens, & he que auendo nel-
 las

las homens de bõa casta, & nobre sangue
 acertam de ter por prelados homẽs baixos
 & ás vezes não dos mais virtuosos. E pare-
 ce que os homẽs de lustro, & de tomo mere-
 ceram pouco cõ o desgosto de se verẽ man-
 dados de quem merecia ser mandado d'el-
 les. Lá na religiãõ não me determino no q̃
 vay, mas ca crede padre, q̃ sentem os homẽs
 altos, serem gouernados dos baixos, & quã-
 to mais olham pera o alto de seu merecimẽ-
 to, tanto mais sentem o baixo de sua desua-
 lia. Alto pensamiento & baixa ventura sam
 dous materiaes, que quando se ajuntam, fa-
 zem hũa beberagem, que estraga & aposte-
 ma de tal maneira a natureza, q̃ muitas ve-
 zes senão arrebutasse pellos olhos, arrebutã
 taria o coraçam. Isto se escusaria se os Prin-
 cipes & capitães fizessem toq̃ dos homẽs, e
 quantos quilates cada hũ tiuesse de mereci-
 mẽto, tantos lhe dessem de galardam. Mas
 quãdo eu vejo maos fauorecidos, & bõs de
 festimados, & os que estã ouro & fio na cul-
 pa desfigoas na pena, & q̃ a cousa se gouer-
 na nã per razã mas per afeicã, perco mil
 vezes o sofrimẽto. E como os religiosos dal-
 ta estofa, caso que sejam spirituaes, todavia
 sam humanos, parece que teram pouco me-

recimento cõ o desgosto de seruirem, quẽ se estiuera n no mundo, se prezara de os seruir. Antes esse, disse o religioso, he muyto mór merecimẽto. Que cousa pode ser mais gloriosa, que catiuar hum homem sua propria vôtade por amor de Christo, fazẽdose subdito, de quem folgara noutro tempo de ser seu criado, & atar seu proprio querer de pés & mãos? & assi como Abrahã fez a seu proprio filho Isaac, polo no altar da obediẽcia, pera fazer delle a Deos perpetuo sacrificio? Esta he a mais excellẽte victoria, a mais alta presa, o mais illustre triũpho, & o mais glorioso tropheo, q se pode imaginar, vècer hũ homẽ a si mesmo, & catiuar se pera ser liure, por q seruir a Christo não he seruir se não reynar. isto he o q diz Salamã nos proverbios: O varão obediẽte cõtra a victoria **Gen. 29**
Pro. 21
August.
 E como diz S. Augustinho, o homẽ nã se fomete ao homem, por amor do homẽ, senão por amor de Deos, & como o amor d Deos seja alto, & vença todas as cousas, fica o hõ subdito alto & vècedor obedecẽdo a hũ baixo & vencido, pois obedece a elle por obedecer a Deos. E he tam aceita a Deos esta obediencia, q diz elle que a que antes que sacrificios. Diz São Gregorio que não sem
 causã

coisa he perferida a obediência ao sacrificio pois no sacrificio se offerencia a Deos a carne alheia, & na obediencia sua vôtade propria. Se Christo verdadeiro Deos obedeceo por q̄ não obedeceremos a nós? Delle diz S.

Phili. 2. Paulo aos Philipêses. Humildouse a si mesmo, feito obediênte atee a morte, morte de cruz. Palavras são estas pera nos mouerem e fazerê meter toda nossa presumpçã debaixo dos pes. Mas são homês tâ opiniaticos, & altiuos, que não tem a lembrança destas cousas pera com elle tanta força, que a faça a sua fantezia, que elles dizê q̄ os força. Obediencia como a define Peroldo, he hũ volũtario & racional sacrificio da propria vôtade.

Heb. 13 de S. Paulo escreuêdo aos Hebreos diz assi: Obedeçey a vossos prelados, & sometei uos a elles. S. Gregorio diz, que a obediência não somente he virtude, mas madre das virtudes. E nos Moraes diz, que a obediencia he a q̄ enxerta n'alma os garfos das outras virtudes. E esta he a causa, por q̄ os grandes religiosos querê antes morrer q̄ desobedecer, & trazem sempre ante os olhos a obediencia de Christo nosso Salvador, do qual diz Sã Paulo aos Hebreos: Sendo elle filho de Deos aprêdeco a obediencia das cousas, que

que padeceo. Isto he do Apostolo. A desobediência de Adam lançou o homê do parayso & a obediência de Christo o meteo nelle. Em S. Ioão diz Christo: Descei do ceo, não pera Ioan. 6. que faça minha vontade, mas a daquelle q̄ me inuiou. E em S. Matheus: Nã así como Mat. 26 eu quero, mas así como vos quereis. Diz S. Bernardo q̄ a razão, porq̄ Christo morreo Bernar. com a cabeça inclinada, foy pera mostrar a obediencia, com q̄ aceitaua a morte, q̄ lhe dauão, porq̄ antes quis perder a vida, q̄ hũ ponto da obediência. E así o religioso ha de estar aparelhado pera pôr em perigo a vida antes q̄ cometer hũ crime de desobediência. Olhemos logo pa nossa cabeça, ponhamos os olhos em Christo, contêplemos seus tormentos, & o sangue das suas chagas, & apredamos a obedecer ate morrermos por q̄ morreo por nos. Alevâtemos ao móte. Caluário os nossos olhos, e verlheemos os seus quebrados, & os seus cabelos arrácados, & a cabeça esburacada dos duros espinhos, & o seu belo rosto pisado, e denigrado, e as suas mãos & pes atrauessados de duros pregos, e o peito ferido da cruel lança, & elle lavado em sangue, feito nhũa chaga, morto, & espedaçado na Cruz, naquella gloriosa escada d'

Jacob, que cõ hũa ponta estaua na terra, & cõ a outra tocava no ceo, & o abria & manifestaua. Alli estaua estêdida aquella diuina arpa de David. Alli estaua o bõ Iesu feito sacrificio por nossos peccados: alli acabou seu trabalho, e começou nosso descãso, alli a sua vida tẽporal fez fim pera a dar a quẽ no la daua, quero dizer, q̃ morreo na cruz, peracõ sua morte, matar á morte q̃ nos mataua. O-lhemos logo pera a cruz, & nella veremos a obediencia no mais alto cume de sua perfeicã: & aprẽdamos a obedecer por amor de Christo, q̃ obedecco ao padre ate padecer morte, por nos dar vida. Cousa he muito pe-

Ambro. ra espãtar, & como diz S. Ambrosio, muito pera estranhar, q̃ obedecendo as outras criaturas, só o homẽ não queira obedecer, nem reconhecer superioridade. Tres saõ as Hierarchias dos Anjos, suprema, meam, & infima: & cada hũa tem tres ordẽs. Dõde se colhe q̃ antre elles ha hũa superioridade. Os ceos no seu mouimento obedecem ao primo mobili. Antre os elementos hahi superioridade: o mais baixo he a terra borra de todos elles, logo agoa, depois o ár. Percima do qual estã o fogo mais alto, & eminente, sem se nũca gastar, por estar conseruado no
sem

setu proprio lugar, que he o concavo do ceo da lua. Os animaes tem por rey ao Lião, & as aues a aguca. Os alifantes seguem a hũ, os groux a hum, as abelhas a hũa. O carneiros & ouelhas obedecem ao pastor, & as vacas ao vaqueiro. Cada cousa obedece a seu superior. Sõmente o homem não quer obedecer. Os brutos animaes seguem os q os goardam, vam per onde são guiados, pasce onde os merem, & finalmente tem sua obediência: & o homem racional a não quer ter, sendo-lhe mais necessaria: elle só he o q sempre quer dominar, & nunca obedecer. Mas os verdadeiros religiosos gloriam se de ser bem obedientes, & não se afrontam de obedecer a outros mais baixos, né tem por isso nenhum descontentamento. Quanto mais que pola mayor parte são prelados os mais virtuosos, ou que são mais pera o serem. E ainda que algũs sejam de obscura geração todavia são venerados & acatados & obedecidos, não se olhando pera o baixo metal de que são, mas pera o que representam. Cõta Herod. Amasias

Herodoto no segundo liuro de sua historia que vindo hũ homẽ plebeo chamado Amasias a ser Rey do Egypto, começou a ser desprezado & tido em pouco, por ser de baixa

geração

Capit. V!

geração. Evendo elle isto como era prudente, mádou fazer húa estatua a hū idolo, a q̄ todo o Egypto adoraua, e tinha e sūma veneratione. E esta estatua mádou elle fazer dūa bacia, e q̄ elle & seus hospedes foia lauar os pes, & depois mádou chamar o pouo: e falá dolhe na estatua q̄ elles odorauā, disse lhe a materia de q̄ ella era feita: & q̄ pois a elles adorauā nā atētando á bacia dōde ella fora feita, senāo por ser imagē de seu Deos, q̄ assi nāo tiuessem cōta cō a baixa geração, dōde elle procedia, mas q̄ considerassem á imagē q̄ representaua. Teue tãta força esta cōparaçāo, que aplacou os Egypcianos, q̄ se começauam cōtrelle a levantar. E nāo somēte o pouo meudo, mas ainda os q̄ antre a geralidade tinham mais credito & respeito, lhe obedecerā. Da mesma maneyra os religiosos nāo tem olho pera a bacia, que noutro tempo seruia de lauarē os pes nella, senāo pera o em que se tornou. Quero dizer que nāo ham d'attentar pera a baixezza da geração do prelado, senāo pera o officio, e dignidade q̄ tem. E ainda que hū homē nāo seja nobre per geração, basta selo per virtude, porque ella he sabāo, cō que se tira a nodade baixa casta. Da terra nasce o ouro, mas

nem por isso he tido em pouco. A verdadeira nobreza cõsiste na virtude. Diz S. Ieronymo, q̃ aquelle he principal pera cõ Deos que val não per nobreza de sangue, nẽ per dignidade do mũdo, mas per deuação da fe & sancta vida. E escreuendo a Celancia diz, q̃ a summa nobreza acerca de Deos he ser claro em virtudes. E está isto claro, por q̃, q̃ aproueita selo em sangue, quem he obscuro na vida? A moeda val na terra onde se faz: entraís noutra terra, não a querem. Se dizeis q̃ he de grãde valia, respondem, q̃ isso he na terra do senhorio, em q̃ se bateo, mas que nas outras não corre. O q̃ me acõtece cada dia nesta Italia, que em cada cidade he sua moeda diuerfa, & a d'hũa nã val na outra. Assim a nobreza he de muito preço, mas naquelle que a fez, que bateo a moeda, pôdo nella o escudo de suas armas, e gloriosos feitos, obrando de maneira que se fez nobre, auenturando a vida por alcançar a fama estimando a virtude em muito, & os interesses da vida em pouco, perpetuando seu nome com miraculosas façanhas asperas de cometer, & incertas d'acabar. Neste talque he hũa cidade de virtude firme, & inexpugnauel, val a moeda de sua nobreza, mas nos

Hieron.

oueros não val. Que aproneita a hum ho-
mê dizer q̄ procede de fonte clara de virtu-
des, se elle he hũ peçonhêto charco d' vicios.
Caso que a fonte seja excellente & perênal,
se agoa se encharca, & enche de limos, & sa-
pos, por q̄ tera o charco cujo a gloria da fon-
te limpa? O primeiro filho de Iacob se cha-
mou Rubê, & o terceiro Leui. Como cõsta
das diuinas letras. E como Ruben era o pri-
mogenito, presunviã os deste tribu de mór
nobreza & fidalguia, q̄ os do tribu de Leui.
Dõdeueo pretêderê. Datão & Abirão a pre-
lazia & sũmo sacerdocio, por se terem por
mais nobres, e serê da geraçã de Rubê. Mas
Deos deu a prelazia a Arô do tribu d' Leui,
por q̄ a sua vara floreceo milagrosamente, e
deu frol & folhas & fructo diante do taber-
naculo. Demaneira que as prelazias da or-
dem não se ham de dar por via de fidalguia,
mas de virtude, não aquelles cuja vida he se-
ca de merecimentos, mas aquelles q̄ a tem
florida de doutrina, e exêplo de boas obras.
E porque isto se pode fazer sem a nobreza
de sangue, está claro, que a tal nobreza não
he da essencia do prelado, nê os religiosos q̄
a tem, se desprezam de obedecer aos que a
não tê: antes essa he mór gloria sua, & mor-

merecimẽto. Verdade he que a nobreza da
 geraçõ faz muito ao caso nos prelados, &
 ornaos muito, & respládece em grande ma- **Compa**
 neira. E assi como o bõ pomareyro não buf **raçõ.**
 ca pera enxertar senão garfos de bõa casta
 assi os eleytores deuiam de eleger homẽs de
 nobre geraçõ, & ter muito respeyto a isso
 porque elles pela mor parte saõ como fino
 ouro, que recebe em si o esmalte das virtu-
 des, melhor que o ferrugento cobre & bay-
 xo latão. E per experiẽciavemas q̃ pola mór
 parte saõ mais excellẽtes & melhor inclina-
 dos, e de mais primor os prelados de bõa ca-
 sta q̃ os baixos & plebeyos. E cõ isto me pa-
 rece que tenho respondido a vosso incon-
 ueniente & objeyçõ, & declarado q̃ cousa
 he religiam & donde se deriua, & qual he a
 fim pera que foy instituida & ordenada, q̃
 saõ as tres cousas, que vos perguntastes, &
 que desejaueis saber. Mas deixado isso, pois
 vos dey nouas de mim, folgaria de as saber
 de vos, pera saber com quem falo. E atreuo
 me a soltar estas palauras forjadas no amor
 que vos tenho, polo que parece que ten-
 des a virtude, porque o descontentamen-
 to, que tenho de vos não conhecer, he tam
 sobejo, que me faz selo, em vos perguntar

quẽ sois: Quẽ sou, respõdeo o peregrino, se-
 ria grãde detença pera mim, q̃ he longe de
 cõtar, & grande dor pera vos, que he cousa
 triste de ouir. Mas com tudo eu vos darey
 em poucas palauras cõta dalgũas cousas mi-
 nhas, que de todas sera impossuvel, porque
 como poderey eu dar conta de males tam-
 sem conta? Agora quando aqui dey cõnof-
 co me vinha eu lamentando, & queixando
 de mim antre estes surdos aruoredos tã oc-
 cupado & transportado nisto, que nẽ tinha
 acordo pera lograr o cõtentamẽto desta flo-
 resta, nem sentido pera arrecear os que me
 podiã ouir. Cui dey em mi, & soltey os o-
 lhos ao choro, desfazẽdo e lagrimas o estra-
 go de minha vida: q̃ nã tenho de virtude se-
 nã não pefarme de a nã ter. Acheime nas ilhas
 Baleares, onde diz Vegecio, que se inuẽtou
 a funda, em Mayorca, quãdo agora ha tres
 annos os Turcos entraram, & ahi me cati-
 uaram cõ os outros muitos, tratandonostã
 sem dó, que não auia quẽ de nos o não ou-
 uesse senã elles. E quis Deos q̃ eu fosse cati-
 uo, pa ficar liure, por q̃ andaua eu catiuo do
 mũdo, depẽdurado de suas falsas esperãças,
 perafusando cõ o pẽsamẽto mil vaidades, e
 tam fora de mi, que queria bẽ a meu mal. E
 depois

Vegecio

depois q̄ me vi catino, torney sobre mi, & como o filho prodigo & espedigado, de q̄ fala o euāgelho, determiney tornarme a casa do misericordioso pay, que he Deos. E vi que aquelle cativo me fora dado per elle pera me tirar daquella terra, & atalhar os passos de meus desordenados desejos. E assi estando cativo abri os olhos do entendimēto, & cō a luz que me Deos deu, vi astreuas em que andara, & a merce, que me Deos fizera. Cuidey os dias antiguos, em q̄ eu dissey os bēs, que Deos me tinha dado, q̄ eu entreguey a meu descuido, pera que elle os tratasse, como quem elle & eu eramos. Con senti cegar meus olhos, & deixey atras a cōsciencia, por ir adiāte com o appetite. Mas depois de tornado sobre mi, chorei minhas culpas, bati ás portas da diuina clemencia, foy, & socorreime ao porto da diuina misericordia, & achey cōsolaçam, & senti em minha alma grandes merces de Deos. Entam me lēbrou aquillo, q̄ cōta Plutarcho de The mistocles o Grego, q̄ vēdose lançado de sua terra, acoffado de tribulações, foy ter a Persia, onde sendo acolhido, fauorecido, & honrado del Rey, muito mais do q̄ o nūca fora em Grecia, disse aos companheiros, que cō

Capit. V.

elle foram. Por certo irmãos perdidos fora
 mos, se nos nã perderamos. Agora pola mi-
 sericordia de Deos sahi de catiueiro, & vou
 fazer hũa romaria. Sãcta Maria disse o reli-
 gioso, ahi vos acha estes nefles debates de Ma-
 yorca? Ahi me achey, respõdeo o peregrino
 ou por melhor dizer, ahi me perdi, mas per-
 mitio Deos q̃ me perdesse, pa q̃ me ganhaf-
 se. Agora faço esta romaria, nã tâto por me
 Deos tirar do catiueiro dos Turcos como
 por me liurar do catiuo dos peccados. Que
 ainda q̃ agora faço muito, todavia vermi li-
 ure daquelles, he pera mi grãde cõtentamẽ-
 to. Certo, disse o religioso, não vos posso de-
 clarar per palauras o cõtētamẽto, q̃ tenho
 cõ as vossas, é me dizerdes q̃ fazeis romaria
 por vos Deos ter tirado do catiueiro dos pe-
 cados. Por q̃ agora neste tẽpo fazẽ os homẽs
 romarias vẽdose fora do catiueiro dos mou-
 ros, mas vẽdose bẽ confessados fora do cati-
 ueiro do demonio não fazẽ nada, auẽdo en-
 tã de fazer muito mais. Essa, disse o peregrino
 he a verdade. Mas as sicomo os homẽs de
 pois de muito velhos vẽ a tresfualiar, assi o
 mũdo parece q̃ de velhice vẽ a não ter tino
 em seus defatinos. Praza a Deos q̃ me faça
 tãta merce q̃ ainda me eu veja nesse abito,
 deixado

deixado o mudo totalmête, & goze d' vossa
 sancta amizade na religiã. Folgaria de saber
 disse o religioso, de q̄ terra sois de Portugal
 Importa, respõdeo o peregrino, não o dizer
 Quãto mais q̄ não tenho nenhũa terra. So
 crates dizẽ q̄ dizia q̄ o homẽ perfeito todo
 o mudo quia de ter por sua terra propria: e
 eu digo q̄ auia d' ter por alhea: por q̄ a terra
 nã he nossa terra, mas nosso delterro. E por
 q̄o feruor da calma he acabado, ergamonos
 & caminhemos, q̄ temos muito q̄ andar. E
 iremos ao longo dessas sombrias & deleito
 sas arvores, q̄ como vedes, toda esta Lóbar
 dia, he quasi hũa floresta de muitas ribeiras
 & arvoredos. Ergamos, disse o religio o, &
 caminhemos cõ o animo pa a celestial cida
 de de Ierusalẽ nossa verdadeira patria, que
 aqui como diz S. Paulo, nã temos cidade q̄
 permaneça, mas buscamos a q̄ ha de ser, q̄
 he nos ceos. E de cada terra aluãremos a
 ella os olhos saudãdoas com piedosas lagri
 mas, & penetratiuos suspiros, pera q̄ acaba
 da a jornada destavida per graça, entremos
 nella, q̄ he a gloria, a Deos pella sua mi
 sericordia nos queira conce
 der. Amen.

Socrates

Heb. 12

¶ Fim do Dialogo da Religião.

DIA.

DIALOGO

Da justiça.

INTERLOCUTORES. HUM
Doutor Theologo, hum Mathematico, hũ
Jurista, & hum Cidadão.

CAPITULO PRIMEIRO
Da perda do tẽpo, & da definiçã da justiça



Chãdose hũ dia qua-
tro amigos praticãdo
hũ delles Doutor em
theologia, outro phi-
losopho Mathemati-
co, & hũ estudãte em
leys, & hũ cidadão,
disse o Theologo, em
cuja casa elles estauã. Eu sempre tiue pa mi
& tenho inda agora, q̃ hũa das grãdes p̃das
q̃ ha no mũdo, he a do tẽpo: porq̃ he elle
precioso muito, & val a peso douro, e perdi-
do nã se pode mais cobrar. E por isso o pin-
tarã os antigos caluo na traseira parte da
cabeça, significãdo nisto q̃ depois q̃ se nos
passa nã achamos em q̃ lhe pegar pera o de-
termos. Por isso diz S. Paulo na epistola aos
Gala-

Galatas. Em quãto temos tẽgo gastemolo em bõas obras. Faznos o Apõstolo esta lẽbrãça, pera q̃ cõ ella, & cõ a termos d̃no ssas obrigações, nã percamos o tẽpo. E perdesse elle, quando se gasta em vicios, & em cousas vãs, q̃ a ociosidade descobre os homẽs enfadados, que de não terem que fazer andam traçando na fantesia mil castellos de vento tam esquecidos de si, que nacendo pera ver dadeiro trabalho, não buscã senão falso descanso. Donde vem a não fazerem cousa, cõ q̃ deixẽ de si memoria. Alsi como he necessario fundir no fogo o metal, pera se delle fazer hũa imagem & estatua, que depois fique, & permaneça alsi he necessario fundir nossas vidas no fogo dos trabalhos, & bõs exercicios, pera dahi sair hũa imagẽ de bõa fama dirigida á honra & saruiço de Deos, a qual depois de nossa morte de testemunho de nossa vida. Euripides diz, que o trabalho he pay da bõa fama, & Hermionio affirma que do trabalho & experiencia aprendeo a sciencia. Lede o segundo capitulo do Genesis, & achareis estas palauras. Pos o Senhor Deos o homem no paraíso da deleytaçam, pera que obraße, & o goardasse. Diz Sam Ioão Chrysofomo na homelia çatorze, so-

Compa
ração.

Euripi.
Hermi.

Gen. 2.ª

Chryso-

pro

Capit. V.

bre o Genesis declarado este lugar, q̄ a razão porq̄ Deos quis, q̄ Adã no paraíso terreal obrasse, & não estivesse ocioso, he porq̄ a ociosidade he mestra de toda a malicia. S. Ieronymo em hũa epistola diz, q̄ auemos sempre de trabalhar, pera q̄ o diabo nos nã ache ociosos. S. Augustinho no primeiro de ciuitate Dei, tem que foy pior a Roma destruir Cartago, porq̄ a seguridade, q̄ lhe ficou, pario a ociosidade, que foy causa de sua perdição. S. Bernardino chama á ociosidade sentina & bôba, onde todos os males se ajuntam: & noutra parte madrastra das virtudes. E a sentença de Seneca he, q̄ a ociosidade he morte & sepultura do homẽ viuo. Dõde se colhe q̄ os homẽs ociosos sam inimigos de si mesmos, pois deixada a diligencia dos bõs trabalhos, que he hũa mina de bẽs, se dá á ociosidade, que he hũ abismo de males. E o que pior he, que não cuydam que ganhão o tempo, serão quando o perdẽ: & elles nam ganham com esta perda senão sua perdição. E auendo de buscar tempo pera passar cousas, buscã cousas pera passar tẽpo. E em fim elles não o passam, mas elle passa per elles. Pera que he mais, senão que Heraclides Lido fez hũ liuro dos lououres do trabalho,

como o refere Raulio Textor, no segundo proemio da sua Officina. He tão fundado, disse o jurista, esse juizo, q̄ sem elle sera, quem lhe contrariar. E dahi vem, que quasi todos os homêes de ingenho, se queixam da perda do tempo, como de cousa preciosa. He verdade, disse o theologo, mas deuiãse queixar de si, quando se disse quisessem queixar porq̄ eu vejo os chorar porque perdê o tẽpo, & calar a culpa porque o perdem. E pe-ra nos nós aproucitarmos d'elle, & não cairmos na culpa dessa perda, ja q̄ aqui estamos jutos, pratiquemos nalgũa cousa de doutrina, & tractemos algũa bõa questã. Isto, disse o mathematico, sera muito bõ, porque se não possa dizer por nós o que diz Platão, q̄ os amigos são ladrões do tempo. E não podem elles fazernos mór danno, que roubar nos o tempo de nossa vida, sendo tambreue & irreparavel. Nã sey, disse o jurista, como se pode chamar breue o tẽpo da vida, pois o tempo de dez annos se chama longo, como tem communmente os nossos doutores, segundo Bartolo na ley primeira, ff. de supetiebus. E a vida dura muito mais. Não he inconueniente, respondeo o mathematico, chamar-se hũa mesma cousa longa.

& breue segundo diuersos respeytos: hum
 môte pode se chamar alto em respeyto dou
 tro baixo, & baixo em respeyto doutro al
 to, como affirma Aristoteles nos predicamê
 tos: assi o tempo de dez annos he longo co
 tejado com hum mes, mas em comparaço
 da eternidade, diz Seneca escreuendo a Lu
 cillo, q̄ he tam breue, q̄ se cõpara a hũ poto
 & menos inda. E delle parece que o tomou
 Plutarcho no liuro q̄ fez do ensino, e criaçã
 dos mininos, onde escreue a mesma sentença.
 Eu disse o cidadão, não sei nada de disputas
 mas folgarey muito de as ouir, principal
 mête se foré da justiça & governança da re
 publica, pera dahi me ficar algũa cousa, de
 que me possa nalgũ tẽpo aproueitar. Pois o
 senhor doutor theologo, disse o mathemati
 co, começo a falar do tẽpo, sera bõ dispu
 tarmos se o hahi, & que cousa he. Porque o
 tẽpo não tem senão duas partes, passado &
 futuro, que instante, como dizem os philo
 sophos, não he tempo, mas hum poto, onde
 se as suas partes ajuntá, ca segũdo sentença
 de todos os mathematicos, o instante se ha
 com o tempo, da maneira que se ha o pon
 to com a linha, porque tam indiuisuel he
 hum como o outro, & pois o ponto não he
 linha,

linha, logo nem o instante he tempo. Assim que pois o tempo não tem mais q̄ duas partes, passado & futuro, & o passado ja se acabou, & o vindouro está por vir, parece que não hahi, pois das quãtidades sòm ête a q̄llas se dizem ter existencia, cujas partes tem fer em sua realidade. Nessa primeyra questã, disse o jurista, não tenho eu nenhũa duvida, porq̄ pois nós estamos em tẽpo, e o temos pera nelle praticarmos, claro he q̄ o hãhi. Quanto mais que vós pera prouardes q̄ não hahi tẽpo, mostrais q̄ o hahi pois dizeis que tem elle duas partes juntas a hũ ponto & não se podem chamar partes, senão em respeyto de todo. E pera os argumẽtos nã faltaram repostas. Não me pesaria praticarmos nesta materia, se cá os senhores nisso cõsentirẽ. Cõsentiram disse o mathemático, porque a amizade consiste principalmẽte no cõsentimento das vótades, como diz Platão, de quem tomou Cicero na sua amicitia. E como todos sejam os amigos, querã elles o que nós quizermos, eu disse o cidadão, quero o que vós quereis, mas queria que quisesseis vos o que eu quero. He tã longa, disse o theologo, esta materia do tempo, que elle nolo não darã pera lhe darmos

Capi. I.

fim. E os mesmos philosophos parece que a
 trataram a fim de nunca lha darem. E scien-
 tra materia da justiça he proveitosa, & pa-
 rece justiça tratarmos della. Pois assi he dis-
 se o mathematico pera o theologo, vos se-
 nhor auéis de tomar antre as mãos a mate-
 ria, trazendo pera isso, não somente pontos
 de theologia, mas tambem sentenças de phi-
 losophos e historias antigvas, que sey que
 fostes dado a lelas: & a inda agora depois q̃
 vos achais cansado do graue estudo da san-
 cta theologia, folgais de tomar na mão hũ
 liuro de humanidade. Isto he o que digo, se
 parecer bem a estes senhores. Eu, disse o ci-
 dadão, leuarey nisso muito gozto, & folgo
 de ser essa vossa vontade, porque a minha
 não era outra. E eu, disse o jurista, tambem
 com isso folgarey. Este carrego, disse o theo-
 logo pera o jurista, era vosso, cuja faculdade
 he interpretar o direyto, e tratar da justiça.
 Mas farey o que todos me mandais, querẽ-
 do antes nisto errar obedecendo, que acertar
 sendo desobediente. E ainda que tomareste
 cargo seja contra minha vontade, e com tudo
 fizeo o por comprir cõ a vossa, & com a que
 tenho de vos servir. Justiça tomasse algũas
 vezes pola virtude em commun. E esta vir-
 tude

tude comprehende em si todas as outras. Donde diz Gregorio Nazãzeno, no seu primeiro liuro da theologia, q̃ a virtude he hũa ainda q̃ se diuida e muytas. Isto he o q̃ diz São Ieronymo escreuêdo a Demetiade que todas as especies de virtude se contem no nome de justiça. Desta justiça se entende aquillo que diz Christo nosso Redemptor e S. Matheus: Atentay não façais vossa justiça diãte dos homẽs pera serdes vistos deles Quernos Deos assegurar nossas mercadorias: & pera isto nos diz q̃ as assellemos com o sello da tençam posta nelle, & não na gloria do mundo, pera que as não perçamos. E poẽ logo exemplo da esmola & oração. Dõ de se colhe que dar esmolas & orar sã actos de justiça, e assi todas as outras boas obras Tomase tambem justiça polla justificação, quando pella diuina misericordia hum homem de impio peccador he feito justo. E d̃sta maneira se entende o que diz São Paulo aos Romanos. Agora sem a ley a justiça de Deos he manifestada. E aos Galatas se fora dada ley, q̃ podera viuificar verdadeiramente da ley fora a justiça. Mas nosso intento he deixadas estas & outras significações, falar da justiça, em quãto he virtude moral, hũa

Nazan.

Hierón.

Math. 6

das quatro, a q̄ cōm ũmente chamamos cat
 deas. Dessa, disse o jurista, tratamos: e qual
 os nossos jurecōsultos dizē que he hũa vōta
 de cōstante e perpetua de dar seu direyto a
 cada hũ. Desta maneira a de fine Vlpiano, ff.
 de iusticia & iure. E Iustiniano na statuta, q̄
 eu tenho pera mi q̄ he a nata do direyto ci-
 uil, sem embargo, q̄ cuidã muitos, q̄ nã he
 ella mais q̄ hũa instituçã pera elle. Essa de fi-
 nição, disse o theologo, entēdida assi com o
 jaz, nã he bõa. Como nã? disse o jurista. Eu
 volo direy, respõdeo o theologo. Toda a vir-
 tude moral he habito d'alma, ao qual Aristo-
 teles no segũdo das Ethicas, chama habito
 electiuo: & nenhũa potencia he habito d'al-
 ma, logo nenhũa potēcia he virtude moral.
 E a vōtade he potencia logo nã he virtude
 moral. E pois nenhũa vōtade he virtude
 moral, & a justiça he virtude moral, bem se
 conclue, que a justiça nã he vōtade. E pois
 vos confessais que ella he virtude he necessa-
 rio que confesseis que nã he vōtade. Se a
 justiça fosse vōtade, como a vōtade he po-
 tencia, a justiça seria potencia, & sendo po-
 tencia nã seria habito, & nã sendo habito
 nã seria virtude. Donde claramente se infe-
 re, que sendo vōtade nã seria virtude. E
 ella

Vlpiano

Aristot.

ella he virtude, logo não he vontade. Dóde fica falso o que dizem os vossos jureconsultos, q̄ a justiça he vontade, se entendem essa definição assi como parece que soa. Antes disse o jurista, não seria virtude senã fosse d̄ vótade. Hũa cousa he tornou o theologo ser vótade, outra he ser d̄ vótade. A virtude he de vontade, mas nã he vontade. Assi como o peccado actual ha de ser volútario, como diz sancto Augustinho, q̄ doutra maneira não he peccado, assi na virtude, pera ser virtude em entêdimêto ha de fazer o aluara e a vótade o ha de assinar. Parece-me a mim disse o mathematico pera o jurista, que tem o seño doutor a sua sobre o fito. Pois a mi disse o jurista nã me pode quadrar, negar affi hũa definição dos jurecõsultos, admitida d̄ todos os doutores, e q̄ está por ley recebida em todo o múdo. Não sey, disse o cidadão q̄ isto he, q̄ como ouço allegar leys ciuis, parece q̄ lhe tenho hũa maneira de fastio, ou não sey se lhe chame auorrecimêto, como a cousa de brigas, e cõtendas. Por q̄ assi como na casa, onde hahi purgas & cousas de botica, não ha saude, assi no pouo, onde se alegã muitas leys, nã hahi paz. Antes, disse o jurista, assi como as purgas são mezinhas pa as

August.

Compara-
ção.

infermidades, assi as leys sã mezinhas pera
 euitar cõtendas e decidir questões. E a sciẽ
 cia dellas he muy necessaria, como philoso
 phia moral, q̃ ella he muito excellente. E da
 do q̃ aja no seu vfo algũs abusos, isso não he
 vicio das leys, mas de quem vfa mal d'ellas
 q̃ ellas são boas, e feitas cõ grande prudẽcia
 & cõsideraçã, E por isto digo eu q̃ esta defi
 niçã, pois he ley, não he bem q̃ se negue por
 q̃ temos nos hũa ley q̃ diz, q̃ a ley nã se he
 de negar, porq̃ negãdo vós a ley negais a
 justiça, & negando a justiça negais todos os
 bẽs. Em tanto que sendo appellaçam hũa
 cousa natural, com tudo não se pode appel
 lar da sentença & pena dada pela ley, como
 o diz o texto na ley. Si qua pœna. ff. de ver
 borum significatione: maximamente quan
 do consta da tençã & razã da ley: por q̃
 assi como no homem a alma ha de domi
 nar sobre o corpo, assi na ley a razã ha de
 dominar sobre as palauras. Texto ha na ley
 non dubium, C. de legibus. Isto he o q̃ diz
 Bartolo na ley cũ mulier. ff. Solnto matri
 monio, q̃ a razã da ley, & a mente d'ella
 mesma he o mesmo. E pois nesta definiçã
 nã somẽte as palauras são claras, mas ainda
 está manifesta sua razã, parece que nã ha
 ne

nenhũa pera a negar. Eu, disse o theologo Theo.
 sou cõ vosco como Theodoro Atheu com
 seus ouuintes, que lhe soia a dizer como re- Plutar.
 fere Plutarcho, quando via quam pouco se
 aproueytauã d'lle, que lhe daua a doutrina
 & palauaras com a mão direita, & elles que
 as tomauan com a ezquerda trocendolhe
 a tençam. E com quanto queria trabalhar
 com razões pollos trazer a razão, estauam
 elles tá fora della, que lha não podia persua
 dir. Verdade he que o estar fora da razão se
 não pode entêder em vos, mas ao menos to
 mais com tençã ezquerda, o q̄ eu digo com
 direyta. Eu não nego a ley mas interpretoa
 Entendida bê essa definiçam nã quer dizer
 que a justiça he vontade, mas q̄ he hum ha-
 bito, com que a vontade està cõstante e per
 petuamente determinada de dar o seu a ca-
 da hũ em seu tempo. E Aristoteles no quin Arist.
 to das Ethicas afirma q̄ a justiça he habito
 aqnẽ seguẽ todos os philosophos. E sancto
 Augustinho no liuro das oytêta e tres que August.
 stões diz assi. Iusticia he hũ habito do aĩmo
 que da a cada hũ sua dignidade cõseruada a
 utilidade comũ, cujo principio he nascido
 da natureza. A quẽ seguem todos os theolo
 gos. E digo q̄ se ha de dar a cada hũ o seu. ẽ

seu tẽpo, por q̃ se tiuerdes ẽ deposito armas
 offensiuas dhũ vosso amigo, & o virdes vir
 furioso a pediruolas, pera cõ ellas satisfazer
 a sua ira, & deprauada indinaçam, não lhas
 deueis de dar, porque em tal tempo he inju
 sto dar o seu a cujo he. Esta rezão moueo a
 Socrates a reprender a Simonides, que defi
 nindo justo dizia, que era dar a cada hum o
 que lhe era deuido sem acrescentar mais, co
 mo refere Platão no primeyro dialogo da
 republica. Porq̃ hahi tẽpo, em q̃ se lhe não
 ha de dar, e dãdo selhe he cõtra as justas leis
 as quaes he injusto desobedecer. Porq̃ co
 mo em outro lugar diz o mesmo Platão ju
 stiça he hũ habitõ q̃ obedece as justas leis e
 da a cada hũ o que merecce. Esta he a mais
 excellente das virtudes moraes, a qual hũ
 dos sabios antigos, que os gentios tinham
 antre seus thesouros, pinto a par de Iupiter
 significando que nẽ os mesmos seus deoses
 podiam bem gouernar sem justiça, quanto
 mais os homens. Estando enfermo o bom
 3. R e. 2. Rey David, sentindo que se hia ja apagãdo
 & cõsumindo o pauio de sua vida, chamou
 seu filho Salamão, em cuja mão deixaua o
 leme do reyno & encomendoulhe a justiça
 dizendolhe, que fauorecesse os bõs, & casti
 gasse

Socrat.
 Simoni.
 Platão

Platão

3. R e. 2.

gasse os maos. No liuro da Sapiencia o frõ Sapi. 1.
 tispicio: e a primeira cousa q̃ se offerece aos
 olhos, he esta sentença. Amay a justiça os que
 julgais a terra. E o Psalmista diz: Sacrificai Psal.
 sacrificio de justiça, e esperay em o Senhor.
 Dando a entēder q̃ a justiça he sacrificio q̃
 os principes fazem, quando a fazē. E o Eccle. 4.
 siastico: Até a morte peleja polla justiça. E 1. Tim.
 s. Paulo na primeira a Timotheo: Homē de
 Deos sigue a justiça. Pera q̃ he mais sená, q̃
 Christo nosso Deos aos cinco capitulos de
 s. Matheus: diz Bēauēcurados sam os q̃ hão Mat. 5.
 fome e sede da justiça. E logo mais abaixo:
 Bemauenturados são os que padecem por
 fazerem justiça. Sam Gregorio nos moraes Gregor.
 diz, q̃ a justiça he paz do pouo, firmeza da
 patria, liberdade da gēte, tēperança do ar,
 serenidade do mar, fertilidade da terra. São
 Ioam Chryso como diz, que a justiça he raiz Chryso.
 da vida. Sancto Isidoro affirma que he a or Isidoro.
 dem e igoaldade, com que o homē se orde-
 na bē em todas as cousas, Sancto Ambrosio Ambro.
 declara q̃ ella he a q̃ da o merecimento cõ-
 forme ao premio, & a pena a cada culpa,
 & que nam estima seu proprio proueito,
 mas goarda a igoaldade cõmum. Dõde veo
 a dizer Sancto Antonio, que a justiça he Anton.

aquella virtude, q̄ he igoal hũa cousa con a
 outra. Donde vem, que quãdo duas cousas
 vem igoaes, dizemos q̄ vem justas. E õde ha
 esta justiça hahi paz, porque não tem nin-
 guẽ razam de se agrauar, E isto he o q̄ dizia
 o Psalmista falando do principe dado per
 Deos: nascerà em seus dias justiça & abun-
 dancia de paz. E noutro psalmo: A justiça e
 a paz se beijaram. Felice a republica gouer-
 nada per justiça, e infelice a governada sem
 ella. Aiuda q̄ a verdade como elegantemẽte
 proua S. Augustinho no liuro decimo nono
 de ciuitate Dei, nã se pode chamar republi-
 ca, a em que não ha justiça. A corrupçã que
 tem hũ corpo sem alma, tẽ o pouo sem ju-
 stiça, porque faltando ella alleuãtasse a dis-
 sençam, e cae per si a concordia, falta libera-
 lidade, & cresce a enbiça, viue a treição, &
 he sepultada a lealdade, enshoreada a for-
 ça, e he abitada a paz, he atreuida a mintira
 e anda acouardada a verdade, anda solto o
 appetite, e jaz presa em ferros a razam, pre-
 ualescem os maos, saõ opprimidos os bõs e
 finalmẽte entram de tropel os vicios, & saõ
 destruidas as virtudes. Porque assi como a
 justiça he triaga cõtra a peçonha dos vicios
 assi a justiça he cutelo das virtudes.

CAPITULO. II.

Do premio & castigo, e de qual delles se ha o principe mais de prezar.

A Cabando o theologo estas palauras di se o cidadã as que se seguem. Pois ten des declarado que cousa he justiça, & quam necessaria no mundo, folgaria que explicafscis o em que principalmente consiste. A justiça, disse o theologo, consiste principalmēte em galardoar bõs. & castigar maos. Esta he toda a armonia da boa governança. A si como a defestima dos bons da ousadia aos maos, assi o favor, que se daa aos maos que bta o coraçam aos bons. Donde veo adizer Democrito o Philosopho que duas cousas governam o mundo, premio & pena. Isto quis significar el Rey Cyro, quando disse q̃ a obediencia das leis consistia, em os q̃ mandam louuarem & honrarem aos obediētes & castigarem & reprenderem aos desobedientes. Assi cõta na Pedia Xenophonte. a quelle per cuja voz diz Cicero, que falauan as Musas, & a quē Volaterrano chama Musa Attica. polla suavidade de sua eloquēcia & profundeza de sua philosophia. Ambas estas duas partes premio e pena ha de ter, quem toma na mão o leme da republica, pe

Democ.

Xenop.

Cicero.

Volate.

Capit. I.

ra dar boa cõta da nao, e chegar com ella a porto de saluaçã. Por q̃ assi como hũ corpo humano nã pode ser perfeyto s̃ ter dous braços, assi nẽ o q̃ governa, s̃ fauorecer bõs e castigar maos. De qual desses, disse o cidadã, se ha mais de prezar o q̃ governa? Respõderuos ey, disse o theologo, cõ aquillo q̃ respondeo o Emperador Tito a hũ seu amigo, que lhe propos essa questam. Dizia elle q̃ fazer merces era o braço direyto, e punir culpas o ezquerdo. E assi como mais nos serui mos & prezamos do direito, q̃ do ezquerdo assi he cousa mais gloriosa fauorecer virtudes, q̃ castigar vicios, por q̃ na primeyra resplandece o amor, e na segũda o temor. E he isto cõforme ao q̃ diz Augustinho q̃ o q̃ go uerna ha mais de desejar de ser amado q̃ tímido. O principe he a cabeça, o pouo o corpo, e como diz Plutarcho, o pescoço q̃ ajunta o corpo cõ a cabeça, he o amor, q̃ vne & lia o pouo cõ o principe. E assi como nã auêdo pescoço, q̃ ajunte o corpo cõ a cabeça nem o corpo nem a cabeça teram vida, assi nã auêdo amor entre o pouo & o principe nẽ de hũa parte nẽ outra, sera destruyda a republica. Muito boas, disse o cidadã, mepareceram assi a reposta do Tito, como a com

Com

August.

Plutarc.

Compara-
ção.

para-

paraçam de Plutarcho. Foy muito rer o Emperador Vespasiano dous filhos, Tito e Domiciano tã differêtes, q̃ do Tito nã se contã senão cousas muito boas, e do Domiciano senão muito más. Não he, disse o theologo **Gen. 25** pera espantar disso, porq̃ Isaae teue dous filhos Iacob & Esau, & diz a Escriptura diuina, que amou Deos a Iacob, & teue odio a Esau. Cada dia se acôtece d' hũ mesmo pay procederẽ dous filhos, hũ virtuoso, outro d' prauado. Cõparo eu isto, disse o cidadam a meloeyro, no qual dhũa mesma pevide na- **Cõpara** cẽ dous melões, hũ em extremo bõ, outro em extremo mau. Isso he, disse o mathematico, como os dous ribeiros de Sicilia, de q̃ fala Vitruuio no seu. 8. li. q̃ procedẽdo ambos dhũa mesma fonte, hũ he doce, outro salgado. Assim de Vespasiano foram gerados dous filhos, dos quaes o Domiciano nunca disse cousa, q̃ bõa fosse, & o Tito disse muitas muito notaueis, hũa das quaes he essa q̃ referis, q̃ certo me quedara muito. Pois a mim disse o jurista. não me fatisfaz, porque claro está, q̃ o povo nam se moue tãto pera se tirar dos vicios, & dar às virtudes, quando vé o principe fazer metees por algũ assinado seruiço, como quando o vee castigar

Compa grauemente algum feo excesso Afsi como o
ração. temeroso rayo do fogo, q̄ cae em hũa parte
mata a soo hum, mas espanta a muitos, afsi
hũ brauo castigo cae sobre hũ, mas temem
todos. Não me parece mal, disse o theolo-
go, essa comparaçam, mas não cõclue o que
quereis. Bẽ q̄ proua ser necessario o temor
nem eu o nego: mas não se infere dahi, que
he mais excellente q̄ o amor, nẽ que he fal-
so o q̄ nos diziamos, que mais se ha o princi-
pe de prezar de fauorecer bẽs, que de casti-
gar males. Antes Aristoteles nas Ethicas diz
que o Rey se ha de auer com os subditos, co-
mo o bõ pastor cõ as ouelhas. E nas Politi-
cas, diz, q̄ ha de distribuir as honras per si e
os castigos per outros. E el Rey Agefilaodiz
como refere Plutarcho, que o bõ principe
ha de ser com os vassallos, como pay com fi-
lhos. E eu digo q̄ não como qualquer pay,
mas como pay benignissimo & amoro fissi-
mo, em tanto q̄ antes pareça q̄ os vassallos se
sustentam do amor & fauor de seu principe
que o principe do trabalho e fazẽda de seus
vassallos Claro estã q̄ se o principe nã fauore-
cesse as virtudes, q̄ aueria pocos q̄ as fizessẽ
ainda que castigasse vicios. Mais se mouem
os homẽs com amor que cõ temor, & mais

se animã as cousas grandes, & se abalisã na excellête virtude cõ esperança de futuro premio, q̃ com medo do castigo, Nã hahi q̃ de bater senão que o amor & benignidade co-princide cativa os corações dos homẽs, & de tal maneira os moue ao seruirem, q̃ não desejam de lhe saber a ventade, senão pera lha fazerem. E com este amor, que tem a seu Rey, polo que elle lhe tem a elles, se prezão de ser seus, & se excitam & auenturão a cousas grandes & duuidosas. E não somẽte aos seus, mas ainda aos estranhos os principes cativam com amor & benignidade. Isto he o que diz Tito Liuius, que mais augmentou Roma seu Imperio com clemência, que com victorias. Donde vieram os antigos Romanos a singularizar-se antre as outras nações & fazer aquellas espantosas estranhezas & feitos em armas, de que estam cheas as historias, senão de andarem inflamados com amor da perperua memoria, q̃ elles tinham polo mais ecclente de todos os premios. Hũa estatua que o senado punha a hum capitão, & o fauor que lhe nisto fazia, em querer que hũa imagem de pedra ficasse em memoria dos notaucis seruiços, q̃ tinha feyto a repubrica, excitaua outros a morrer por ella.

Tito Li.

ella. E os nossos Portugeses ainda q̄ principi
 palmēte se mouã por amor d̄ Christo, toda
 uia muito o excita a benignidade de seu rei
 & as merces que lhe faz. Donde vem terem
 feytas em nossos tēpos em Africa & e Asia
 façanhas tam excelētes & pasmosas, que as
 Gregas tam cãtadas de Homero & Thucy-
 dides, & as Latinas tã celebradas de Luca-
 no & Tito Livio, ficam em sua comparaçãõ
 hũ piqueno outeyro apar do alto mōte Olĩ-
 po. Ca dizem elles, & dizem bem, q̄ conuē
 comprar a fama lōga a troco da vida curta.

• C A P I T V L O . I I I .

Da clemēcia & crueldade dos principes, &
 qual destas lhe quadra mais.

POr essa rezã, disse o cidadão, me parece
 a mim, que conuē mais ao principe a
 clemencia que a crueldade, & que se colhe
 bom, que todo o que governa, & tem man-
 do & dominio na republica, se ha mais de
 prezar de piedoso que de cruel Nisso, disse
 o theologo, não tenho eu nenhum debate.
 Verdade he q̄ o principe ha de seguir a ju-
 stica direyta & igoal: mas tendo isençãõ no
 officio ha de ter humanidade na execuçam
 delle, & estando a cousa em duuida ha se de

inclinár a parte da clemencia, e prezar-se de piedoso. Sená vedeo em Nero e julio Cesaer qual delles foy mais amado e mais famoso, & em que tempo se fizeram mores cousas, & mais dignas de louuar. Era Nero tẽ cruel q̃ era sua vida nã a dar a ninguẽ, em tanto q̃ matou sua própria mãy, & pos o fogo a Roma, pera se deleytar em a ver arder, & destruir. Chorãdo todos cõ muita lastima assi mininos como velhos, arreventãdo sua voz em gritos de tanta magoa, que era pera todo o mũdo a ter delles. só elle a não tinha: antes estaua olhãdo da alta torre Tarpea, re creãdo-se em ver abraçar a q̃lles nobres & antigos edificios, e em ouir os tristes clamores, começados pela dor, & rotos pelo pranto, cõ que a miseravel e descõsolada gẽte representaua sua desauetura & sentimento. E assi nam fez cousa q̃ bõa fosse, antes lhe succedeo tudo tã mal, q̃ de atribulado fogio de Rowa, & em saindo dos muros apar da porta flaminia, que se agora chama do Populo se matou com suas proprias mãos. Entã descansaram os Romanos quando viram a desastrada fim de quem a queria dar a suas vidas. Verdade he que no prĩncipio de seu Imperio deu elle bõas mostrãde si, porque

Capit. III.

Côpara
ção.

durava inda nelle o movimento da doutrina de seu mestre Seneca. Assim como hũa ro da movida cõ grande impeto, per grãde espaço depois inda que cesse o mouedor, ella per si se move em virtude daquelle impeto que lhe pos o braço, ate que pouco a pouco se vay acabando o mouimêto, assim Nero em sua mocidade foy movido cõ a doutrina de seu mestre Seneca excellente philosopho, & ainda q̃ como começou a Imperar, cessou a doutrina, todavia per algũ tempo elle mesmo como per si se mouia a clemencia, por aquelle impeto de seu mestre: ate q̃ pouco a pouco se foy desfazendo aquelle bõ mouimêto, o qual acabado começou aquella espantosa crueldade, & dominou a q̃lla fera e diabolica impiedade, da qual estã checos os liuros. E pelo cõtraio Cesar foy tã humano que a seus proprios inimigos não somente perdoou, mas hõrou. Deu vida a quem lha que ria tirar, fez honra a quem lha queria fazer perder. E trazêdolhe a presentada a cabeça de seu inimigo. Põpeo não a quis ver, antes lhe pesou tanto de o matarem, que de dor e piedade lhe arrebutaram as lagrimas dos olhos, como conta Plutarcho na vida de Põpeo. Verdade he q̃ perseguiu elle in, uita mē

te a Pômpeo, & por isso permitio Deosque morresse de vinte & tres punhaladas no ferido: & cayo ao pé dhũa colûna, onde esta ua a estatua de Pômpeo, que parecia, q̃ o esta ua alli pisando cõ os pés, & vingandose dos males que lhe fizera. Certo disse o cidadão essa foy hũa cousa notauel, vir a morrer aos pes, de quem por sua causa fora morto. Assim disse o theologo, o cõta Plutarcho. Vedes aqui em que se tornou a potencia de Cesar, ganhou quẽ o fez perder: ganhou o Imperio pera perder a vida. Quã a sinha se mudou aquillo, q̃ em longo tẽpo se buscou, & pera longo tempo se buscaua. Mas com tudo elle foy piedoso, & prezou se sẽpre mais de fanorecer virtudes, que castigar vicios. Dõde veo a ser muito amado, & aprouocar os animos dos seus grandes feytos: dos quaes elle ajudado alcançou incrediueis victorias em menos tempo, do que parece q̃ a vontade podia desejar. E com isso tinha conta com a justiça, & com dar a cada hum o que merecia, cousa cõque muito illustrou ser nome, porq̃ a mais substãcial qualidade do principe he distribuir os premios, & as penas conforme aos quilates dos merecimentos & culpas. Pera isso, disse o cidadão, me

Capit. III.

parece a mi que ha mister hũ juyzo muy in
 teiro, despejado de odio e afeiçam. Porque
 hum juizo corrupto, o bem julga por mal,
 & o mal por bem, como eu algũas vezes te
 nho visto. Isso, disse o theologo, he verdade.
 A justiça anda prenhe, & às vezes pare mō
 stros, por q̄ concebe de odios ou interēsses,
 os quaes de tal maneira perturbam o juizo,
 que lhe fazem parecer as cousas, das cores q̄
 querem. Afsi, disse o mathematico, como o
 sol q̄ entra pellas vidraças, tal cor represen
 ta, qual he a das vidraças, afsi qual he a afei
 çam, tal he a sentença. O sol quãdo nasce, &
 quãdo se poẽ parece mayor que ao meo dia
 sendo elle sempre de hũ tamanho, mas enga
 nãnos a vista os vapores, q̄ pela manham &
 á tarde se nos poẽ ante os olhos, atrauessã
 dose ante nos & o sol, os quaes vapores nos
 feruem de oculos, em q̄ os rayos visnaes ba
 tem como em vidros transparentes, e e llen
 dēdose per elles, fazē parecer o sol mōr do
 que parece ao meo dia, & doutra cor, por q̄
 quãto os rayos visnaes mais se alargã, tanto
 mōr nos parece a cousa q̄ vemos. Estes va
 pores, q̄ sobē da terra, saõ nossas afeiçōes, q̄
 saẽ de nos, q̄ somos terra: & elles saõ os que
 atrauessãnos diante dos olhos da ma

Compa-
 ração.

nos fazem pareceré nos as cousa vistas maiores, & doutra cor. E assi enganado o juizo, e corrupto o entendimento, julgamos as cousas nam segúdo a verdade dellas, mas segúdo afeição do amor, ou odio que lhe temos. E esta he a causa porque na terra ha tam pouca justiça. Assi como o pintor per arte de perspectiua nos faz parecer as cousas altas & baixas, sendo a taboa igoal, e toda lisa, assi nossa estimatiua per industria da afeição, nos faz parecer hús mesmas obras em hús grandes & eminentes, e em outros piquenas & escura, sendo a substancia dellas núa mesma igoaldade & resplandor. E desta enganosa perspectiua da afeição ser commú a muitos, vem a desenganada justiça a estar em poucos. Isto quis significar Hesiodo, quando disse q̄ a justiça védose maltratada na terra se fora pera osceos, e q̄ era húa virgê incorrupta: pera significar q̄ eram poucos os justos, & q̄ não podia n julgar segundo justiça, senão os q̄ tinham o juizo liure de corrupçam. E Chryssippo de crarado isto mais disse, que esta virgem tinha o aspecto temeroso, & os lumes dos olho espartos, e o rosto severo e graue. E Nigidio Elgilio disse, que esta era aquella virgem

Compara-
ção.

Capit. III.

que os antigos dezião que estaua naquelle circulo celeste, a que os nossos mathematicos chamam Zodiaco collocada antre o liã e a libra entédendo pelo liã a fortaleza, & pela libra a prudencia e tēperança, q̄ estam cōsuas balanças pēsando as cousas. E a justiça esta pintada cō hũa espada aguda dābos os gumes na má, contra cujos fios não possa valer dureza de odio, uem brãdura d'amor, porque sem temor corta direito & igoal. Quiseram nisto significar os antigos q̄ a justiça he hũa virtude celestial, pois a collocaram no ceo, e que está antre as outras virtudes cardeaes, no meo d'ellas como mais excellente, & que dà, reparte, & distribue, conforme aos merecimentos, sem attētar pera afeição. Isso disse o theologo, quis significar Cassiodoro sobre os psalmos, quando diz q̄ a justiça não conhece pay nem mãy, mas a verdade. E pera isto quereuos trazer hũa figura do velho testamento. Porque pois vos como philosopho trouxestes razões do intimo da mathematica, trarey eu como theologo razões do intimo da sagrada escriptura. E por vos fazer a vontade antre as diuinas, tocarey tambem algũas humanas, dizo

Ezec. 41 propheta Ezechiel, aos quarenta & hum ca

pítulos

pitulos de suas visões, q' vio num tēplo pintados muitos cherubins, & que cada hū tinha dois rostos hū de homē, outro de lião, & que com cada hū deles olhaua pera hūas palmas que estauā antre ce cherubim & cherubim. Pelo cherubim, q' como diz São Jeronymo, quer dizer quasi muitos se entēde o principe e prelado, o qual se chama quasi muitos, por q' todas as virtudes q' estā espalhadas pelos subditos ham de estar jūtas no principe. E ha de ser quasi muitos porque ha dacudir a todos, e ser de todos: de maneira que o que menos parte ha de ter nele ha de ser elle. Ter cada cherubim duas faces hūa branda de homē, e outra carrãenda de lião he dar a entēder o propheta que o principe aos bōs se ha de mostrar brando & suave, e aos maos carregado, e temeroso: ahūs se ha demostrar humano, & a outros se uero a hūs ha de fauorecer, & a outros castigar. Mas quer fauoreça, quer castigue sempre ha de ter os olhos na palma, q' he o premio da victoria, & eterno galardam, a que S. Paulo na segunda a Timotheo chama coroa de justiça, que lhe estaua no ceo aparelhada. Neste galardam diuino hum deter postos os olhos os que mandam & gouernam, pondo

2. 1883

Tim. 6.

Cant. 8.

sempre em Deos o pensamento & tençam, porque elle he o verdadeyro premio, dirigido a elle suas obras, pois a perfeiçã delas consiste principalmente em ter a Deos por fim, & escolher meos conuenientes pera o alcançar. Isto he o q̄ diz o esposo nos Canticos de Salamão falando com a esposa, que he Christo que fala com a alma deuota. Põe-me como sinal sobre teu coração. Como se dissera: Tomame por fim, poême como aluo na barreira de teu coração, onde vão parar todas as setas de tuas palauras, obras, & pensamentos, & quer castigues, quer fauoreças, poê os olhos em mim. Isto quis significar sancto Augustinho, no liuro dos costumes da igreja, quando diz, que a justiça he hum amor, que serue a so o amado, que he Deos, & porque a elle serue, por isso verdadeyramente manda & domina. Quer dizer que a tenção do q̄ faz justiça, ha de ser posta em Deos, & q̄ por seu amor se ha de mouer a fauorecer e castigar sem accepçam de pessoas, e q̄ quando se offerecerem duas cousas juntas hũa da pessoa, outra do officio, q̄ro dizer, quando juntamêre se encontratê dous respeytos, hũ da natural afeiçãm, outro do cargo publico, q̄ o homê tem, primeiro se ha

ha da acudir ao do officio publico, q̄ ao privado da pessoa. Esta he a causa por q̄ Christo nosso Redemptor estãdo na cruz primeiro falou polos peccadores, q̄ falasse a gloriosa virgẽ sua madre, q̄ estaua ao pe da cruz cõ a tristeza impressã em seu vulto, triste mais q̄ todas as tristes, & primeiro despachou o ladrã q̄ a virgẽ, por q̄ como seu officio era salvar peccadores, e a isto veo ao mundo, quis primeyro acudir ao respeito publico de seu officio, q̄ ao particular do amor, q̄ tinha a sacratissima virgẽ: acodio primeiro ao respeito do redemptor, e depois ao de filho; & assi a terceira palavra q̄ falou na cruz foi à virgẽ e a primeira foy pedir ao celestiai padre perdão pera os peccadores. Colhemos desta figura do diuino Propheta Ezechiel . & das mais authoridades allegadas, que todos os que tem dominio ham de preceder aos outros em virtudes, & ham de dar a cada hum o q̄ merece, não se governãdo per a ffeçã mas per justiça , aleuantaudo o espirito a Deos, & pôdo nelle os olhos de sua tẽçã acudindo âtes aos respeitos de seu officio q̄ aos de sua pessoa. E quãdo digo q̄ principes & prelados ham de goardar igoaldade, não quero dizer, que tanto ham de dar a hũs co

Capit. III.

Comparaçam.

mo aos outros, porque essa igoaldade he d'igoaldade, mas q' as merces hã d' ser igoaes aos merecimentos, & os castigos, ao oliuel dos desmerecimentos. O sol quãdo bate na frontaria d'hũ alto edificio, entra per todas as janellas abertas daq'lla bã la enchêdoas de sua claridade, mas como hũas são grãdes outras piquenas, per hũas entra muito resplendor, per outras pouco. E dizemos q' o sol entra igoalmête per todas aquelas janellas nã porq' tanto entre per hũa como pela outra, mas porq' entra igoale e conforme ao tamanho e capacidade de cada hũa. Assim entã dizemos que os principes & prelados são igoaes, nã quãdo tãto fauor fazẽ aos de menos quilates como aos de mais, mas quãdo as merces são propocionadas cõ os merecimentos, e imitam a Deos, acerca do qual nã hãhi accepçam de pessoas, como o afirma a Escripura no capit. x. do Deuteronomio, & são Paulo no segundo da epistolã ad Galatas, e são Pedro nos Actos dos Apostolos como o refere s. Lucas no decimo dos mesmos Actos. Tal ha de ser o principe Christão, imitador de Christo, ornado de todas as virtudes, abraçado no fogo da diuina charidade, pera que ensine & governe nã sõmente

Galat. 2
Act. 10.

mente

mente com leys e palauras, mas com obras & exemplo. O qual elle não fará se se guiar per afeição corrompedora do juizo. Assim como pera discerninos & diuisarmos a cousa mayor da menor usamos de medida justa & pera discernirmos a cousa pesada da leve usamos de balança certa, & pera discernirmos os mais dos menos usamos de numero desenganado. Assim pera julgarmos & diffinirmos & distinguirmos o justo do injusto, he necessario usarmos do juizo da razão liure & incorrupto, o qual necessariamente ha de ter o justo principe & prelado: porque mal pode ser a sentença liure, se o juizo esta catiuo. & mal pode ter a vara direita quem tem a consciencia torta.

Comparação.

¶ CAPITULO IIII.

Das ideas de Platão, e dos votos e eleyções e qualidades que ha de ter o que a outros governa.

A Qui respondeo o mathematico dizendo: Hum d'esses principes sera mais raro de achar que aue Fenix, que nam ha mais que hũa no mundo, & esta não se ve senão em Phenicia regiam de Arabia, & vi-

ue quinhentos ânos, como diz Póponio Me
 la com quẽ concorda Herodoto, ainda que
 Solino diz que viue quinhentos & quarêta
 annos, & Plinio seiscentos & sesenta . Creo
 eu, disse o cidadão, que auera d'esses princi
 pes muy poucos. Mas peruentura nenhũs,
 disse o jurista. Antes, disse o theologo, auerã
 muitos. Quanto mais que ainda que nenhũ
 riuesse esta perfeiçam, aquelle q̃ mais perto
 for d'ella, se chamarã mais perfeito. Como
 de muytos besteyros, q̃ tiram a hũa barrey
 re, quando nenhum d, elles dà no aluo, a q̃l
 le que mais perto chega d'ella, he o melhor
 E alem disto ainda que a cousa não seja nẽ
 aja de ser, bem se pode descreuer & defi
 nir. Isso, disse o jurista, parece impossuel,
 porque como o definito & a definição se jã
 relatiuos, e não possa ser hum sem o outro,
 como pode hi auer deficiçam, senã habi de
 finito, nem o ha nũca de auer. Ainda, respõ
 deo o theologo, que o nã aja realmente ha
 o no concepto daquelle que o define, dôde
 veo Platão a definir & descreuer hũa repu
 blica, a mais excellente que elle imaginou a
 qual nunca foy, nem ha de ser. E Xenophõ
 te excellente philosoqho & orador, cõ disci
 pulo do mesmo Platão. pintou na Pedia de

Cyro hum perfeito principe, qual elle nunca vira, nem cria que veria nunca. Isto he o que diz Cicero no segundo liuro de oratore, & Volaterrano na vida de Xenophôte, q̄ não seruió Xenophonte tanto á historia de Cyro, como a instituir hũ perfeito principe. Ambos estes dous philosophos, platã, & Xenophonte foram discipulos do grande Socrates, de cuja fonte beberã esta doutrina, nam definirẽ nestas suas obras o que era mas o que desejauam que fosse. Assi o affirmo o glorioso S. Ambrosio no proemio, q̄ fez no primeiro liuro de Abraham. E o mesmo Cicero cõ quem agora allegaua, descreueo hum perfeito orador, qual nunca ouue nem auerã. A estes authores imitaram em nossos tempos Thomas Morus Cõde de Inglaterra, no liuro da cidade, que hi nam ha: e Balthasar Castellão Cõde de Italia, no seu liuro do perfeito cortesaõ. E outros modernos, q̄ por breuidade deixo de cõtãr: quãdo Phidias aquelle famoso pintor, tam nomeado no mũdo, pintou aquella imagẽ de Minerva, tam bela em suas naturaes proporções, & lugares de sua gentileza, q̄ nã ouue quem depois de se imitar a perfeiçã de suas feições, não olhaua pera nenhũa mo-
lher

Capi. IIII.

Iher q̄ tirasse pelo natural, mas em seu entẽ
 dimẽto estaua hũa figura de fermosura per
 feytissima a qual elle cõttemplando, & tẽdo
 nella fitos os olhos de sua mente, á sua se-
 melhãça dirida a mão. E matizou hũa ima-
 gẽ tã excellente, & tamviua ao parecer, q̄ pa-
 rece quegastou nella todo seu artificio, mas
 ainda não chegou a aquella traça & figura,
 em q̄ tinha pregados os olhos do entẽdimẽ
 to, que era como hũ extremo de natureza
 de tanta perfeiçam, q̄ nem a imaginaçom tĩ
 nha mais que pintar, nẽ o desejo mais que
 pedir. A estas figuras traçadas no concepto
 chama ideas aquelle insigne Platão, a quẽ
 o Philosopho Panecio chama sapiẽtissimo,
 & Homero dos philosophos. O qual não so-
 mente na philosophia, mas ainda na cloquẽ
 cia eclipsou a memoria dos antepassados, &
 ensinou os homẽs a fugirẽ da sensualidade,
 em tanto que lhe fizeram os gẽtios hũ epĩ-
 taphio q̄ dizia, q̄ Deos Apollo tiuera dous
 filhos, Sculapio e Platão, Sculapio pera cu-
 rar os corpos, e Platão as almas, como o re-
 fere na sua vida Marsilio Ficino. E não vos
 pareça q̄ não hahi ideas porq̄ as ha sem du-
 uida. E S. Augustinho no liuro das oytẽta e
 tres questões, onde trata copiosomẽte esta
 materia

materia, diz q̄ as bahi, & q̄ tem tanta força, q̄ ninguê sera sabio se as não entender. Cõ a qual sentença se vão os outros theologos. E por esta causa bẽ podemos pintar, & descreuer hũ principe justissimo & perfeitissimo, não como retrato dos q̄ hi ha, mas da idea, q̄ em nossa alma cõcebemos. Quanto mais q̄ como disse, ouue hi, e ha oje em dia muitos principes gloriosos & excellentes, q̄ cõ sua justiça, virtude, esforço, & sapiencia alcançaram tã illustre & perpetua fama, q̄ morrendo elles, ella sempre viuirá, sem auer cousa no mundo, q̄ a possa enterrar no esquecimeyto. Essas ideas de Platã, disse o jurista, sam mais escuras sessenta vezes, que a nossa ley Gallos, q̄ nos temos por hũ extremo de escuridade. Verdadeiramente ellas me parecẽ hũas chimeras, q̄ o q̄ dellas mais entẽdo he não as entender. Não saõ ellas muito claras disse o mathematico, mas mais difficiles saõ os numeros de Pythagoras, & a inuencã da roda & esphera viua, e da quadratura do circulo, & o nascimẽto & occasu dos signos & outras materias de sta qualidade, onde ha muitas subtilizas & delicadezas mais miudas & piores d'entender que os atomos de Epicuro. O q̄ eu desejo, disse o cidadão, he
 saber

saber as qualidades, que em especial ha de
 ter hum Rey, ou hum prelado, ou em fim
 qualquer governador, q̄ tem mando & do
 minio, pera se poder chamar perfeito. E auê
 do eu de eleger hũ cidadão peragouernar a
 republica, qual antre os outros escolherey.
 Isto folgaria q̄ tractasseis, porque me pare
 ce materia mais vtil, q̄ a das ideas. No velho
 testamêto, disse o theologo, está escrito aos
 dezasete capitulos dos Numeros, q̄ conten
 dendo muitos sobre o summo sacerdocio,
 foy pronũciado per Deos, q̄ aquelle tivesse
 esta dignidade, cuja vara florecesse. E postas
 as varas de todas as gerações dos filhos de
 Israel em o tabernaculo do côcerto, sôm ete
 aconteceo isto á verga de Aaron, a qual mi
 lagrosamente deu folhas, & flores, & fruta,
 & não qualquer mas excellente. Quis Deos
 nisto significar, que aquelle he digno da dig
 nidade & prelazia, & de ter mando sobre os
 outros, cuja vida tem folhas, & flores, e fru
 to. Pelas folhas se entendam as palauras, le
 tras, & doutrina, pellas flores as bõas espe
 ranças & reputação: & pelos frutos as bõas
 obras. E pelo contrario, aquelle he indigno
 da dignidade, cuja vida he seca, nua de bõas
 letras, & de bõas esperanças, e de bõas obras

Nu. 17.

Que

Que as letras sejam necessarias ao q̄ gover
na, em especial ao prelado ecclesiastico. Di
lo São Paulo, escreuendo desta maneira aos
Ephesios. Deos deu hūs Apóstolos, outros **Ephe. 4**
próphetas, outros Euāgelistas, outros pasto
res & mestres. Sobre estas palauras diz assi
São Ieronymo: Nota que aquelle q̄ he pre
lado, ha de ser mestre. Nã diz: outros pasto
res, outros mestres, mas outros pastores &
mestres. O mesmo Sam Paulo na peim eyra
epistola a Timotheo, & na epistola a Tito, **i. Tim. 3**
nas quaes debuxa & matiza o bom prelado **Tito. 1.**
antre as outras qualidades, que lhe atril ue,
põe a doutrina & sciencia. No Levitico di **Leui. 22**
zia Deos, que lhe não offerecessem animal
cego. Que animal cego he este que Deos re
proua, serãõ o prelado sem sciencia? Isto
quis Deos significar, quando mandaua no
Exodo, q̄ o summo sacerdote trouxesse no **Exo. 28**
peyto hum racional com hūs letras, que
dislessem: Doutrina & verdade: Prelado sē
letras he aue sem pēnas, & nauio sem leme
& relogio sem pesos. No. i. capitu. do Deu
teronomio, falando Moyses com os Iudeus
dizialhe: Dayme dantre vos varões sabios **Deuter.**
& prudentes, cuja conuersaçam seja ap
prouada de vos, & eu os farey vossos princi

Capit. IIII.

pes. Isto quiseram significar os antigos. Hebreos no seu alfabeto, no qual nenhũa letra alevanta a cabeça se não lamed. Estando todas as outras bayxas, so ella está alta cõ hũa coroa encima como rainha & princeza das outras. E auêdo no alfabeto hebrico vinte & tres letras, o lamed he a duodecima, cãma neira q̄ está colocada pontualmête no meo de todas ellas, e quer dizer doutrina, derivada do verbo lamad hebrayco, que quer dizer ensinar. Ca todas as letras hebreas alêdo que sam, tem suas significações, per este lamed se entende o principe e prelado, que está mais alto, ao qual todos os outros se inclinã, elle manda e os outros obedecê. Alevanta a cabeça pera cima, porq̄ o prelado ha de ter a mête pera o ceo alevãtada pedindo sempre o diuino adjutorio. E significa doutrina, porq̄ o prelado ha de ser docto, e sua vida ha de ser hũa viua doutrina, de maneira que en fine cõ palauras e cõ obras Sã Cyrillo no segundo liuro dos comêtatios q̄ fez sobre o Leuitico, q̄ algũs querê attribuir a Origines, diz que a razam, porque no Leuitico onde se fala do peccado do prelado, se nam faz mençam da ignoradcia, fazendose quando se trata do peccado das outras pessoas.

he porque se presupõe que não pode auer ignorancia no prelado, pois pera ensinar os outros foy electo & instituido. No segūdo Psalmo diz Deos, Sede eruditos vossos que julgais a terra. E pelo Propheta Osea. Pois tu desprezaste a sciēcia, eu te desprezarey pa que não tenhas officio de sacerdote. Pera q̄ he mais senã q̄ as mesmas dignidades se chamã magistrados, porque os que mandão & perfidē ham de ser mestres ornados de sciēcia e doutrina. Isto baste quanto às letras. Que seja necessario ao que ha de ser electo dar de si bõa esperança, e estar em bõa reputaçã. dilo São Paulo a Tito & a Timotheo. E esta he a causa, porque Christo nosso Redempror perguntou a São Pedro, primeiro que o fizesse principe dos Apostolos, se o amaua, pera nós ensinar q̄ aquelles se hã de dar os carregos & prelazias, que estiuer em em reputaçam de amadores de Deos. E não somente lhe perguntou se o amaua, mas se o amaua mais que os outros, porque aqueles ham de ser electos em prelados, que tiuerẽ fama de exceder aos outros em charidade e não se contentou o Senhor de perguntar a S. Pedro hũa vez se o amaua, mas tres vezes lho perguntou, como diz São Ioão no seu

Psal 2.
Osea. 4.

Tito 3.
1. Ti. 3.
Ioã. vltim.

Capit, IIII.

Euágelho. Ensinou nos nisto o Salvador o
 exame, q̄ auiamos de ter na eleiçam do pre
 lado. Não pergunta a Sam Pedro se he fidal
 go, se he cantor, se he debuxador, mas se he
 sobre todos verdadeyro amador. A elle diz:
 Apascenta minhas ouelhas: Não diz apascē
 tate a ti mas minhas ouelhas, nem diz mata
 as, comelhe a carne, esfolaa, trosquias viste
 te da sua lam, senão apascētaas. Aquele apa
 centa as ouelhas que á corte as necessida
 des, assi d' alma como do corpo, en sinádoas
 com doutrina & obra, com palavras & vir
 tudes. Mas porque os electores não errem,
 ham de eleger aquelles, que em melhor repu
 tação estiuerem, e melhor esperança de si de
 rem, que faram bem seu officio, e mediram
 suas obras com a regra da doutrina Euáge
 lica. Isto he o q̄ diz Sã Paulo, Conuem que
 o electo tenha bom testemunho daquelles,
 que são de fora. Isto he quanto á reputaçã.
 Pois que as boas obras lhe sejã necessarias
 dillo Christo nosso Redemptor em São Ma
 theus; O que fizer & ensinar este sera grãde
 no reyno dos ceos. E Sã Paulo diz escreuen
 do a Timotheo, que elle constituiria em pre
 lado. Tu vigia, & em tudo rrabalha. Porque
 o prelado ha de ser exemplo de boas obras

1. Tim. 3

Mat. 5.

2. Ti. 4.

Isto

Isto declara a escriptura no liuro dos juyzes onde o bom Gedeam capitã dos Israelitas lhe dizia: O que me virdes fazer, isso farey. O bom principe ha de obedecer às leys para dar exêplo. No Deuteronomio mãdava Deos, que tão to que el Rey fosse electo e cõstituido, escreuesse a ley, & a tiuesse consigo pera por ella se governar. E no quartoliuro dos Reys està escripto, que querendo constituir em Rey o principe, lhe pos o sacerdote na cabeça a coroa real, & em cima a ley de Deos, porque ella he a q̃ os reyes per cima de tudo hã de estimaa. Diz sancto Ambrosio q̃ o q̃ domina faça leys, que elle mesmo guarde. Não porque seja segeito a elas mas polo exemplo que de si deve dar aos outros. O principe ou prelado he o liuel, que não somente em si he igoal & direyto, mas igoala & indireita o edificio: & mal pode elle indireitar: se for torto. Assim como nã pode ser direyta a sôbra da vara torta assi não he o pouo justo, quando o Rey he deprauado. Isto he o q̃ diz Salamão nos Prouerbios O Rey justo aleuanta a terra. E no Ecclesiastico se diz qual he o regedor da cidade, taes sam os moradores della. E daqui vem que os peccados do pouo são atribuidos aospre

Iudi. 3.

Deut. 17

4. Re. 12

Compã
raçãõ.

Pro. 29.

Eccle. 10

lados q̄ não sómêre peccá cõ obras, mas cõ
 Compa- maos exemplos. Quando hum relogio, que
 raçam. tem todo seu côcerto necessario, anda destê
 perado, mais se atribue este erro ao relógieiro
 q̄ tem carregõ de o temperar, q̄ ao mes-
 mo relogio. Afsi errando o pouo & deixan-
 do a virtude polo vicio, aquelle se ha de dar
 a culpa, q̄ té carregõ de o moderar & reger
 pois com seu maõ exemplo o estraga, & de-
 stêpera. Afsi como o mar imita & segue ao
 ar, demaneyra que se o ar está sereno, está o
 mar affossogado, & se ar anda tempestuoso
 anda o mar cõ tormenta, afsi se o principe
 he virtuoso, o pouo segue a virtude, & se he
 vicioso, he tãbem o pouo dado a vicios. Por
 Compa- isso dizia S. Paulo a Tito. Em todas as cou-
 ração. sas te põe por exêplo de boas obras. Resu-
 mindo, e epilógãdo o que tenho dito, respõ-
 do a vossa questã, que a aquelle aueis dedar
 vosso voto pera governar, q̄ antre todos ti-
 quer mais saber, e der de si milhores mostras
 & esperanças, & fizer milhores obras, q̄ sam
 as qualidades substanciaes do prelado. Afsi
 como hũa nao não se deue chamar boa por
 ser melhor pintada, nê por ter a proa de pra-
 ta, nê por ser ornada de fermosas bandeitas
 & estandartes, senã por ser firme e segura, e
 bem

bê vedada, ligeira, veleira, obediênte ao leme de bõs mastos, velas, madeira, e pregadura: assi não se chamará ninguê bõ prelado por ser bõ tangedor de tecla, bom escriuam, de nobre geraçõ, priuado de principes, ou por outras qualidades desta maneira, por q̄ ainda que ornem a pessoa, não entram na essêcia de bom prelado Mas aquelle se chamará bom prelado que tiuer letras, reputaçã, & virtudes. Nas quaes tres cousas se cõprehende ser sobrio, continente, justo, diligête, prudente, & amador de Deos. Finalmente aquelles hã de ser em prelados cõstituidos q̄ forẽ sabedores no regimento, virtuosos na vida, exêplares nas obras, experimentados nos dias, humanos na conuersaçã, e liures no officio. De maneira q̄ se ha de fazer toq̄ nos homẽs, & aquelles ham de ser escolhidos pera gouernar, que mais quilates tiuerem de confiança, porque quanto cada hũ está em lugar mais alto, tanto ha de ser em merecimento mais eminente.

¶ CAPITULO V.

Em que o theologo trata do officio do principe, & do perigo em q̄ viue, & das qualidades q̄ ha de ter, segundo a sentença dos philosophos.

Perguntado Bias o philospho : qual era o bom principe & prelado, respondeo, como refere Celio Rhodiginio, q̄ aquelle que obedece aas leys, e que he o primeiro que se somete a ellas . E nisto diz elle verdade, porque Pindaro affirma que a ley he rainha de todos os mortaes. Donde os Reys do E-gypto, como conta Diodoro Siculo, entam se riuham por beinauenturados , quando obedeciam aas leys . Conta Fulgoso , que Antiocho terçeyro Rey de Asia, escreueo a todo seu reyno, que se em suas cartas ou aluaràs se achassem cousas cõtra as leys q̄ souberse n que era descuydo, & q̄ não goardassem taes cousas, porque sua tençam nã era quebrar as leys. E o mesmo fez Tiberio Cesar, como affirma Nicephoro no primeyro liuro da sua historia Solão Salamino diz Entam rege , quando riueres aprendido a ser regido . Soerates diz que he ignorancia querer imperar sobre os outros, quem não pode imperar sobre si. Plutarcho diz, q̄ pessimo he o governador, que não governa a si Porque delle ser mal regido procede não auer no pouo bom regimento E pelo cõtrayro quando o governador he justo, & obedece aas leys, os subditos folgam de lhe obede

per a elle. E com isto se sustentam os reynos:
 Dizia Cambises Rey dos Persas, que duas
 eram as cousas, cõ que se podia a republica
 sustentar, a primeyra quando a virtude regia
 ao q̄ regia, & a segũda quando os q̄ obedeciã
 entendiam quanta hõra era bem obedecer
 Dizendo hũs a Theopompo rey de Lacede-
 monia, que entam hia bem aos Lacedemo-
 nios, porque os reys aprendiam a bem mã-
 dar, respondeo elle; antes, porque os subdi-
 tos aprendem a bem obedecer, Então obe-
 decem elles, quando vem os principes bem
 mandar, & entam mandam bem, quando fa-
 zem o que mãdam. Porque entam fica aley
 hũ prelado mudo, & o prelado hũa ley que
 fala. Entam he o prelado ley q̄ fala, quando
 faz o q̄ deue, sem a solta liberdade, q̄ o man-
 do & o dominio consigo trazem, corrõper
 cõ vicios sua bõa inclinaçã. Entam he ley
 que fala, quando satisfaz cõ a pessoa o q̄ de-
 ue ao officio. Entã he ley q̄ fala, quando vsa
 da prosperidade do mundo como de cousa,
 que em nenhũa faz assento nem firme alice-
 ce, antes conhecendo sua variedade e incon-
 stancia, nem acquire se herba na bonança,
 nẽ perde o animo na aduersidade, pera dey-
 zar de fazer justiça, e perder o tento de sua

Capit. V.

governança. Entã he ley q̄ fala quãdo cõ seu
 esforço o dá aos seus, quando a razão vence
 o appetite, & a justiça não tẽ cõta cõ a affei-
 ção, quando tem postos os olhos no prouei-
 to cõ num, considerãdo q̄ elle mesmo não
 he seu, mas do pouo, & q̄ ha de ser hum sol
 igual a todos, & ha de prouer a todos & ter
 cora ção todos, & vigiar sobre todos cõ mais
 olhos, dos que fingem os poetas que tinha
 Argos. Osiris quer dizer coufa, q̄ tem mui-
 tos olhos. E por esta causa diz Eusebio no li-
 uro da preparação euangelica, e Porphyrio
 no liuro contra os q̄ comẽ carne, q̄ os Eryp-
 cios poseram este nome ao sol, por q̄ elle cõ
 seus raios vencedores das treuas como cõ
 clarissimos olhos ve & rodea todas as cou-
 fas. E por q̄ Osiris, como diz Diodoro, foy
 rey do Egypto, onde ensinou muitas artes,
 o adorará os Erypcios como Deos, ou Rey
 diuino, dizendo q̄ elle era o mesmo sol. Qui-
 seram nisto significar os antiquos, q̄ o bom
 principe & prelado he hũ sol commũ a to-
 dos, que vigia sobre seu pouo com muitos
 olhos, estando sempre no meo como o sol,
 q̄ está no meo dos sete planetas. Os Eryp-
 cios antiquos, q̄ em lugar de letras se entẽ-
 diam per figuras & charatores, quando que-
 riam

riam significar Deos, pintauam hũ cetro di-
 reito & aleuãtado com hum olho em cima,
 dando a entender q̄ Deos era iusto rey, e q̄
 via tudo, e q̄ raes auiam de ser os principes
 se quisessem ter por vida empregala em cou-
 sas de gloriosa memoria. Demaneira que o
 principe & prelado ha ã viuer sobre os seus
 cõ vigilancia, & acudir a todos, & olhar por
 todos. Esta he a causa porque o tributo do
 pouo, nam podia estar fora de Roma hum
 dia inteiro, como o affirma Aulo Gellio no
 segũdo capitulo do terceiro liuro das suas
 noites Atticas, & Macrobio no terceiro ca-
 pitulo do seu primeiro liuro dos Saturnaes.
 Porq̄ queriam os Romanos, q̄ os q̄ tiuessem
 carregos pubricos, e dominio antre a gera-
 lidade, fossẽ presentes a tudo, pera q̄ nã dei-
 xassem passar culpa sem castigo, nem virtu-
 de sem galardam. E pera esta execuçã esco-
 lhiã magistrados, q̄ nem alargassem tanto
 que perdessem por brãdos, nem tirassem tã-
 to, q̄ excedessem por rigurosos. Dizia Pron-
 to Cõsul que foy no tempo do Emperador
 Nerua, como o refere Fulgõsio, q̄ maõ era
 viuer a obediencia do principe, que vay a
 mão a tudo, mas pior era estar subjecto a
principe, q̄ não vay a mão a nada, por q̄ ain-
 da

da que faz danno o que não permite nada, muito moor o faz o que permite tudo. grã de trabalho, disse o cidadam, he o do bom principe & prelado, pois he obrigado a ser justo & igoal, & a comprir com todos, & a contentar a todos, que parece cousa não somente difficultosa, mas impossivel. He coufa disse o theologo, tam trabalhosa & perigosa, que dizia Demostenes, que se nos fossem mostradas duas viasa escolher, hũa que guiasse à morte, outra á governança da republica, auiamos antes de escolher a da morte que a da governança. Assi o cõta Plutarcho na sua vida. E Crylipo dizia que nenhũ homẽ auia de pretender dignidades & prela- zias, pois està tomado ás mãs q̃ seo fizer bẽ ha de descontentar aos homẽs, & se o fizer mal, a Deos Isto quis significar Pythagoras naquella sua sentença relatada, mas não explicada per Laercio, lida de muitos, & entẽ- dida de poucos, q̃ diz, q̃ nã curem de fauas. Isto d zia elle, nã porque prohibisse comer fauas, mas porque em tempos antigos as eleyções dos votos, se faziam com fauas, & quem mais leuaua alcançaua a dignidade e prelazia. Quis dizer o philosofo, que nin- guem buscasse nẽ pretendesse carregos, nẽ

governanças, se quera viuer quieto. Quã
grandes e incôportaveis sejam o trabalho
dos q̃ bem governã sentio bem Turbo pre-
fecto dos Romanos, o qual sendo amoesta
do do Emperador Adriano q̃ descancafle, e
senão desse tanto ao trabalho, respôdeco, co-
mo refere Dião Cassio, q̃ era necessario aos
homês que governam outros morrer empè
trabalhando. Cõcerta isto como o q̃ diz Se-
neca no liuro da clemencia, q̃ não ha de cuy-
dar o q̃ manda & governa q̃ a republica he
sua, mas que elle he da republica: nem se ha
de ter por senhor mas por escravo & seruo
publico. E como diz Pittaco, hũ dos sete sa-
bios, ha de ser sujeito à razã dos seuse li-
ure à sem razã dos alheos. Diz o Petrarcha
que o bõ rey o dia q̃ começa a reinar, acaba
de viuer a si, e começa a viuer pa os outros
E se faz cõtrayro, destrue totalmẽte a repu-
blica, porque, como diz Xenophôte, todas
as q̃ se perderã, foy por causa dos governa-
dores. E per aqui vereis quam grave pecca-
do de eleger à scinte homês indignos por af-
feyçã ou particular interesse. Sãcto Antoni-
no na terceyra parte affirma q̃ Pecãmortal-
mente, pois indo contra a charidade trazẽ
notavel danno a igreja a qual ninguẽ mais
empece

Cap. V.

empece q̄ o mau prelado Dizia o Papa Pio
segũdo, como o refere Platina, q̄ os homẽs
se hã de dar as dignidades e nã as dignida-
des aos homẽs. Hũa das virtudes de q̄ foi lo-
uado o grãde Constantino foi, q̄ aos homẽs
baixos, a q̄ quis bẽ,ãtes q̄ fosse Emperador
depois d'alcançado o imperio lhe fez mer-
ce de dinheyro, mas nã de officios da repu-
brica, saluo aos que peia isso tinham habili-
dade & merecimento, como o conta na sua
vida Pomponio Leto: porque dizia elle, que
os carregos pubricos & magistrados nã se
auiã de dar por afeicã, mas por razã. Esta
he ordẽ por onde tudo vay sã ella, prouere
as pessoas de officios e nã os officios de Pes-
soas. Daqui vẽ os descõcertos & desbarates
dos subditos, por q̄ assi como sendo a fonte
solobre, nã podẽ ser doces os ribeyros assi
sendo corrupto o prelado, são tambẽ os sub-
ditos corruptos. Mas o bom prelado ha de
olhar o officio, que tem, e cõsiderar, q̄ quã-
to estã mais alto, tãto estã ã mayor perigo.
Declarãdo sã Gregorio, aquellas palauras
de Christo nosso Saluador em Sam Ioam:
(Accipite Spiritũ sanctum:) diz assi, grãde
he a hõrra da prelazia, mas he graue seu pe-
so. Couisa dura he q̄ seja juiz da vida alhea,
quem

Compa-
ração.

Ioã. vi.

quem nã sabe governar a sua própria. Quê
 não he pera ser a raiz do pequeno barco de
 sua vida, como sera piloto da grande naoda
 republica? com que coraçam ousa tomarna
 mão o leme da governança de todos, quem
 não atina a governar asi? Se hũ Anjo custo
 dio sendo espiritu tam purificado e excellê
 te, se contenta cõ ter hũa so pessoa debaixo
 de sua goarda, qual he o homẽ que desseja e
 pretẽde ter muitas, sendo fraco & imperfey
 to, & finalmente sendo homem E mais pois
 ha de dar cõta das ouelhas a elle cometidas
 Falando Deos cõ o prelado aos 3. capitul.
 do propheta Ezechiel diz: Senão falares &
 declarares a teu subdito, que se tire de seus
 vicios, elle morrerà em seu peccado, mas tu
 me daras conta do seu sangue, eu tomarey
 vingança de ti: Palauras saõ estas pera mete
 rem espanto, & fazerem desfazer a roda, &
 tornar sobre si, e meter debayxo dos pes to
 das as fantesias, Em Deos dizer que o prela
 do lhe pagara a morte do subdito, da a en
 tẽder que o mao exemplo dos prelados he
 causa da perdiçam dos subditos. Dõ deveo a
 dizer S. Augustinho que o prelado, que viue
 mal, he homicida. E pera não ser tal, ha de
 ter sciencia cõpotente, e fazer inteyra justia.

3. Reg. 7

ça, & dar exemplo de vida e sanctidade. Isto quis a escriptura diuina significar no. 3. li-
 bro dos Reis, quando diz, q̄ mandou Salamão
 fazer no templo certas basas de colunas em
 que estauã esculpidos cherubines, e liões, &
 bois. As basas são os principes e prelados q̄
 ham de ter sobre si, todo o peso do edificio.
 Dõde vierã os Gregos a chamar ao Rey ba-
 fileus, q̄ quer dizer basa do p̄ouo, como hũ
 assento, sobre q̄ está todo o peso e trabalho
 da republica. E daqui se colhe que quãto ca-
 da hũ está mais aluãtado per dignidades,
 rãto he mais oprimido cõ o peso dos traba-
 lhos. Pelos cherubis, q̄ como muitos dizẽ, q̄
 rem dizer cõprimẽto de sciencia, a qual in-
 terpretaçã segue S. Gregorio, significou Sa-
 lamão que os principes e prelados em espe-
 cial os ecclesiasticos ham de ter sciẽcia e co-
 nhecimẽto da diuina escriptura. Pelos liões
 se entẽde a seueridade da justiça, e o esforço
 & alto animo. E pelos bois os trabalhos nas
 obras & exercicio de virtudes. Todas estas
 cousas estauam nas basas do templo, q̄ sam
 os principes e prelados comparados, como
 diz Chrysofomo, as basas & fundamẽtos
 do edificio, porque assi como ainda q̄ caya
 & se perca hũã pedra na parede, facilmente se

se repára, mas perdêdofe o fundamêto per
dele todo o edificio, e levado o alicee cae a
machina, afsi o erro d'hũ subdito facilmen-
te se emenda, mas perdêdofe os principes e
prelados, & sendo levados de seus vicios &
desbarates, fica tam arruinada a repubrica,
que pera feu mal ter remedio tẽ a esperãça
perdida, e pera ver sua destruição sobejalhe
esperanças, se se podem chamar esperanças
os temores de seus males, & defaenturas.
Verdade he, q̃ pois a misericordia de Deos
he immensa, não se deve nunca d'ella de de
fesperar. Mas ham de cõsiderar os principes
que pois são fundamêto da repubrica cõ
ter muita firmeza no pensamento, pera po-
derẽ softer tam alto edificio. E ham se de en-
tregar totalmente á virtude, & viver cõfor-
mes à ley euangelica, & goardar inteira ju-
stiça, depenãdo as soberbas dos reuoltosos,
& dando afas de fauor aos pacificos, pera q̃
ornados de bõa sciencia, & de bõa fama, &
de bõas obras, alcãcem nome de perfeytos
principes & prelados, & acabada esta vida
que he transitoria alcancem a outra, que he
eterna, onde a gloria he sã termo, e o amor
sem fim, que ainda que passe o amor do mū-
do, o de Deos não passa, porq̃ começa aqui

& lá he mais perfeyto, & cá o amor do mui do he sol d'atre nuuês, q'arde muito e dura pouco. E assi tenho mostrado não somente pelas letras diuinas mas humanas, qual he o officio do bom principe & prelado, & em quamanho perigo viue, & as calidades que ha de ter pera ser dignamente electo, & cõprir sua obrigação, que he singularizarse no resplandor da virtude sobre todos, poistem superioridade sobre todos pera governar como prudente & cautelado, o que elle deve ser pera não errar. Porque as bõas cautelas, caso que ás vezes ganhem pouco, todavia a seguran muyto.

CAPITULO. VI.

¶ Em que o Theologo declara q' os Principes hão de ser mansos & humildes. & inimigos de nonidades.

TODAS estas qualidades que o Principe ha de ter, ham de ser adubadas cõ mansidam & humildade, porque a ira & soberba estragam as virtudes. E se isto conuem a todo o Principe, quanto mais ao Prelado ecclesiastico, q' ha de imitar aquelle bom pastor Christo nosso Deos, que trouxe aos hõbros a ouelha que se perdura, & que diz era
sam

são Matheus. Quem quizer ser mayor átre vòs, seja vòsso ministro, & o que quizer ser primeiro, seja vòsso seruo, alsi como o filho da virgem, q̄ nã veo a ser seruido, mas a setuir, & dar sua vida é resgate por muytos. E daqui veo chamar-se o Papa seruo dos seruos de Deos, que a meu ver he o mais excelente dos titulos do mūdo cujo inuétor foy o glorioso Gregorio Vigayro de Christo. Aos 22. capitulos de Esaías, falando Deos do bom prelado diz (Dabo clauem domus David super humerū eius) Como se disse. Eu lhe darei poder na igreja, q̄ he a casa do verdadeyro David, que he Christo. Mas he muyto de notar, que falando aqui Deos da chaue, q̄ dá ao prelado, não diz q̄ lha ha de por na cinta, mas no hombro. Que chaue he esta tam carregada, que nã pode andar dependurada no cinto per hũa fita ou cordão mas ha mister fortes hombros pera a suste-rem. Que chaue he esta que faz agiolhar os homês cõ seu esposo, senão a superioridade & prelazia, & poder de fechar & desfechar? Tristes daquelles que não querem esta chaue pera a trazer aos hombros mas ao pescoço. Quero dizer, que não querem prelazia pera servir & trabalhar, senam pera domi-

Mat. 23

Esa. 22

Capit. IV.

nar & vangloriar-se. Trazêua ao pescoço co-
 mo cousa leue, & como joya pera q̄ lha ve-
 jam, & saybam q̄ sam prelados, & não ao hõ-
 bro como cousa pesada, & de muitos encar-
 regos & obrigações: nam curam dos traba-
 lhos, & officios, mas das rendas & dignida-
 des, ás quaes elles não trazem mais mercedi-
 mentos q̄ desejalas & pretendelas, & isto he
 o cô q̄ menos as merecê: da humildade isen-
 tos, & da presumpçã captiuos, tão vazios de
 razões & confidências de sua miseria, como
 cheos de ambições & verdades, em q̄ a fan-
 tesia reparte seus pensamêtos. Verdade he,
 q̄ hahi prelados humildes, & excellentes, a-
 madores da virtude & religião Christãã, q̄
 trazê as dignidades aos hõbros, inclinados
 per humildade, & diligentes na administra-
 ção, & finalmente verdadeyros pastores, ca-
 como diz S. Bernardo, o officio do prelado
 he ser solícito & não altiuo. E dado q̄ isto
 principalmente conuenha aos prelados ec-
 clesiasticos, nam cuidem os principes secu-
 lares, & todos os que tem mão e dominio
 que são escusos da obrigação da mansidã e
 humildade, antes trabalhem polas adquirir
 & conseruar como cousas, que lhe sam sum-
 mamente necessarias. E se per vctura antes

de terem as dignidades e carregos publicos
 e stauam irados contra algúas pessoas, tão
 que se vire n com dominio, lhe ham de per-
 doar. Tra sibulo o Grego tanto que matou
 os tyrannos de Athenas, e ficou com o prin-
 cipado, vendo que auia hi muitos, que o ti-
 nhão offendido, fez hũa ordenaçã, que nin-
 guê fosse castigado nem acusado de culpas
 passadas, por não ter occasião de vingar asq̃
 contra elle seus inimigos tinhão cometidas, e
 chama se esta ordenação a ley do esqueci-
 méto. Isto sentia bem Elio Adriano, q̃ sêdo
 confirmado em Emperador, acertou de ver
 hũ homẽ, a que dantes tinha odio, & como
 o homem estiu esse assombrado e medroso,
 disselhe o Emperador, Escapaste. Como se
 lhe dissera: Agardece tu ao imperio, q̃ eu te
 nho, que se o eu não tiuera, eu tomara de ti
 vingança. Hum Duque de Orliães, q̃ fora
 injuriado doutro senhor, veio a ser Rey de
 França e sendo aconselhado que se vingas-
 se, pois o podia fazer, q̃ entã era tempo, res-
 pondeo que nã conuinha ael Rey de França
 vingar as injurias feitas ao Duque de Or-
 liães, nê lêbrarse delas. Destes principes pas-
 sados deuiam tomar exemplo todos os pre-
 sentes, como vemos que o fazẽ os que sam

Capit. V.

justos, & de altos animos. Mas os injustos e de baixos espiritus parece q̄ nã acceptão os carregos da justiça, pera a fazerem mas pa se vingarem não tem conta com clemencia, mas cõ vingança. As brasas na fragoa estãdo quietas cubertas de cinza & caruões sãdo viuas parecem mortas, mas tanto que lhe sopram & leuantam os folles começã a centillar & lançar faiscas & chamas de fogo assi o subdito apassionado, q̄ tem fituladas as entranhas cõ odio antigo, como nã tem poder pera se viagar, mostra se quieto, & dissimula suas injurias: mas se lhe sospira se lhe aleuanta os folles, com lhe dardes q̄lquer governança, ou capitania, ou outro qualq̄r carrego de justiça, logo se accende em ira, querẽdo effectuar os desejos de sua vingãças, logo centilla, e mostra as chamas de seu rancor, logo prorompe em palauras injurias, logo se descobre e manifesta por vingatiuo, & publica seus odios antiquos, & suas danadas entranhas, por q̄ tem por gosto tira lo aos outros, & por desgosto não o dar a ninguẽ. Assi como hũa tina por fendida q̄ se ja per muitas partes se estã vazia, não se conhece, mas tanto q̄ he cheia d'agoa: logo descobre suas fendas, e se enxergam suas faltas

Compa
ração.

Compa
ração.

Assi hũ subdito nã mostra quẽ he, e por fendido q̃ seja encobre suas quebras, mas tãto q̃ o enchẽ de dominio, tanto q̃ lhe metẽ nas mãos officio, logo pubrica seus defeytos & suas fendas: per hũas aparece a soberba per outras a cubiça, per outras a fantasia, peroutras a crueldade, per outras os encubertose velhos desejos de vingança. Isto he o q̃ diz Pittaco hũ dos sabios de Grecia, q̃ o officio descobre o varã Mas os que quiserem bem governar a outros, primeiro deũ de vedar e calefetar a si, pera acertarẽ, & quando virem q̃ erraram, nã se ham de correrẽ emẽ dar seus excessos, nẽ se ham de ter disso por afrontados Acabando Philipe rey de Macedonia de julgar injustamẽte hũz causacõtra Macheta vassallo seu, cõ ira e pouca consideracõ, disse o macheta q̃ apellaua. E fazẽdo el Rey zombaria de sua apellaçõ, disse lhe: Nã sabes tu q̃ nã tenho eu superior. Pois pera quẽ appellas? Respondeo elle: Senhor appello de ti pera ti, depois q̃ estiueres desgaustado, & vires a causa cõ milhores olhos. Tornou Philippe sobre si, & vendo q̃ errara reuogou a sentença. Isto fazem os principes alheos de soberba, ca os inchados dela, inda que vejã seus erros, hamse por abatidos em

os emedar. E como se governã per seu pro-
 prio parecer, querẽ mostrar suas inuẽções, e
 ir cõ ellas auante, & fazer mil nouidades cõ
 que destruem a republica. Muito ha o prin-
 cipe de fugir de nouidades. Diz Aristoteles
 que o q̃ bem quizer governar, tres cousas ha
 de ter, justiça, poder, e odio a inuẽções no-
 uas. Platão louua muito os Sicionios em nã
 consentirem mudanças em sua cidade. Os
 Rhodios forão mui louuados dos Choro-
 nistas, em que com grãde difficuldade faziaõ
 & acceptauam leys novas, mas despois que
 erã feitas e acceptadas, inuiolauelmente as
 goardauam. Os Lacedemonios nã admittiã
 costumes peregrinos, e segũdo as leys de Li-
 curgo nã podiam ir a terras estranhas, por
 não verem nem aprenderem nouidades sem
 tanto que porque Tipandaro nũ instrumẽ-
 to musico acrescentou hũa corda alẽ das cu-
 stumadas, a elle poseram em desterro, & ao
 instrumento fizeram em pedaços. Florêça,
 & Sena, e Pifa, eram tres excellentes senho-
 rias em Italia, cada hũa sobre si, e por serem
 dadas a mudanças & nouidades perderam
 seus estados e liberdades, & vierã em nossos
 tẽpos a ter por senhor a Cosmo Medices, q̃
 de pobre soldado veio a ser Duque de todas
 ellas,

ellas. E pello contrayto a senhoria de Veneza, por não conseatir nouidades se conseruou ate agora em sua antiqua dignidade, & he hoje em dia húa das mais illustres e famosas republicas do mundo. E tem isto os Venezianos, que naturalmente são inimigos de cousas novas: o que não acõtece aos Portugueses, de nosso tempo, que por cima de muitas cousas que tem boas, tem està ma, q he serem muito de nouidades, em especial nos trajos, que cada dia mudam: em tâto q se agora resurgisse hum Portugues dos antigos vestido ao modo daquelle tẽpo, nem nõs conheceriamos a elle, nem elle a nõs. Mas ja se soffrerã nouidades estranhas nos trajos, cõ tâto que os principes as não admittissem nos costumes & regimentos. Colhemos daqui q os gouernadores percima d hu mildes e humanos hã de ser inimigos de mudanças dãnosas, se quiserẽ sustetar seus estados, ca as republicas insignes permanecem na honra ganhada cõ fazer o com que a ganharam, & não com inuencões novas, com que muitas se perderam.

¶ CAPITULO. VII.

Da liberalidade: & dos lououres do direyto ciuil, & da mathematica.

Cap. IIII.

Hũa qualidade, disse o Cidadã, ficou por tocar, q̄ eu tenho pera mim que lustra muito no Principe, & que he das mais substancias, que elle pode ter. Que qualidade, disse o theologo he essa, He, respondeo o cidadão, a liberalidade e magnificência. Essa tornou o theologo, se cõprêde na virtude com outras muytas particulares que eu deyxey de tocar. Quando eu digo que o principe ha de ter letras, entendoo nã somête das humanas mas diuinas, & quando digo que ha de ter virtudes entendoo de todas, hũa das quaes he a liberalidade. Diz Socrates, como refere Xenophonte, que conuem ao principe ser mais amigo de dar q̄ ter. E Agefilao diz, como refere na sua vida Plutarcho, que aquelle que he valeroso capitam que enriquece mais seu exercito que a si. O príncipe cubiçoso & auarento alem de ser mal quisto dos homês, està mal com Deos, & quanto quer ser mais rico, tanto he mais pobre. Que tem quem se a si não tem? Quem he seruo da cubiça, de quem pode ser señor Como pode viuer cõ a casa cheia de bêsquẽ tem a alma cheia de males Como quadra ter hũ principe seus paços armados de rica tapeçaria, & alma defarmada da virtude, aspaz

redes de pedra vestidas, e os pobres de Christo nus? Crede que nã ha mores riquezas q̃ nã as desejar. Hum homẽ sem cubiça anda descansado, & se he cubiçoso, não tem descanso, porque sempre traz os sentidos occupados em seus interesses com hũa forjaviua de trabalhosos cuidados, q̃ de dia e d̃ noite lhe ardẽ no pensamento. Assim como quando o estamago nã coze, nem reparte o manjar pelos mēbros dizemos que esta muito efermo, assi quando o principe he escaso & aua rēto, não hai q̃ debater senão q̃ té grande efermidade. O estamago recolhe a si as igoarias, & depois de as dirigir cõ o calor natural, reparteas pelo corpo, mas faltando o calor, nã se faz a digistão, e incha o estamago e os mēbros e marelecẽ: enfraquecẽ. O rico he o estamago onde se recolheram as riquezas, pera q̃ esmoidas cõ o amor & calor da diuina charidade, se repartissem pelos pobres, mas faltando o amor, apagado o fogo da charidade, enche-se o rico, e os pobres pe recẽ, & quanto mais cheo està o estamago, quanto mais embaçado està o homẽ, tanto mais mingoados estam os membros, que sã os pobres. O que se da aos pobres nã se dà mas poẽse em deposito na arca de Deos pe

Capit. VII.

ra que alli estê goardado ca como diz Chry
 sologo: a mão do pobre he cofre de Christo
 & o mesmo Christo diz, que façamos thesou
 ro no ceo, onde estará melhor goardado. E
 não somente receberemos o que dermos,
 mas cento por hum, & a vida eterna. Que
 cousa he logo fazer esmolas, senão leualas
 daqui em terra, pera laa no ceo as receber-
 mos ao galarim. Isto he o q̄ diz Salamãos
 prouerbios. Aquelle dà o seu à onzena a Se
 nhor, q̄ faz esmola, e vsa de misericordia cõ
 o pobre. Se isto cõsiderassẽ os ricos despen
 deria n bẽo seu, e não estariam feytos esta
 magos encruados e opilados, mas reparti
 riam o mâtimento pelos mēbros. Diz Sexto
 Aurelio q̄ soya Trajano chamar ao seu the
 souro bolça da republica por q̄ assi como cre
 cendo o baço, o corpo se corrõpia e cõsumia
 assi quãto mais cresce o thesouro do princi
 pe, tãto mais se cõsume a republica: por q̄ o
 thesouro do principẽ ha se de despēder cõ
 vassallos, & acodir as necessidades dos po
 bres. Ca pera so isto, se podẽ desejar rique
 zas pera cõ elas socorrer as diuidas necessi
 dades. Que aproueita a hũa figueyra estar
 carregada de excelētes figos se ella estã nũa
 rocha antre tã fragosos arrecifes q̄ ninguẽ
 lhe

Mat. 6.
 Mat. 19

Prob. 19

Tempo
 cio,

lhe pode chegar? Assim q̄ aproveita a hū príncipe estar cheio de riquezas, se se ninguē del las aproveita? Alexandre Magno foy tã liberal, que parece q̄ não conquistaua as terras, senão pera as dar. E perguntando lhe hūa vez hum seu amigo, que lhe ficava, pois dava tudo? Respondeo que lhe ficou o gosto, que tinha de dar. Ainda que Plutarcho diz que respondeo, que lhe ficava a esperança. E na vida de Phocião Athenies diz, que não dou de Asia grãde soma de dinheyro a este Phocião, que era muito pobre, e que elle o não quis acceptar, dizendo que se contentava com sua pobreza, pois lhe bastava o que tinha. E foy ventilada esta questam nas academias dos philosophos de Grecia, qual fo ra mais rico, se Alexandre em mandar o dinheyro, se Phocião em o não querer. Quanta gloria alcançou Alexandre com o nome de liberal, em tanta infamia encorreo seu inimigo Dario com fama de cubicoso. Contra Herodoto no primeiro liuro de suas historias, que por Nitochis Raynha do Egypto hū letreyro no seu sepulchro que dizia, que se n'algū tempo el rey de Babylonia tiuesse necessidade de dinheyro, abrisse aquella sepultura, & tomasse dahi o q̄ quisesse, mas q̄

a não

a nã abrisse senão com necessidade. E soco-
 dendo depois muitos Reys nenhum abriu
 esta sepultura senão Dario: mas não achou
 dentro nenhum dinheiro, senão hũas letras
 que diziam: Senão foras auarento e cubiço-
 so de torpe ganho, não abrias tu as sepultu-
 ras dos defunctos. Odiosa cousa he a cubi-
 ça. Hũ auarento cuyda q̄ tem dinheiro, & o
 dinheiro tẽno a elle. Quam ricos seriam os
 homẽs se se quisessem cõtentar com pouco.
 Seneca diz. Se viveres segũdo a opiniã nũ-
 ca seras rico, & se segundo a natureza, nũca
 seras pobre. A opiniã nunca se farta, & a
 natureza com pouco se contenta. Architas
 Tarentino cõparaua o animo d' hũ cubicoso
 a vaso sem fundo, q̄ nunca se acaba dencher
 e pelo contrario o animo nuu de cubiça lo-
 go se contenta, & com pouco se satisfaz. En-
 trãdo hũã vez Socrates per hũã praça onde
 auia grande feyra, vendo muytas riquezas e
 grande variedade de cousas, disse como espã-
 tado. De quantas cousas não tenho neces-
 sidade. Chriostomo diz. Despreza a riqueza,
 & seras rico, despreza a gloria, & seras glo-
 rioso. Sam Paulo na primeira epistola a Ti-
 motheo, chama a cubiça raiz de todos os ma-
 les. Assim como a terra q̄ dà ouro he estéril

pera todo o mais, assi o homẽ cheo de ouro
 não aproueita pera nada. Falo dos auarêtos
 aos quaes resplandece mais o outro q̃ os ra-
 yos do sol, os quaes esporcados cõ cubiça
 & esperança de interesse, corrẽ pera onde os
 guia o appetite, & fogẽ dõde os guia a raza
 E ainda q̃ a auareza seja perniciosa é qual-
 quer pessoa, muito mais he nos príncipes &
 prelados, q̃ ham de ser emparo dos necessi-
 tados, semelhâtes a bedês, q̃ por cobrirẽ ou-
 trẽ estam à chuua: e ham de governar e jul-
 gar liuremẽte segũdo justiça. O q̃ elessẽdo
 cubicosos e auarêtos onã podẽ fazer: porq̃
 os dões e presentes q̃ recebẽ, os enleam &
 deprauiam. Isto sentia Ietro, quando a conse- **Exo. 18**
 lhaua a Moyses q̃ escolhesse pa governado-
 res homẽs temêtes a Deos, & verdadeyros,
 & imigos de auareza. No Exodo e Deuter. **Exo. 23**
 diz Deos, q̃ os que tẽ carregõ de justiça nã **Deu. 16**
 tomẽ presentes & dadinas, porq̃ cegam nã
 samente os ignorantes mas os prudêtes. O
 julgador cubicoso he como balança, q̃ pera **Com**
 onde lhe poẽ mór peso, pera ali se inclina, e
 mete os malfeitores na cadeia pela porta do
 ferro, e tiraos pela porta do ouro. E assi he
 auorrecido, & injusto, e incostante, & pelo
 cõtrario se he liberal e magnifico he amado
 &

Capit, VII.

Compa
zação.

& justo, e amigo da firmeza. Mas he neces-
sario q̄ a liberalidade tenha & guarde suas
dediuidas circūstancias, pera q̄ nã sejam os
principes relogios destemperados, q̄ dã fo-
ra do tēpo, dando dez quādo hã de dar hũa,
& hũa quando dez. Mas basta que ham de
fer liberaes & d'alto animo, nã querēdo sa-
tisfazer só cō palavras a falta de suas obras
semelhantes āquelles em cujos reynos cor-
rem palavras por moeda. Isto baste quāto
a liberalidade, que dissestes ser necessario ao
principe, como lhe saõ muitas outras virtu-
des & sciencias. Ao menos, disse o jurista, he
lhe necessaria a sciencia do direito, pois ha
de fazer guardar as leys, & he impossivel fa-
zelas guardar, sem as saber. Quāto mais que
hahi às vezes tempo, em que he necessario
fazer leys, & nã se podem fazer as novas
sem saberem as antiguas. E está claro, que
ninguem pode fazer leys, que toquē ao cō-
mum estado do reyno, senão el Rey. l. finali,
§. penultimo, & finali. C. de legibus. E as vir-
tudes das leys saõ, como diz Modestino nos-
so jureconsulto imperar, vedar, castigar, &
permitir. E Vlpiano diz, que os preceptos
do direyto saõ viver honestamente, nã em-
peccar a ninguē, dar o seu a cujo he, nos quaes

se inclue toda a moral philosophia. E as leis
são as que ensinã estes preceptos. Por onde
se mostra q̄ são ellas regras de philosophia,
& doutrina de bẽ viuer dadas pera o bẽ cõ
mũ. Porque ley nã he senã hũa ordenança
da razão, & hũ precepto dado de quem tẽ
carrego disso pera o commũ prõneito, e cõ
seruaçã da humana sociedade. Cõ as leys se
quietão os tumultos, & se conserva a doce
paz, & finalmente se governa todo o mũdo.
Em tanto que ate os cossayros, & os que
na terra viuem de roubos se nam poderiã
conservar em sua companhia, senam fossem
as leys que tem, & a justiça distributiua, q̄
antre si guardam. A cidade, onde nam ou-
uer bõas leys, sera muy cedo destruida, & o
reyno que per bõas leys se nam governar,
sera facilmente desolado. Tanto durou a re-
publica dos Lacedemonios, quanto nella
durou a authoridade das leys de Licurgo:
& tanto a dos Athenienses, quanto as leys
de Solão. Mas perdidas as leys perderamse
tambem as republicas, porque a governan-
ça que soia andar nos sabedores, foy vsurpa-
da dos ignorantes. E pera isto dou por te-
stimunhas nam as palauras presentes, mas
historias antigas. Diz Platão que então

Capit. VII.

feram bemauenturadas as cidades quando os philosophos regerem, ou quando os reis philosopharem. Per essa autoridade, disse o mathematico se proua, q̄he necessario aos principes, & a todos os gouernadores a philosophia, em especial a mathematica, pera saberem o sitio do mundo, & o mouimento dos ceos, & as nauegações, & climas, & constelações, & pera saberem situar hũa cidade & ordenar hũ exercito, & guiar hũa armada, e outras cousas desta qualidade, que pertencẽ a hũ perfeito principe. Isto moueo a Ptolemeu Rey do Egypto dar-se tãto a mathematica, que veuceo nella os philosophos de seu tempo, & escoreceo a memoria dos antigos. Deos fez o mundo, & Ptolemeu o descreueo & matizou. A esse famoso Rey imitou el Rey dõ Afonso de Castela na cõposiçam das suas taboas mathematicas. Julio Cesar a q̄lle illustre Emperador, & espãtoso capitã deuse tanto ao conhecimento do curso do sol, lũa, & estrelas, & philosophou tãto altamente nas cousas de mathematica, q̄ teve tanta guerra cõigo mesmo sobre a sciencia, quanta tiuera cõ os imigos sobre o imperio, e estimaua tãto as letras q̄ aprendera como as terras que conquistara. E não con-

qui.

quisará elle rãtas, se as não vira dibuxadas na mappa mundi, a qual inuétou Anaximãdro, como o conta Eratosthenes, & refereo Strabo no seu primeiro da geographia.

Quãdo os poetas fingirá q̃ el rey Prometeo estava no cume do monte Caucaſo atormẽtado d'hũa aguea, que lhe estava roendo o coração, ou como outros dizem o figado, sem nunca acabar de lho comer, que outra cousa quizeram significar senão que o bom principe ha de ter conhecimento do curso das estrellas? Que aguea he aquella que lhe roia o coração, senam a alta & triste meditaçã dos mouimentos celestes, & a cõtẽplaçã espherica & mathematica? E porque na subtileza desta sciencia d'hũ cuydado nace outro, & hũ pensamento gera outro pensamento, fingiram q̃ esta aguea sempre roia o coração sem nũca acabar de o cõsumir, porque a parte roida tornaua a nacer. E porq̃ esta meditaçã mathematica he sobre as cousas altas & celestiaes, disseram q̃ estava este rey nã nũca verde varzia, ou sombrio valle, senão no alto cume do mõte Caucaſo, q̃ parece que confina cõ o ceo, nem fingiram q̃ lhe roia o coração animal terrestre, mas hũa aue, & não qualquer, mas a princesa de to-

Capit. VII.

das ellas, a que voa mais alto, a que era dedicada ao grande Iupiter, a quem elles chamauam Rey das estrellas, & collocauam antre as vaidades de seus deoses, como mais excellente & supremo de todos elles. No que quizeram significar a excellencia & superioridade da mathematica sobre as outras sciencias, & quam apurados & refinados sentidos se requerê pera seus altos iuzos & delicadas considerações. E porque nam disse alguem que esta sciencia nam pertencia a Reys, disseram que este prometheo era nam qualquer homem, mas grande Rey. Não por outra causa diz aquelle grã de Homero fonte da grega poesia, que o escudo do famoso Achilles tinha esculpidas muitas constellações celestes, senam para dar a entender, que os insines, & abalifados capitães, & excellentes principes se hã de prezar do conhecimento das sciencias mathematicas, & as ham de estimar, & fauorecer, pera que com seu fauor se augmentem & multipliquem. Porque assi como a temperança do ar faz a terra fertil, assi o fauor do príncipe excita & alevanta os engenhos dos vassallos a grandes cousas.

Compa
ração.

CAPITULO. VIII.

Da philosophia actiua & contemplatiua, & qual dellas conuem mais ao per-
feyto principe.

Não se pode negar, disse o jurista ser a mathematica util ao principe, como o sam todas as mais sciencias & artes liberaes, as quaes lhe dão grande lustro & resplandor. Mas a que lhe mais conuem, & he propria sua, & summamente necessaria, he a sciencia do direyto. Porque como diz no prologo das suas Instituiçõs o Emperador Iustinia no, a imperatoria magestade conuem nã somente ser afermosentada com armas, mas armada com leys, pera que hum tempo & outro assi o da guerra como o da paz possa ser direytamente gouernado. E quanto he ao que dizeys da authoridade de Platão, q̄ os Philosophos ham de reynar, ou os Reys philosophar, està claro q̄ faz mas por mim que por vos, porque se entende não da philosophia contemplatiua mas da actiua, não da mathematica, mas da moral, na qual se comprehende a sciencia das leys, como ja tenho prouado, as quaes sam tam excellentes, que nam somente conseruam o proprio

Capit. VIII.

reyno, mas ainda gouernam & sustentam
 ontros Reynos & señorios remotissimos:
 como se ve claramente nas leys feitas neste
 reyno, que não somente o conseruam, mas
 ellas mesmas regem e sostem as ricas Indias
 do Oriente, per grande distancia do immen-
 so mar alongadas de nos, q̄ os inuictissimos
 & Christianissimos Reys de Portugal dom
 Manoel, e dō Ioão de gloriosa memoria per
 seus capitães descobriram & cōquistaram
 cō o diuino fauor someterã a fe de Christo
 nosso verdadeiro Deos, ajūtando as agoas
 Orientaes do Ganges da odorifera Asia, cō
 as occidentaes do Tejo da guerreya Lusita-
 nia, cousa tam noua e inaudita, q̄ meteo em
 admiraçã o mundo vniuerso. Bem q̄ pera os
 nossos ganharẽ os grandes reinos da India
 & destruirem nella a gentilidade e secta ma-
 fometica, lhe aproueitou muito o inuenci-
 uel animo cō que pelejaram, & o singular &
 pasmoso esforço cō que nas batalhas nauais
 riugiam o mar, & o tornaram sanguinho &
 nas da teraa a semeam de corpos mortos,
 regando os campos cō o sangue da barbara
 gente i niga de Christo. Mas pera se isto su-
 stentar foram as leis summamente necessa-
 rias, & ainda pera se cometer porque ja de

tahiam as leis e regimētos que os capitães auia n de ter em conquistar, & os caualeyros em lhe obedecer, com as quaes leis mouidos & governados coneteram confaster ribeis, não estimando a vida pola gloria, tēdo por mais honrosa aquella victoria o de suas pessoas com mor risco se auenturauão Dizeyme se não fossem as leys, porque os nossos se regem no mar e na terra, como poderiam elles sustentar a India, nem ainda achala & conquistala Mas senão fosse a mathematica, disse o mathematico, como poderiam elles la leuar essas leis? Vós não vedes que he isso contra vós. Dizeyme, esse mar tam profundo & tempestuoso como se poderá nauegar sem mathematica? Como se poderam attrauessar as duuidosas ondas das immensas agoas, & fazerse estrada real & directissima per ellas sem o conhecimento do norte, & das estrellas, & dos circulos celestes? A agulha & carta de marear, que coufa he senão mera mathematica? Essas regiões tam separadas & tam estranhas como fora possiuel descobriremse & conquistaremse, se os nossos não foram instructos no conhecimento dos mouimētos dos ceos, nos graos da altura, nos circulos e cursos dos planetas

Capit. VIII.

na diuifam dos climas na mappa, no astrola-
 bio, no quadrante, na propriedade e varie-
 dade dos ventos, nos eclipfes, na arte da na-
 uegação, na cosmographia e ficio do múdo
 na quantidade da terra, na natureza dosele-
 méros, e finalméte no conhecimento da ef-
 phera o q̄ tudo cófifte na mathematica, per
 onde conta que o que trazeis cótra mim he
 cótra vos, & o que cuidais q̄ he contra a ma-
 thematica, he por ella, e o q̄ allegais pa feu
 defcredito, allego eu pera sua valia, dai hũa
 volta a effas voffas razões, e achalaseis con-
 formes a meu propofito. Conta Plutarco,
 que hum pintor chamado Pausam se con-
 certara com hum hõme de lhe pintar hum
 caualo, que eftiueffe lançado cõ as pernaspe-
 ra cima, ca fazia afsi a feu propofito, e tẽcã
 & o pintor parece que esquecido d'isto pin-
 touo correndo: indinado o q̄ mandara pin-
 tar, disse o pintor sorrindose: viray a taboa,
 e achaloeis á voffa vótade. E afsi foi q̄ tâto
 q̄ deu hũa volta a taboa, em q̄ o caualo esta-
 ua pintado, ficou elle cõ as pernaspera riba
 & afsi lhe pareceo bem o q̄ dantes lhe pare-
 cia mal, fo cõ lhe dar hũa volta. Dai hũa vol-
 ta a effas razões olhayas com bõsolho sea-
 quilo q̄ vos parecia cótramim, vos parecerã

por mim como acôtece a muitos q̄ allegam
coufas contra seus aduersarios, pera cõ ellas
os desacreditarem, as quaes viradas e vistas
com bõs olhos elles podiam com raza alle
gar pera se acreditar, porq̄ o q̄ se traz pe
ra sua disualia, podiam elles trazer pera sua
honra, & o que se diz pera sua infamia, po
diam elles dizer pera sua gloria. Nunca. dis
se o jurista, disse coufa, a que nã fosseis à mã
Parece q̄ a cinte reprêdeis minhas razões,
nam sey com quanta: ou por melhor dizer,
sey que sem nenhũa. E com a não terdes vê
deis vossa parte por tam justificada, que e
stã a vitoria tam perto de vos, como vos ló
ge de a merecerdes. Eu disse o cidadão con
tra o jurista, vista vossa razão petã mim te
nho que a não tendes em vos d'ele agrauar
des, pois se ninguê nessa parte d'ele agrua,
antes em suas praticas traz por si tã bõa ra
zão. q̄ os que a tẽ dizem q̄ a tem elle. E pois
se os outros delle cõtentã, cõtetaiuos vòstã
bẽ. Antes, disse o jurista, isso he o de q̄ me eu
queixo que cõtentãdo elle aos outros nam
quer contentar a mim: & he de tal vontade,
que fazendolhe a elles a sua, nunca fez a mi
nha. E q̄ me sustetar q̄ he mais necessario
na repubrica pera sua bõa gouernãça o co
nhe-

Cap. VIII.

nhecimento da mathematica q̃o do direito
 sendo a mathematica philosophia contem-
 platiua, & a sciencia do direito philosophia
 actiua, & dizendo todos os autores que a ar-
 moia da bõa governança cõsiste em galar-
 doar bõs & castigar maos, que sã obras acti-
 uas e não contemplatiuas, as quaes clarissi-
 ma & propriissimamente conuem ao princi-
 pe & governador. Porque governar nã he
 especular os segredos da natureza, & moui-
 mentos do ceo, mas he fazer justiça, & tra-
 tar de cultmes, & prouer a terra, & dar o
 seu a cada hũ, o que sem nenhũa duida con-
 uem à philosophia moral & actiua, e não à
 speculatiua & mathematica. Eu disseo cida-
 dã tenho pera mim q̃ pra cidade ser bẽ re-
 gida não he necessaria philosophia algũa,
 nem philosophos senão homẽs de bõ juizo
 & bõa consciencia. E isto me parece a mim
 q̃ eu mostrarey per razões. De que serue na
 republica o officio de philosopho mathe-
 tico nẽ moral. Sabeis, disse o theologo, quã
 necessaria he a philosophia, que isso que vos
 fazeis em falar contra os philosophos he to-
 mar officio de philosopho. Ate isso, que di-
 zeis contra a philosophia he philosophia.
 Quereis ver isto. O officio dos philosophos
 he

he tratar & disputar, & mostrar como se ha de governar a repubrica, & quaes saõ os generos de homês, q̃ nella ha d'auer, & quaes não: & querêdo vós mostrar per razões q̃na repabrica nã ha dauer philosophos, tomais officio de philospho, e disputando cõtra a philosophia ṽlais della, como Socrates q̃ nũca vsou de tam alta eloquẽcia, como quãdo reprende a eloquencia, oq̃ se entende nã da verdadeira mas da falsa, a qual elle reprẽde no dialogo de Platão intitulado Gorgias, onde lhe chama especia de adulaçãõ & aoq̃ della vsa chama no Phedro serpẽte pestifera & no Menexeno feyticeiro e ébaidor, pior que Circe, por q̃ esta mudaua o exterior, & elle o interior roubãdo o juizo & ofuscãdo o entendimento. E na Apologia vitupera a eloquẽcia de seus aduersarios E em nenhũa parte se esmerou mais na eloquẽcia que nestas que a reprende. De maneira que pera disputar contra a eloquencia vsa della, & entam se mostra principe dos oradores, quando cõtra elles argumẽta, & quãdo queraba ter a rethorica entam a exalça, e pera a desbaratar a confirma. Tal era o que disputando contra os sonhos dizia, que senã auia de crer nelles, porq̃ elle sonhara que nã cresse

Capit. VII.

ninguem nõ que sonhasse. Afsi que tratando contra os sonhos, pera lhe tirar o credito lho daua. A verdade he a meu juizo, q̃ he a philosophia necessaria ao principe, em especial a moral. E esta he a sentença de Platã & de todos os Philosophos. E ainda q̃ tambem a mathematica, & a natural, lhe cõuenham, isso he como cousa accessoria, & não principal. De maneyra que muito mais lhe arma & conuem a philosophia que consiste em acçam, que a que consiste em especulação, mais a actiua que a cõttemplatiua, mais o conhecimento do direyto q̃ o da mathematica. Porq̃ claro está que a cidade se pode bẽ governar sem conhecimẽto dos circulos do ceo, mas não sem conhecimẽto das leis e posturas da terra. A mathematica cõsiste ẽ specular, e a moral ẽ tirar vicios, plantar virtudes, reformar costumes, & melhorar vidas que são as proprias qualidades do principe. E isto fara elle melhor tendo conhecimento da sagrada theologia; q̃ he a verdaceira, & a mais alta & soberana de todas as sciencias, porq̃ ella he diuina, & as outras são humanas. Muito, disse o mathematico, auia nisso q̃ replicar, se eu quisesse mostrar quam mais necessarios são na repubrica mathematicos

que

q̄ procuradores. Mas por q̄ pa me esprayar nos lououres da mathematica auia mitter hũ dia de seis meses, como sam os daquella parte, q̄ esta ao norte, ou ao sul, por isso faço fim no q̄ não teria fim. Prouardes vos, disse o jurista, q̄ habi lugar, onde o dia he de seis meses, tenho eu por tam impossuel, como prouardes ser mais necessãria a sciencia mathematica q̄ a juridica. Não aperfeicis nisso disse o mathematico, por q̄ he sem falta, o q̄ vos digo. Isto, disse o jurista, nã he aperfiar, mas defender a verdade. Muito folgaria, disse o cidadão, saber como isso he, por q̄ parece impossuel auer terra, onde o dia seja de seis meses. Não vos pareça isso impossuel, disse o theologo. porque he certo & necessario Se isso, tornou o cidadã, se pode prouar per mathematica, eu a terey por hũa maravilhosa sciência. Aqui olhou o theologo pera o mathematico dizendolhe. Por honra da mathematica auéis de fazer essa demonstração. Eu a farey, disse o mathematico, se esti uerdesatentos, porque a prôpta atenção de quem ouue a fina o juyzo de qué fala. Pera prouar isto he necessario ter douspricipios o primeiro he, que onde quer que eslemos, se for em môte ou câpo raso, ou em qualq̄ lugar

Lugar desabafado, vemos a metade do ceo.
 Isso, disse o jurista, nego eu. Prouoo, disse o
 mathematico. O sol é vinte e quatro horas
 dà hũa volta ao mûdo, e ao todo espaço do
 ceo, & comø elle anda sempre d'hũ cõpasso
 segue-se q̃ tanto espaço anda em doze horas
 como nas outras doze, e q̃ é cada doze ho-
 ras anda a metade do ceo. Isso he verdade
 ou nã? Verdade, disse o jurista. Pergũto, dis-
 se o mathematico. No mes de março quan-
 do os dias sãõ igoaes cõ as noites, não he o
 dia de doze horas? Si he, respõdeo o jurista,
 porq̃ nasce o sol ás seis da manhã, & poêse
 às seis da tarde. Vedes vos disse o matema-
 tico, dõde nasce o sol ate onde se poê? Vejo
 respondeo o jurista. Vedes logo, respondeo
 o mathematico à metade do ceo. Porque
 pois o sol em doze horas anda a metade do
 ceo, & vos vedes toda aquella parte do ceo,
 q̃ elle anda em doze horas, logo vedes a me-
 tade do ceo. Cõcedouos, disse o jurista, esse
 principio, venhamos ao outro. O outro, dis-
 se o mathematico, he q̃ o sol anda seis me-
 ses na linha equinocial pera cima, gastando
 tres meses em subir, & tres em decer, & ou-
 tros seis meses anda da linha equinocial pe-
 ra baixo. Tudo isso, disse o jurista, vos conce-
 do

do. Porque a linha equinocial vay per meo do ceo do Oriente ao Occidente, & desq̃ o sol no mes de Março entra na linha, sobe pera nos, ate q̃ os dias deixam de crecer, & entam torna a decer pera a linha, ate q̃ em Setembro entra nella, & dahi dece pera o sol, ate que os dias deixam de mingoar, & como começam a crecer, torna a subir pera a linha, ate q̃ em Março entra nella. E nã vos pareça q̃ estou tã estranho na mathematica que nã saiba algũa cousa della. Esta muito bẽdiffe o mathematico. Faço logo deffina neira a demonstraçãõ. Os que estam bem ao norte vem a metade do ceo, q̃ he ate a linha equinocial, que he o seu horizonte. A qual linha diuide o ceo em duas partes igoaes de oriẽte a ocidẽte. Isto esta claro pelo primeiro principio q̃ posemos, que onde querque estemos vemos a metade do ceo. E o sol anda seis meses da linha equinocial pera cima pelo segũdo principio q̃ posemos, logo os q̃ estam ao norte, que saõ os que o tem sobre a cabeça, vẽ cõtinuamente o sol seis meses. E como o dia seja a presença do sol sobre a terra, estã claro q̃ seis meses cõtinuos he dia pois seis meses cõtinuos tẽ o sol diãte de seus olhos. E tãto q̃ sol começa a decer da equinocial

Capi. VIII.

nocial, que he o orizõte onde se acaba a vi-
 tta dos q̄ viuẽ ao norte, lhe começa a noite-
 cer, & dura a noite outros seis meses desde
 Setembro, q̄ o sol dece da linha, ate Março,
 que o sol torna a entrar na mesma linha, af-
 si como o dia lhe dura de Março ate Setê-
 bro. E todo, os seis meses, q̄ he dia aos q̄ vi-
 uem ao norte, he noite aos que viuẽ ao sul,
 & pelo contraito todos os seis meses, que
 he dia aos do sul, he noite aos do norte. Por
 que assi como os que tẽ por ^{zenith} norte,
 que sãõ os que o tem sobre a cabeça, tẽ por
 horizonte a equinocial de cima pera bayxo,
 assi os que tem o sul per ^{zenith} tẽ por orizõ
 te a mesma equinocial de bayxo pera cima.
 Bem pode ser que sejam desabitadas aquel-
 las partes que estãõ de bayxo do norte, &
 do sul, a que nos chamamos polo arctico &
 antarctico, mas basta que nellas o dia he de
 seis meses, & a noite doutros seis, que he o
 que eu auia de provar. E assi todo hum an-
 no he hahi hum dia natural, que cõsta dhũ
 dia, e noite artificiaes. E esta he a demonstra-
 ção clara & manifesta, na qual se por ventu-
 ra meti algũa palaura soberba, ou em defen-
 der a mathematica vsey dalgũa descortesia,
 vos peço que me perdoeis, porque a furia
 do

do argumentar leua às vezes as palavras à boca primeiro que as registre com a razão, mas so com a portaria da vontade. Mas a minha nam he falar mal, que bem sey que boas palavras & cortesia sam laços, com q se prendem vontades.

CAPITULO. IX.

Da igoaldade do Principe, & Prelado, & da tençam que deuem ter os electores.

DEsempeçado o entendimento do cidadão da duvida & toruaçam em q estava, disse. Em estremo folguy de vos ouvir essa demonstração, porque está ella tam clara, que a entendo eu, sendo tam isentro de letras pa meu natural, como vos ornado dellas per longo estudo. Quanto val, disse o jurista, a pratica de homês doctos. Cónecme tanto o entendimêto csta razã, q tenho por necessario, o q tinha por impossivel. Acabo de crer q he a mathematica hũa sciencia excellentê, & muito gostosa. Mas como o principe tenhapor principal officio fazer justiça e as leis ensinem a fazela, não hai duvida, se nam, que são ellas muito mais substâcias & necessarias ao Principe que a mathemati

Compa
raçam.

ca. Nem he muito disputardes vos contra a sciencia das leis, pois Carneades o Grego, & Furio o latino se atreuerã a disputar contra a justiça. Isso, disse o theologo he verdade, mas pera bẽ nã somẽte as mathematicas mas todas as sciencias, se fosse possiuel, auia de ter o Principe, & todas as virtudes & excellẽtes obras. Diz Platã q̃ a differença q̃ ha antre o ouro & os outros metaes, ha dauer antre o Principe & os vassallos. Tẽ elle nisso disse o mathematico, muita razão. Por q̃ assi como he grande perigo eclipsarse o sol, assi he cousa muy perigosa de prauarse o principe pois delle perder a luz, vẽ ficarem os outros em treuas, & da sua corrupçã procede a da republica. Por isso ha elle de ser mais excellente q̃ todos, pois nelle põe os olhos todos, & qual elle he, taes saõ os outros. Dõ de se colhe q̃ se elle não for justo, não auera na republica justiça, e se elle carecer de igoaldade nã a auerã no pouo. E não auẽdo hi justiça nem igoaldade não auerã republica. Assi como pera a esphera ser esphera ha de ter hũ cẽtro no meo, no qual todas as linhas q̃ sairem ate a circũferencia sejam igoaes as si pera a republica ser republica he necessario ter hum Principe no meo tam justo & igoal

igoal a todos, que nã saya delle pera a circũ-
 ferencia da cõmunidade, cousa despropor-
 cionada & desigoal. E não somete ha de ser
 igoal, mas ha de igoalar os outros, abayxan-
 do os que vãmente se quiserem allevantar
 com fantezia, & dominar sobre os outros.
 Mandando hũa vez hũa cidade de Grecis
 pedir cõselho a Periãdro o philosopho pera
 a sua republica viuer quieta & bẽ regida, le-
 uou elle o q̃ trazia a embayxada a hum seu
 cerrado q̃ estaua semeado de trigo ja espi-
 gado, & cortou algũas espigas, que estauam
 muito mais altas q̃ as outras, & depois de
 todas ficarem igoaes, disse a Trasibulo, que
 assi se chamaua o embaixador, que se fosse
 & que aquilo q̃ fizera lhe daua por resposta.
 Quis naquillo significar o philosopho que
 nenhũa cousa mais afermosentaua a Repu-
 blica que a igoaldade, & q̃ pera bõa gouer-
 nança & quietaçam os soberbos & fante-
 sos auiam de ser optimidos, por q̃ os q̃ mais
 querem valer, saõ os q̃ menos valẽ. Assi co-
 mo pola mor parte as espigas q̃ no campo
 de trigo se alenãtam sobre as outras saõ de
 centeo, assi na republica pola mor parte os
 que pretendem ser mais altos no dominio,
 saõ mais baixos no merecimento. E cõtudo

Compa-
 raçam.

elles são muitas vezes nas eleyções perferi-
 dos aos bõs. Dizia Catã Uticense q̃ a causa
 porque nunca fora côsul, era porq̃ vivia na
 Republica de Romulo, como se ouuera de
 viuer na cidade de Platão. Queria dizer que
 não elegião os Romanos em consules senã
 a indignos, sem fazerem cõta dos virtuosos
 & que elle fazia com q̃ o não fizessẽ, com
 fazer virtudes tam abatidas erão em Roma
 como estimadas naquella perfeyta cidade
 que o excellente philosopho Platão em sua
 fantezia traçou & imaginou. A igoaldade,
 disse o theologo he cousa marauilhosa. Isto
 quis dar a entender o Psalmista, quando fa-
 llando com Deos dizia. Santo he o tẽploteu
 marauilhoso em igoaldade. Nã diz marauĩ-
 lho em altas colūnas Ionicas ou corintas
 nem em grande & feroz cruzeiro nẽ em
 claulias espaçosas, e miudamente lauradas
 com varãdas & eyrados & altos curucheos
 nem em portaes custosos e obras Romanas
 mas em igoaldade & justiça. A este chama
 marauilhoso & excellente. Quam marauĩ-
 lho e singular templo seria este nosso pq̃
 uo se nelle ouesse igoaldade & justiça se a
 vontade goardasse a razão sua valia, & final-
 mente se se desse o seu a cada hũ. Mas andã

Pl. 64.

Comp
1872

os homẽs disto tam esq̃cidos, q̃ nã atentã
 senão pera seus interesses, sem verẽ sua per-
 dicã. Mas a nos q̃ o sentimos conuẽ lebrar
 nos de quam pouco lhe isto lãbra pera q̃ cõ
 a memoria de seu esquecimento roguemos a
 Deos por nos e por elles, comõ a q̃llesã que
 o seu pouco cuydado deue dar muito pera o
 sentirmos, e muito mais pera o ch orarmos.
 Sabeis quãta verdade isto he, q̃ nas proprias
 eleições, q̃ forã feitas pa atalhar dissensões
 e injustiças, & desigoaldades, hai acha a fra-
 queza humana em que cair, busc do as mes-
 mas dissensões, & injustiças & desigoalda-
 des. O dominio e a prelazia da maneira q̃ã
 ha no mundo nasce do peccado. Se Adã
 não peccara, nã foram os homẽs sogeitos a
 Reys & prelados da maneira que a gora sã.
 Mas ja que elle peccou, foy necessãrio auer
 hum que governasse pera atalhar conten-
 das. Ordenou Deos que governasse hum
 pera remedio. Mas a malicia dos maos no
 remedio das cõtendas busca occasiã pera
 ellas, & da meziãha colhe enfermidade por
 que muitas vezes vemos contẽdas nas elei-
 ções, assi da parte dos eleytores que olhã
 nam ao bem cõmun, mas a seu proprio ãte-
 resse, como por parte dos q̃ querẽ ser eley-

Capit. IX.

eos cada hum do s quaes cuyda que não so-
 mente he colūna pera sustentar a republica
 mas que he elle hum Atlas, que sustentará
 com seus hombros todo o peso dos ceos. E
 às vezes ha assi nūa parte como no outra
 grande erro. Porq̃ os eleytores não deuent
 ter cōta cō suas particularidades e afeições
 mas por os olhos no bẽ geral, & os outros
 hã de considerar suas fraquezas, e nã se que-
 rer enfiar no pera que não sãd. Mas ja que
 aceytam as prelazias, ham de por os olhos
 em Christo, & seguilo pera serem justos &
 igoaes juizes. Como pode ter saõ a justiça,
 quem tem rota a cõsciencia. Causa mōstruo-
 sa he ser a vara do juiz direita, & afeicam
 com que julga torta. Diz sancto Ambrosio,
 que a justiça se ha de goardar aos proprios
 inimigos, & Lactancio diz, que o juiz nã ha
 de perdoar a seus proprios amigos, porque
 não serue à sua vontade, senam as alheas. E
 à verdade elles a dizem, porque o juiz, &
 todo o que tem mando & dominio, ainda q̃
 tenha humanidade na conversaçam, ha de
 ter isençam no officio.

• CAPITULO X. E VLTIMO.

Dos louvores da justiça, e q̃ não basta falar
 della, mas que he necessario possuila.

Dito isto preguntou o theologo se tinhã
 mais algũa duuida naquelle mathesia,
 dizendo elles que nam tinham que dizer,
 disse elle, O diuino Paulo na primeira Epi-
 stola que escreue aos Corinthios, diz: Não
 està o reyno de Deos em palauras, mas em
 virtudes. E noutro lugar da mesma epistola
 diz, q̄ a sciencia incha, e a charidade edifica.
 O demonio sabe muitas cousas. Em tanto
 que este nome demõ, q̄ em Portugues cha-
 mamos demonio, em Grego quer dizer sa-
 bedor, E por isso diz Lactancio Firmiano, a
 quem segue S. Augustinho no nono de ciui-
 tate Dei, que lhe foy posto este nome polo
 grande conhecimento que tem de muytas
 cousas. Mas que lhe aproueita sua sciencia,
 pois he atormentado pera sêpre. Antes por
 isso he elle tam soberbo, porque tem sciencia
 sem charidade, tem quem o inche, & nam
 quem o edifique. São Gregorio Nazãzeno
 compara as palauras sem obras a sonhos, S.
 Ieronymo escreuêdo a Nepociano diz, que
 antes queria rusticidade sancta, que eloquẽ-
 cia com peccados. Sam Gregorio aos dou-
 tores viciosos que falam bẽ da virtude nam
 atendo, cõparaos a mõ de barbeiro, que a-
 dia as voltas cõ grande pressa, e aguçandose

nella a ferramenta, ella nem se aguça nem se
 a mola, antes se vay comêdo & consumindo
 Quero por isto dizer, que pouco nos apro-
 ueytará praticar bem da virtude, & sabee
 muytas coasas della, se a nã tiuer nos. Que
 nos aproueytará falar nos da justiça, se for-
 mos injustos. De que nos seruirá esta prati-
 ca, & quantas coasas nella tratamos da justi-
 ça, se viuermos sem ella? Queriam antester ju-
 stica, q̄ saber sua definiçam. E pois nã basta
 falar da justiça, mas he necessario goardala
 sejam nossas obras & nossas palautas d'huã
 mesma estofa. Abracemonos com a justiça
 imitemos aq̄le alto Deos iusto governador
 do vniuerso, o qual no premio dos bõse pa-
 na dos mios nos mostra claramente, & põe
 ante os olhos os effeitos da diuina justiça.

Esa. 14. Ella lançou do ceo a Lucifer cõ todos os ap-
 Luc. 10. stas de seu bando por sua soberba. Ella lan-
 Gen. 3. çou do paraizo a nossos primeiros padresp
 la desobediência cõtra Deos cõmitida. Ella
 figura de coluna de fogo & de nuuê guiou
 os Hebreos, & sobuerteo no mar roxoos
 1. Re. 17 Egipcios. Ella he a pedra q̄ matou o blasfe-
 mo Goliath, & saluou o fiel David, que mais
 direy senão q̄ ella trouxe dos ceos a terrã
 filho vnigenito de Deos. Amou Deos tãto

Esa. 14.

Luc. 10.

Gen. 3.

1. Re. 17

a justiça q̄ morreu por ella, e quis antes perder a vida, que perderse a justiça. Donde o Apostolo S. Paulo diz assi na epistola aos Romanos. Propos Deos a Christo Iesu por Rom. 3.^o propiciador pela fee em o seu sangue, pera mostra de sua justiça, pela remissa dos precedentes delictos em a sustêraçã de Deos pera se mostrar sua justiça em este tempo. Isto he do Apostolo, em que declara que se mostrou Deos justo castigando os peccados em seu proprio filho, que era sem peccado. Deuia o genero humano a Deos diuida infinita a qual elle não podia pagar por ser finito. Conuinha q̄ pagasse por nós quem fosse infinito, que he Deos. Aquelle satisfaz congruamête que deve & pode: o homẽ deuia, mas não podia: Deos podia mas nã deuia: fezse Deos homem pera morrer como homẽ, sendo Deos pera pagar como Deos em quanto Deos nã podia morrer, fezse homẽ pera que sendo Deos e homẽ, em quanto homẽ nã padecesse, & em quanto Deos nos saluasse. Pedia a justiça q̄ os nossos peccados fossem punidos, e por isso os tomou sobre si pera pagar por todos. E a isto chama Sam Paulo demonstraçã de sua justiça Isto he o q̄ tinha dito Esaias. Deos padre pos em elle

Es. 53. as maldades de nós todos. E logo mais abai-
 xo fala o mesmo Padre dizendo: por amor
 dos peccados do meu pouo o ferio. E o mes-
Ps. 68. mo Christo diz nũ psalmo. As cousas q̃ não
 furtey estando na cruz as pagaua. Quẽ ves-
 tio Christo de nossa carne senã a justiça? q̃ẽ
 o fez someterse a trabalhos & angustias se
 não ella? Ella ferio o impossivel, atou o in-
 uenciuel, trouxe o immudauel, fez mortal o
 eterno. Ella he a q̃ trouxe Deos do ceo ater-
 ra, & a que nos ha de leuar a nos da terra o
 ceo. Ella fez q̃ o bom Iesu pagasse por nos,
 ella fez ao innocentissimo cordeiro fazerse
 nosso sacrificio no altar da cruz, ôde moreo
 por nos enrauado, ferido, alãccado, cõ a ca-
 beça atraueçada de duros espinhos, deshõ-
 rado, açoutado, lauado todo en sangue, tão
 transfigurado q̃ diz o propheta Esaias, q̃ o
Es. 53. viu cõ o spiritu prophetico, & q̃ não tinha
 fermosura nẽ figura, porq̃ todo esta chaga-
 do. Alli estaua aq̃le diuino sacrificio abraça-
 do nas diuinas chamas do diuino fogo d̃ sua
 imensa charidade. Quis o justo Deos pagar
 por nós pera que como diz Damasceno per
 justiça ficassemos liures do antigo tiranno,
 resgatados cõ o preço de seu preciososãgue
 Morreo pa q̃ nós viuessemos, e quis cõ sua
 mor

morte triūphar da morte: como elle tinha dito pelo propheta. O morte ferei tua morte. São tantos e tam illustres os lououres da justiça, que nem hai tempo, nem palauras, não samente pera os exornar & engrandecer, mas nem ainda pera os tocar. O justiça guia de vossa vida, que seria do mundo sem ty. Tu es inuentora das leys, & mestra dos bõs costumes, tu aleuantas as virtudes, & abates os vicios. Tu es immiga da azeda discordia, & conseruadora da doce paz. Tu es pantas os maos e asseguras os bõs. Sem ti a ordem he desordem, a vida he morte, o descanso he trabalho, a gloria he infamia, o bẽ he mal, Tu destruiuiste a confusam, & pariste a bõa governança. Tu liuras os innocentes & condénas os culpados. Tu alegras os justos tristes, e entristeces os justos alegres, pera que deixadas suas vãs & temporaes alegrias, alcácem os verdadeyros & eternos contentamentos. Finalmente tu es aquella gloriosa escada de Iacob, que com hũa ponta estava na terra, & com a outra tocava no ceo pela qual hũs sobiam, outros descia por que tu aleuantas os justos & sanctos atè os altos ceos, & derribas os impios e dãnados atè os profundos abismos. E pois tu mãdas

Osa. 13.

Gen. 28.

dar

dar o seu a cujo he, & nõs todos somos de
 Deos, he necessario que nos demos a ele, se
 se quizermos seguir a ti. O bom Deos reco-
 lhey nos em vòs, recebey noſſas almas, que
 se vos offerecê em sacrificio, & abraçays cõ-
 tinuamente naquellas vias e ardêtes chamas
 do amor diuino, naquelle bẽauenturado fo-
 go, que cõsume os bayxos e raſteyros pẽſa-
 mentos, & viuifica & aſermeſenta o que pe-
 lo peccado eſtaua enterrado & diſforme, &
 aleana as almas que vãõ voando pera ci-
 ma caminho do ceo: pera q̃ eſquecidos nõs
 do mũdo com ſeus enganos, embebidos na
 diuina fermofura: ata los & liados com ella
 com os ſuaues liames d'amor, goze nos dos
 ſpirituaes cõtetamẽtos da graça em quãto
 andarmos deſterrados neſte miſerauel valle
 de lagrimas, donde Senhor nos leuã a aq̃le
 alto & glorioſo monte da diuina viſam, a-
 quelle ceſtial banquete dos Anjos, aq̃lla
 doce fattura de noſſos deſſejos, & aquellas
 eternas & bemauenturadas moradas da glo-
 ria, onde gozemos de vos pera ſempre. Aq̃i
 acabou o theologo ſua peroraçãõ, & ficou
 tam traſportado, q̃ quaſi nã daua de ſi acor-
 do, como aquelle q̃ eſtaua ſoruido no amor
 & lembranças do alto Deos. E tornando co-

mo sobre si disse. Isto he o q se meoffereteo
 pera dizer da justiça, q he o mais q eu scy, e
 o menos q nella ha. A isto acodio o cidadã
 dizêdo. Teueram tâta força vossas palauras
 q ma deram pera daqui por diante seguir a
 justiça, atê morrer por ella: & faltã e as mi
 nhas pera declarar o fructo q em ti im fize
 ra as vossas. Nã me pesa senão por q he tam
 pouco q vos conheço, e choro o tẽpo q per
 di é vos mais cedo nã ganhar, & em nã sa
 ber mais dias ha parte desta casa, tam encu
 berta a muitos, e tanto pera se nã encobrir
 a ninguẽ, Aqui falaram o jurista e o mathe
 matico pera o theologo, começando de en
 grãdecer seus lounores: mas como elle qria
 mais merecelos q ouuilos, cortoulhe o fio.
 mudando a pratica. E por q o sol era ja par
 tido de nosso emispherio deixando a terra
 defacõpanhada da claridade de seus rayos,
 disse o cidadã, pois he tarde sera à bom reco
 lhernos antes q se cerre a noyte. Bõ sera, di
 serã os outros, q he ja posto o sol Vão com
 vosco, disse o theologo o sol da justiça, e alu
 mie vossos entendimentos pera seu seruiço

E elle, disseram elles, fique com

vosco.

¶ **I**im do dialogo da justiça.

DIA

DIALOGO

Da tribulação.

INTERLOCUTORES, HVM
preso, & hum seu amigo.

CAPITULO PRIMEIRO.
Do trabalho do mundo, & do proueito da
tribulação.



STANDO preso hũ ho-
mẽ nobre, veio o visitar hũ
seu amigo, & saudou o de-
sta maneira. Deos vos dê
muita vida & descanso. E
a vos, respondeo elle, leue
á vagloria, q̃ he o que eu pera mim queria,
q̃ vida nẽ descanso não o desejo. Por q̃ dis-
se o amigo. Por q̃ eu, respondeo o preso, es-
tou tã enfadado da vida, q̃ ainda q̃ agora
fosse em minha mão tornar aos annos d̃ mi-
nha mocidade, nã o faria. Sẽpre tiue por ver-
dadeira aquella sentença de Menãdro, relata-
da per Plutarcho no liuro de tranquillitate
animi, q̃ duas cousas hai conjũtas & insepa-
raueis, & estas são viuer & doerse. Dõde se
colhe q̃ a vida he hũ tormẽto cõtino. Pera
que

que he logo desejar lôga vida, pois he desejar longo tormento? Se cada hum de nos fizesse alardo de seus trabalhos, e o corpo cõ fessasse suas dores, & o coração seus cuidados, teriamos a vida por triste delterro, & por hũ genero de lôgo martyrio, nẽ quereamos tornar a fazer este caminho por coufa do mũdo. Quẽ quererã tornar do porto às ondas, da victoria à batalha, da trãqueira ao corro, do couto seguro ao cãpo perigoso? Esta parece q̃ foy a causa de Christo nosso Señor chorar, quãdo resuscitou a Lazaro. Isto he quanto ao que pergũtais, porq̃ não desejo vida. Quãto ao outro, que he desejar descãso he desnecessario, pois he empregar o desejo em coufa impossivel. Quẽ hai que tenha descãso neste mũdo? Afsi q̃ a razão porque o nã desejo, he porque o não ha no mũdo. Bem vejo eu, disse o amigo, que não se deue desejar senão o que se pode auer, & que nos descãsos melhor he possuilos que podelos possuir, & nos trabalhos polo contrayro: mas tãbem vejo, que caso que hum homem possua trabalho, esta em potencia pera possuir o descãso. Por demais, disse o preso, he a potencia que nunca se reduz a acto. A terra da cruas, & fructas, e gados, e

Ioan. 13.

metaes, & pedras preciosas, & finalmente
lança de si grande variedade de mantimen-
tos, e cousas pera o vso humano necessarias
mas descanso he cousa que se não dá nella.
Erro grande seria depois de tão trabalhos
quantos passamos & experimentamos em
nos, & vemos cada dia com nossos olhos os
outros passar, a venturar monos inda a dese-
jar & esperar do mundo descanso, cousa que
elle nunca deu a ninguem, nem a tem pera
dar. E esta me parece a mim q̄ foy a causa q̄
moueo aos Romanos antigos a edificar o
templo do descanso fora dos muros de Ro-
ma, & da conuersaçam da gente, pera mos-
trarem que era elle totalmēte separado dos
homēs. Dos muros a dentro edificaram tē-
plos ao trabalho, & a tantas outras cousas,
que estava a cidade chea de templos de ido-
los & falsos deoses: mas ao descanso não lhe
fizeram templo senão fora da cidade, como
o affirma S. Augustinho no quarto liuro da
cidade de Deos, e Plinio diz que estava este
templo situado nua estrada q̄ sae de Roma
chamada Labicana. Assim que descanso não
ha no mundo. Titulo do Emperador, Rey
& Principe, se achará facilmente, mas titulo
de descansado não ha nesta vida quem o te-
nha.

nha. Bê que o promete o mundo, mas nã o
 dà. Cõfrariã antes em letras escriptas nã o a
 que em promassas do descanso do mudo. So
 mente no ceo ha perfeito descãso. Verdade
 he que os que seruem a Christo sentem em
 sua alma repouso, mas misturado cõ traba-
 lho, porque com esta vida, segundo diz Iob,
 he hũa milicia & batalha sobre a terra, nã
 habi puro descanso, nẽ quietação sem sobre
 salto. Eu, disse o amigo nã hia tam alto cõ
 mo illo, falaua daquelle descanso, que comu-
 mente dizemos, que tem os que tem menos
 trabalhos. Nem esse, disse o preso, me pare-
 ce a mim que eu nunca terey: porque meus
 nojos & grandes defaenturas me tem tã
 fistulado o coração, & tam atalhadas todas
 as vias, per onde lhe pode vir esse descanso
 que por esta razam a nã terey eu, se tiver
 pera mim que seta o que nã tem caminho
 pera poder ser. Eu estou feito hum forno de
 vidro aceso de dia & de noite, onde o meu
 coração ardendo nas viuas chamas das
 mais desesperadas tribulações, que eu nũca
 imaginey que podiam ser. Eu me vi ja em
 trabalhos grandes, mas eram piquenos pera
 os d'agora, porq̃ aquelles tinham futo, mas
 a estes os meus peccados lhe cottatã todos

Iob. 7.

os fios do humano remedio. Descarregarã
 sobre mim tantas & tão terribéis angustias q̃
 pera refillir a suas forças não as tenho. E se
 me quero consolar cõ lembrança d'outros
 tristes, estou vendo que as minhas tristezas
 são muy diferentes das suas, porque as suas
 passauam, & as minhas tem ancorado sobre
 mim, e ja nunca se mudam serão he d'húas
 grandes pera outras mayores, mas isto nam
 he mudarem se húas, mas virem sobrellas ou
 tras de nouo, & lançarem suas amarras so-
 bre mim pera nunca se partirem. E o q̃ pior
 he, que não cessam, mas cada dia vem húas
 apos as outras. Esse, disse o amigo he o seu
 costume nunca vir húa sem deixar em praza
 das outras pera virem apos ella. Este he o
 mòr mal que tem o mal, não cair homẽ em
 hum, que não seja principio doutros. A ficio
 mo quando hũ alto edificio faz abalo, nunca
 se moue húa pedra sem apos ella se mouerẽ
 outras, assi no perigoso edificio de nossa vi-
 da, nunca vem húa tribulaçam sem trazer
 outras tras si. As tribulações são com orios
 grandes que vem de longe, em q̃ se vê ajun-
 tar outros muytos: porque de longe come-
 çam ellas, pera trazerem cõsigo outras muy-
 tas, ate que se fazem tam fundas, que não tẽ
 vao,

Compa-
 raçam.

vão, nem se podem passar senão pela gloriosa ponte da paciencia. Isso he, tornou o profo, quando ellas vem brandas, mas às vezes vem o rio cõ tam furioso impeto, que derriba a ponte & leua consigo quanto acha se auer cousa que lhe resista, Serà isso replicou o amigo quando na ponte nã ouuer bõs espições de fortaleza fundados na firme constancia: mas se nella ouuer bõs talhamares e fundamêto, ainda q̃ venhão todas as cheas do mûdo, pode ella ser batida, mas não serà derribada. Quero dizer, q̃ se hũ hom. è tiuer forte & alto animo fundado se bre a firme pedra, q̃ he Christo no sso Deos, ainda q̃ seja atribulado & tentado, não serà vécido nem esperarà do mundo senão o que elle tẽ, que he pagar cõ cansado trabalho, obras dignas de cansado galardão . E se dà em desconto de grandes tristezas algũas alegrias pequenas, conuerteas em mores tristezas, mistura contentamentos com desgostos , prazeres com sobressaltos, mil males com hũ piqueno bem, amassando todo juntamente pera nos ajuntar neste cerco de desauenturas. Quem isto bem sentir & estiuer aparelhado pera sofrer, pondo em Deos seu amor & esperança, não auerà cousa no mundo q̃ possa derri-

Capitulo. I.

bar nem hũ so arco da pôte de sua firmeza, nẽ mouelo de sua cõstancia Quẽ, disse o prefo, serà tam firme, q̃ nunca faça abalo sua firmeza. Quem serà tam quieto q̃ nũca se per turbe? Saluo se for outro Asphaltite lago d̃ Palestina, o qual, como diz Seneca, & o affirmã Cornelio Tacito, não tem ondas, & por mais furiosos ventos que cursem nunca se a sua agoa aleuanta nem altera Euvi cõ meus olhos homẽs de grande animo, tam calificados & abalisados no esforço & virtude, que parecia sem nenhũ debate, q̃ eram elles pera entrar sem temor com Job, no campo da paciencia, e depois acollados de perseguições, desemparrão o arayal do sofrimento caia lhes o coração aos pès, e perdiã a esperança com seus nojos, tam sem acordo que o não tinhão, nem pera cuydar no remedio delles ou se nisso cuydauam, era com hum impeto tam sem moderação, que o que cuydauam que tomauam por vnicorne contra a peçonha, era outra pior peçonha. Em fim q̃ a paciencia muitas vezes offendida se tornaua em furia. Donde parece que se cõclue pois a tribulação assi abate os homẽs, que deue ser tida dos que a tem por cousa abatida e vituperada. Antes, disse o amigo, he ela

cousa

couza gloriosa, & de grande louvor. E hai muitos que quão mais atribulados são, tãto mais merecem, pegando-se com ambas as mãos ao sofrimento, & mostrando a firmeza & grandeza de seu animo. Hũa das cousas q̃ mais illustra a gloria da virtude, he a tribulação: ella he a noyte, em que resplandece o luar da virtude. Diz S. Bernardo sobre os Canticos, q̃ assi como as estrellas luzem de noyte, & de dia não apparecẽ, assi a virtude, que muitas vezes na prosperidade nã aparece, na aduersidade se mostra. Hũa arredoma dagoa de flor tapada & posta em hũa casa sem bolirem cõ ella, nã mostra seu cheyro, mas bazcolejãdoa, e entornãdoa, recende per toda a casa. Bẽ assi a virtude quieta & liure de tribulações, nã mostra sua excellẽcia, mas atribulada & perseguida declara & publica o marauilhozo cheyro de sua perfeiçã. Iob aquella preciosa garrafa barcolejada em Hus terra de Arabia, receando per todo o mũdo. Se elle não fora atribulado não mostrara o cheiro suauissimo de sua paciẽcia. Estando todos seus filhos comẽdo, caio sobre elles a casa, & matouos, & alli ficarã sepultados. Nũ mesmo dia foy casa & sepultura, mesa & enterramento, festa

Comparaçam.

Iob. 1.

& tristeza, banqueete & pranto. Nũ mesmo dia vio Iob mortos todos seus filhos, & perdida toda sua fazenda, & seu gado todo parte motto parte roubado. E cõ isto deu graças a Deos dizendo, que elle lho dera, e elle lho tirara, que fosse louuado pera sempre. Que musica ha no mũdo que tambem soe aos ouvidos como estas palauras do sancto Iob? Hũa viola ou arpa, ou qualquer outro musico instrumẽto, senãõ for tocado, como se fabera que vozestem? Se Iob nãõ fora atribulado, e perseguido, como souberamos sua cõstancia? Como soara a musica de sua paciencia? Diz a sagrada Scriptura, que ouuidas estas nouas falou sem pecar. Tocaram as palauras primeyro na razãõ que na lingua, soaram tam altamente, que saio o seu tom per todo o vniuerso: & cõ seu esforço o deu elle a muitos, q̃ o mostraram no grande animo, cõ que se auẽturauam a padecer os trabalhos da vida, querẽdo antes perdela por cõseruar o sofrimẽto, que perder a elle por conseruar a ella. As pedras primeyro sãõ quebradas & desbastadas ao picãõ, e depois lauradas cõ suas folhagẽs & romanos & depois sãõ postas & collocadas no bello & sumptuoso edificio: assi nos pera fermos a sãõ-

Compa
raçam.

affentados naquelle glorioso edificio da ce-
 lestial cidade de Ierusalê, auemos aqui de
 ser desbastados com o picã das tribulações
 & laurados e polidos com lanores de virtu-
 des: pera q̄ assi caindo na cõta de quem so-
 mos façamos cousas dignas d̄ quẽ de uemos
 ser. Que cousa ha no mûdo cõ q̄ maistorne
 mos sobre nõs q̄ a tribulação. Ella nos traz
 ao conhecimento de quẽ somos, & desterra
 os falsos aluroços do mundo, que nos tra-
 zem de nõs esquecidos. E assi caindo os ho-
 mões na conta da vaidade e falsidade do mû-
 do alevantam os spiritos a Deos, empregan-
 do nelle seu amor: donde vê a ficarem altos
 sendo dantes bayxos, porque como o amor
 leue os homões ao que amão, claro estã que
 amando cousas altas ficam altos, & bayxas
 bayxos. Os philosophos dizem que a razã
 porque a figura circular he perfeita, he por
 que começa onde acaba, & os meos sãõ pro-
 porcionados com o principio & fim, e pois
 nosso nacimiento principio de nossa vida,
 he com dor & a fim com dor, como pode
 ser perfeyta a vida dos que nascendo cho-
 rando, & morrendo suspirando, viuem sem-
 pre rindo. Não nos agastemos logo com a
 tribulação da vida, pois faz muyto ao caso

Capit. II.

pera sua perfeçã, que pois o principio & fim da vida são cõ verdadeira pena, não cõuem gastar o discurso della em vã alegria.

CAPITULO. II.

De como a terra he de sterro, & a vida peregrinaçã.

BEm entendo o amigo que folgava n' preso cõ sua pratica, & por isso foy cõ ella auante dizendo. Hũa das cousas porq' Deos dá trabalho aos seus he, pera que se não a ffeioem a cousa tam bayxa, como he o mundo, mas suspirem polos eternos contentamentos. Porq' assi como hũ peregrino quanto mores trabalhos se lhe offerecẽ na terra estranha, tãto mais deseja tornar a sua propria, & pelo contrairo se acha na alhea grandes riquezas & contentamentos, se esquece de tornar: assi os homẽs quanto mores trabalhos tem neste mundo, tanto mais suspiram polos eternos descãos do outro, & quãto mais prosperidade tem nesta vida tanto menos lêbrança tem da outra. Daqui vem sam Ioam Chrysoftomo a dizer, que a prosperidade he madrastra das virtudes. E S. Augustinho diz, que he grande virtude

Compa
raçã,

lutar

Jurar com a prosperidade, & grande prosperidade não ser vécido della. E noutra parte afirma que a prosperidade he mais perigosa pera a alma, q̄ a aduersidade pera o corpo, porque a aduersidade faz ao corpo doer se do trabalho da terra, & a prosperidade faz a alma esquecerse do descanso do ceo q̄ he a sua patria. Aqui somos peregrinos, & nossa vida he hũ lōgo desterro, a nossa terra he a gloria celestial, aquella cidade bēaventurada, donde andamos desterrados, e pera onde caminhamos, e cumpre trazer sempre impressa n'alma a lembrança de vosso desterro & peregrinaçam, pera andarmos d'aleuante nas cousas do mūdo, sem fazermos delle fundamento. Isto sentiam bē aquelles patriarchas antigos de gloriosa memoria, quando fazendo pouco caso da terra da promissam material, suspirauam pola celestial, saudandoa de longe com piedosas lagrimas & penetratiuos suspiros, confessandose por peregrinos & estrangeiros, como o afirma S. Paulo na epistola ad Hebreos. A isto alludia aquelle altissimo propheta, & illustrissimo Rey Dauid, quando nũ psalmo dizia: **Se** **nhor** ouui minha oraçam, & meu clamor. **Abri as orelhas, e nã vos** **façais** **mudo a mi**

Gen. 47

Heb. 11.

Psal. 38

R 6 nhas

Capit. II.

nhas lagrimas. Não vos caleis, porq̄ eu āte
vos sou desterrado & peregrino, como forã
todos os meus antepassados. Esta era a pra-
tica, q̄ tinha com Deos o sancto Propheta
enolto nũas lagrimas, que hia n toando co-
mo tiros de bõbarda, levando diante dele o
pelouro de sua oração & petição cõ a força
do fogo de seu desejo. E por isso não diz. Se-
nhor vede minhas lagrimas, mas o ui mi-
nhas lagrimas, e não seiais surdo a ellas pois
tenho a terra por desterro. Tristes daqueles
que se tẽ por moradores & naturaes da ter-
ra, & não por peregrinos & estrangeiros.

Gen. 12

Aos doze capitulos do Genesis diz adiuina
Scriptura, que deixando hũs homẽs o oriẽ-
te acõselhauam hũs aos outros q̄ fizessem
hũa cidade & hũa torre altissima, pera com
isto alcançarem fama, e enco mendarem seu
nome a perpetuidade. E estes foram os q̄
edificaram Babilonia. Pera buscarem fama
fizeram cidade & torre de confusam, e dura-
rà sua infamia pera sempre, mas os justos nã
fazem tal cidade, porque a sua cidade he no
ceo, & nam na terra, & por ella suspiram.
Mas os que se aqui tem por moradores, vi-
uem d'assento nos desejos terreaes & spiri-
tos mundanos, sem memoria dos bẽs diui-
nos.

nos. E estando elles descuidados na vida os saltea a morte, dando de improviso cõ elles em casa, sem bater primeiro à porta: & quã do se percatam, achamse sepultados no inferno pera sempre, onde pagam com justas penas as injustas alegrias. Sam Ioã no Apocalipse diz, que vio & ouvio a voz de hũa aguea que voava per meo do ceo dizendo em alta voz: ay de vos, ay de vos, ay de vos habitadores da terra. Nam se cõtenta esta aguea com dizer hũa vez: ay de vos: mas di lo tres vezes pera maia efficacia & energia. Esta aguea he o mesmo S. Ioã, ou qualquer verdadeiro pregador Euangelico, que voa pelo ceo, onde he sua conuersaçam, conforme ao que diz sam Paulo. A nossa conuersa Phil. 3.
 çam he nos ceos: & cõ grandes vozes ameaça os peccadores amadores do mûdo, moradores d'assento nas cosas terreaes, esquecidos de Deos, aos quaes chama habitadores da terra, a q̃ denũcia sua eterna dãnã ção, pois se affeyçoam tanto ao mûdo, que o tem por terra, sendo de sterro & peregrinaçam. Conta o sagrado Euangelho que do dinheiro porque foy vendido Christo nosso Mat. 27.
Saluador, se comprou hum campo pera sepultura dos peregrinos, que se chama Acheldemach,

demach, que quer dizer câpo de sangue. Nã curece isto de misterio, nem o notou o Euãgelista sem causa. Que peregrinos são estes que se enterram neste campo cõprado cõ o sangue de Christo, senão os que tẽ o mudo por peregrinação & desterro, & o ceo por verdadeira patria. Estes são os que se aproueitam do sangue de Christo, & que conhecendo seu desterro, leuã os olhos pera a desejada terra de promissam, tam suspirada & saluçada delles: & quãto mais perseguidos se vem do mudo, tanto mais se desafeiçoão da terra, & afeiçoam ao ceo. Per onde està claro, quanto a tribulação aproueita a quẽ se della sabe aproueitar, & quam saud uel he & excellente. Isto he o que se me offereceo pera respõder ao que dissestes, que pois a tribulação abatia os homẽs, deuia ser tida por abatida & vituperada. Muitas outras mais cousas se me representauão na memoria, que condenam vossa opiniam, mas porque a minha he querer uos consolar, & nam enfadar, isto baste por agora. Saluo se nissõ determinais outra cousa, q̃ como na vossa determinaçam està a minha, terey a que quiserdes que tenha. Peçouos muyto, disse o preso, q̃ nã solteis essa pratica, & que vades

des cõ ella auante, porque sinto com ella grande proueito em minha alma. A grande tristeza, que tenho represada no coraçã mo tem de tal maneyra cuberto com hũa nuuê de melancolia, que estava agora antes que viesse, de mim & de todo o remedio totalmente esquecido, & parece que com vossa pratica torney sobre mim, & tome ya alento, por isso não a deyxéis: porque muyto se esperta o animo, quando lhe tocam a porta de seus proprios descuydos o batente dos alheos auisos.

CAPITULO. III.

¶ Da paciencia, & da victoria de si, & das armas com que se alcança esta victoria.

A Estas vltimas palauzas que o presc disse com muita efficacia, respondeo o amigo. Ainda que alicam & estudo das letras & alonga experiêcia de muitas cousas q tem des visto & passado, tem feyta vossa memoria hum registro de cousas presentes, & hũ almario de cousas antiguas, donde podeisti tar remedios & consolações pera vossas tristezas, todavia porque nas cousas proprias não temos tam limado o juizo, como nas alheas

Capitulo. III.

alheas, em especial estando empedidos de dor, que com seu dominio escurece o entendimento, vos porey diante algũas cousas que vos excitem a paciencia, alargãdo as redeas a minha pratica. pois nisso tendes vontade que a minha he fazer a vossa. Hũa das grandes defaueuras em que cae o homeni he perder sua alma, & hũa das grãdes beuaueuranças que possuiu, he possuila, & com enayra a pereamos, & na paciencia a possuamos, ellã claro, quam grande mal he a yra, & quãmanho tem he a paciencia Christo nosso Deos aquelle altissimo mestre, q̃ nã pode mentir aos xxj. capitulos de Sam Lu-

Luc. 21. cas diz. Em vossa paciencia possuireis vossas

almas. Que mor bem pode ser que aquelle que nos faz possuir aquillo, q̃ se perdemos

Rom. 5. ficamos perdidos. O diuino Paulo na Epistola aos Romanos diz assi: Gleriamonos

nas tribulações, sabendo que da tribulação procede a paciencia, & da paciencia a prouação, & da prouaçam a esperança, e a esperança nã cõfunde. Na epistola aos de Ephe

Eph. 4. so. Rogouos em o Señor que andeis dignamente em a vocação em que fostes chama-

dos, com toda a humildade & paciencia. E

Thes. 4. aos Thesalonienfes: Sede paciētes a todo.

E aos Hebreos. Pela paciencia corramos à **Heb. 12**
 batalha, que se nos offerece, pondo os olhos
 em Iesu Christo, que he o autor & consum-
 mador de nossa fe. San Tiago na sua Episto-
 la diz. Sede pacientes, & confirmay vossos **Iac. 5.**
 corações, porque não tardará Deos, q̄ nam
 venha dar uos o galardão. S. Am brofio
 diz, que a fim da paciencia he a esperanças
 promessas. S. Gregorio diz, que não he me-
 nos victoria soffrelos imigos que venceos.
 Sancto Augustinho diz que melhor heo par-
 tido do que padece a injuria, q̄ do que a faz
 Chrysostomo diz, que nenhũa cousa tanto
 confunde ao mau, como a tolerancia do q̄o
 sofre. O tempo me faltaria, se quisesse cõtar
 em quantos lugares, & per quantas maney-
 ras as diuinas letras, & os sanctos doutores
 engrandecẽ a paciencia. Que cousa pode ser
 mais excellente q̄ a paciencia, pois nos faz
 vècer a nõs mesmos. Muitos capitães ou-
 hai que venceram grãdes exercitos em mul-
 tidam innumeraueis, em crueldade baiba-
 ros, em lugares infinitos, em todo genero
 de armas, mantimentos, & riquezas cupio-
 sos & abundantes: mas em fim tudo isto sã
 victorias humanas, por m vècer a si mesmo
 lopear a furia: ter sufimẽto na aduersidade
 per-

perdoar as injurias, liarse com a paciencia, isto he mais diuino que humano. Esta he a mais alta de todas as victotias, vécer hũ ho mē a si mesmo Esta he a q̄ entrega o nome à perpetuidade, digna de ser celebrada em todas as letras & lingoas, e de viuer em quãto viuer a memoria dos mortaes. Estando os Israelitas cercados dos Philisteus, e oprimidos na quella difficilissima guerra, se viam em tanto perigo, que lhe quebrauam os corações, em tanto q̄ postos quasi em vltima desesperação, viam ante seus olhos sua fim, sem a poderam dar a quem lha queria dar a elles. E pera mais seu abatimēto, auia daparte dos inimigos hum chamado Goliath grãde de corpo, que com soberba e ferocidade os desafiava cada dia, sem nenhum delesousar a fãilhe. Neste tempo era David hũ moço que andaua no campo pastorando seugado & vindo ter ao arrayal, acceso cõ hum diuino zelo por honra de Deos, & defensam de seu Rey e de sua patria, determinou aceitar o desaphio, e foyse pera isso offerrece a elrey Saul, que entam reynaua em Iudea. E ainda que Saul o quiserã d'isso tirar, por lhe parecer muito moço, & q̄ o enganaua o coração com tudo confiado em Deos não quis senã

1. R. c. 17

it sem mais armas que hum cajado, & hũa funda, com cinco pedras no çurram. E com a primeyra, q̃ pos na funda, derribou o forte Goliath, q̃ vinha tã soberbo nas palauras como cõfiado nas obras, e assi matou o bõ Dauid o blasphemo, cortãdolhe a cabeça com sua propria espada: com a qual victoria em tal maneira espantou os imigos, que os fez fugir, & indo os Iſraelitas apos elles fizeram nelles grandes estragos, & alcançaram maravilhosa victoria. E entrando Dauid com grande triumpho pela cidade de Ierusalem lhe saio ao encontro grande numero de moſtheres com instrumentos musicos tangẽdo & cantando em seu louuor sonetos & cantigas que diziam, que Saul matara mil, e Dauid dez mil. Saul ouuindo isto pesaroso da gloria, que dauam a Dauid, auendo enueja de lho perferirẽ na honra, determinou de o matar: & per vezes lhe tirou às lâçadas sem o poder ferir. Querialhe o ingrato reipagar cõ cruel pena obras merecedoras d' singular galardã. Vêdose Dauid em tanto perigo, tã perseguido e acossado del rey Saul, deyxou sua casa, deſterrouſe de sua propria patria, q̃ elle liurara do poder dos imigos, e fugio pera o deſerto. Alli andaua o bom Dauid cõ o

Cap. III.

pẽsamẽto em Deos, os olhos postos no ceo
 esprayado os penetratiuos suspiros que do
 seu coração abrasado na diuina charidade
 saiam. Alli andana pedindo a Deos que per-
 doasse a Saul, merido nesta lembrança de fa-
 zer bẽ, a quẽ delle a não tinha senã pera lhe
 fazer mal. Viãsse atribulado de Saul, q̃ elle
 defendera, via que o queria destruir quem
 elle saluara, via que aquelle lhe queria tirar
 a vida, por quem se elle arriscara á morte,
 quando por lhe dar a vida elle auenturara a
 perder a sua no combate de Golias. E com
 tudo isto lhe nã perdia o amor, nẽ desejava
 delle vingança: antes armado de sofrimẽto
 metia tudo nas mãos de Deos, rogandolhe
 pola saluaçã de seu aduersario. E como elle
 não desempare aos seus liurou a Dauid de
 grandes perigos, e alli na q̃lle deserto o vie-
 ram acompanhar muitos de seus amigos &
 parentee que o seruiam e goardauam. Mas
 o maluado Saul não descãsaua atẽ o nã ma-
 tar. E matinandoo este danado pensamento
 que não entendesse noutro o veo buscar a-
 quelle deserto com gente darmas, pera lhe
 tirar a vida, & apartãdofse Saul do exerci-
 to se meteo so nã coua, que alli estava pera
 fazer hũa necessidade, dẽtro na qual estaua
 escon-

escondido David com seus cõpanheiros q̄
poderam facilmente matar a Saul, que os nã
via a elles . Mas elles vendo a elle differã a
David que o mataassem, pois o podião fazer
sem auer cousa, que lho empidisse, que bem
via que era hum cruel tirãno, que o hia bus-
car aquelle ermo, pera o matar sem causa, e
de crer he que vêdo aqui David seu imigo
que o hia matar, lhe viessem à memoria os
assinalados e abalisados seruiços que lhe ti-
nha feyto, & a cruel ingratição & diabolicã
maldade do tyrãno. Mas nem estas cousas
nem todas as mais tentações, de q̄ alli foy
cõbatido, bastaram pera o indinarem e per-
suadirẽ a tomar vingãça de seu imigo antes
lhe perdoou. & não somente o não matou,
mas ainda o liuroou da morte, que seus com-
panheyros lhe queriam dar, deixando ir li-
ure quem o fazia andar captiuo. E pa Saul
saber o que passara lhe cortou hum pedaço
da faldra do vestido, que lhe ficou na mão,
o qual depois lhe mostrou . A q̄lla coua foy
o campo, em que David pelejou cõ suas tẽ-
tações & consigo, & alcançou de si mesmo
gloriosa victória. No desafio que teue com
Goliã, venceo a outrem, mas neste venceo
a si mesmo . Esta foy muyto mor victória

Capitulo. III.

que a outra, muito mais illustre triumpho sem comparaçam. Quereilo ver. Na outra batalha venceo a hum forte gigante, mas nesta venceo outra mais forte, pois venceo a si mesmo, que tinha vencido o gigante, na outra batalha venceo com hũa funda & cinco seyxs, & nesta com a razão & cinco sentidos: na outra cortou a cabeça a Golias, & nesta cortou a cabeça ao demonio, cortou-lhe as tentações, cortou-lhe o principio, cortou-lhe a cabeça, na outra entrou triufando dos imigos na terreal Ierusalem, & nesta entrou triufando de si na Ierusalê celestial: na outra sairão a receber as danças das virgões & matronas tangendo, e nesta os coros dos Anjos e Archanjos cantando: na outra pos os despojos na terra, & nesta polos no ceo: na outra mereceo a coroa corruptiuel, & nesta imortal, a qual o glorioso S. Pedro principe dos apóstolos na sua primeira epistola, chama coroa de gloria, q̄ ja nũca mais se seca, mas pera sempre florece & permanece. E Sam Paulo na segũda a Timotheo chama malhe coroa de justiça e Santiago na sua canonica, coroa de vida. Esta alcançou David com se vencer a si, perdoando a Saul, sofrendo com paciencia suas perseguições, v̄stin-

doso

1. Pc. 5.

a Ti. 4.

Iaco. 1.

dose da tolerancia das cousas humanas. As armas com que se alcança a mais illustre de todas as victorias, são gloriosas & excellentes, de que continuamente auemos dandar armados, & a paciencia & tolerancia são estas armas, pois com ellas se alcança a victoria de si mesmo, logo ellas são gloriosas, & excellêtes, de que sempre auemos de andar armados. Diz Salamão nos prouerbios, q̄ **Prò. 16.** melhor he o paciête que o homem forte, & que melhor he o que vêce a si, que o que vêce cidades. Não pode auer paciencia, senão onde ha grãde animo, & maravilhosa fortaleza, & insignes virtudes. A paciencia de hũ vaso, em que todas as virtudes se recolhẽ. *Com*
E assi como quebrando o fundo do vaso se entorna quanto està nelle, assi quebrada a paciencia caem todas as virtudes. He tão necessaria a paciencia, q̄ diz S. Ieronimo, que nenhũ sançto foy coroado sem ella, e he tão gloriosa, que diz S. Gregorio, que sem ferro & sem chamas, somête cõ a paciencia podem ser martyres. Mas não pode auer paciencia, senã auendo hi tribulação. E por isso he a tribulaçã necessaria pois obra a paciência. Diz S. Ioam no Apocalypsi, que vio ante o throno de Deos grãde numero de sançtos **Apo 7.**

Capitulo. III.

eõ palmas nas mãos, & q̃ lhe disse hũ delles
 Estes são os que vieram da grãde tribulaçã
 Isto he o q̃ dizia Christo a seus discipulos:
 O mundo serã ledo e vos tristes, mas a vos-
 sa tristeza se conuentera em alegria. Oppoẽ
 o mundo aos discipulos como confas con-
 trayras, como se dissesse. Os que são do mũ-
 do teram aqui alegria, mas serlheha conuer-
 tida em perpetua tristeza, mas os meus te-
 ram aqui tristeza, de que depois nacerã eter-
 na alegria. O falsos prazeres do mundo con-
 uertidos tam a finha em pesares, õ enga-
 nos contentamentos, que logo no principio
 da viagẽ çoçobram, & antes de verem a bar-
 ra se vã ao fundo, soccedendo em seu lugar
 infosfriueis tormentos. Diz Salamão que o
 pranto occupa a fim do contentamento, E
 assi como a serenidade do gosto dos maos
 se torna õ dilunio de lagrimas assi o dilunio
 das lagrimas dos bõs se torna em serenida-
 de contentamentos. Quẽ quer prantar no
 seu jardim hũa lorangeira, ou outra gran-
 de aruore de bom fructo, não pranta hũa
 ramo com suas folhas, & flores, ou fructo,
 porq̃ isso he perder o trabalho, ca as folhas
 murchanse, & as flores caem, e a fructa seca
 se com o ramo. Mas quem quer ter aruore,
 pran

Pro. 14.

Compa-
raçam.

prãta o tronco della, que depois aruore fey
ta dá folhas, e flores, & fructa. O nosso cora
çã he o nosso jardim, se nelle quizermos prã
tar hum ramo d'alegria com suas flores &
fructa, serà trabalho por demais, porq̃ d'hũ
contentamento não nagem outros, nem ha
ramo de gostos que se faça em aruore d'ale
gria, secasse o ramo, perdesse o cõtêtamêto,
& fica tudo em tristeza. Quê quizer ter no
coração prantada a aruore dalegria, prante
o tronco della, vafe às raizes, & deixe as ra
mas. O tronco & raiz dalegria he a tristeza
não qualquer tristeza, mas a que he tomada
da lembrança da morte & paixão de Chri
sto nosso Redemptor, de seus tormentos &
dos da gloriosa virgem sua madre. E da lem
brança dos peccados, afsi proprios como
alheos, & da foidade da celestial patria da
gloria. Este trôco de tristeza se cõuerete nũa
aruore excellête dalegria e spirituaes cõtên
tamêtos. Isto he o q̃ dizia o Senhor. A vossa
tristeza se conuerterà em alegria. Donde vẽ
Chrisostomo a dizer, q̃ a tristeza pare o con
tentamento. E São Bernardo diz, q̃ as lagri
mas são semête da gloria. Em fim q̃ a bõa
tristeza he o tronco & raiz da bõa alegria.
Isto he o q̃ diz o Psalmista. Os q̃ semeã em

Luc. 25. lagrimas colheram em prazer. E logo abay-
 xo. Andando elles hiam e chorauam semcã
 do suas sementes, mas vindo virão com ale-
 gria, trazendo os feixes de seus cõtentamẽ
Ps. 26. tos. E noutro psalmo. Vos senhor conuerte
 stes o meu pranto em contentamento. Isto
Mat. 5. he o que diz nosso Señor em Sam Matheus
 Bemaventurados os que chorão, porq̃ eles
 serem consolados. O agora & o depois dos
 bõs he muyto differente de agora e depois
 dos maos, porque aos bõs o seu agora detri-
 steza temporal conuertese em depois d'ale-
 gria pera sempre, e pelo cõttrayto aos maos
 o seu agora de alegria transitoria, cõuertese
 em depois de pena sem fim. Assim como na se-
 mente està o fructo per potencia, assi na tri-
 bulaçã com paciencia està a gloria per espe-
 rança. E por isso dizia nosso Saluador em s.
Mat. 5. Matheus. Bemaventurados sãõ os q̃ sã per
 seguidos por fazerem justiça, porq̃ deles he
 o reyno dos ceos. E daqui vem dar Deo tri-
 bulações aos seus pera os exercitar, e fortifi-
 car no camiho dos ceos. O ladrilho senam
 he cozido no fogo, cõ qualquer agua se def-
 faz, onde parecia que o fogo o auia de quey-
 mar, nam samente nam o queima, mas falo
 forte & duravel, assi o homem que não he

metido no forno da tribulação, com q qual-
 quer tentação se deixa vêcer, o que parece
 q o aua de destruir, não somente o não de-
 strue, mas fortifica. As agoas que desfaz e
 os ladrilhos, são as tetações cõ q os maos se
 perdem, & os bõs se saluam, Leuando o bõ
 Gedeam capitam dos Hebreos, muita gen-
 te consigo pera pelejar com os Madianitas
 disselhe Deos que nã leuasse mais que a q̄l
 les, que bebessem com a mão ficando em
 pè, & q̄ despedisse os q̄ se assentaõ a beber
 debruçandose sobre o ribeyro: & de dez mil
 não ficaram com elle mais que trezentos,
 os quaes alcançaram dos inimigos maraui-
 lhosa victoria. Excelente figura he esta, &
 digna de muyta ponderação. Que agoas sã
 estas senão as tetações, e q̄ imigos sabestes
 senão o diabo, o mudo, e a carne, cõ que pe-
 lejamos. Aquelles que vendo as tetações, se
 deixam logo cair mostrando fraqueza e bai-
 xeza, ficam atras se seguirem aquelle diui-
 no capitão Christo nosso Saluador, aquelle
 verdadeyro Gedeão emparo dos Israclitas
 Somete aquelles o seguem & alcançam dos
 imigos dalma gloriosa victoria, que apresẽ-
 tandose lhe diante as agoas das tentações fi-
 cam em pè firmes no bom proposito, goar

Iudi. 7.

Capitulo. III.

necidos da virtude da constancia. Estes são
 os que pelem fortemente com os inimigos,
 & armados da paciencia triumpham deles
 com muita gloria. Verdade he que se não
 podem estas agoas das tentações firmemēte
 passar sem diuino socorro, mas Christo
 não o nega a quem lho pede, & faz o q̄ em
 si he. Elias deu a sua capa a Eliseu, & com
 ella passou as agoas do Iordão. Que agoas
 são estas senão as tentações, & que capa he
 esta que Elias deu a seu discipulo Eliseu, se
 não o diuino emparo, com que o bom Iesu
 socorre aos seus em suas necessidades estas
 são as agoas de q̄ diz Salamão nos Cânticos
 As muytas agoas não poderã apagar a cha
 ridade. E daqui se colhe o fructo das tenta
 ções dos justos, q̄ por mais que ellas sejam,
 sempre elles ficam em pè vencedores & fir
 mes na charidade. E como as tentações, &
 tribulações sejam causa da peleja, e a peleja
 seja causa da victoria, são ellas tambem cau
 sa da victoria. Ellas são aquellas gētes feroces,
 que Deos deixou na terra de promissam
 pera pelejarem com os filhos d' Israel,
 & os excitarem na guerra. E assi como na
 batalha corporal alli he mais honrada a vi
 ctoria onde a pessoa com môr risco se auen
 tura,

4. Re. 2.

Cāt. vlt.

tura,

eura, assi na spiritual quanto mores sam as tentações e tribulaçõs sofridas com paciência e firmeza na virtude, tâto mais excellente he a coroa da victoria & eterno galardã.

C A P I T U L O . I I I I .

¶ Dos diuersos effeitos da tribulaçã, e dos proueitos que consigo traz.

Não se contentou o amigo com mostrar o bem da tribulação ao preso, mas quis lhe responder à sua objeçam, e disse. Quanto he ao que dissestes no principio, q̃ a tribulação era digna de ser vituperada, porq̃ fazia perder a paciencia a muitos, digo que sua desses he a culpa, q̃ a tribulação não lha tem. O sol sendo hũ mesmo no proprio tempo em q̃ abrãda a cerca, endurece o lodo nã porq̃ elle feia em si diuerso, mas pola diuersidade das natnrezas dos objectos. E como nũ mesmo fogo a pastilha cheira, & o enxofre fede, o ouro se apura e o madeiro se torna em carvão, & com hum mesmo vento a ortelam & erua cedreya cheyram & a arruda & os piornos fedẽ, & nũa mesma cyra a palha se espedaça, & o grã se alimpa, assi cõ hũa mesma tribulaçã hũs se a finam, outr os se

Comparaçam.

Compa
raçam.
Iob 22.

se queimam, hūs se mostrã sofridos, outros
impaciētes, finalmēte hūs se milhoram, ou
tros se empiorã. Mas pola mayor parte a tri-
bulaçã aproueita muito. Afsi como o fogo
abranda a cera, & a derrete, afsi a angustia
o coraçã. Isto he o dizia Iob: Deos amolen-
tou o meu coraçã. Hũa taça de bestiaēs, ou
qualquer vaso de metal laurado de figuras
metido no cadinho ou crisol se derrete, &
fũde no fogo, onde todas as imagēs sãõ des-
feitas, e fica outra figura noua: afsi hũ duro
coraçã feito hũa taça de imaginaria, cheo
de figuras do mũdo, metido no fogo da tri-
bulaçã, alli se estã derretendo, & fundindo
perdendo as figuras das vaidades mũdanas
deixando a imagē antiga, e ficãdo noutra
noua, deixando a imagem de Adam, e fican-
do na de Christo. Isto he o que nos S. Pau-
lo excita, quãdo diz na segũda epistola aos
Corinthios: Afsi como trouxemos a imagē
do terreal, afsi tragamos o do celestial: que
cousa pode ser mais proueito sa que a tribu-
laçã, pois nos faz deixar as imagēs dos vi-
cios, & tomar as das virtudes, deixar o mũ-
do, & suspirar por Christo? Isto he o que di-
zia Esayas: Senhor em a angustia te busca-
ram. E o Psalmista: Enche as suas faces de
igno-

Co. 15

Esa. 26.

ignominia, e buscaram Senhor o teu nome
 Per Oseas diz Deos. Em sua tribulaçã pela
 manham se aleuantaram a mim. E per Eze-
 chiel. Serà tirado o meu zelo de ti, e repou-
 sarey, & não me irarey mais contra ti. Co-
 mo se dissera. De estar muito enojado de ti
 te deixarey: & não te castigarey. Donde se
 colhe claramente que entam ellà Deos con-
 tra nos mais irado, quando cõtra nõs se nã
 ira, nem castiga nossos males, & que entam
 mostra mais de nos sua vingança, quando
 de nõs a não toma: & pelo contrayto quan-
 do nos castiga cõ tribulações, então mostra
 o amor que nos tẽ. E assi o diz elle per Sam-
 loam no Apocalypsi. Eu aos q̃ amo emêdo
 & castigo. E num psalmo falando do atribu-
 lado diz. Clamou a mi, & eu o ouuirey: com
 elle sou na tribulação eu o liurarey & glori-
 ficarey. E per Esaias. Quando passares pelas
 agoas, não te cobriram os rios, & quãdo an-
 dares no fogo, não te queimaras. Isto acõte-
 teceo assi aos Hebreos, quando passaram o
 mar róxo, & aos moços de Babilonia quan-
 do foram metidos na fornalha das chamas
 ardentes. Bem podera Deos fazer q̃ os tres
 innocêtes moços não foram metidos no for-
 no de Babilonia: mas mor merce lhe fez
 deixa

Ps. 82.

Ose. 6.

Eze. 16.

Apo. 3.

Ps. 90.

Esa. 43.

Exo. 14.

Dan. 3.

deyxalos la meter, cō tanto que o fogo lhe não empecesse, que fazer milagrosamente, com que os Babylonios os la não podessem meter: assi mor merce nos faz nosso Senhor em nos deixar meter nas tribulações dando nos paciencia, q̄ em nos liurar das mesmas tribulações, por q̄ liures dellas esquecemos nos delle, & metidos uellas socorremos a elle, & temolo cōnosco. Isto quis significar a Scriptura quādo diz q̄ vio el rey de Babylonia andar os tres moços no meo das chamas louuando a Deos viuos & saõs, & que andaua outro com elles semelhāte ao filho de Deos, & q̄ sendo alli metidos atados, andauam soltos, por q̄ a tribulação sofrida cō paciencia nos faz termos a Deos por defensor, & sermos liures, soltos, & desatados do amor & impedimentos do mūdo. Esta he a causa porque os varões sabios folgam cō as afflições, & temem a prosperidade. Sam Ieronymo cōpara a tribulação à balea de Ionas, que onde os outros cuidauam que o engolia ella pera o matar, engolioo pa o guardar. Sam Gregorio diz, que assi como os perfumes mor strão a força de seu cheiro metidos nas brasas, assi os varões santos declarā a firmeza de sua virtude metidos nas tribula-

Dan. 3.

bulações. S. Bernardo diz q̄ assi como a la
 ha mister cardada pera o pano ser fino, assi
 a vida ha de ser atribulada, pera a concien-
 cia ser mais excellente. Gersam diz q̄ attri-
 bução he agoa do diluuió, que quãto mor
 he, tanto a arca de Noe, q̄ he alma deuota,
 se mais aleuanta, & chega pera o ceo, Theo-
 doreto diz, q̄ perseguir a hum justo he cor-
 tar o ramo daruore, do qual cortado nace
 mu tos muito mais fertiles & fermosos. Sã
 Gregorio Nazanzeno diz, q̄ fingiram os an-
 tigos hũa aruore, que viuia cõ a morte, por
 que quanto mais a cortauam, tãto mais pu-
 lulaua, & mais verde, & espessa, & fructifera
 se fazia: de maneira que trazia guerra com
 o ferro, com a morte conualecia, & consumi-
 da se acrecentaua. E diz elle que alegorica-
 mente, per esta ~~arbor~~^{arbor} se entende o justo q̄
 com as tribulações reflorece, por q̄ ellas lhe
 dão materia de paciencia, & constancia, &
 grandes outras virtudes, e q̄ quãto mais he
 cortado & abatido, tanto he mais acrecen-
 tado & ornado, & tanto de Deos mais fa-
 uorecido. Isto he o que diz Sam Ioam Chri-
 sostomo. A virtude quando padece, vêce dô
 de veó o antigo prouerbio, Enuerdece cõ a
 ferida a virtude. Diz s. Augustinho, q̄ he isto

Compa como fogo, q̄ quando he piqueno, qualque
raçam. vento o apaga, mas depois que he grande,
 quanto o vento he mayor, tanto elle se acen
 de mais: asfi ainda que a virtude imperfeita
 & que ainda começa, muitas vezes se apaga
 com qualquer tentação & tribulação, com
 tudo depois que o homem está inflamado
 no diuino amor, quanto mais crescem as
 chamas da constancia & charidade. E nou
 tra parte diz, que auemos de entender, que
 Deos he físico, & que a tribulação nam he
 pena pera nossa danaçã, mas mezinha pera
 nossa saude. Afsi como os botões de fogo da
 dos pelo excellente cyrurgiã, caso que pare
 çam chagas he remedio cõtra as chagas asfi
 as tribulações, posto q̄ pareçam dãos, sam
 remedio contra elles. Sam Gregorio diz, q̄ a
 affiçam he porta do reino dos ceos: & Sam
 Ambrosio afirma que sofrida com pacien
 cia he bemaumenturada, & que ali começa a
 béaumenturança segundo juizo diuino, onde
 se tem por desauentura segũdo juizo huma
 no Laetancio diz, que com só isto podemos
 ser nesta vida bemaumenturados, se o não pa
 recermos ao juizo do mundo, que poe sua
 bemaumenturança na prosperidade eganosa
 & o justo na tribulaçã bem sofrida. Dizem

Os naturaes que hai animais que viuem somente dos elementos, assi como a toupeira da terra, os peixes d'agoa, o camalião do ar, a Salamandra do fogo. Nos primeiros tres não tem os escriptores differença, somente na Salamandra differem, ca hús dizem que he hum bichinho com asas, que se cria & sustenta nos fornos de vidro, que ardem em continuas chamas de fogo, outros dizem q̄ he aquelle animal pintado, a que comumente chamamos Salamantiga, que nã apparece senão em tempo de muita chuua naquella sentença he Plinio decimo de sua historia natural. Como quer que seja, basta que he hũ animal que viue no fogo: assi o varão justo & pio viue no fogo da tribulação. Que Salamandra vos parece q̄ era a q̄lle divino Paulo que se gloriaua no fogo das tribulações, como elle mesmo affirma na epistola aos Romanos. Diz Plinio no sexto decimo da historia natural que hai hũa aruore chamada Larix q̄ nunca arde, e que posta no fogo he como pedra: & contam as historias como refere Celio no vj das lições antiguas, que Cesar o experimentou apár da cidade de Larigno onde mādou por o fogo a hũa torre de madeira desta aruore, a qual cercada de fogo

Capitulo. III.

nunca ardeo, & no meo das chamas esteu
 inteira sem se corrôper nem queimar. Que
 torres de Larix eram os Apôstolos tam sin-
 gulares, q̄ metidos nas chamas das persegui-
 ções não perdiam hũ pôto da pacienciamas
 como cõta S. Lucas, hiam alegres da presen-
 ça do cõsilio, por serem dignos de serem po-
 lo nome de Iesu injuriados. Aquella carga
 q̄ contam no Exodo as divinas letras, q̄ ar-
 dia & nã se queimaua, porque estaua Deos
 nella, que queria significar alem dos outros
 mysterios, senã q̄ o justo, em cuja alma está
 Deos per graça, pode ser do fogo das tribu-
 lações vexado, mas não vécido, ardera, mas
 não se queimarã, serã cõbatido, mas ficara
 firme, serã atribulado, mas não consumido.
 E não sem causa appareceo esta visãõ nãa syl-
 ueyra chea despinhos, & não em qualquer
 outra arvore macia: por q̄ os justos são espi-
 nhados de tribulações, e como diz S. Paulo
 na segunda a Timõtheo, todos os que pia-
 mente quizerem viuer em Christo, padecerã
 perseguiçam. Lede pelas escripturas, assi di-
 uinas como humanas, & achareis, q̄ todos
 os grandes & insignes na vitude & sabidu-
 ria passaram grãdes tribulações. Assi como
 os grandes peixes se mantẽ nas agoas salga-
 das

Aã. 5.

Exod. 3.

2. Ti. 3.

das & os peq̃nos nas doces, assi os grandes
 varões se sustentam no mar das angustias & *Con*
 os de pouco animo nas doces agoas de seus
 contentamētos. E assi como as emas, nã ha
 ferro por duro que seja que nã digillã, assi
 os grandes sabios, nã ha tribulaçã por du-
 ra que seja que nã esmoam, folgando de pa-
 decer por amor de Christo, por remare cõ
 elle na sua gloria, conforme ao q̃ diz o Apo-
 stolo a Timotheo: Se juntamente padece-
 mos, juntamente reynaremos. Isto he o que *2. Ti. 2.*
 diz Chrysothomo. Queres reinar cõ Christo
 padeco cõ Christo. Ainda q̃ a tribulaçã seja
 aspera hanos de lembrar que adou per ella
 Christo nosso Redemptor, e q̃ per ella pas-
 sarã os apóstolos, & martyres, & os outros
 sanctos q̃ agora gozam de Deos na eterna
 bemauenturãça. Agoa d'hũa fonte solobre
 se vê per bõa terra, correndo pelos pes e rai-
 zes de suaues, e medicinaes eruas, perdeo o
 sabor aspero, & toma nouo sabor, ficãdo do-
 ce e gostosa. Desta maneira he a tribulaçã
 que indaque de sua natureza seja aspera &
 enxabida, todauia se atentardes pera a ter-
 ra per onde passou, e as raizes das eruas per
 que correo, se considerardes que passou per
 Christo & pelos seus sanctos, achalaeis sua-

Capit. V.

Mat. 7. ue & de muyto gosto. Diz o Senhor q̄ a vida vida he estreita, & a da morte larga. Donde se colhe q̄ os que quizerem entrar na gloria, ham de passar per muytas tribulações: mas as mesmas tribulações vos dará suaves contentamentos, quando cõsiderares que he segũdo os passos de Christo, & q̄ esse caminho vay ter à gloria. Por isso não atẽteis a ser via fragosa, mas quẽ andou por ella, & onde vay parar. No liuro da Sapiência estam estas palauras. O justo guiou o Senhor per vias direitas, e mostroulhe o reino de Deos. E declarando a Scriptura que vias são estas diz logo abaixo. Honrou em trabalhos, & compriolhe os seus. Onde se mostra que os trabalhos e tribulações são caminhos da eterna bemauêturança, se sam andados cõ sofrimento & constancia na virtude, a qual os faz não somete sofrueis mas suaves, por que assi como o vicio he pena de si mesmo, assi a virtude traz consigo contentamento.

Sap. 10.

C A P I T V L O . V .

¶ Em que o amigo mostra per authoridades dos gentios os bẽs da tribulaçãõ.

HE tam alta cousa a tribulaçãõ, que nã teme os Chriãõs, mas ainda os gentios

tios o entenderam. Seneca diz, que não ha
 mor tribulação que não a ter, & que não ha
 mor aduersidade que não caia nella. E nou
 tra parte diz assi: Não termos necessidade
 da humana felicidade he a nossa felicidade.
 Bias diz, que aquelle he desauenturado, que
 não pode sofrer a desauentura. Diogenes
 diz: Aquelle he mais infelice, que mais tra
 balha por ser mais felice. Epicteto diz: So
 fre & absteinte. E he tam alta & compen
 diosa esta sentença, que a meu ver compreen
 de toda a moral philosophia. Vsa della Au
 lo Gellio no decimoséptimo liuro das suas
 noites Atticas. Marco Marcello o primeiro
 que venceo os Corsos edificou em Roma
 hũ templo à tempestade, porq̃ sendo della
 perseguido nas duuidosas ondas do mar an
 tre Coriega & Cerdenha escapou sem lhe
 empecer, como o contam as antiguas histo
 rias, & o refere Fuluio nas suas antigualhas
 Parece que sentio este Marcello ser tam ex
 cellente a tribulação, q̃ quasi se auia de ado
 rar. Conta Policrato, & refereo nas partes
 theologaes S. Antonino, q̃ injuriando hum
 homẽ a outro disse o injuriado. Dize o q̃ qui
 feres, que eu tenho mandado as orelhas que
 ouçam, & a lingua que cale, e ao animo que

Capitulo. V.

esté quieto. Que mais se podia dizrr, & que mais sublime philosophia se podia imaginar? O injuriado ficou sem injuria, e o injuriador ficou injuriado. O que queria abater ficou abatido, & a quẽ queria abater ficou honrado: porque não pode ser mór infamia pera os maos, q̃ querer infamar os bõs, nem mor gloria pera os bõs, que ser perseguidos dos maos. Conta Xenophonte no Económico, que dizia Socrates, que os imigos eram riquezas & gentis alfayas, se nos delles soubessemos aproueitar. Demaneira q̃ antre os tesouros cõta os imigos. Isto sentio Scipião Nafica, quando destruida Carthago emula & inimiga de Roma disse no Senado, que mais proveito fazia Carthago a Roma estãdo em sua prosperidade, que sendo destruida, porque os inimigos eram hum freo da sensualidade dos Romanos. Assim o cõta Tito Livio, ainda que Valerio Maximo quer attribuir este dito a quinto Metello. Dõde se conclue q̃ ainda que os maos nos possã atribular, não nos podem infamar, antes infamam a si, & onde coydam que nos damnam, nos aproueitam. Dõde veo Plutarcho a fazer hum liuro dos proveitos q̃ se nos se guem de termos imigos que nos injuriem.

Os varões sabios não fazem cõta das injurias
 q̃ lhe fazem os maos, antes sofre tudo se auer
 calúnias, nẽ côtra elles, q̃ lhe impedã o cami-
 nho de seus bõs propósitos, antes quanto
 mores tribulações se lhe encontram diante
 tanto mor animo mostrã, & mais se esmerã
 & abalifam na excellẽte virtude porq̃ a bõa
 sabedoria lhe ensina a passar avãte. Iltoquis
 significar Homero, quando escreuẽdo os grã
 des trabalhos de Vlisses, disse q̃ todos os ṽ
 cera, & de todos escapara, porq̃ leuaua cõsi-
 go por companheira a Minerua, a qual os
 gentios adoravã antre as suas vaidades por
 deusa de sciencia, & diziam que fora virgẽ,
 pera mostrarem que a sensualidade he ter-
 ribel aduersaria da sciencia. Quis nos nisto
 significar, que não ha trabalhos nem tribu-
 lações q̃ os homẽs não passem & sofram se
 hão dotados & ornados de sabedoria. Ella
 he aquelle caualo Pegaso, em que hia Bello-
 rosonte vencendo todos os monstros, que
 em suas fingidas fabulas deyxaram em me-
 moria os antigos poetas. Ella he o escudo
 de Pallas, em que estava pregada a cabeça de
 Medusa, no qual todos os q̃ punham fitosos
 olhos, ficauam pedras. Queriam nestas phi-
 losophias enfronhadas, nestas fabulosas

Capitulo. V.

historias ensinar os antigos, q̄ todos os q̄
 tiuesse pregados os olhos do entédimento
 na sabedoria governãdo se por ella, seriam
 na virtude tam firmes & constantes, q̄ se po-
 deriam cõparar cõ as duras & firmes pedras
 q̄ nẽ cõ trabalhos & tribulações esmorece-
 sem, nẽ se quebrassem, tendo sempre pera si
 q̄ era melhor ter afflições pola virtude, que
 deleytações polo vicio, e q̄ quãto mor fosse
 a prosperidade do mundo tãto mais a deuiã
 remer, & quanto mor fosse a aduersidade,
 tanto se mais nella auiam de gloriar. Isto
 quizeram elles significar, quando differam q̄
 o sol se apascẽtaua cõ as agoas salgadas, & a
 lũa cõ as doces. Pelo sol entendem o varam
 sabio, justo, & cõstante, q̄ aquẽta, allumia, &
 he sempre d'hũ tamanho: & pela lũa o igno-
 rante, vicioso, & variauel, que nam tem mais
 luz que a que lhe da o sol, & ainda esta fria
 & rara, & ora estã cheo ora imaginado, mu-
 dauel & constante. Pelas agoas salgadas en-
 tendem as tribulações & aduersidades, &
 pelas doces as deleytações e alegrias. He lo-
 go interpretaçam desta moralidade que os
 varões d'alto ingenho eminẽtes nas lettras e
 heroicas obras de virtude desprezam as sal-
 sas deleytações e cõtentamentos mũdanos

& se gloriam nas tribulações sofridas pela honra da virtude, & nellas se ceuam & deleitam: & pelo contrayro os ignorantes & sen suas homẽs de bayxos spiritos & rasteiros pẽsamẽtos se apascẽtam dos vãos prazeres enganofas deleitações & prosperidades do mundo. E per derradeiro os maos sempre se queixam da vida & de suas defauẽturas sem terem verdadeira alegria & quietaçam, e os bõs pela mor parte viuẽ cõsolados por q̃ antre suas tribulações sentẽ suaues cõtentamẽtos. E como as amargofas e salgadas agoas de Ierico se tornaram doces sêdo nellas metido hum vaso nouo com sal, assi os discontentamẽtos do mũdo significado per Ierico se tornam suaues, se o vaso de nosflo coraçã nelles metido he nouo pela graça, & limpo do peccado, e cheo de sal da verdadeira sabedoria. Desta maneira se adoçã as amargofas agoas de nosfla tribulações, e no meo delas se sente singular refrigerio. Mas se o vaso he velho, & quebrado, & sem sal, saõ os desgostos amargofos e infriueis. E ainda que os maos venham algũas vezes a effectuar seus desejos, cõ tudo eu tenho peta mim q̃ mor cõtentamẽto tẽ os bõs e o não ter, q̃ os maos tendo. Esta he a sentença de Socrates relata

4. Re. 2.

Capit. V.

da per Xenophôte, quando dizia, q̄ abste'do
 fe não tinha menor deleitação, q̄ os que cõ
 grande cuidado a alcançauam, & tinha mui
 to menor dor, quando a não tinha, e daqui
 vinha a não estímar prosperidade nê aduer-
 sidade, donde lhe procedia ser liure, da qual
 liberdade nacia aquella maravilhosa con-
 stância q̄ nelle louuaram todos os escritores
 que delle falarã. Sentença foy dos philoso-
 phos orientaes, como refere Patricio Senes
 nos seus liuros da republica, q̄ os que igoa-
 mente desprezauã o prazer & o pesar, a vida
 & a morte, nã podiam ser seruos. E porq̄ os
 q̄ isto tinham eram justos & sabios, diziam
 que os taes sempre eram liures & isentõs, &
 pelo contrario os maos & ignorantes eram
 captiuos & escravos. Isto ensinou Socrates,
 de quem o tornou Cicero nos paradoxos, &
 todos os que seguirã a doutrina Platonica,
 assi antigos como modernos, osquais todos
 nisto concertam, que os sabios & virtuosos
 não ham de desmayar nos trabalhos & afrõ-
 ras, mas cõ hum sofrimento accito & incan-
 fauel ham de ir auante pelo caminh da vir-
 tude, fundados na firme cõstancia, folgãdo
 mais cõ as tribulações que com as falsas ale-
 grias, porq̄ as tribulações são cõseruadoras
 da

da virtude, & vasos de lembrança de quem
 somos: & as falsas alegrias são excitamentos
 de vícios, & vasos de esquecimento, os quaes
 bebidos nos fazê perder a memoria de nos
 mesmos. Donde veo a affirmar o Petrercha
 no proemio dos remedios contra fortuna,
 q̄ era mais difficil saberse governar na bo-
 nãça que na fortuna, & que mais a sombra
 ua, & mor medo lhe metia a prosperidade q̄
 a aduersidade. E a verdade elle a diz, porq̄
 cada dia vemos cõ nossos olhos, & estã dis-
 fo cheos os liuros, que muytos nas tribula-
 ções se ganharam, que depois nos contenta-
 mentos se perderam, & foram alagados seus
 bõs propositos no sereno mar de suas bo-
 nanças, os quaes elles muyto tempo conser-
 uaram nas brauas, & furiosas ondas de
 suas aduersidades. Exemplo temos em Da-
 uid, do qual dizem as diuinas letras, que sen-
 do atribulado deu a vida a seu inimigo Saul
 & sendo prospero a tirou a seu amigo Vrias.
 Pera que he logo desejar prosperidade nem
 desmayar cõ a aduersidade, senão to mar cõ
 cautelia o que vier, pera que nem na bonan-
 ça se receba alegria demasiada, nem na tor-
 menta desgosto sobejo. Assi como o bõ ju-
 gador emêda o mao lanço com seu saber, &

1. Re. 24

2. Re. 11

Capitulo. V.

Com
 o maos lança o bom lanço a perder com seu pouco tento afsi os sabedores com sua prudencia & tolerancia emendam em tal maneira os maos lanços do mundo, q̄ ganhão o jogo, & os ignorantes por vsarem mal de seu bem, o perdem. Scipião Nafica sendo côsul de Roma, foy no mar tomado dos Carthaginenses seus imigos, mas sendo captiuo vsou de tanta prudencia, que se liurou, & de escrauo veo outra vez a ser consul Romano. E pelo contrayro Policrates rey dos Samios, viuco sempre em tanta prosperidade, & tam mimoso, como dizem na fortuna, q̄ parecia que não tinha o desejo mais que pedir, em tanto q̄ diziam; que o seu poder andaua ouro & fio com seu querer, até q̄ por sentir algũa pedra, & saber a que sabia a aduersidade, deytou no mar hũ precioso anel que tinha, que elle muyto estimaua, petater com isso algũa dor. Mas logo dahia a poucos dias achou dentro num peixe, que o engolira, qual lhe poseram na mesa pera comer.

t
r
 Mas em fim por não saber vsar de tâta bõa andança veo a ser preso & captiuo de seus imigos, & vio perdido seu reino, & escurecida sua gloria, até vir a morrer enforcado deshonradamente no alto monte Micalêie per

mão

mão de Orontes seu aduersario, & foram suas carnes cõ grande ignominia entregues às aues & aos caães, como cõta Strabo no 13 liuro, & Valerio Maximo no sexto, & muytos outros authores. Mario Romano hum dos milhores capitães de Roma por seguir a parte de Bruto foy proscripto d' Antonio & julgado d'elle por imigo de Roma, & sendo tomado cõ outros muitos na guerra de Macedonia dos que seguiam a parte de Antonio, fingio se escravo, & foy cõprado em pregam de Barbula, o qual indo a Roma o conheceo & pos em sua liberdade, e depois foy este Marcio tam fauorecido de Octauio amigo que entam era de Antonio, que ueo a ser pretor que he o que agora chamamos gouernador. E dãdo depois o mûdo volta ueo o Antonio a ser destruido per Octauio, e os amigos de Antonio parte foram mortos parte desbaratados. E auêdo o Barbula medo da morte fez se escravo por nam ser conhecido, & foy vendido em pregão, & comprado por Marcio, que outro tẽp o fora seu catiuo, sem Marcio conhecer por vit demudado em trajos vís de captiuo, mas tanto q̃ o conheceo o libertou, & fez tã amigo de Octauio, q̃ ueo a ser pretor, e a ter em Roma

X grande valia. Belisario capitão do Emperador Iustiniano, depois de vècer os Vádalos & triumphar dos Persas, & liurar Italia dos Barbaros, veo a ser enuejado e murmurado. E sendo per seus grandes successos suspeyto ao emperador, q̄ temia que se lhe alevatasse cõ o imperio, foy d'elle priuado dos olhos, e despojado d̄ toda sua riqueza. Em fim veo à tã triste estado q̄ fez hũa pocilga apar dũ caminho onde estaua pedindo esmola aos q̄ passuam com estas palauras: Caminhante dà hũa esmola a Belisario, ao qual a virtude engrãdeceo, e enueja cegou. Autores saõ desta historia Procopio, & Rauissio textor na Officina. Estas saõ as voltas do mundo, este he seu cultume, estas saõ suas mudãças. E não somente aos homẽs mas as cidades e edificios & trajos dà tantas voltas cõ o tẽpo, que parece que anda jugando com elles.

X Aua em Roma hũa aspera cadeia, onde estauam presos os culpados de graues delictos & estando ali presa hũa pobre molher, que queria matar á fome, veo ali hũa sua filha & impetrou do carcereyro licẽça pera a ver cada dia hũa vez, com tanto que lhe não leuasse nenhũ mantimẽto, & cada vez q̄ la entrava era olhada pelos goardas, e vêdo elles

que

que a presa durava tantos dias sem comer, começaram a inquirir a causa, & acharam q̃ a filha cada vez que com ella entraua lhe dava o leyte de seus peytos, com que a sustentava: sabido isto foy louuada a filha, & pela piedade della foy solta a mãy, & julgado pelo Senado que ambas fossem sustentadas cõ as rendas da repubrica, & que a cadaa fosse da li tirada, & aquella casa feyta em templo dedicado á piedade. Depois por tempo foy este templo da piedade conuertido nũ theatro dos jogos que se chamaua o theatro de Marcello. Depois deu o mundo o trauolta, & caio a mor altura do theatro, & sobre as paredes que ficaram forã edificadõs hũs paços, que eu vi per muitas vezes, onde agora viue o cardeal Sabello vigayro do Papa, & ali se tratam as cousas da religiã. Vede estas mudanças do mundo: de cadaa de crueldade tornou se em templo de piedade, & de templo de piedade veo ser theatro de jogos deshonestos e viciosos, & de theatro de jogos deshonestos e viciosos, veo a ser casa de honestidade & virtude, & paço do vigayro de Roma. Hum monte ha em Italia, que se chama o Palatino, que em outro tempo ser uio de pasto de gado, õde depois foy edificada

Capit. V.

da Roma de nobres, e altos edificios: agora he desabitado cheo de syluas, & aruoredos agrestes, e serue de pasto de anima esem fim tornouffe naquillo q̄ foy antes de Romulo & Euandro, & onde primeiro foy Roma não hai mais fumo della, que hũs pedaços de paredes derribadas cercadas dera, & syluas, & aruores montesinhas, antre as quaes se acham algũas antigualhas, que mostram o que aquillo foy em tempos antigos. Pera que he mais senão que da o mũdo taes voltas, que o que hũ tempo he tido por deshõra, em outro he tido por honra. Hum grande senhor teue preso hum homem cõ hũa cadea de ferro atada a hũa pedra, & depois permitio que este preso andasse solto, com tanto que trouxesse em hũ dedo da mão hũ anel cõ hũa pedra encafoada, em final do grilhão com que estiuera preso atado a hũa pedra. E daqui dizem algũs q̄ tiueram principio os aneis. E o que foy inuentado por deshõra se tem agora por honra, o que se fez por final de catiueiro he agora final dõ liberdade, o que se inuentou por mostra de pobreza he agora indicio de riqueza, e finalmente o q̄ se tinha por infamia, se tem agora por gloria. Faltarmejam horas & dias se

me quiseffe por a cōtar as variedades & mudanças do mndo, & quantos na bonança se perderam, & na aduersidade se saluaram. E por tanto não deue ninguem vãmente espirar por prazeres nem temer sobejamente tristezas, & mais pois ellas ainda na força de sua dor fante fiam algũas esperanças de seu descanso.

CAPITULO. VI.

Que cousa he virtude, & em que principalmente consiste.

MVito atéto esteue o preso às palavras do amigo, & se algũas o ouerã de conuencer, taes lhe pareceram que nenhũas o poderam fazer tam bẽ como ellas, às quaes elle respõdeo desta maneira. Tudo isso vejo muyto bem, mas veme às vezes hũas tristezas tam supitas q̃ lhe não pollo resistir em especial aos primeiros impetos quando me vejo preso tam sem razão & abatida minha honra por eu fazer o q̃ deuo. Dous fomos como sabeis os que neste meu caso altercamos, & discrepamos eu pola rezão, & elle contra ella, & assi o rem todos os que atemmas o vento do mundo a mim contrario

Capitulo. VI.

Ihe foy a elle tam fauorauel, que num mes-
 mo tempo fomos ambos elle saluo e eu per-
 dido. Ia me contentaria com perder a faze-
 da que lancey ao mar se nesta tormenta po-
 desse saluar somete o casco da nao da hõra,
 & andar as voltas com as ondas, ate poder
 chegar a barra, mas nem isto parece que po-
 de, ser ca vejo ser esta tribulaçõ caminho
 certissimo de minha perpetua deshõra. Co-
 mo posso eu deixar de ter muita pena, vèdo
 me nesta prisaõ? Agora vejo, disse o amigo,
 q̃ as minhas palauras consolatorias ficarão
 no patio de vossos ouvidos, sem entrarẽ na
 camara de vossa alma. Antes auẽis de ter
 muyta gloria de estardes preso imitando a
 sam Paulo, que se gloriaua nas tribulações,
 & tendo illustres titulos e appellidos, de ne-
 nhum parece que se gloriaua mais, que de
 estar preso por amor de Christo, & quando
 se nomeaua dizia, Eu Paulo preso em o Se-
 nhor, Paulo preso de Christo, como se mo-
 stra em muitos lugares de suas Epistolas.
 Nũca ouue Rei q̃ mais se prezasse de ter na
 cabeça hũa coroa real de fino ouro & rica
 pedraria, do q̃ se prezaua sam Paulo de ter
 nos pes hũs asperos grilhões de ferro. A si
 no carcere e Egipto estaua metido se causa
 o bom

Rom. 5.

Eph. 34

Phil.

O bom Ioseph, e não deixaua por isso deter
 espirital contentamento, porque dado que
 per sentença do juiz estaua preso, per sentença
 de sua consciencia estaua solto. Que mór
 gosto pode ter hum homem que parecerlhe
 que esta bem com Deos? No carcere estaua
 o sanctificado Ieremias, mas alli estaua con-
 solado. No lago dos liões foy lançado o jus-
 to Daniel, & alli estaua contente. No mon-
 turo jazia o paciente Iob, & alli estaua ven-
 cendo o mundo. Atado & preso na cruz es-
 taua o bó ladrão primeiro canonizado que
 morto, & dali estaua roubando o paraíso,
 alegre com aquella pena, que fora causa de
 sua gloria. Finalmente não hai cruz né tra-
 balho nem carcere, nem outro lugar algum
 por aspero & infriuel que parece, óde hũ
 homẽ não possa estar muyto consolado, se
 quizer abraçar-se com Christo: & meter o le-
 nho de sua cruz nas amargosas agoas de Ma-
 rà, q̃ são as tribulações do mũdo, as quaes
 a lembrança da morte e payxão de Christo
 adoça & faz suaves. Pera que he mais, senã
 que prenderam os maos a I E S V Christo
 nosso verdadeiro Deos? Prenderam quem
 os vinha soltar, condénaram quem os vinha
 liurar, mataram quem os vinha timir. Códẽ

Gen. 39

Iere. 32

Dan. 14

Iob. 2.

Exo. 19

Capit. V.

naram á morte a mesma vida : escolheram
 que viuesse Barrabas que mataua os viuos,
 & que morresse Christo que resuscitava os
 mortos, saluaram o condénado & condena
 ram o innocente, deram a vida ao que mere
 cia a morte & a morte ao dador da vida.
 Pois o mundo fez isto a seu senhor que espe
 rais que faça aos seruos? E nisso que dizeis,
 que vos vedes abatido por fazerdes o a que
 vos obrigaua a razão, não a tendes, porque
 como homem leua a razão por guia seguin
 do por amor de Christo, tem muita honra
 ainda que ninguem lha de : e pelo contairo
 se vay redea solta tras seus vicios, he deshon
 rado , ainda que este no mais alto eume da
 honra do mundo constituido. Diz Platão q̄
 a honra he hũa dignidade adquirida per vir
 tude: demaneira que a virtude he da essen
 cia da honra, & entra em sua defuiçam co
 mo confa sua sustancial . Donde se conclue
 sem nenhum debate que sem virtude nã po
 de auer honra . Lembrame que estando em
 Roma fuy hũ dia visitar a igreja de sam Se
 bastião fora dos muros onde ha grandes fur
 nas q foram em outro tempo habitação de
 muitos santos, onde está o cimiterio de Ca
 listo, em q̄ está sepultados infinitos corpos
 da

daquelles gloriosos martyres, que sofreram pola fe de Christo espartosos tormentos & com sua morte na terra alcançaram immortalidade no ceo. E onde ha outras grandes reliquias. E passa-se por ella no caminho pola porta Apia, q̄ noutro tempo se chamou Capena, & agora se chama de S. Sebastião, vendo muitos pedaços de edificios antigos desabitados como corpos sem almas, & muytos dellés todos derribados, & muytos moymentos & sepulchros grandes dos Gentios dos quaes fala Marco Tullio na primeira Tusculana, & outras antigualhas ganosas de ver, me lembrou q̄ lera é Fuluio no liuro q̄ fez da antiguidade Romana q̄ aq̄le era o lugar onde os antigos Romanos tinham em tempos passados edificado o templo da virtude, e o da honra per tal artificio, que ninguem podia entrar ao da honra senão pelo da virtude. E entã me lembrou q̄ lera isto em S. Augustinho no .5. liu. de ciuitate Dei. Quiserã nisto significar aquelles antigos, que assi como era impossivel alcançar a verdadeira honra senã per via da virtude, assi não podia ninguem passar o caminho da virtude sem hã dar consigo em casa da honra. Estiue eu cuidando naquella inuencã, & parece-me

Capitulo. VI.

de tão alto ingenho que o meu fica muito
 aquê de poder agora declarar o q̄ entam s̄
 rios:mas basta que colhi dalli, que por mais
 atribulado que hum homê fosse, se era vir-
 tuoso, logo era honrado, & pelo côtrairo se
 ero vicioso, ainda que estiuesse empinado no
 cume da gloria, não a tinha. E logo fora de-
 sta porta, perto destes dous templos tinhão
 outros dous, em cuja fabrica elles quizeram
 também mostrar doutrina & vizeza de inge-
 nho, hũ era o templo da sciencia, e outro da
 esperança: pera significarê que os sabios nũ
 ca desesperam de remedio, antes sempre em
 suas tormentas, anda a esperança liada com
 a sciência. No tempo que Casandro reynaua
 em Macedonia, subjugou Athenas, & pos
 nella por visô Rey a Demetrio Phalareu,
 discipulo que fora do grãde Theophrasto, o
 qual Demetrio a governou cõ tanta justiça
 prudencia, & esforço de seu animo, que lhe
 aleuantaram os Atheniêses muitas estatuas
 e final & memoria de suas excellêtes obras
 Mas fazêdo o mundo suas mudanças como
 soe, morreo o Casandro, & o Demetrio foy
 falsamente accusado de seus emulos, & tam
 perseguido, que lhe foy necessario fugir de
 Athenas pera Egipto. E tâto q̄ se foy deter

minará seus aduersarios de lhe apagar o lume de sua memoria, & enterrar sua fama na sepultura do esquecimento. E estando elle ausente soube como seus inimigos lhe tinhamo derribadas & espedaçadas todas as suas estatuas o q̄ elle mostrou que não sentia, antes quando lhe isto cõtaram, disse rindo: As estatuas me derribaram elles, & tornárlas hã em pò, mas as virtudes & claras obras, cujo premio he a verdadeira honra, em cuja lembrança se fizeram essas estatuas, não poderão elles nunca derribar nem cõsumir. Grã de sentença sem duvida, & digna de tal varã que declara que não pode auer perseguiçã, nem injurias, nem contrastes, que possam desbaratar a honra fundada na virtude, & que inda que tudo acabe ella nũca acabara porque o tempo dado que gaste tudo, o que se pode gastar com o vso, & va inuentando outros de nouo, todauia a memoria das notauéis & honrosas obras, està tam longe de a gastar, que antes agoarda & cõserua: donde veo Archimedes o Siracusano a chamar-lhe, inuentor das cousas nouas, & registro das antigas. Daqui vierã os poetas a chamar à fama filha da terra, & deosa da perpetuidade, porq̄ anda sobre as cousas terreaes.

Capitulo. VI.

& as faz perpetuas, entregandoas á memoria immortal. Donde veo a dizer Euripides, que dado que a terra cobrisse os corpos dos varões heroýcos, a fama, que andaua sobre la não deixaua cobrir suas excellentes obras, as quaes nem nas tribulações da vida se perdiam, nem ainda depois da morte se acabauam. E pois nas aduersidades seaso que caya á falsa hõra a verdadeira nã pode cair, antes sobe cada vez mais, pera que he temer o que tam pouco nos pode empecer, & tanto a proueer? As dignidades do mũdo, as hõras & magistrados ham se de merecer, mas nam se ham de procurar: por q̄ taes hõras he maior honra merecelas sem as ter, que telas não as merecendo. Tito Liuiio diz, q̄ não hai mais excellente triumpho que não querer triumphar. Muytos subiram a honras, que a nam tineram tanta, quando as alcançãõ, como infamia, polos meos cõ que as adquiriram. Donde veo a dizer Plotarcho em hũa epistola ao Emperador Trajano seu discipulo, que com razão se podia dizer felice seu imperio pois fizera obras pera o merecer, e não buscara maneiras pera o alcãçar. A maldita serpente persuadio a Eua, que comesse do pomo defeso, & que teria tanta honra, que se-

ria ella & Adam como deoses. O primeiro que tentou os homẽs com desejo desordenado de falsas honras foy aquelle demonio. E por isso se nos desta maneyra vimos tentados auemos de entender que as taes tentações são assouios da antiga serpente. Verdade he q̃ denemos buscar a verdadeira hõra que he a que cõsiste na virtude, & he hũ resplendor inseparauel da honestidade, a qual os sanctos & varões illustres sempre estimaram muito, desprezando aquella hõra que consiste samente em opiniãõ & temeridade do pouo tam inconstante que não ha relógio de area, q̃ mais voltas dê. De todas estas razões colho & cõcluo que não he esta vossa tribulação nenhũa deshõra, nem caminho pera ella, & que não estaes bem na conta, em dizerdes que tendes dor por verdes ser esta vossa perseguição via peravossa perpetua infamia. Antes digo & affirmo, q̃ se cõ paciencia & animo esforçado a soffredes, sera caminho pera vossa gloria. Prouoo. A tribulação, como está prouado he caminho pera a virtude, & a virtude he caminho pera a honra, logo segue se que a tribulação he caminho pera a hõra. Tudo o que he caminho pera a virtude o he pera a honra, & a

Capitulo. VII.

tribulação he caminho pera a virtude, logo he o pera a honra. Pois como he possiuel q̃ hũ mesmo caminho va parar na honra & na deshonra? São cousas que se não compadem. Antes como a virtude seja o em q̃ consiste a honra, & sofrimento na tribulação seja virtude, fica claro que nella consiste a honra. E assi tenho claramente prouado, q̃ naquillo em que cuidais que consiste vossa infamia, consiste vossa gloria, a qual entam he mais excellente, quando mais se merece & menos se procura.

C A P I T V L O. VII.

¶ Em que o amigo conta o q̃ lhe acõteceo em Italia com hum ermitão, & quacs são os verdadeiros amigos.

COm estas razões ficou o preso algũ tão to desaliuado, e disse. Muitos folgata, se se em mi cabe folgar, que praticareis comigo muitas vezes, porque nũca ouço vossas palauras, que não tire proueito, e doutrina dellas: porque sempre vão descobrindo cousas encubertas a muitos, & dignas de se não encobrirem a ninguem. Digo isto porque com as autoridades & razões que alegastes

vou vendo que o fundamento da gloria he o que vos dizeis, diferente do que eu cuidaua, porque vos dizeis que está em sofrer, & eu punhao em folgar: vos na aduerfidade & eu na prosperidade: vos na virtude, & eu na opinião: em fim que segundo vou entendendo a verdadeira gloria cõsiste no desprezo da falsa gloria, que bem affomado cõsiste em deixarmos o mundo & seus enganos, & abraçarmonos com Christo nosso Deos, sofrendo por amor d'elle todas as tribulações. Essa he, disse o amigo a verdade. Dous dias que aqui temos de vida, pera q̄ he senã darmola a quem nola deu? Inda não vi homẽ a que tanta enueja teueffe, como a hum de Sicilia, que achei em Italia, tam esquecido da honra do mudo, & seruido nas lêbranças de Christo, q̄ mais parecia diuino que humano. Em que parte, disse o preso, achastes esse homẽ, & como viestes dar cõ elle? Eu volo cõtarei, disse o amigo, se vos nã enfadardes. Antes, disse o preso, desejo muito de ouuir. Disse entam o amigo. Embarcando eu em Barcelona, com outros passageiros, tanto nauegamos pelas duuidosas ondas do mar meditarreneo atranessando o golfaõ de Lião, q̄ è poucos dias vimos terra de Italia: & indo

ferindo cõ os duros remos as falgadas agoas
 do pego Ligustico apar de Genoua, fomos
 topar com hum nauio de que eu soube taes
 nouas que me foy necessario deyxar a com-
 panhia o que eu fiz com a saaz soydade. Sai-
 me logo no areal, & fuy me só por terra por
 certas causas necessarias q̃ eu não digo, por
 que saõ ellas longas de contar, & não vem
 agora a proposito: abasta que me fui eu per
 terra. E era isto onde eu sai ao pé das altas
 môtanhas de Genoua, onde o mar té feitas
 grandes furnas, & cõ o tom das ondas, & o
 rogado do véto q̃ se metia & retubaua na q̃l-
 las concauidades, jutamente com o meneo
 das aruores q̃ per antre aquelas rochas auia
 & em algũas partes tam espessas, que empe-
 dian ao chãõ com suas ramas a claridade do
 sol, fazia se hũa armonia tam concertada, q̃
 me acrescentou a soydade daqueles meus cõ-
 panheiros grandes meus amigos, que hiam
 na nao que se alli de mi, & não sem lagrimas
 apartaram. Eu era lhe em estremo affeyçõ
 do pola virtude, letras, & ingenho que nel-
 les via, & elles tinham me a mesma affeiçõ
 por algũa opiniãõ que tinham de minhas
 cousas, que sendo pequenas, tinham elles
 por grandes, porque as viam com os ocu-
 los

los da afeição. E entrado eu per antre hūs
altos rochedos ao longo d'ua ribeira que de
cia da ferra, foy dar com hum lugar solita-
rio onde se fazia hū pequeno valle cuberto
de tam diuerfas eruas e graciosas flores que
me efluera arrebetando os olhos, q̄ visse
aquella fermosura. De maneira q̄ me detive
hum pouco, & estive contemplado aquella
singular tapiçaria, aquellas cores excellen-
tes, aquelle cheiro natural, aquelle maravi-
lhoso arteficio da natureza, & a fermosura
& diuersidade das cousas que a terra criava.
E veome entam à memoria aquelle dito do
antigo Ennio, que chama à terra Minerva,
& o de Vergilio, que lhe chama Circe, & o
de Lucrecio, que lhe chama Dedala. E come
çando eu a sobir pera ir ter ao caminho, q̄
hia pelo cume da montanha, donde decia
pera outra parte, vi hum pedaço de casa per
antre hūs altos penedos, & determiney sa-
ber o que era: ca como estaua longe nam a
podia diuisar. Mas como a soidade que leua
ua dos companheiros, indo assi pera a casa,
olhana muytas vezes pera o mar, virado os
olhos pera onde osguiaua o amor. E no pro-
prio tempo em q̄ eu de todo aleancei a casa
de vista, a perderá de mim os mareantes en-

golfandose no mar, e eu metédome per hũa
alto & sombrio aruoredo. E indo assi quis
atrauessar a ribeira, que por ser muito fúda
per nenhũa parte podia pasar da outrasenã
que fuy topar com hũa grande aruore, q̃ so
brella jazia derribada, que parece caio allí
com a força dos ventos, a qual me seruió de
ponte, & passsey auante. E chegãdo a casa vi
que era ermida, & entrey dentro sem achar
ninguê senão hum deuoto Crucifixo num
altar bem concertado a q̃ fiz oraçã. E ainda
q̃ a ermida estaua muito pobre todauia e-
staua limpa e varrida, e ornada cõ algũs ra-
mos de murta e loureiro, como coufa de fe-
sta na parede da mã direita em entrãdo esta-
ua hũa letreiro do psalmista q̃ dizia. Qui se-
minãt in lachrymis, in exultatione metent.
E na da ezquerda outro de S. Paulo q̃ dizia:
Mihi viuere Christus est, & mori lucrum. E
sobre a porta da ermida estaua outro do
mesmo ermitão em sua lingoagê, q̃ tornado
na nossa dizia. A vida que sempre morre, q̃
se perde em que se perca? Depois qu'eu fiz
oraçã, & li os letreiros, & contempley a er-
mida, fahme pera fora per ver se açhaua quẽ
allí posera aquelles ramos, e fuy dar cõ hũa
grande aruore muito velha, cercada de tam-
for

Ps. 125.

Phi. 1.

forte hera, que lhe fazia com que se não desfizesse, da par da qual se via a montanha até hūs altos pinaculos, onde se hia acabar a vista dūa banda, & da outra se via o grande mar, per que se estendiam os olhos ate onde podiam com a vista abranger: de maneira q̄ dambas as bandas era grande & foidoso o horizonte. Detras desta arvore estava hū ermitã assentado sobre hū penedo cō o rosto sobre hūa mão, & noutra hūas contas de bugalhos enfiados per hūas raizes de ervas, estitilando de seus olhos muitas lagrimas, cō hūa barba que lhe daua pela cinta banhada nellas, alua como a neve, vestido dū pobre burel roto, & remendado per algūas partes & elle tam magro & debilitado, q̄ logo mostraua a grãde penitência q̄ fazia. Tinha pelo rosto hūs sinaes a maneira de regos, por onde as continuas lagrimas corriam. E rãto q̄ me vio alimpon os olhos, & aleuantou se a receberme com geitos & palauras de amor & galhado. E depois que nos saudamos & assétamos, como eu nã entēdia bēa sua linguaogē Siciliana, nē elle a minha Portuguesa comecci falar latim, pera ver se me entēdia, & elle responde come em latim, que o sabia muito bē. E pergūtandome por minha vida

& eu a elle pola sua gastamos toda aquellã tarde & parte da noite, em palauras d'ũa & doutra parte, onde me elle veo a cõtar que auia trinta annos que alli viuia sem nũca alhir ter homẽnẽ molher, senãõ algũa vez de marauilha : mas que outro irmitãõ q̃ viuia noutra ermida dai dous ou tres titos de besta, vinha alli os domingos & dias sanctos dizer missa & q̃ elle nãõ saia dali senam raras vezes apedir esmola & que se espantaua como eu ali fora ter. E segũdo d'elle entendi e depois soube mais largo do outro irmitãõ, elle era dalto sangue, & fora em outro tẽpo muito rico & senhor de muitos vassallos mas entregue a todos os vicios, triumphãdo do mundo ou por milhor dizer, triumphando o mundo d'elle, sem ter tino em seus desatinos nem cõra da que auia a Deos de dar nõ dia do juizo. E esperando elle por hum grã de titulo & estado andando enfunado nas falsas esperanças q̃ o mundo lhe prometia, desfecharamlhe todas em vãõ, & pagarãlhe com trabalhos verdadeiros os descansos falsos que lhe prometiam. Esta he a propiedade mundo apontar no aluo das prosperidades & desfechar na barreyra das desauenturas, as suas tristezas sam puras, & os seus

gostos agoados com mil desgostos. Em fim
 veo este homê a ser preso, & abatido, & de-
 sterrado pera sempre de Sicilia: & dizia elle
 que fora aquelle hum mal, que elle bem me-
 recia, & por isso que não era bem q̄ lhe cha-
 malle mal, pois o vira por seu bem, porque
 com esta tribulação tornara sobre si, e cairá
 na côta de quam longe era de quê deuia ser.
 E conhecendo elle que merecia ser condena-
 do a perpetuo desterro dos bês do ceo, pos
 asperas leys a seus sentidos, & buscou aq̄lle
 lugar solitario lóge da sua terra, onde fizesse
 penitencia, & chorassem com seus olhos o es-
 trago de sua vida. Alli estaua consolado cõ
 Christo, mais contente com aquella vida q̄
 todos os principes da terra cõ seus estados
 & senhorios, porque segũdo d'elle colhi não
 trocara aquella pobreza por toda a riquiza
 do mundo. Mostrou-me a sua cella, que era
 hũa lape pegada cõ a ermida, onde dormia,
 com hũa pedra á porta com q̄ a cerraua de
 noite com medo das alimarias: era tam bay-
 xa & estreita, que mais parecia sepultura de
 morto, que habitaçam de viuo: e por q̄ nelã
 não cabiamos ambos, recolhemonos aq̄lla
 noite na ermida, fez-me aquillo tanta deua-
 ção q̄ le me tomará em outro tẽpo, nenhũa
 vida

vida escolhera senão aquella. Peraque he de
 sejar mais nesta vida que seruit a Deos, pois
 em fim tudo fica na morte, riquezas, cetros
 mitras, & cotoas. Pera que he ter conta cõ
 o mudo que não tem conta com ninguem,
 senão tem conta com Deos, que a tem com
 todos. Confessouos q̄ ouue tanta enueja à
 quelle roto burel, q̄ volo não sey explicar.
 Os pobres & asperos vestidos prouocã me a
 deuação, quando os vejo, e saõ elles sinal de
 humildade & proua de penitencia. Senam
 fora virtude trazelos, não louuara nosso Se-
 nhor disso a S. Ioam Baptista. Diz sam Ber-
 nardo no liuro da consideração, q̄ a curiosi-
 dade dos vestidos he a fealdade da alma, & in-
 dicio de maos costumes. Lembrame q̄ lino
 remedios de Petrarcha, q̄ o vestido molle &
 demasiadamẽte precioso he estãdarte de so-
 berba, & vinho de sêualidade. Partime dali
 ao oucro dia, por q̄ era assi necessario, & foy
 aquella hũa despedida de grande amor. Ele
 depois q̄ me abraçon, parece q̄ tocado de al-
 gũa soidade, cerrou seus olhos por me nam
 ver partir, & eu abri os meus pera sairẽ por
 elles hũa raras lagrimas, em que parece q̄
 o coração se me desfazia. Quanto melhor
 foy àquelle homẽ a tribulação q̄ teue, que
 a prof-

Nulha
 Mat. II.

A prosperidade que tiuera: pois a prosperidade o apartaua de Deos, & a tribulação o liou com elle: a prosperidade o excitaua a sensualidade, e a tribulação a continencia, hũa lhe daua occasiam de se perder, outra de se salvar? Mas são os homẽs tam alheos de si, que não caem nesta conta: e prezandose de mais sabios que Nestor, mais eloquentes que Demosthenes, mais ingenhosos que Dedalo, mais sotis que Archimedes, de mais excellente memoria que Simonides, de mais suau pratica que Xenophonte, mores Philosophos que Platão, & mores mathematicos q̃ Euclides, vão errar em cousas clarissimas, e tendo alto ingenho pera as cousas do corpo carecem d'elle pera as que tocam a alma. E tem nisto tam abituados & aferrolhados os corações, que não entendem quam dãnosa he a vaidade, & quam perigosa a prosperidade do mũdo, & quam pouco fundem as cousas em que nossos vaõs pensamentos tã sem fundamento se occupam. Muito solguei, disse o preso, de vos ouir essa historia, crede que os homens ham de correr muitas terras, & ver muito pera saber muito. Grande enueja tenho a esse ermitã, prouuera a Deos que tanto fructo fizera a tribulação em mi

Capit. VII.

quanto fez delle. Eu atégora tiue por cousa
 má a tribulação, mais agora vejo q̄ ha nella
 todos elles bẽs, que tocastes. Não parece se
 não q̄ com essas razões, que allegastes, seme
 tirou hũ veo diante do entendimento. Hũ
 só mal acho á tribulação, q̄ he fazer perder
 os amigos. Este me da tanta dór q̄ me estou
 comêdo comigo, & parece que seme aperta
 o coração. Duas sentenças, disse o amigo se
 escreuẽm de Pithagoras, que se as quiserdes
 comprir achareis grande remedio, e ambas
 dizem hũa mesma cousa per diuersas pala-
 uras. Hũa diz que ninguem coma coração,
 & outra que ninguem traga no dedo anel
 muito apertado. Quer dizer que não admi-
 tamos pensamentos tristes, cõ que estamos
 desfazendo & comendo o coração, nem vi-
 uamos com cuidados sollicitos cheos de tor-
 mentos que nos apertem cõ dor, mas q̄ lan-
 cemos o coração á larga estendendo cõ a
 paciencia. Mas não sey a q̄ proposito dizeis
 isso. Digo isto respondeo o preso, porque de
 pois de minhas aduersidades, depois que o
 mudo meteo a faco minha vida, todos meus
 amigos me desemparraram senão vos, q̄ não
 sey ainda se me desemparrareis. Deos me de
 tempore, disse o amigo, se vos eu desemparrar

& elle se esqueça de mi, se me eu esquecer de vos. O que eu queria he que a buçeta de vossas angustias estiuessê depositada em minhas êtranhas, & q̄ os meus bês fossê vossos & os vossos males fossem meus. E quanto ao que dizeis que a tribulação priua os amigos, elles não o faõ. Vedes hũs godemecis dourados de tã excellêtes debuxos q̄ estais leuando gosto em empregar os olhos em cousa à primeira vista tam singular, meteylhe a mão por dentro, achailos podres dũa badana que està quebrando pedaço a pedaço: assi os amigos fingidos quanto he á vista parece que nam hai mais, apalpayos em vossas necessidades achaloseis rotos per mil partes. No tẽpo da bonança dam vos cõprijmentos às arrobas, & no tempo da aduersidade nem ainda às onças vosquerem dar as obras: cousa muito pera se estranhar, & culpa por certo digna de graue pena. Na casa do amigo o cõprij ha de andar ao liuel do prometer, & as obras hão de ser da mesma estofa das palauras. Mas nẽ por isso he mã a tribulação, antes esse he hũ dos grandes bês q̄ ella tẽ, mostrar quaes saõ os verdadeiros amigos, & quaes os fingidos. Que toque ha no mũdo mais certo pera conhecer amigos

Compa
raçam.

Pro. 17. q̄ a tribulção. Diz Salamão nos Prouerbiõs
 q̄ o amigo aia em todo o tempo, & que o
 Eccle. 12 irmão nas angustias se proua. No ecclesiasti
 co diz a Scriptura: O amigo não se conhece
 rá na bonança, & o imigo não se esconderá
 na tribulaçã. Hi ha homẽs que se mudã dõ
 de he o vëto, como grimpas de cãpanayros,
 mas hai outros tam firmesna amizade: que
 antes perderão a vida que perdera, e nas mo
 res fortunas a mostram mais. Zopyro teue
 tanto amor a Dario, q̄ ja nunca o desempa
 rou, antes por amor delle cortou os beiços
 & narizes, & fez grandes feridas em seu pro
 prio rosto, por lhe ganhar Babylonia, e quã
 do Dario o vio tam disforme disse, q̄ antes
 o quiserã saõ, que ganhar cem Babilonias E
 estando hũa vez partindo hũa romam per
 guntaramlhe de que cousa quetia tantasco
 mo aquella romã tinha de grãos, e elle res
 pondeo q̄ de Zopyros, e eslimouo tâto que
 nũca o perdia da memoria, nem nas prospe
 ridades nẽ nas aduersidades. A mesma amĩ
 zade dantre Dario & Zopyro ouue tambẽ
 antre Alexandre & Ephestião que nunca se
 desemparam nem no bem nem no mal. E
 durou este amor não somente na vida, mas
 na morte, porque mostrou Alexandre tanta

tristeza na morte de Ephelião que a trazia impressa nos olhos, em tanto que por deo mandou derribar as ameas dos muros, pera q̄ arê os edificios & cousas insensiveis mostrassem sentimento da morte de tal varam, & tam seu amigo, que nunca o deixara nem nas tormentas nem nas bonanças. Estes são os verdadeyros amigos firmes & constantes em todo o tempo. Plurarco falando dos amigos diz q̄ as cousas prosperas os ajutão, & as aduersas os prouam Ennio diz que o amigo cetto se ve na cousa incerta. Cicero diz, q̄ vendose Tarquino desterrado dissera que quando se vira em tempo que nã tinha que dar, conhecera quaes eram os amigos. Petrarcha diz, que este mal tem os prosperos, não saberem se são amados. E ainda q̄o estes authores não disseram, basta o que cada dia vemos per experiencia. E pois attribuição traz cõsigo tal desengano, nã he justo que aja reprehensam por cousa tam digna de buor. Que cousa hai que mais desengane os homẽs que a tribulação. Esta disse o preb, me acabou amim de mostrar a fineza & firmeza de vossa amizade Sempre, disse o amigo, serey com vosco outro Ionathas cõ Dauid, outro Pithias com Damam, outro

Pylades com Horeltes. E porque, como dizia Alcibiades, as arcas & as entranhas ham de estar abertas os amigos, mandai de mim o que quiserdes, porque os bõs amigos ham de ser ancoras & amarras na tempestade de sta vida,

CAP. VIII. E VLTIMO.

Da diuina misericordia, & como em nossas tribulações nos auemos de socorrer a Deos.

FAzendo o amigo aqui pausa, disse o preso: Estaua agora quando aqui chegastes tam cheo de malenconia, que não auia lugar em meu coração em que podesse caber noua dor porque tudo estaua entulhado de tristes magoas; nem me lembrava que auia paciencia no mundo, antes me queyxaua delle sem consideração algũa desofrimento por ver que me aleuantou em prosperidade pera me derrubar della, e fazer de mim raro exéplo de tristes. Mas agora louuado Deos estou desaliquado, & parece que tem feita minha vontade liga com a razão, que lhe está mostrando o bem dá paciencia, & quanto tenho que fazer pera cumprir com a obrigação de quẽ sou. Peçouos muito, disse o ami-

go que conserueis quanto em vos for essa li-
ga da vontade com a razão. Abraçai uos cõ
Christo, vnios & liayuos com elle, & nam-
percais da memoria a lembrança de suas cha-
gas, que nellas achareis porto seguro nas ad-
uersidades & tormentas deste mundo. Aca-
bado o diluuiõ vniversal no tempo de Noe
a que depois segundo algũs dizem, os gen-
tios chamarã Iano, como o affirma Beroso
Chaldeo, prometeo Deos q̄ nã aueria mais
outro diluuiõ vniversal, & que lhe daua em
sinal daquelle pacto & amizade o arco do
ceo, que elle poria nas nuuẽs em penhor &
lembrança de sua misericordia. Na sagrada
Scriptura muitas vezes, pelas agoas se enten-
dem as tribulações: & as nuuẽs preñes de
agoa saõ os perigos, q̄ nos ameaçã cõ elas.
Mas no meo dellas mostra Deos sua miseri-
cordia: o arco celeste he a misericordia, que
resplandece nas nuuẽs, a que ca cõmũmete
chamamos arco das velhas, que quer dizer
arco em que falam as velhas Scripturas Este
he o arco q̄ diz S. Ioão no Apocalypsi, que Apo. 10.
vira na cabeça d̄ Christo, q̄ queria significar
Christo crucificado cõ os braços e arcados
A cor vermelha do arco, significa o sangue
do bom Iesu, & a verde a esperança, porque

no sangue das suas chagas está a esperança de nosso remedio: a diuersidade de cores de nota as muytas maneiras de misericordia. Este he o arco que prometeo o padre eterno pera redempção do mundo, & q̄ foy vilto dos homêdo qual diz sam Paulo escreuêdo a Tito. Apareceo a benignidade e humanidade de Deos nosso Salvador, nã por obras q̄ nos fizellesmos de justiça, mas saluounos segundo a sua misericordia. Quando se vos po serã ante os olhos as nuvês de vossas tristezas, ameaçandouos & assombrãdouos cõ grandes chuvas & tempestades de perigos, perdas, perseguições, injurias, & outras tormentas, olhay pera o arco celeste, ponde os olhos em Christo crucificado, & nelle achareis esperança, misericordia, & consolação: ca ella he aquelle nosso emparo, a quem saõ

Tic. 3.

2. Cor. 1 Paulo na segunda epistola aos Corinthios chama pay de misericordia, e Deos de toda a consolação, que nos consola em todas nossas tribulações. As consolações dos homêdo saõ palauras, q̄ não passam das orelhas, mas as de Deos chegam ao coraçã, onde he a fonte da tristeza. Estas saõ as verdadeiras consolações q̄ não faltam a quẽ a Deos de todo o coraçã se focorre. E quanto as tribulações

sam

são maiores, tanto mais necessario he abra-
 çarmonos com Christo, por isso socorrey-
 uos a elle & mostray soffrimento & animo
 inuenciuel, por q̄ nas perigolas feridas mos-
 tra sua experiencia o bom cyrurgiam, nas
 grandes enfermidades mostra sua sciencia o
 atentado fisico, nas duvidosas batalhas seu
 esforço o prudente & animoso capitam, &
 nas branas tormentas sua prudencia & dili-
 gencia o excelente piloto. Não he cousa no-
 ua a tribulação nem sois vos so o que estais
 preso. Diz S. Gregorio q̄ consideremos o q̄
 passaram os Sanctos, & q̄ teremos por leue
 tudo o q̄ nos passamos: em special se poser-
 mos os olhos na q̄lle verdadeiro Iesu nosso
 Deos, & na sua cruz & tormentos, ca entam
 todos os nossos nos parecerão hũa piquena
 gota apar do grande mar, e assi tomadas no
 uas forças não desfaleceremos. A isto nos
 excita sam Paulo na epistola ad Hebræos,
 quando diz, Cuiday & reuoluey no pensamẽ
 to aquelle, q̄ tal condiçam soffreo dos pecca-
 dores contra si, pera que repetindo isto na
 memoria vos não angustieis, nem desfale-
 çais em vossos animos com vossas tribula-
 ções. Sam Bernardo diz que nam samente
 Christo nosso Saluador he espelho de paciẽ

Heb. 12

Cap. VIII.

cia, mas ptemio do paciente. Por isso contẽ
playo na cruz, & fereis consolado & remun-
nerado. Eu disse o preso trabalharey por fa-
zer o que dizeis, & peçonos que me venhais
ver muitas vezes, pera me consolardes & ani-
mardes. Disso disse o amigo, perdey o cuy-
dado, que eu o terey tanto, como vos vereis
porque doutra maneyra nam auerã pena,
com que se possa descontar minha culpa.
Mas porque eu cayoy ja nella, em estender
tanto o fio da pratica, lhe dou fim, por ser
meu natural ser tam curto nas palauras, co-
mo longo no effeyto dellas. Voume, & fi-
que com vosco a graça do Spirito Sancto,
que console vossa alma. Deos va com-
vosco disseo preso, & vos traga
sempre em sua especial
goarda.

A M E M.

FIM DO DIALOGO
Da Tribulaçõ.

(:?:?:?:)

(:?:)

DIALOGO

Da vida Solitaria.

INTERLOCUTORES

Tres peregrinos, hum delles Portugues,
outro Italiano, outro Framengo.

CAPITULO PRIMEIRO.

¶ Da interpretação de hum epitafio antigo
& da alteração que sobrelle tiueram os pe-
regrinos, sobre qual era mais excellente,
se a vida solitaria, se a publica.

VINDO hum peregrino Portugues de Roma pera Portngal, decia daquella alta & fragosa môtanha, chamada Montsinisa, que diuide o Piamôte da Saboya, quãdo ao lôgo de hũa fresca ribeira, q̃ corria p̃ antre hũ alto arborado, vio jazer dous cõpanheiros de scanfando do trabalho deseũ lôgo caminho, q̃ andauã pelo mũdo vêdo terras, hũ Italiano, outro Framengo, tã estranhos nas provincias, como

Capit. I.

como naturaes no amor. E tenho nas mãos
 hũ cartapacio, onde trazião escriptos os no-
 mes dos lugares q̄ corriã, e as diuerſidades
 dos trajos, costumes, leys, & cerimoniaſ que
 achauã, & letreyros antigos q̄ topauã em se-
 pulturas, & outras antigoalhas, & couſas di-
 gnas de memoria, eſtauã debatendo ſobre o
 entendimento dũ epitafio q̄ alli traziã. Eco-
 mo a elles chegaſſe o Portugues, e viſſe q̄ ſa-
 lauam ambos a lingua Italiana, o hũ por ſer
 ſua natural, o outro pola ter adquirida por
 antiguacõuerſação, q̄ tiuera e Italia, ſaudou
 os cortefmẽte na meſma linguagem. E elles
 lhe responderã, & fizerã aquella corteſia, a q̄
 elle cõ a ſua & cõ ſigo meſmo os obrigaua,
 rogãdolhe q̄ ſe aſſentafſe, & lograſſe da q̄lla
 deleytoſa floreſta cuberta dhũas viçoſas &
 crecidas eruas, que meneadas do tempera-
 do vento faziam hũs verdes claros & obſcu-
 ros graciosos. E como elle vieſſe cansado, &
 elles lhe pareceſſem homens de ingenho &
 primor, aſſi no trajo como na pratica, aſſen-
 touſe ao pé dum alto, & ſombrio freyxo de
 muytos q̄ alli auia, & moſtrou eſtimar mui-
 to aquella vontade cõ lhe offerecer a ſua, a-
 gradecẽdolhe ſuas palauras com outras de
 cõprimentos. Mas porq̄ o tempo ſe não ga-
 ſtaſſe

tasse nelles, disse o Italiano. Tomando ag-
ra na mão este itinerario, fomos per acerto
dar aqui com hum epitafio, q̄ achamos em
Italia nũ antigo sepulchro, que diz Aqui jaz
Similo, cuja idade foy muy longa, mais não
viueo mais q̄ sete annos, E estamos sobr' isto
altercando, que meu companheyro diz, que
como he possiuel ser longa a idade d' hũ ho-
mẽ, cuja vida foy tam curta, que não viueo
mais q̄ sete annos, & eu digo, q̄ ja pode ser
que fizesse elle nelles cousas tam insignes &
abalifadas, que caso que em numero fossem
poucos, todavia no lustro & grandeza das
obras se podessẽ chamar muitos. Mas isto
replica elle dizendo, q̄ repugna fazer hũ mi-
nino de sete annos tam excellentes obras, q̄
depois de sua morte dê testemunho de sua
vida tam lóga navirtude como curta na ida-
de. Agora senhor folgariamos que desseis
vosso parecer, pera nos com elle conformar-
mos. Lembrame, disse o Portugues, que ha
muytos annos, estando eu com mais descan-
so que agora em minha terra, em tẽpo que
vir eu a esta parecia que estaua tam longe
de poder ser, como eu entam de o cuydar, li
em Dião Cassio, historiador antigo, na vi-
da que escreuo do Emperador Adriano, que
ouuera

Capitulo. I.

ouuera naquelle tempo hũ famoso capitão
 chamado Similo, que he esse de q̄ falais, grã
 demente priuado do Emperador. E auia pe
 ra isso muita razão, porque era elle homem
 de grande tomo & authoridade, & que fora
 muyto tempo prefecto em Roma, limpo
 em sangue, atentado no regimento, acate-
 lado na vida, experimentado na idade, ioufa
 do no animo, liure nas palauras, virtuoso
 nas obras, finalmente na paz era pacifico, e
 na guerra esforçado. Andando pois este Si-
 milo empégado nas ondãs & vagas da corte
 Romana, tam distraido & entregue a nego-
 cios e trabalhos, q̄ se o tẽpo lhe quiserã offe-
 recer algũ descãso, forãlhe necessario outro
 nouo coração pera o receber, caio na cõta
 de si, & vio que se nã via, & que eram de tal
 qualidade as cousas que elle pretendia, que
 antes q̄ as elle acabasse a ellas, ellas o acaba-
 riam a elle, & q̄ se com o fio da prudencia
 senãõ saisse & tirasse de tam difficultoso la-
 birintho, totalmente se perderia. E trazen-
 do estas cousas impressas na memoria, & a
 cõsideraçã dellas viuã no entendimẽto, aca-
 bou de se resolver & determinar, & deyxou
 de sua liure vontade a prefectura, & gouer-
 nança, & negocios da corte, sendo ja homẽ
 de

de muita idade, & foyse viver a hñ seu casal longe de Roma, perto de amigos, conhecimento de muitos, e cõuiciaçã de poucos, e de viueo sete años muito cõtente naquella vida solitaria & quieta. E vendo despesa sua idade, & que a morte entrava ja pelo arrebalde de sua vida, mandou pôr na sua sepultura esse letreiro, q̃ hi trazeis, em q̃ declara que ainda que sua idade foy lōga, não viueo mais q̃ sete annos: não porque não fosse de mais, mas porque não chamaua vida, senão à que viueo em quietação & recolhimento, apartado dos negocios & trafegos do mundo. Aos annos que gastara na corte não chamaua annos, mas perdiçam delles, né o tal modo de viuer lhe parecia q̃ merecia nome de vida mas de morte, pois dos trabalhos q̃ em tam inquieta & perigosa vida padecia, não esperaua menos q̃ perdela. Quê quisẽ por os olhos na razão vera que elle a tinha, porq̃ assi como nã aptouçita larçat muyto licor em vaso fendido per todas as partes, assi não aprouçita lançar muitos annos na vida inquieta, aberta per todas as bandas a desbarates & vaidades, & negocios do mudo, porque os annos vã se, e fica vam a vida sem fñal de vida, donde veo a dizer Seneca,

Compa
raçã

Y que

Capitulo. I.

que taes auia hai, que primeiro deixauam
de viver q̄ começassê a vida. E Stobeu diz q̄
algús vivem longo tempo, mas poucos an-
nos, que he o mesmo q̄ diz Similo. Isto he
o que quer dizer o epitafio, esta he a senten-
ça de Similo o Romano, que a meu ver elle
deuia ser homem de singular virtude & alto
animo. Antes disse o Italiano, parece ao cô-
trayro, porque ou elle na paz governaua bẽ
a republica & na guerra capitaneaua bẽ seu
exercito, ou não: se não vsaua bẽ de seus car-
regos & officios, não merece o louvor que
lhe dais pois he deuido à virtude q̄ elle não
tinha: & se os fazia bẽ não foy d'alto animo
e.n os deixar, pois buscando seu particular
descanso perferio a utilidade propria à com-
mum auendo ante de querer a cômum que
a propria, pois como diz Dionisio: o bem
he communicatio de si mesmo, & Aristote-
les affirma que tanto he melhor quanto
he mais vniuersal. A histotia que cõtastes de
Similo, & a prôpta memoria com que acudi-
stes & a exposiçãõ que destes ao titulo e le-
tras de sua sepultura, folguey em estremo
de vos ouir, & tenho pera mim que em tu-
do acertastes, mas nos louvores que lhe atri-
buyltes me parece que excellês. A mim
disse

disse o Framengo, me parece bem essa razão porq̄ vay ella fundada nũa sentença de Platon, que diz escrevendo a Architas Tarentino, q̄ não nascemos somente pera nos, mas tambem pera os outros: a qual seguiu Aristoteles no quinto das Ethicas, dizendo, q̄ aquelle se pode chamar bom, que vfa da bõdade não somente pera si, mas pera os proximos: q̄ he o que dizia Chrysippo, que hũa das cousas porq̄ nascem os homẽs, era pera ajudarem os homẽs. Hora pois esse Similo podera aproueitar a muitos na Republica, parece que a não dũera de deixar, nem trocar a vida publica pola solitaria, pois na publica aproueita a muitos, & na solitaria, somente a si. Quanto mais q̄ Marco Tulio com a latina eloquencia, aquelle q̄ cõ sua rica lingua abriu as fontes da philosophia, no seu primeiro liuro dos officios tratou copiosamente esta questam que ja noutro tempo fora vtilada antre os philosophos, & resolveuse em affirmar, que dado que a vida solitaria fosse mais seguta & menos pesada, todavia a publica era mais excellẽte & fructifera, & de mais alta empresa. E pois tendes cõtra vos tam clara & viua razão, nã sey cõquãda vos podereis sustentar vosso parecer.

Capit. I.

cōtrayro a tam grandes autores, & dar euas-
 fam a coufa que a não tem. Atudo iſſo, diſſe
 o Porrugues, eu pudera facilmete reſpóder
 & tirar do almazem da memoria, armas nã
 fomite defenſiuas, mas ofenſiuas: porque
 como gaſtey a mōr parte de minha vida no
 eſtudo das letras, aſi diuinas como huma-
 nas, nã fomite em Portugal, mas ainda em
 outras partes q̄ conuerſey, & vi muitas ter-
 ras, & cōmuniquey cō muytos homens do-
 ctos de varias nações, & em diuerſos reynos
 não me ouueram de faltar razões & autho-
 ridades para refutar, as q̄ contra mi alegais.
 Mas como minha tençam he nam hir cōtra
 a voſſa, nam falarey niſſo, por vos não ſer pe-
 fado & importuno, porque quero antes pa-
 recer indocto que perfiado. Antes ſolgare-
 mos em eſtremo, diſſe o Italiano, de vos ou-
 uir, ao menos eu, que vos certifico q̄ ja neſte
 pequeno tempo, ſinto enxerida na vontade
 hũa aſſeyçam a voſſas coufas, & parece q̄ a
 meſma tendes vos às noſſas, ſe me não enga-
 na o coração, & creio q̄ a meſma vos té meu
 cōpanheiro. Em outras coufas, diſſe o Fra-
 mengo, me podeis vos vêcer, mas em lhe ter
 eſſa amorofa aſſeyçam, nam vos reconhece-
 rey auantagem, nem menos no deſejo de o

ouir, & de lhe ver absolver nossos argumētos, & louuar a vida solitaria, pera com isso me recrear & sustentar, ca tenho eu pera mi, que a pratica d'hum homem docto he suaue mantimento do spirito.

CAPITULO. II.

¶ Em q̃o Portugues respôde às objeções dos dous companheiros, & mostra a excellencia da vida solitaria.

BEm vejo, disse o Portugues, que essa merce & affeyçam nã a posso eu encarecer com palauras, nem pagar com obras: porem se as vontades se pagam com vôtades, a minha tende por certissima pera cousas d'vofso gosto. E pois o tendes en vos responder, & louuar a vida solitaria, faloey, ainda que à verdade conheço eu tambem o pouco cabedal de meu ingenho, que querella eu louuar he deffouala, porque tem ella quintes, a que o meu bayxo entendimento não chega. Mas atreuome eu a fallar nella, porque ainda que agora por causas importantes ando della apartado & distraido, todavia foy tempo, em que eu fuy dado algum tanto a ella, & como experimentado pesso nella

Capit. II.

praticar, o que eu farey breuemête porque
querer minha lingua tocar todos seus lou-
vores, seria presumir de cõtar todas as areas
do mar, & querer achar numero a cousa in-
numeravel. Ao argumento que fazeis, que
ou o Similo governaua bem ou mal, respon-
do que bem: & quanto no q̄ dizeis, q̄ pois
fazia bẽ seu officio, não o deuera de deixar
porque deixando era deixar d'aproueytar
aos outros, isso não admito: antes digo, que
mais proueito fez à Republica deixando
que ministrandoa, porque não falaria m
outros nella que a aministrassem, & elle na
sua quinta estava ensinando com seu exê-
plo a fugir do mundo & desprezar suas vai-
dades & falsas esperanças. E alli podia escre-
uer liuros cõ que aproueitasse não somen-
te á sua cidade, mas a todo o mundo, nam
samente aos presentes mas aos futuros, de
maneira q̄ seu ocio seruisse a nosso negocio.
O q̄ se não pode tambẽ fazer nos tumultos
da vida publica, como no repouso da solita-
ria onde o juizo quieto pode melhor philo-
sophar, & escolher sem impedimêto as deli-
berações & sentenças que a imaginação lhe
representa. E dali poderia estar ajudando a
defender a republica cõ seus cõselhos & es-
cri

criptos tanto ou mais q̄ os outros cō suas
 forças & armas, Isto sentia bem Agamenon
 a q̄lle grande capitão de Grecia quando di-
 zia como cōtra Homero principe dos poetas
 q̄ antes queria cōselhos q̄ forças, & antes o
 sabio Nestor q̄ o esforçado Achilles & Aix
 Isto he o que dizia Catão o Censorino, q̄ se
 não perdiam as Republicas tanto por falta
 de esforçados capitães, como por falta de
 bõs conselhos, & que não somente auia d'a-
 uer gouernadores que regessem, mas mes-
 tres que ensinassem, hora fosse per obras,
 hora per palautas, por q̄ hai hũs q̄ calando
 falam, & outros que falando calam, ca os
 bõs em silêcio dão vozes, & os maos dando
 vozes estam mudos, conforme a sentença de
 Menandro relatada per Plutarcho, q̄ diz, q̄
 não persuade a pratica & força de oratoria,
 mas a virtude, & exemplo de vida. Confesso
 uos o que dizeis, que o homem não se ha de
 contentar d'aproueitar somente a si: porque
 assi como arvore prantada ao longo do fres-
 co ribeiro da seu fructo a seu tempo, não so-
 mente pera com a semente d'elle produzir
 outras, & cōseruar-se perpetuamente em sua
 especie, ja q̄ não pode no individuo mas rã-
 be pera com elle a proueitar a muitos, assio

varão sabio & animoso, regado com as diuinhas agoas da graça, ha de pretêder o bẽ cômun, & fructificar pera todos, cô obras de virtude & doutrina, e não somente buscar saluação, & fazer causas que (sem o pretender) alcãce a perpetuidade de seu nome, mas ainda ha de trabalhar por aproueitar aos outros. E daqui veo o Propheta no j. psalm. a comparar o justo a arvore fructuosa sêpre verde, plantada na corrête das doces agoas, da qual elle diz em outro psalm: O justo como a palma flocerà. Mas isto pode muy bẽ fazer o varão religioso & solitario o qual regado cô a agoa da doutrina das sagradas letras, & cô a meditação das cousas diuinas influido no amor do alto deos, carregado d'fermosos fructos d'virtudes aproueita mais ao mundo com suas orações e exemplos de bõa vida, apartado dos negocios roubadores do spiritual descanso, q̃ muitos outros que nelles andam metidos & versados. Nem se deue cuidar, por o solitario estar leprado dos proximos quanto ao corpo, que o está quanto à alma, por q̃ como diz S. Ião Chrysostomo, assi como no material arteficio as pedras se pegam, hũas cô as outras mediante a cal, assi no edificio ecclesiastico, estão

Psal. I.

Psal. 91.

os homẽs vnidos hũs cõ os outrosmediãte a charidade. De maneira que os liamescom que estã atados, não são corporaesmas spĩrituaes, nem os quebra a vida solitaria, atẽs os aumenta. Quereis ver illo O mesmo rei David que comparaua o iusto a aruore frutuosa, & desejava de aproueitar a todos, & vnir se per amot cõ todos, vendose rodeado de negocios na cidade, suspiraua pelo deserto & repouso solitario, & depois de cõfessar q̃ estãua perturbado seu coração e acollado de pubricas inquietações dizia. (Quis dabit mihi pẽnas sicut columbæ, & volabo, & requiescam.) Como se dissera: Ah quem me darã asas da ligeira pomba pera voar ao deserto, & verme separado do mũdo, & descãfar sequer hũ pouco, na vida solitaria. E quãdo per obra o não podia fazer, la hia cõ avõtade, la se achaua sõ com o pẽsamento. Illo he o q̃ elle diz logo abaixo, (Ecce elongaui fugiens, & mansi in solitudine.) Eisme aqui q̃ me alõguey & fogi do mũdo e de mi mesmo, & quando olhey por mĩ acheime cõ o pẽsamento nũa solidão accepta a minhas contẽplações. Isto dizia elle pola experiencia que tinha do fructo & spĩritual consolacãm que sentira no tempo que elle andara

Ps. 54

Capitulo. II.

fo pelos desertos de Palestina. Ali chorou à
 seus peccados & os do mundo, fazendo de
 seus olhos fontes perenaes, alli esprayaua
 aquelles seus ardentes & penetratiuos suspi-
 ros, cõ que rompia as nuués, e penetrava os
 altos ceos: ali cõpunha & cantaua seus soi-
 dosos & gloriosos psalmos ao sô de sua sua
 ue harpa, & finalmente dali estaua ensinan-
 do o mundo, & era o deserto hũa cathedra,
 de doutrina celestial. Donde se conclue q̃ o
 solitatio & contemplatiuo pode aproueitar
 a si & a muitos, & viuer conforme ao q̃ diz
 o vosso Platão, & Aristoteles, & Chrysippo
 que saõ os cõ que allegastes, pera prouar q̃
 não fomos lançados n esta vida pera nòs
 sométe mas tambem pera os outros. Vedes
 logo aqui como não fazẽ contra mim as au-
 thoridades, que pera isso recitastes, antes bẽ
 olhadas ellas saõ as q̃ militam contra vos.
 Quereylo ver? Esses mesmos philosophos
 pera aproueita rem a muitos, se recolheram
 quanto poderam, & deram altamente à cõ
 remplaçam dos segredos da natureza, don-
 de subiam à cõtemplaçam da primeira cau-
 sa, em especial Chrysippo, do qual diz Sene-
 ca no liuro que fez da vida bemauenturada
 que jainda que nunca capitaneou exercito,

nem governou cidade, nem tratou publicos carregos & negocios, todavia com suas speculações & alta philosophia e vida solitaria aproneitou a todo o mundo, mais q̃ muitos grandes capitaes & governadores. Pois Aristoteles como alcançara nome de príncipe dos Peripateticos e poeta em atte a philosophia assi natural, como o moral, como metaphisica, & deixara de si com sua doutrina perpetua memoria, se se nã apartara dos carregos publicos, & buscara vida quieta accepta a seus pêsamentos? Sendo elle muito privado do grande Alexãdre seu discipulo, nã quis ir com elle a Asia, mas tornou-se pera Athenas, onde se deu à cõtêplação. E ainda como o conta Plutarcho na vida de Sylla: e Strabo na geographia, de Athenas se foy pera Chalcides cidade de Euboea, onde acabou seus dias philosophando. E foi tam sentida sua morte, que nã faltou quem dissesse, que ja se podia perder a esperança de se poderem absoluer & explicar as altas questões philosophicas, pois nella fizera fim, quem a podia dar a todas as outras. Pois Platã pera aproneitar a si e aos outros se apartou de Athenas, deixando as inquietações da republica, & se foy a hũ lugar solitario chamado

Aca-

Capitulo. II.

Academia donde depoisas escolas dos philosophos tomaram este nome & alli ensinava seus discipulos a buscar a doce quietação & repouso solitario, & a desprezar as riquezas humanas & suspirar pelas divinas: & fazia liuros em q̄ ensinava a governar as republicas, & excitativa os mortais à immortalidade, & a contêplaçam da primeira causa e divina fermosura, cõ tam maravilhosa eloquência & sublime philosophia, q̄ foy chamado o divino Platão. Isto he quanto a razão que ambos trouxestes corroborada com a sentença destes tres insignes authores. Pois quanto he a authoridade de Marco Tullio, digo q̄ elle mesmo confessia q̄ vay contra os philosophos, & quer reprehender Platão e bẽ sem causa nos liuros da republica onde elle exalça & sublima a vida solitaria, sobre os preferir e outras partes a todos & dizer na primeira questam Tusculana que quer átes errar com elle, que acertar com os outros. Confesso q̄ foy Tullio o melhor dos philosophos latinos de seu tempo e que trabalhou quanto foy possivel, por imitar Platão: mas per cima de tudo isto affirmo, q̄ ficou tanto aquem delle, q̄ se pode por elle dizer aquilo que Pindaro dizia por Thimeo o historico,

que

que querendo seguir ao grã Thucydes, era como homem que indo a pé cõ feus vagarosos passos presumia de seguir o velocissimo curso do ligeyro carro de Lydia. E Seneca tractou depois a mesma questam, & tem contra Cicero, que a vida solitaria he mais excellente, & de mais quilates, q̃ a publica, & que mais fructifero foy a Grecia o ocio & solidã de Cleantes & de Zeno, q̃ o suor & trabalho dos famosos Gregos, que assi nos regimentos da paz, como nas capitãias da guerra se quizeram antre os outros abalifar como se vé claramente no liuro que fez da vida bemaventurada, & no da tranquillidade da vida. Engrandeceo Seneca tanto a vida solitaria, q̃ escreuêdo a Lucillo diz: Fuge dos muitos, fuge dos poucos, fuge ainda dũ soo. E noutra epistola lhe diz. Não acho cõ quem mais quera que estiuesses q̃ contigo sò. E noutra diz, que o principal sinal dhũa alma bẽ ordenada he poder estar quieta, & morar consigo mesma. He tamanha a fermosura da vida quieta & solitaria, que se os inquietos a podessem ver com seus olhos, não aueria nenhũ, q̃ se não deixasse vêcer de seu amor. Isto quis significar Demetrio Phalereu, quando disse, fern e sa cousa he o tempo

E Democrito imitador de Pytagoras o mel-
 mo sentio, quando affirmou que na serenidade do animo consistia a felicidade, que todos deuiam desejar. E pois esta serenidade & feruosura d'alma se acquire cõ a vida solitaria, & se perde cõ a inquieta, quem hai q̃ nã veja quam mais excellente he hũa que a outra. Isto baste pera rebater o parecer de Cicero nesta parte, ser elle contra o de muitos philosophos, é special cõtra o de Seneca a quẽ os antigos chamaram mestre da vida, cujo ingenho engrãdece Columela, & a quẽ S. Ieronymo poem antre os varões illustres & ecclesiasticos scriptores, muitos dosquais fugiram do mũdo, & de seus tumultos, por não serẽ vencidos de seus enganos, & se deram à vida solitaria, a qual como tenho mostrado, he mais excellente q̃ a publica, onde viueram com grande contentamento. E assi como os filhos de Israel celebravam cõ festas o dia que os Deos tirou do Egypto, assi elles celebrauam cõ fazimento de graças, o dia que os Deos tirara do mundo, pera o seruirem com repouso, & não ouirem cada dia julgar vidas alheas, & almotagar tẽções ca isto soo basta pera fugir do mundo, serẽ os homẽs julgados pelos homens.

CAPITULO. III.

Da fugida do mundo, & saida de Babilonia, & como neste caso o fugir he vencer.

BEM vejo eu, disse o Italiano, que ouuo muitos homẽs que desprezaram o mundo, & fugiram delle, por não serem della vãcidos, mas vòs não me podeis negar que fugidhe he fraqueza, porque a verdadeyra victoria contra o mundo he vence-lo sem lhe fugir. Antes, disse o Portugues, he ao contrayro. Bem que nas batalhas corporaes ha isso lugar, mas nas spirituaes diz sam Jeronimo, que fugir he vencer. Eos que por causa de seus officios & obrigações nam podem deixar o mundo quanto ao corpo, deixeno quanto à vontade, & de dentro de Babilonias olhem pera Ierusalem, que quer dizervim de paz, de maneira, que no meo dos corporaes trabalhos suspirẽ polo spiritual descansoso, semelhantes ao bõ Daniel, que estando em Babilonia metido nũa camara, diz a sagrada Scriptura que abria hũa janela, que hia pera Ierusalem, & que dali se punha a olhar & a orar, & alevantando os olhos pera onde lhos guiaua o desejo, suspirava por aquellã cidade de Ierusalem, donde andava
 deſter

Capitulo. III.

desterrado, ceuando seus pensamentos de di-
 uinas esperanças. Não diz que abrisse jane-
 la, d'onde se vísse Babylonia, senão Ierusalem,
 porque descansauam seus olhos em leuará
 a vista pera aquella visam pacifica, que elle
 estaua figurando em seu pensamento. Así
 os que com importantes causas estã como
 presos na vida inquieta, nam abram a jane-
 la, que descobre Babylonia com sua vista, né
 se deleitem em ver o mûdo & seus enganos
 mas abram a janela da alma, que vay pera Ie-
 rusalem, contemplem a visam da paz, alean-
 tem os olhos do entendimento á fermosura
 da spiritual quietaçam, & suspirem polo
 repouso solitario. E deste pensamento salté
 noutra daquelle repouso eterno, daquelle
 Ierusalem soberana, que ja nunca tera fim,
 & cõ piedosas lagrimas & soidosos suspiros
 metidos per estas lêbranças effes piquenos
 espaços que puderem faltar aos negócios,
 chorem o bem que perdem, em perderem a
 quietaçam da vida solitaria, & quanto em si
 for trabalhé pola alcáçar: ao menos o mais
 della que poderem, & por se sair de Babylonia,
 & deixar os embaraços & toruoções do
 mundo immigos do spiritual descanso. Pe-
 ro que he viuer em tanta confusam? De que

serue feruir a cousa tam enganosa? Que mat
ha no mundo, que estreito, que Euripo, que
bancos de Frandes, que golfo de Lião, que
cabo de boa esperança, que tenha tam varias
ondas, tam duuidosas mudanças, tá brauos
mouimentos, tam desfeytas tormentas, tam
perigosas tempestades, como o mudo? Que
trabalhos são os do mudo, que perigos, que
variedades, que ondas, que mates, que torua
ções, que enchentes & vazantes? Se fugimos
do mar tēpestuoso pera o porto seguro, se fu
gimos da nao q̄ faz agoa, & vay pera se per
der, se fugimos do edificio que faz abalo, &
está pera cair, porque não fugimos do mun
do q̄ nos quer cōfundir, pois nos está amea
çando com a fim, percima de nos estar enga
nando cō suas lisongeyras esperanças, pois co
nhecemos seus males, pois vemos estar so
bre nos pēdurada per hũ fio nossa perdição.
porq̄ sabemos q̄ antre o peccado mortal, &
o inferno não se mete mais q̄ hũa fraca tay
pa de nossa caduca & miseravel vida? Como
nos deyxamos estar captiuos, & descuyda
dos em Babylonia sem lembrança de Syão,
ignorantes de nos, que queremos cantar o
cantico do Senhor em terra alhea, nesta en
ganosa Babylonia, & assentados ao longo

Capitulo. III.

de seus rios não fazemos outros de nossas lagrimas com a soidosa memoria da spiritual Ierusalem. E pera melhor vermos a differença de Ierusalem a Babylonia traos ey a memoria húa figura da sancta Scriptura. Estando os Israclitas em Ierusalem tinham no altar do tēplo fogo cōtinuo pera seus sacrificios, q̄ lho mandaua assi Deos, como consta do Levitico. Mas depois vieram sobtelles os Babylonios fizeramlhe guerra, deramlhe bateria saquearamlhe as casas, destruíramlhe a cidade, assolaramlhe o templo, & a elles leuarãnos captiuos a Babylonia. Vendo os sacerdotes sua perdição causada de seus peccados tomaram o fogo que estaua perpetuamente no altar, & meterano nũa coua profunda passados depois setenta annos de seu captiueiro, lirouos Deos, & tornado a Ierusalẽ fizeramlhe sacrificio, & forã buscar o fogo q̄ ficara metido na coua, & cõta a diuina Scriptura no Segundo liuro dos Machabeos q̄ não o acharam, mas acharam hũa agoa que engrossou, & fezse lodo, & lançada aquella agoa encima do sacrificio, vieram os rayos do sol, & tão q̄ bateram nella, tornou se em fogo & assi ardeo miraculosamente o sacrificio. Em quanto estiueram em Ierusalem tinham

Leu. 6.

4. Reg.
25.

2. Mac. 1

nham

nham fogo no altar, indosse pera Babylonia
 o fogo côuertido em agoa, & fezse lama, &
 tornados a Ierusalem agoa se conuerteo em
 fogo. Em quanto a alma està em paz com
 Deos & cõsigo, & cõ o proximo em quanto
 reside em Ierusalem na visam pacifica, em
 quanto està quieta embebida no mar & lê-
 branças do alto Deos, tê no altar fogo do san-
 to amor em q̄ està sacrificado a Deos seus
 desejos & afeções. Mas tanto q̄ he vencida
 saqueada & captiua dos Caldeus, que são
 o diabo, o mundo, & a carne, tanto que se rē-
 de & deyxá leuar captiua a Babylonia o fo-
 go do diuino amor se desfaz & fica em agoa
 de desamor & lama de desejos terreaes. Mas
 tornando de Babylonia pera Ierusalẽ, agoa
 se conuerte em fogo & resplandece a diuina
 charidade & assi a alma da frialdade do pec-
 cado mortal torna em feruor d'amor. Mas
 isto não pode ser senão bateado nella os ra-
 yos do sol da justiça, quero dizer, que per si
 não pode sair do peccado mortal sē fauor de
 Christo nosso verdadeiro Deos, sol diuino,
 vencedor & desbaratador das treues interio-
 res. Verdade he que fazêdo nos o q̄ em nos
 he, acode elle cõ sua graça, mas sem ella não
 pouemos nos per nossas forças resurgir da

spiritual morte à spiritual vida, & conuertel
 agoa da impiedade em fogo de justificação

- Ioan. 14 Isto he o que elle mesmo diz em S. Ioã, Nin
 guê vem ao padre senão per mim. Isto he o q̄
 diz a esposa nos cantares falâdo com o espo
 so que he Christo: (Trahe me post te.) Como
 se dissera . Eu per mim nam posso yr leuay-
 me vos apos vos q̄ eu vos seguirey . Isto he
 o que diz Jeremias nas lamentações. Cõuer
 teynos Señor a vos, & seremos conuertidos
 Isto he o q̄ diz o mesmo Deos per boca do
 seu profeta Osea: (Perditio tua ex te tantum
 modo in me auxilium tuum.) Como se disse
 ra perderes te tu nasceo de ti, mas a tua sal-
 uaçã estã em mĩ, tornarestes tu em agoa a foy
 culpa tua mascõuertereste tu em fogo he gra
 ça minha: Isto he o q̄ dizia S. Paulo escreuen
 do aos Corinthios. Nã somos sufficiêtes pe
 ra cuydar algũa cousa de nòs como de nos,
 mas toda a nossa sufficiencia de Deos he . E
 noutra parte, Pela graça de Deos sou aquil-
 lo q̄ sou, como se dissera: Elle cõuerteo agoa
 de minha culpa em fogo de seu amor, baten
 do em minha alma os rayos de sua graça , &
 eu acceptandoa & estendendo as velas da vô
 tade & liberdade do arbitrio . Logo pois
 vedes a differença que vay de Babylonia a

Jerusalem, & da inquietação da alma á quietação della, & esta inquietação nasce da vida tumultuosa cercada de publicos negocios & a quietação nasce na vida solitaria claro está q̄ he a solitaria mais excellēte, & q̄ fugir do mundo pera ella não he couardia do animo, mas grande esforço d'elle, pois nesta parte a fugida he victoria, porque como fugir do mundo he fugir de si, & fugir de si he vencer a si, & vencer a si he gloriosissima victoria, está claro q̄ fugir do mūdo he o mais excellēte de todos os triūphos, pois he triūphar dos mais fortes aduersarios, ca ningūẽ tem tam crueis & poderosos immigos, como sam seus propios desejos.

CAPITULO. III.

Em que o Portugues proua seu intento per exemplos & authoridades dos Gentios.

NAm queria senhores que vos parecesse, que queria eu condēnar todos, os que viuem em congregações, & negocios publicos, & canonizar todos os solitarios: que bem sey, que nas cidades, & cortes dos Principes pode auer muytos rodeados de

Capit. IIII.

negocios que sejam muy virtuosos, & amadores das cousas de Deos, & goardadores de seus mandamentos, como eu tenho pera mim que os ha, e tambem sei que pode auer muytos dados á vida solitaria, q̄ per outras partes tenham muytas quebras & defeytos. Mas per cima de tudo isto tenho por sem duuida que a vida solitaria simplesmente falando quanto em si he, leua muita auantagē á publica & tumultosa, & que nam somente he mais segura, mas em muitas cousas mais fructifera, sem embargo q̄ em algũas seja a publica de mais utilidade. Mas basta que abolutamente falando he a solitaria mais excelente que o contrario do que dizia Marco Tullio na autoridade que cōtra mim allega tes do seu primeiro liuro dos Officios. E se elle depois de escripto esse liuro o tornara bē a limar & examinar, bem creo eu que esse ponto correra risco de ser riscado, por q̄ não conuinha q̄ em liuro tam docto & elegante se achasse hũa dissonancia como essa tam peregrina a qualquer bõ juizo. Quereis ver isto claramente, que o mesmo Cicero confessa que depois que saio da Republica; & se deu á vida solitaria, fez esses liuros, & qua si todos os outros que compos, com que

apro-

aproueytou muito aos homẽs, & pera si alcançou fama, que viuirá em quanto viver a memoria dos mortaes, & que a perpetuyda de sempre tera ante seus olhos. E elle mesmo approua os que buscando seu repouso, se recolhiam a suas quintaãs, & engrandece summamente a Scipião Africano, que deyxados os negocios & tumultos se separa ua da gête, & como a porto se recolhia a hũa solidão, onde dizia, que nunca estava menos ocioso, que quando ocioso, nem menos soo que quando sò, & louua grandemête a Marco Curio o antigo Romano, que depois de vencer os Samnitas & Sabinos, & Pyrrho Rey dos Epirotas, deyxou Roma com seus tumultos, & se foy viuer a hũ seu casal, estimando mais a vida solitaria com seu repouso, que as pompas de Roma com sua inquietação. E estando elle ao seu lar lhe vierão os embayxadores dos Samnitas offerecer grande soma douro, que elle não quis, dizendo, que mais queria mandar aos ricos que ser rico, & que pois os inimigos o não venceram na guerra, não conuinha que o ouro o vencesse na paz. O nobre Cincinato, do arado foy tirado pera ser dictador de Roma, que era o mór carrego que nella auia, como o diz Fe-

nestella no liuro de magistratibus. E depois da dictatura maravilhosamente administrou da se tornou pera sua pobre herdade, como o cõta Columella. E não somente a Cincinato, mas a outros muitos tirarã os Romanos dos casaes pera os fazerem cõsules, & lhe entregarem a governaçã da repubrica, Cecilo Matelo famoso capitã Romano, do qual diziam q̃ as muitas perdas da fazêda estimava em pouco, & as poucas da honra em muyto depois de grandes trabalhos & victorias recolhese a hũa sua quinta, sem querer aceitar o consulado nẽ a dictatura q̃ lhe offerencia, dizendo que queria comer em paz o q̃ tinha ganhado na guerra. O gram Catão Censorino tam celebrado dos antigos que tinham sua vida por hũa viua imagem de gravidade & virtude, & seu peito por hũ poço de prudẽcia & moderaçã, & seu sanimo por hum espelho de fortaleza & cõstãcia, o qual diz Plinio que foy perfeyto capitão, perfeyto orador, & perfeyto senador, depois de ser questor, & tribuno militar, & pretor, & censor, & cõsul, & ter as mayores dignidades de Roma, assi na paz como na guerra, se saio da cidade, & se foy viver a hũa quintam sua junto a Piceno, que se agora chama Marca de

Ancona: Ainda que outros dizem q̄ estava na Campania junto cō Puçol. Mas basta que se meteo naquella sua quintam: & alli acabou o q̄ lhe restava da vida, hora lendo, hora escreuendo, hora meditãdo, hara cultiuãdo a terra negoçando cō os agros, q̄ quasi sempre tornam cō grossa onzena quanto nelles se lança. Pois estando o bom velho gozando daquella vida solitaria, acertou de passar per hi hum homem prudente nas cousas do mūdo, mas entregue aos negocios d'elle, & reuoluendo na fantesia d'hũa parte as toruações & distrahimentos em q̄ elle, & muytos outros andauam, & da outra a quietação, & repouso, em q̄ Catão alli viuia, cotejandoos proprios enganos, q̄ o traziam de si enleado cō os defenganos, com que Catão estava do mundo esquecido, não se pode ter, que lhe não escreuesse na porta hũas letras q̄ diziã. O bemaumentado Catão tu só saber viuer. As quaes letras alli depois ficará por memoria. Quem tal dizia bem conhecia o bẽ da vida solitaria, mas disto não tinha elle mais q̄ o conhecimento pera n'õr magoa de não fazer o que sentia: como eu sey que acontece a muytos outros. Milhor qu'estes andou Pericles o Atheniense, que tanto que caio na cõ-

Capitulo. III.

ra do repouso solitario, logo o buscou, &
 saio do mal q̄ seguia, por seguir o bẽ q̄ apro-
 naua. Foy este varão em sciencia docto, em
 practica discreto, em conselho sabio, em con-
 uersação festiuo, nas armas destre, nos peri-
 gos esforçado, & finalmente na prosperida-
 de era humano, & na aduersidade sofrido.
 Pois vêdo elle a variedade & incôstancia da
 vida, & q̄ os mais dos mortaes por falta de
 cõsideração andauam embebidos no mûdo
 hũs cõ cuidados tyrãnos de seu descanso tra-
 çando na fantasia castelos de vento, outros
 nos dados de sua ventura metidos em lem-
 branças de quem delles as não tinha, outros
 perdidos em baixos vaos, cortadas suas espe-
 ranças logo em agraco, outros tam presump-
 tuosos e altiños q̄ tudo lhe vinha curto, pa-
 recêdolhe que não auia cousa grande que se
 não deuesse a seus merecimentos, sem elles
 deuerẽ nada a ninguẽ, cheos de vaidade, sem
 terem de q̄ a ter, altos nos pensamentos, &
 baixos na valia. E vendo q̄ o mûdo os trazia
 enganados, & per hũa parte lhe engrande-
 cia a honra, & pela òutra fazia zõbaria della,
 determinou de o desprezar, & deixou a go-
 uernança de Athenas, & fugindo aos traba-
 lhos, & inquietações, se veo meter nũa sua
 quin-

quintam solitaria, onde pos hum letreyro á
 porta que dizia: (Inueni portum spes & for-
 tuna valere.) Como se dissera: Atequi andey
 engolfado nas perigosas ondas dos negocios
 do mudo, como nauio que andando sem le-
 me batido dos vêtos, perdido polo mar, que
 brado o masto, & rotas as velas, sem se apro-
 ueitar d'agolha, nã da carta de marear, mas
 correndo sua fortuna, sem poder entrar pe-
 la barra. Agora achei porto, & repouso na
 vida solitaria, iuos em bõa hora esperança,
 & fortuna, que nam quero de vos nada. Ate
 qui me trouxestes enganado prometẽdome
 de me ter impinado no cume da inconstãte
 roda, que me vos fazeis parecer constante, a-
 gora podeis enganar a outros, que a mĩ ja
 me não enganareis. Hai não ha fortuna, nã
 acertou nisso Pericles, porque falaua segũdo
 o cõmum costume dos gentios, mas cõ tudo
 elle nos deixou grande exemplo, em deixar
 o muito, que o distraia, & cõtentar se com o
 pouco que o aquietaua. Assim como da terra
 esterile fae o ouro, & tem ella em si minas de
 excellentes metaes, assim às vezes d'hũ gentio
 fae marauilhosa do estrina, & ainda q̃ esterile
 polo d'leyto da fe, todavia olhada sua vida,
 acharlheis às vezes minas de grandes vir-
 tudes

Compa
 raçãõ

Capitulo: IIII.

1
4
 rudes moraes, ainda q̄ imperfeitas por falta
 das rheologaes. Mas basta q̄ entédiam elles
 quam excellête era a vida solitaria, pois tro-
 cauã por ella a publica. Anaxillo o philoso-
 pho por lograr a doçura da vida solitaria, de-
 sprezou o principado de Athenas, dizendo,
 que queria antes ser seruo dos bõs, q̄ algoz
 dos maos. Empedocles Agrigētino, discipu-
 lo q̄ foy de Pithagoras, como escreue Thi-
 meo, nũca quis aceptar o reyno, que lhe da-
 uão, como o affirma Xãto no liuro q̄ fez de
 seus lououres. Estimou tãto a vida solitaria,
 que a preferio a toda a potencia & riquezas
 do mundo. Estando Demetrio Phalereu des-
 ferrado no Egypto, depois d̄ ter governado
 Athenas, foy o alli ver Crates o philosopho,
 & disse tam alras cousas, & tractou tã graues
 materias, que disse Demetrio, como o refere
 Plutarcho. Mal ajam os negocios & occupa-
 ções, que tiue em outro tẽpo, pois forã cau-
 sa de não ter conhecido mais tempo a este
 Philosopho. Palauras eram estas de quem
 sentia bem o gosto & proueito da vida soli-
 taria. Como o mesmo Plutarco no liuro da
 tranquillidade do animo, que sendo Zeno
 mercador, perdeu no mar a sua nao cõ toda
 sua fazenda, & vendose pobre & enganado
do

do mundo, acabou de conhecer que ate li se não conhecera, & disse, que folgaua com sua perda, polo proueito q̄ lhe della resultaua, porque se auia de fazer philosopho, & drr a vida solitaria. E depois de ter effectuado seu proposito, & ter alcançada muita sciencia, conta Apolinio Tyrio, que dizia elle, que nũca nauegara com melhor vento, que quando perdera a sua nao, pois a q̄lla tormenta fora causa de sua bonãça. Perguntado Antisthenes o philosopho que fructo colhera da philosophia, respondeo que poder viuer & falar consigo sò, & darse ao recolhimento. Conta Valerio Maximo, q̄o grande Anaxagoras por se dar a philosophia se desterrou de sua propria terra, & tornando a ella da hi a muyto tẽpo, achando perdidas todas suas herdades disse. Por certo não fora eu saluo se se ellas não perderam, Tibullo no 1. de suas elegias diz estas palauras: Possuam outros grandes riquezas, & ouro, & a mim deixem me estar em minha pobreza, quieto no meu lar sem cuidados. Perguntado Diogenes Cinico se auia no mũdo algũ homẽ mais bemauẽtura do que Gyges riquissimo & poderossimo Rey, respondeo como diz Valerio Maximo que Agalao Psophidio era mais bemauẽtura-

curado. Era Agalao hum pobre homẽ quieto da sua vida viuera num seu casal de Trapez, sem nunca d'elle sair, contente com aquella pobreza, & vida solitaria. Faz disto men. am Plinio no septimo da historia natural. Horacio diz, que bemauenturado he aquelle que separado dos negocios laura com seus boys a terra q̃ herdou de seu pay, sem cuydados de interesse. E da qui vieram muytos a deyxar os carregos pubricos, & a fugir das cidades & de suas gouernanças. Petrarca chama ao pouo fera indomita, & Horacio compara o que o quer gouernar a homẽ, que cõ hũz sã & fraca redea quer enfrear muitas cabeças, & que quer per si sã marear & gouernar hũ grande nauio sacudido dos vêtos nas varias & duuidosas ondas. Sidonio Apolinar diz: Não sou do parecer da q̃lles, q̃ tẽ pera si ser summa bemauenturãça o summo poder. E Flauio vopisco diz, q̃ o imperio he cousa odiosa, & o mãdo & carregos pubricos cousa pesada. Isto sentiam bem aquelles antigos philosophos, de q̃ estam cheos os liuros, que engeytaram gouernações & pubricos magistrados, & se recolheram em seus solitarios apartamentos pera viuerem com repouso, & quietaçam, & contentamento, porq̃ tĩnam

ellos

elles pera si, que não auia gosto nesta vida q̄ se podesse com o da vida solitaria comparar. Esta era aquella ambrosia docissima, & a q̄le nectar suauissimo, que fingiam os poetas, q̄ eram iogarias & deleytoso comer & beber dos deoses, pera significarem a marauilhosa doçura que tras consigo a contemplaçã das cousas diuinas, ca aos contemplatiues que viuiam na terra, chamauam deoses colados no ceo, & aos gostos de suas contemplaçoes chamauam ambrosia & nectar, eõ que alma se recrea, quando sobe tanto com o entendimento, que alcança o curso & natureza & influencias dos orbes celestes. Isto quizeram significar os poetas quando em suas fingidas fabulas deixaram em memoria que o fermoso Ganymedes fora arrebatado de hũa aguea no alto monte Ida, & levado ao ceo: & apresentado a Jupiter Rey das estrellas, pera significarem, que quem fosse ornado da fermosura da virtude, & sobisse per contemplaçã ao alto monte Ida, seria enleuado & arrebatado com o entendimẽto nos segredos do sol, lũa, & estrellas, & comunicaria com Jupiter, a que elles em suas gentilidades attribuiam o dominio do ceo. Daqui vto o Homero a chamarlhe o diuino

Ganymedes arrebatado dos deoses . E estas
 são as honras do roubado Ganymedes , de
 que fala Vergilio. Attribuirão tanto os poe-
 tas & philosophos a esta contemplaçã q̄ ain-
 da que contestauam ter Hercules pelejado
 com os monstros, & passados terribeis traba-
 lhos pola virtude, tem cantados em seus ver-
 sos & poesias, que queriam espantar com el-
 les o mundo todauia nunca o tiueram por
 immortal & diuino, senã depois que se sepa-
 rou da gente & subio ao alto cume da frago-
 sa montanha chamada Oeta, onde se meteo
 nua grande chama de fogo. Pelos trabalhos
 de Hercules entendiam elles a vida actiua,
 & pela solitaria sobida do alto monte Oeta
 a cõtēplatiua, & pelo fogo em q̄ se abrafou, o
 amor & afeição da primeira causa, em q̄ al-
 ma se inflãna na diuina cõtēplaçam. E sen-
 do este Hercules o Libio, chamado cõmun-
 mente o Thebano, filho de Osiris, como diz
 Diodoro Siculo, & Berolo Chaldeu, foram
 os gregos tam amigos de sua gloria, que
 quiserã attribuir tudo isto ao seu Hercules,
 grego chamado Aleo filho de Amphitrion
 & Alemna como copiosamente o proua o
 vosso Annio Viterbenfe nos seus eruditissi-
 mos commentarios sobre beroso: e iõdre as

origens de Catam. Mas elles gloriandoſſe de terem em ſeu theſouro hum varão inſigne, q̄ de pois de muitos perigos e trabalhos ſe deu á vida ſolitaria & contêplatiua, fingirã que todas as grandezas & miraculoſas obras do Hercules Libio tiuera o ſeu Hercules Alceo. No que claramête ſe ve, quanto eſtimauam a vida ſolitaria & cõttemplatiua, pois ſòs os dados a ella tinham por immortaes & ſempre famous, ca ſòs aquelles tinham elles, q̄ encomendauam ſua memoria à eternidade q̄ buscauam hũa ſolitaria quietaçam deiyxando o mundo q̄ elles dizê que anda cõ ſua roda dalcruztes hũs cheos outros vazios, ſem aleuantar hũs, que nam abayxe os outros.

CAPITULO. V.

Em que o Portugues conclue a excellencia da vida ſolitaria, & mostra o fructo & utilidade da hiſtoria.

Todos os homês de alto ingenho tiuerã pera ſi, que a quietaçam era couſa muy doçar & ſegura, & a gouernança muy azeda & perigofa. Daqui veo el Rcy Seleuco a dizer tendo nas mãos a coroa real: ô diadema mais rica que bemaenturada, quem bem

conhecesse quam chea es de fadigas, & cuy-
 dados, & perigos, ainda que te visse no chão,
 te nam aleuantaria. Isto moueo a Lydiades
 Rey de Megalopoli a deyxar o reyno de sua
 propria vontade. E o mesmo quisera fazer
 Augusto Octauiano ao imperio, se achara
 hombros que poderam tamanho peso suste-
 tar. E se me disserdes que foy fingido isto
 de Octauiano, porque nam parece possivel
 desejar hum homem de deixar a monarchia
 do imperio Romano, & ficar subdito de quê
 o fora seu. Que me direisao Emperador Dio-
 cleciano, que realmente a deixou de seu pro-
 prio moto, sem nunca mais a querer? Este
 Diocleciano depois de ter muitos annos go-
 uernado o Imperio, & alcançadas grandes
 victorias, & edificadas aquellas espantosas
 thermas de Roma, que se podem igoalar cõ
 algũas das sete maravilhas do mundo, e pre-
 ferir a muitas dellas, renunciou totalmente
 o imperio estando em grande prosperidade.
 E diz Baptista Egnacio, que nem o moueo a
 isto velhice, nem fraqueza do animo, senam
 sua liure vontade, & que ficou tam desabafa-
 do, & contente q̄ disse que nũca sentira tam
 alegre & resplandecente o sol, como depois
 q̄ se vira fora do imperio. E ficando li-
 tama-

tamanho peso, deixados os negocios em q̄
 andaua engolfado, se foy meter n̄ua sua pi-
 quena quintam apar de Salona cidade de Li-
 burnia, como o contam Eutropio, & Pompo-
 nio Leto. E alli acabou sua vida contentan-
 dose com aquella pobreza & solidam. Dizia
 elle q̄ de s̄o o Emperador se auia dauer d'ò &
 do laurador enueja. E zuendo dias que alli
 estaua entraram embaixadores dos Roma-
 nos a pedirhe que tornasse ao imperio, &
 acertarã de chegar a t̄po q̄ elle andaua n̄ua
 sua piquena orta colh̄do alfaces, aos quaes
 elle respondeo, q̄ lhe não falassem em tornar
 ao imperio, & que o deixassem comer cõ re-
 pouso aquellas alfaces que elle prantara, q̄
 descansassem que não auia de tornar a impe-
 rar, que ja prouara a q̄ sabia a vida publica,
 & a solitaria, & que antes queria andar s̄o
 cauando na sua horta, que trazer as costas o
 imperio de Roma. Diz Trebellio Pollio, &
 tralo tambẽ Leto na vida de Diocleciano, q̄
 foia elle a dizer, que nenhũa cousa era mais
 difficil, que bem imperar. E o Leto diz, que
 quando se vio fora do imperio, dissera q̄ en-
 tam amanhecia, & q̄ desdaquella hora por
 diante começaua a viuer. E não pateça a nin-
 guem q̄ foy isto baixeza & pusillanidade

Capitulo. V.

mas grandeza & magnanimidade, porq̃ não vem senão d'alto animo desprezar aquellas cousas, que os mortaes inflamados com cubiça summamête desejam, afferrando nellas a vontade. E pera que nos não pareçam fabulosas estas historias, ponham os olhos no que passou à quatro dias, & com a memoria do que vimos, desfaremos a roda do pouco credito que damos ao que lemos. O emperador Carlos Quinto, hum dos mores & mais excellentes principes que ouue no mudo, depois de ter alcançadas grandes victorias em Italia, Africa, França, & Alemanha, deixou volúntariamête o imperio & seu alto estado, com todos seus reynos & senhorios, & apartandosse do mundo se recolheo sem fausto algum, a hum mosteiro de sam Ieronymo, onde acabou seus dias com grande quietaçam naquella vida solitaria, no que mostrou a fineza de sua virtude, & a grandeza de seu animo. Diz Seneca que de coraçõ grande he desprezar cousas grandes. E Quintiliano diz, q̃ affaz he de riquezas não as desejar. Estando hũa noite ceando Phillipe rey de Macedonia disse aos philosophos, que traxessem algũa questam, & foy ella, qual era a maior cousa do mundo. Hum respondeo q̃ o

monte Olimpo, que cõ sua altura traspassa-
ua as nuuês, & chegaua com seu cume onde
os ventos não podiam chegar donde vieram
os Gregos a chamarlhe Olympo, que quer
dizer todo resplandecente, porq̃ tem o sol
clarissimo & não he de nenhũas nuuês, ofus-
cado nem encuberto. Em fim he tam alto, q̃
chamam os poetas ao ceo Olympo. Outro
disse, q̃ a mor cousa do mundo era a agoa, q̃
apagaua o fogo, & enchia a mor parte da ter-
ra. Outro disse que o sol, cujo resplendor cu-
bria a agoa & a terra. Outro affirmou q̃ não
auia cousa no mûdo tam grande como o co-
ração que despreza cousas grandes. Este
me parece a mî que lançou a barra mais lon-
ge, & excedeo a todos os outros. O alta, &
muy alta sentença. Digna por certo de gran-
de ponderação, & eterna memoria, pois nos
ensina quam baixas são as altas cousas do
mûdo, & que merece mor gloria quem tem
coração pera as desprezar, que quem tem
ardil pera as adquirir. Muitos outros exem-
plos vos podera trazer & copilar de gentios
tirados de suas antiguas historias, que deixa-
ram grandes riquezas, carregos, negocios,
reynos, & imperios, por se dar à vida solita-
ria, os quaes sem nenhum debate preferiam

Capi. V.

a solidam à companhia, & mostrauam ser de
 mais alto animo desprezar as cousas & auer-
 res do mūdo, q̄ possuilos, mas por me forrar
 de palauras superfluas, & não embeber todo
 o tempo em historias gētilicas, as quero dei-
 xar por louuar a vida solitaria, cō claros, &
 verdadeiros testemunhos das letras diuinās,
 & historias ecclesiasticas, & sãctos doctores,
 se nisto não leuardes desgosto, porq̄ volo nã
 quera eu dar em cousa nenhũa, ca o meu de-
 sejo he, que o vosso se cūpra. Antes recebere-
 mos nisso, disse o Italiano, muito contenta-
 mento, porq̄ as letras diuinās são mais go-
 stosas & authenticas que as humanas, & são
 mais profundas, & fazem mais impressam:
 basta q̄ as humanas são dos homēs, q̄ mui-
 tas vezes se enganam, & enganam, & as diui-
 nas são de Deos, q̄ nem engana, nem se pode
 enganar. E por isto digo eu q̄ os homēs que
 pondo a hū cabo a sagrada Escripura, & a li-
 çam pia, docta, e deuota occupaçam o tempo
 em ler fabulas, e batalhas fingidas, e amores
 desonestos, auiam mister publicamente ca-
 stigados, mas eu vejo q̄ está o castigo delles
 tam longe, como elles perto de o merecer.
 Bem vejo eu, disse o Framengo, que he tam
 alta cousa a sagrada Escripura, que teria eu

má desculpa, se me quisesse por a louuar particularmête seus diuinos mysterios, porque isso seria dar a entender que os entendia, & proffeguir materia tam profunda, q̃ me en-
 fraqueceria o ingenho, & se perderia logo no principio. Mas tambem affirmo, q̃ a hiltoria humana he vtil & muy excellente, a qual Cicero no segundo liuro de Oratore diz, q̃ he testimunha dos tempos, luz da verdade, vida da memoria, mestra da vida, anũciadora da antiguidade. Dõde se colhe q̃ os liuros das fabulas, nam se hão de chamar liuros de historias, mas de mētras, pois como diz Cicerero, a hiltoria he luz da verdade. E bẽ vejo q̃ se não auia de gastar o tempo em liuros tã profanos & inutiles. Mas as verdadeiras historias serũe pera muitas cousas, & dão muitos auisos, & mouẽ a grãdes empresas. E em verdade se nõr, q̃ sũmamente folguey de vos ouvir tantas historias, pera louuardes a vida solitaria, & tambem trazidas a vosso propofito. Afsi como hum caualeyro, disse o Portugues, se sae às vezes de seu exercito, & se vay meter no arrayal dos ãmigos, não pera se entregrar a elles, mas pera ver o q̃ la passa, e vir dar auiso aos seus, como espia de vista, afsi hũ theologo pode às vezes deixar per algũ

Capit. V.

espaço os liuros da sagrada theologia, & lêr
 per hum liuro dú gêtio não pera se entregar
 a suas gêtilidades, & à lição de suas historias
 mas pera saber o q̄ ha antr'elles, & vir auisar
 os seus, como quẽ entrou a espiar o arrayal
 dos aduersayros não pera ficar cõ os alheos,
 mas pera trazer nouas, & dar ardis aos seus.
 He tam grande cousa a historia, disse o Italia
 no, q̄ fenecẽ reinos & senhorios, & ella nam
 fenece, morrem grandes & piq̄enos, & ella
 sempre viue, mudamse os imperios, & princi
 pados, tiramse a hũs, & dãose a outros, & em
 fim todos acabem, & ella fica, & quãto mais
 velha he, em mais estima se tem, por q̄ entã
 tẽ mais autoridade, quando he de mais tem
 po, & por q̄ o não gastemosem louuar o que
 per si estã louuado, vos peço seõor q̄ prossie
 gais vossa pratica corroborando vossã cõcru
 sam cõ autoridades da sagrada Scriptura, ca
 ella he a verdadeira regoa, & o prumo da ver
 dade, & a doutrina que vay a seu oliuel, essa
 he a direita, fundada na firmeza & perpetui
 dade.

CAPITULO. VI.

Em que o Portugues proua a excellencia
 da vida solitaria per authoridades das
 sagradas letras.

Adam

A Dam nosso primeiro padre em quanto Gen. 3.
 esteve só no paraíso terreal, não peccou & 3.
 como teue companhia, ella o excitou a pec-
 car, conuidandoo com aquelle mortifero po-
 mo, origem de nossas desaventuras. Dos
 dous primeiros seus filhos, Caim & Abel, o Gen. 4.
 Caim foy reprovado, & o Abel escolhido.
 Do reprovado diz a Escripura, que andaua
 inquieto & vagabundo, & que fez cidade pe-
 ra morar nella com os seus, mas o escolhido
 amando a vida solitaria, andaua só no cam-
 po pastorando seu gado, offerecêdo a Deos
 sacrificios, sacrificando primeiro a si que a
 elles, & não lemos delle que fizesse cidade,
 porque a cidade dos justos he nos ceos, on-
 de he a sua conuersação. Que cousa foy mã-
 dar Deos ao bom patriarcha Abraham, que Gen. 12.
 se saisse de sua terra, & de seu parentesco, &
 da casa de seu pay, senam que deyxasse os
 embarços do mundo, & sua propria affey-
 ção & cõuersação, & buscasse hũa vida quie-
 ta & solitaria, & a tranquillidade do spirito.
 Diz sam Ambrosio, que dizerlhe Deos que
 se saisse da terra, foy dizerlhe, q̄ conuersasse
 nos ceos, pera que deixada a conuersação de
 negocios do mundo, conuersasse cõ Deos, &
 nelle tiuesse fixo o pensamento. (Exijt nel-
 ciens

Capit. VI.

tiens quó iret.) Diz S. Paulo falando delle
 na epistola ad Hebreos: como se dissera. Tã
 to q̄ Deos mandou a Abraham que se saísse
 de sua terra, logo o effeituou, nam entrou de
 se por ás chaças com elle, mas hia & não sa-
 bia onde, porque nem sabia o lugar onde o
 Deos mandaua, nem tinha homem a quẽ se
 guisse, mas leuaua por guia a obediencia q̄ o
 leuou onde o Deos mandaua. E ouue hũ fi-
 lho per diuina repromissão, o qual lhe Deos
 mandou q̄ lhe sacrificasse no môte Moria. q̄
 quer dizer monte de visãõ, & alli foy cõ seu
 filho Isaac pera o matar, sendo elle o seu vni-
 genito de Sarah, & o lume de seus olhos. Bẽ
 lhe podera Deos mandar que lhe sacrificara
 o filho em sua propria casa, mas mandar
 lhe que se saísse della, & que subisse só com
 seu filho ao môte ermo & despouoado, cha-
 mado monte da visãõ, nam carece de myste-
 rio. O que me a mi parece he, que nos quis
 Deos significar que nos importa muito sa-
 crificar mos lhe nosso proprio filho, que he
 nosso proprio desejo & vontade no fogo do
 diuino amor, & que o lugar mais conuenien-
 te pera isto, he o recolhimento, & vida soli-
 taria, & contemplatiua. Este he o alto mon-
 te da visãõ onde a alma deuota ve grandes

misterios escondidos & encubertos aos que ficam no fundo ao pé do monte, sem subirem a Deos com o pensamento & afeycam. Diz Chrysoftomo que a solidão he mais digna que as cidades, & mais resplandecente que todo o vniuerso, & falando de Abraham diz na Homilia trigesima tercia sobre o Genesis: Cuida rogote quam grande amator era este Patriarcha da quietação & tranquillidade, pois tantos annos auia que goardaua aquillo q̄ depois disse Dauid: Escolhi ser de sprezado na casa de meu Deos, antes q̄ cōuertir nos paços dos peccadores. Onde Chrysoftomo pella casa de Deos interpreta a vida solitaria & quieta. Vendose Iacob acossado de tribulações perseguido de seu irmão Esau deixou sua conuersação, & foyse de casa de seu pay pera longes terras. E tomando a via de Haran, tanto andou per seu caminho penfatiuo & solitario, q̄ sendo ja tarde hum dia de cansado adormeceo a tempo que o sol tinha ja de todo escondidos seus rayos, & encerrada sua luz, & vio per sonhos aquella escada diuina, que com hũa ponta estaua na terra, & cõ a outra chegaua ao ceo, em cujo cume estaua o criador do vniuerso, aquelle sol de justiça, cuja claridade allumia os spiri

Capitulo. VI.

ros, & desfaz todas as treuas. Posselhe o sol visuel, & appareceolhe o sol inuisuel, fugirálhe pera o outro emispherio os rayos do sol que alumia o corpo, & vio os rayos do sol que alumiana a alma: mudou selhe o lume dos sentidos ao entendimento, trocou selhe a claridade exterior pola interior, desapareceolhe o sol criado, & vio o sol q̄ o cria ra, vio o sol diuino de cujo resplandor, procede todo o outro resplandor, como de lua sempiterna, & fonte da vida, & ser de nosso ser. Quis lhe mostrar o alto Deos naquella visaõ, que delle auia de proceder o Mexias Christo nosso Saluador, verdadeiro homem & que o primeiro degrao daquella escada era Abraham, o segundo Isaac, o terceyro o mesmo Iacob, & dali em diante todos os outros, que cõta sam Matheus no principio de seu sagrado euangelho, ate vir ao bõ Iesu filho da Virgem, sol diuino, q̄ estaua no cume da escada abrindo o ceo, que dantes estaua fechado. Bem lhe pudera Deos mostrar este mysterio estando elle em casa de seu pay conuersando cõ seus amigos & parêres, mas não lho mostrou senão indo só, & estando repoufando apartado de toda a conuersaçam. E per aqui vereis quam excellente he a contẽpla

Matt. 1,

placção & vida solitaria, que valem mais os sonhos dum contemplatiuo & solitario, que as vigílias d'hum distraido negoecedor. Mas de que seruia contando a Scriptura esta visam dizer, que hia Jacob caminho de Haran lugar onde repousou Tharè, senão significar a condiçam, que ha de ter quẽ quiser tomar vida solitaria, Haran quer dizer coua, como o affirma Philo varão doctissimo, em geração Hebreo, mas em doutrina Platonico, do qual diz Eusebio na historia Ecclesiastica, q̄ era copioso nas palauras, & rico nas sentenças. E sam Ieronymo diz no cathalogo dos scriptores ecclesiasticos, q̄ ou Platam philoni za, ou Philoplantoniza: o qual prouerbio recita Volaterrano na anthropologia. Pois este Philo no liuro que fez dos sonhos, onde moraliza este de Jacob diz, que Haran quer dizer coua, & Tharè cõtemplaçãõ do cheiro. Esta lapa & coua separada he a vida solitaria & quieta na qual repousa Tharè, porque somente nella repousam aquelles, q̄ na cõtemplaçãõ acham cheyro & suaue deleytaçãõ. E com estes cõtunica Deos seus mysterios, & os faz thesoureiros de seus segredos. Isto he o q̄ elle diz per o seu Propheta Osea. Osea. 2.
falando dalma deuota, & da pessoa spiritual.

Capitulo. V.

(Ducam eam in solitudinē, & loquar ad eam eius.) Como se differa: A pessoa q̄ for deuota embebida em minhas lêbranças, eu a leua rey a hum lugar solitario, onde a consolarey & lhe falarey ao coraçam. Aos que andam metidos em negocios, bazcolejados & perturbados, trasfegando com o mundo, fala Deos como de outeyro, como quem lhe brada de longe, mas aos contemplatiuos & solitarios, a quē o amor da celestial patria causaram foidosas lembranças, que os faz herdeiros de muytas lagrymas, fala Deos de tam perto, que està em seu coraçã praticando cō elles, consolandoos & esforçandoos, tendo ante seus olhos as lagrimas, que saẽ dos seus delles. No deserto de Madian andaua Moyses goardando gado, quando lhe Deos apparecco na sylueira q̄ ardia & nam se queimaua, & o mādou por seu embaixador, & o fez capitam geral dos filhos de Israel. E sō estaua no mōte Sinai, quando falou cō Deos, & recebeo delle a sua ley. So estaua Esaias, quando vio o Deos dos exercitos, & os dous seraphins, q̄ cō hūas alas o estauam cobrindo, & cō outras voãdo. So no deserto andaua Elias & Eliseu, & os filhos dos prophetas praticando cō Deos, & triūphando do mundo. E ou

Exo. 3.

Exo. 19

Esa. 6.

4. Re. 2.

tros muytos, dos quaes diz S. Paulo escreuen **Heb. 11**
 do aos Hebreos: (Quibus dign⁹ nô erat mû
 dus in solitudinibus errantes, in môtibus, &
 speluncis, & cauernis terræ.) Como se disse-
 ra: Apartou Deos a muytos da humana con-
 uersação, porque não era dino delles o mun-
 do, os quaes andauam separados dos tumultos,
 fogidos & segregados da gente, per lugares
 solitarios embrenhados nas montanhas
 & meridos nas couas, & escondidos nas la-
 pas & concauidades da terra. A Abraham tí-
 rou o Deos de Caldea, a Jacob de Mosopo-
 tamia a Moyses do Egypto, a Elias & Eliseu
 da corte de Samaria, & aos filhos dos pro-
 phetas da côuersação de Iudea. Em fim que
 aos seus muito amados tira Deos das com-
 panhias mûdanas, & os leua a vida solitaria
 onde lhe ensina grandes misterios. No ermo
 andaua sam Ioam Baptista, aquelle de que
 muitos annos auia que tinha prophetizado **Esa. 40.**
 Esaias, q̄ auia de ser hũa voz que pregasse no **laon. 1.**
 deserto. E sam Ioam euangelista no deserto
 andaua na ilha de pathmos quando lhe Deos **Apoc. 1.**
 reuelou o Apocalypse. Per o deserto hia o
 eunucho de Candaces rainha de Ethiopia,
 quando vindo de Ierusalé lhe appareceo sam
 Philippe, & lhe declarou a Scriptura, & o
 bap

- Act. 4.** baptizou, & instruiu nas cousas da fee, como o cõta sam Lucas nos Actos dos Apostolos. Mais aprendeo em hũa hora do deserto, que todo o tẽpo estiuera na cidade. Pera que he mais senão q̃ Christo nosso redẽptor mestre celestial se apartaua muytas vezes a lugares solitarios pera nosso exemplo & instruçam, como contam em muitos lugares os euangelistas. E sam Matheus diz q̃ se foy ao deserto guiado do Spiritu sancto, querẽdo nisto significar que o Spiritu sancto he o que nos guia pera o recolhimento & vida solitaria: & pelo contrario, que o diabo he o que aos solitarios & recolhidos guia pera as cidades & negocios do mundo, porque o mesmo euangelista diz, que o diabo guiou a Christo pera a cidade, pera ver se o podia derribar do pinaclo do templo, porque seu officio he trabalhar por derribar os solitarios & contemplatiuos, & metelos em negocios & distraimentos, pera os vir a sepultar em seus proprios appetites. Isto quis significar a diuina Scriptura no liuro dos Numeros, quando diz que saídos os Israelitas do monte Sinai vieram ter aos sepulchros da concupiscencia: porq̃ muitas vezes se acontece que saídos os religiosos & homẽs recolhidos da vida quie-

ta & contêplatiua, significada pelo alto mō-
 te Sinai, se dão de tal maneira a negocios su-
 perfluos & perisofos, que pouco a pouco se
 vem a desordenar, até viré a morrer no mun-
 do, & sepultarse em suas proprias cocupiscē-
 cias, perdendo a si & a Deos, sem côsiderarē
 o que petdem em o perder. E he de notar, q̄
 onde a versão cōmum tem sepulchros de cō-
 cupiscencia, tem os setenta interpretes me-
 moria de desejo: & tralô sam Icronymo no
 tractado das mansões dos filhos de Israel,
 porque a deleytosa & enganosa lembrança
 procedida do deprauado desejo he hũa se-
 pultura, onde os maos sendo viuos andam
 enterrados. E pera vêcer estes desejos, & cor-
 tarlhe as raizes, & ter dominio sobrelles, &
 sobre nōs mesmōs, he mais cōueniēte a so-
 lidão quieta, que a cōpanhia: distrahida. Isto
 he o que diz Ieremias nas lamentações (Se-
 debit solitariū & tacebit, quia leuabit se su-
 per se.) estará assentado o solitario, & calar
 feha, porque se aleuantarã a si sobre si. Os q̄
 andã nas cortes cegos cō os fumos de sober-
 ba, vencidos de ambição, vagueam com tra-
 balho, & o solitario & contemplatiuo está
 assentado com repouso. O ambicioso nunca
 acaba de falar ē seus negocios, & o solitario

retraído está calado a elles, por q̄ assi como a continua pratica sobre embarços e vaidades he a librè dos negociadores, assi o silencio he o trajo dos solitarios. Os negociadores ambigosos trabalhã por imperar aos outros, mas o solitario liure de ambicãm trabalha por imperar a si mesmo. Isto he o q̄ quer dizer: Estara assentado o solitario em silencio, porque se aleuantara a si sobre si Não se aleuantará cõ fantasia sobre os outros, nem meterã as velas de sua presumpçã, mas vêera a si mesmo, o spiritu dominara sobre acarne, & o homẽ nouo, q̄ he segũdo Christo, vêcera & abatera o homẽ velho, q̄ he segũdo Adam. E assi estando hũ contemplatiuo na terra estarã cõuersando nos ceos, tam morto ao mũdo & viuo a Christo, q̄ possa dizer com o Apostolo: Viuo eu ja não eu, mas viue Christo em mim. Esta he a causa, por q̄ o sãctificado Jeremias lume dos Israelitas dizia noutra parte. (Quis dabit me in solitudine diuertorum viatorũ, & derelinquam populũ meum, & recedam ab eis.) Como se dissera. Quem me desse estar nũ deserto & q̄ tinesse hũa lapa onde me metesse, na qual não entrassem senão algũs peregrinos, se per acerto per hi passãse: & isto pera eu deixar o meu

pouo, e aparteme da gente. Isto dizia o bom propheta pera declarar seu côcepto, & explicar quanto desejava a vida solitaria, ca como diz sam Bernardo, a boca he porta & seruenia do coraçam.

C A P I T V L O . V I I .

¶ Em quem o Portugues mostra per claros & manifestos exemplos de sanctos do nouo testamêto a exdellencia da vida solitaria.

O Mundo auemolo de deixar antes que elle nos deixe, porque nos nam tome a noite da morte nos falsos prazeres da vida. E pera isto conuem buscar hũa vida retrai-da & solitaria, o que eu prouarey per exemplos dos Sanctos, alem das authoridades da sagrada Scriptura, que pera isso alleguey. O grande Onofrio, como conta Sabelico, tanto se meteo pelos asperos & medonhos desertos, que sessenta annos nam vio homem nem mulher. Alli andaua soo naquelles ermos & noua região, per onde nunca andara gente chea despantos & terribes temores, se se pode dizer soo aquelle com quem Deos estaua. Alli habitaua esperâdo a fim da vida pera começar a vida que nam tem fim. Alli andaua com os ollos feitos alambiques, per onde se estillaua seu coraçã, contâdo aquillo

Capitulo. VII.

do psalmista : (singulariter sum ego donec
 trãseam.) Como se dissera. Afsi andarey soli
 tario atè q̃ passẽ desta vida pelo cais da mor
 te, pera a regiãõ da verdadeira vida . Bema
 venturado sancto , pois deixando a compa
 nhia dos homẽs entrou na dos anjos, bẽauẽ
 turada troca, & gloriosa cõmutaçã. Itto mo
 ueo a sam Paulo primeiro ermitam, & a Sam
 Antam, & a outros sem conto, q̃ fugiram do
 mundo pera os desertos, onde andauam sos
 rezando & cõtẽplando, sem quererẽ mais
 que à Christo. O glorioso sam Ieronimo dei
 xou Roma com seus prazeres , & foyse a hũ
 ermo mal a s̃ombrado, cheo de todos os te
 mores que as cousas espantosas tem , onde
 nam auia ribeyras deleytosas , nem aruores
 sombrias, mas grãdes penedos mais tristes e
 melanconizados, que alegres & graciosos ao
 parecer da vista. Mas o amor de Christo lhe
 fazia parecerlhe rudo aquillo suaue & deley
 toso. E tam cõtente andaua naquelle ermo,
 que em hũa carta que dalli escreueo a Helio
 doro diz: ô deserto alegre & reuistido de flo
 res de Christo ? ô solidam na qual nascem
 aquellas pedras, das quaes he edificada a ci
 dade do grande Rey. de q̃ fala s. Ioã no Apo
 calypse, sou ermo onde mais familiarmẽte se

gosta de Deos. E noutra epistola em que relata a Eustochio a vida, q̄ elle mesmo passara no deserto, diz estas palauras, ou outras equiualescentes. Alli estaua eu assentado soo, mas acõpanhado de tristeza, metido nũ sacco o disforme corpo todo negro, & queimado cõ os ardores do sol. Cada dia eram meus olhos cõuertidos em fontes de viuas agoas, e meu coração delido em suspiros & lagrimas cõ que regaua o meu leito q̄ era a nua terra, onde constringido do sono lançaua os debilitados ossos, q̄ escassamente se tinham hũscõ os outros. Lembrame q̄ muitas vezes orando em alta voz ajuntaua o dia com a noite, & hora me metia nas furnas & cõcauidades dos valles, hora subia ao cume dos fragosos mõtes, hora me metia nas aberturas das altas rochas. A q̄lle era o lugar de minha oração, & o carcere da misera carne. E Deos me he bõa testemunha, que depois de muitas lagrimas, depois de ter os olhos pregados no ceo, algũas vezes me parecia que me achaua antre as cõpanhias dos Anjos, & embebido naquelle contentamento cantaua dizendo aquillo que diz a Sposa nos canticos. Apos vos corremos em o cheiro de vossos perfumes. Atequi he de san Ieronymo. Quẽ não

Capitulo. VII.

ve quanto mor cōtენტamento tinha este san-
to no deserto, óde alevãtado sobre si se acha-
ua conuersando cō os Anjos, q̄ o que tem os
negociantes carregados de vãos cuidados, &
perigosos negocios, cōuersando cō gente da
mesma estofa. A tristeza que elle diz que alli
tinha causada das lembranças das offensas,
q̄ no mūdo se faziam a Christo, era pera elle
contentamento. Os peccados do mundo lhe
causauam dor, & esta dor lhe daua alegria, &
se cō esta alegrin tinha pesar, tinhao porq̄ o
não tinha tãmanho como desejava, & elle
pesar era pera elle goſto, & este goſto q̄ tem
os sanctos no deserto he mor sem cōparaçã,
q̄ o que tem os peccadores nas cidades. Diz
ſam Bernardo, aquelle doce & contēplatiuo
doctor, que não ha mor trabalho pera o ho-
mẽ que inflammarse de desejos terraes, nem
mor descanso q̄ não desejar nada do mūdo.
E como estes sanctos não queriã nada delle,
andauam cōsolados nos ermos, porq̄ os acõ-
panhaua Deos, & os animaua, & lhe enſina-
ua & descobria grãdes segredos & misterios
porq̄ como diz Chryſostomo. O lugar ido-
neo, & accõmodado à philosophia Christãã
he a solidão. E pelo contrayro os dados a ne-
gocios terreaes trazem abatidos, & traſtor-

nados os spiritos, & quanto mais occupam os sentidos nas cousas da terra, & inclinam os pensamentos a cousas baixas, tão menos aleuam o entendimento ao ceo, & penetram cousas altas porq̃ como diz sam Gregorio: Alma carregada de cuidados de baixo não se levanta as cousas de cima. Isto entendia bem sancto Augustinho quando dizia, q̃ a solidam era necessaria a nossa mente. E cõtazam, porque alli ha mais azo pera a virtude, & menos occasiam pera o vicio. Donde diz sam Ioam Chrysoftomo na terceira homilia sobre sam Marcos, declarando aquellas palauras: (Spiritus expulit eum in desertum.) O Spiritu Sancto não mora de boa vontade onde ha turbas, ajuntamentos, dissensões, & contendas, mas tem o Spiritu sancto propriamente por assento a solidam. E Sã Ieronymo diz, que na solidão se evitam muitos peccados. O petrarcha chama á vida solitaria castello guarnecido de munições, & porto pera todas as tempestades. Sam Ioão Chrysoftomo aquella boca d'ouro, aquella fonte de eloquencia, aquella cume de virtude, naquelle breue trato que faz da comparação do Rey com o solitario diz, q̃ mais bẽ auenturado he hũ solitario sem companhia.

que hum Rey acompanhado, porque el Rey tem domínio sobre as cidades, & o solitario sobre os vicios, el rey tem coroa douro, & o solitario de virtudes, hum trabalha por não ser dominado dos homês, outro por não ser vencido dos peccados. O solitario lê pellos liuros dos Sanctos q̄ o ensinam & desenganam dizêdo-lhe liuremête a verdade, está cõ municando & cõuerfando cõ Esaias, cõ Ieremias, com sam Ioam, com sam Paulo, com o me mo Christo. E hũ rey trata com homês que lhe mentem, & o lisongeam, engrandecêdo cõ lououres, forjados na officina de seus enganos, & finalmente ouue gente de q̄ elle mesmo se não ha, porque este mal tem os principes, que não tem quem lhe ouse dizer a verdade descuberta. Pera q̄ he mais senão que ouue hi Papas, como foy Celestino glorioso varão, & outros algũs, que deixaram, e renũciaram o sũmo Pontificado, & se deram à vida solitaria, os quaes estão no ceo reynãdo cõ Christo, & a igreja regida pelo Spiritu Sancto os canonizou, & pos no catalogo dos sanctos. E pois tam claros & illustres varões de tanta doutrina & erudição, & de tanta virtude & sanctidade deixaram a vida publica pola solitaria, & a engrandecem cõ summos

lou

lououres, & preferem os pobres ermos aos ricos reynos, necessario he q̄ cōcedamos ser a solitaria mais excellēte que a publica. Por que a summa de nosso proposito ha de ser, q̄ digamos o que sentirmos, & sintamos o que dissermos.

¶ CAPITULO. VIII.

Do proueito do silencio, & do perigo da muita pratica, & do engano, & vaidade do mundo.

SE he verdade, disse o Italiano, o que diz Aristoteles, que ao sabio nenhũa cousa he noua nem peregrina, eu confesso que o não sou, porq̄ dissestes vos muitas pera mī de muita nouidade & admiração em louuor da vida solitaria. Mas hum defeito acho eu nella, & he falta de pratica & conuersaçam, & parece que hum solitario não tera contentamento, por não ter cō quem o ter, porque sem duuida pera mī não ha cousa mais gostosa que praticar, & conuersar com homēs discretos, em especial se são lidos, & de rara erudição. Isso he verdade, disse o Framengo, porque onde não hai pratica, não pode auer gosto perfeito. E pera proua disto não quero mais que esta q̄ aqui tiemos. Que gosto
 haj

Capit. VIII.

hai que se possa igualar com o desta pratica?
 Como podera eu saber quantas boas aqui
 ouui, senão fora esta comunicação? Mas co-
 mo as differa eu, disse o Portugues, se as não
 aprendera no repouso solitario? Dizey vos,
 disse o Framêgo, o q̄ quizerdes, que eu digo
 q̄ a conuersação & boa pratica he hum doce
 pasto pera a alma, & q̄ deixala, & tomar vi-
 da eremitica, he grande tormento, pois he ti-
 rar a os coraçõ aquella familiaridade & do-
 ce companhia, que foy largo tempo o man-
 timento com que elle se sustentaua, per onde
 está claro que o solitario apartado de toda
 a conuersação sempre là andarà suspirando
 por cousas de seu contentamêto, saluo se de
 todo o perdeo das do mundo. Não hai que
 debater, disse o Italiano, senão que he a pra-
 tica cousa excellente, pois nos foy dada pe-
 ra explicar nossos conceptos, assi como nos
 foy dada a escriptura pera explicar nossa prá-
 tica, & como nossos cõceptos são varios, con-
 uem cõmunicalos com varias pessoas, por q̄
 a pratica ha se de accõmodar aos ouuintes.
 E isto tem os que andão nas cortes dos prin-
 cipes, & seruem a senhores, q̄ acham diuer-
 sas pessoas com que praticar, o que tẽ todos
 os que tratam negocios, & tẽ vida politica,
 o que

o que he impossivel na solitaria. E pois nela se perde o bẽ da pratica cousa tam proueito sa & necessaria pera a vida humana, não sey que razão hi ha pera dar tam excessiuos louvores a quem està longe de os merecer. Hũa aruore, disse o Portugues, se lhe alimpais o tronco, sobe mais pera cima, & fazse mais fructifera, quanto se lhe corta das vergon-teas de baixo, tanto se lhe acrescenta nos ramos de cima: assi o solitario quanto vay mais cortãdo das conuersações & contentãmentos humanos, tâto vay mais acrescentãdo & subindo per cõtemplação aos diuinos. Assi como Deos não deu o manna & pão do ceo aos filhos de Israel, senão depois que se lhe gastou a farinha do Egypto, assi nam dà Deos aos homẽs consolações spirituaes, se não depois q̄ deixam as corporaes, cã repunha auer em hũa alma no mesmo tẽpo duas consolações contrayras hũa a outra: & quãto mais os solitarios deixam as da terra, tanto mais alcançam as do ceo. E pelo cõttrairo os q̄ andã nos paços dos principes inquietos & derramados seruindo a senhores, ou negoçiãdo suas cousas, quanto mais buscam descansos, tanto menos o acham, porq̄ querem repouzar em cousas que não tem repouso, & estã-

Com

Exo. 19

+
ideia, por

Capit. VIII.

estancar com suas piquenas mãos os grandes rios das cousas do mundo, que vão com continua furia & inundaçõ dar configo no mar da morte. E as mesmas praticas & côuerfacoes os bazcolejam, inquietam, & entristecem, & lhe geram mil desgostos, & contendas, odios, & enuejas, & dissensoens, & muitos outros males. Os rios nas fontes se podem tapar ou defuiar, mas despois que se ajuntam agoas com agoas, cheas com cheas, he tãmanho o impeto que leua, & destrue quanto acha diante: assi as contendas & perfias se podem logo atalhar no principio, & soldar quaesquer quebras, mas depois que se ajuntam palauras com palauras, injurias com injurias, erros com erros, vem tam arrebatado o rio da indinação, & com tanta furia, tendo tantas acolhidas de ira, & rancor, q̄ destrue os campos das vidas & das almas. Não sey qual he a causa, por q̄ tanto louuais a lingua & a pratica, porque caso q̄ algũas vezes aproueitam, polla mor parte danam. Dizia Simonides, como refere Plutarcho, q̄ de calar lhe não pesara nunca, & de falar se arrependera muitas vezes. No liuro da criação dos filhos diz o mesmo Plutarcho, que o silencio bẽ ordenado he grande sabedoria

Compa
raçam.

&

& de mor excellencia, que a pratica. Plinio diz, que não he menos de orador saber calar que saber falar. Pittaco diz, que quem nam sabe calar, não sabe falar. E daqui veo Pithagoras, a q̄lle que foy tam auaro de palauras, como prodigo de obrasa ensinar a calar, assi como outros ensinam a falar. De maneira, q̄ a sua rhetorica mais cõsista em saber calar, que em saber falar: porque entendia elle, bem quanto mal faz a lingua & as muytas palauras. E porque não seja tudo allegar cõ as dos gentios, digo que Salamam o mor sabedor dos mortaes diz nos prouerbios, que o muito falar não he sem peccado, & q̄ o que refrea sua lingua he prudentissimo. E noutro lugar dos mesmos prouerbios diz, que a morte & a vida estão nas mãos da lingua. A boca ha de ser fechada com aldraua da prudencia, de tal maneira, que primeiro as palauras toquem na razão que na lingua, & nam sayão sem licêça do juizo, que ha de goardar a porta da boca. Isto he o q̄ dizia o propheta no psalmo: ponde Señor goarda a minha boca, & porta de circũstãcia a meus beiços. Lede a diuina Scriptura, tomay na mão os liuros dos sãctos doctores, e vereis claramẽte quam grande conta deuemos ter cõ as palauras

Pra. 10.

Pro. 18.

Ps. 140.

lauras como cõ descobridoras dos coraçõs
 ca como diz o antigo prouerbio: pelo canto
 se conhece a aue. Sancto Ambrosio no seu
 primeiro dos officios diz, q̃ sabio he o q̃ sa-
 be calar, & q̃ nos he necessario aprêder a ca-
 lar. E a verdade elle a diz, por q̃ o silêcio não
 dâna a ninguem, & o muito falar faz mal a
 muitos. Não ha espadas no mûdo que mais
 fangue tirem, & que mais gente matem, que
 mäs linguas. A lingua he de feyção de ferro
 de lança, mas muito mais perigosa & danno-
 sa, porque a lança fere o corpo, & a lingua
 a alma, a lança poem em risco a vida, & a
 lingua destrue a hõra: a ferida da lança fa-
 cilmente se cura mas a rotura da fama tarde
 ou nunca se solda. Muita conta se deue tercõ
 a lingua. Boca que sempre fala he bolsa sem
 cerraes, & porta sem ferrolho. No liuro dos

Nu. 19. Numeros mandaua Deos que a panella do
 defunto q̃ estiuessse sem çapadeira fosse im-
 munda. Que cousa he mandar Deos q̃ a pa-
 nella não estiuessse com a boca descuberta se
 não mandar q̃ cerremos as bocas & tenha-
 mos grande recado na lingua? Mas isto nã fa-
 zemos nõs: & o que pior he q̃ pela mor par-
 te quanto cada hum tem menos de sciencia
 tanto tẽ mais de pratica, & às vezes tam so-
 obre

Jobre per cima de escandalosa, q̄ senão pode
 nem deve sofrer, em especial quando os que
 falam se põe a desembuçar seus maos pensa
 mētos, & seus odios, iras, & enuejas por q̄ a
 enueja he a pedra d'agaçar em q̄ se a fiam as
 lingoas dos maldizentes pera cortar famas
 & honras alheos, tendo nas suas bem que co
 fer & cerzir, & ainda q̄ remendar. E he cousa
 estranha, q̄ como os praguentos encetam as
 hōras dos bōs, não descansam atē que de to
 do as não atassalhem & espedacem, e assi an
 dam matando famas vias, e fazendo dellas
 anotomia no mundo, sem se lembrarem da
 conta que lhe Deos ha de pedir, como ho
 mēs que cuidam que nunca ham de morrer
 & que tem a vida por sua pera sempre de ju
 ro & herdade. E daqui vem a nunca se emē
 darem, antes murmuram cada vez mais, ce
 uandose em roer famas de virtuosos, & assi
 gastam suas vidas em falar nas alheas, rou
 bando & pōdo a saca as honras dos homēs,
 falando nam sem tino, que o perdē tirando
 as redeas à lingua. Assicomo os vasos vaōs **Compa**
 tinem mais que os cheos, assi os ign orantes **raçam.**
 pola mor parte falam mais q̄ os discretos, &
 fazem mais mal. Assicomo o rio que muito
 enche & sae de madre, faz muito lodo, assi o
 que

q̄ muyto fala , & se espraya em palauras su-
 perfluas & odiosa , çuja a muytos & muyto
 mais a si sam Ieronymo diz, que auemos de
 considerar muyto tēpo o que auemos de
 dizer em pouco, porque depois nos não pese
 de termos falado. E nisto não hai que deba-
 ter, pois está claro que hai taes, que lhe seria
 melhor nam ter lingua, pois o melhor que di-
 zem he o que nam dizem. Sam Gregorio diz
 que bem fala quem bem cala. As muitas pa-
 lauras sam muitas vezes dānosas & pernicio-
 sas, ou ao menos ociosas & desnecessarias, &
 por isso se deuem de euitar , porque como
 diz sam Paulo: As palauras mãs corrompem
 os costumes bõs. E por nam gastar muytas
 palauras em as reprehender, ato todas estascõ
 aquelle nõ das de Christo q̄ diz, q̄ de toda a
 palaura ociosa auemos de dar conta no dia
 do juizo. Se nos ham de pedir cõta das ocio-
 sas, que sera das pestíferas? E pois as muytas
 vem a parar muitas vezes em pestíferas , ou
 quando menos em ociosas, pera que he dese-
 jadas, nē louualas, senão temelas? Logo pois
 a practica he perigosa, & o silêcio seguro, não
 me parece , que tendes razão de vituperar a
 vida solitaria, por lhe falar a practica & con-
 uersação. Quanto mais que os solitarios ca-
lando

1. Co. 15

Mat. 12

lando falam cō Deos, & andando sōs estam
acompanhados de virtudes. E pelo cōtrairo
os destraidos & trastornados falando estam
mudos, & acompanhados estam sōs, porque
nem falam com Deos nem rē companhia de
virtudes. Mas se cō tudo isto vos não conten-
tar a vida totalmente solitaria, nua de toda
a practica & conuersação, como he a eremiti-
ca, ao menos contēteus a vida solitaria dos
retraidos, que tem a seus tempos suas hone-
stas & doces cōuersações com pessoas raras
& virtuosas, alheas de interesses & negocios
mūdanos, gastando a mōr parte do tēpo em
seu recolhimento & solidão, vsando mais de
soliloquios q̄ de colloquios, porque os mui-
tos colloquios, em special se saō odiosos, cau-
sam muita toruação, & os muitos negocios,
& trafegos geram desgostos, escalam a cons-
ciencia, & inquietam o coraçã, fazendo an-
dar à caça com grande perfia, issem matar cō
ella senão a si. E daqui vem viuerem muitos
muy descontentes, & dizerem mal da vida q̄
tem, & querem emendar o mūdo, cada hū
ao seu modo, conforme a sua tençam, sendo
elles os q̄ auiam mister emēdados. Diz sam
Gregorio Nazāzeno, q̄ assi como hū homē
muito enjoado saindo do mar em terra fica

embaraçado, & parcelhe que toda a terra se
 moue, & anda ao redor, nam por q̄ a terra se
 moua, senão polo movimento q̄ elle traz cõ-
 figo caufado do mouimêto do mar, que lhe
 moueo os humores: assi hum corteiaõ mur-
 mura do paço, & dos principes, & blasfema
 da pouca justiça, & quer reger & emêdar os
 viuos & os mortos, parecendolhe q̄ anda to-
 da a terra errada & toruada, como à verda-
 de isto lhe venha dellefer o q̄ anda toruado
 & enjoado, mouido de mil impetos & descõ-
 tentamentos. Que gosto pode ter, quem ha
 cada dia d'ouir mãs repostas, auer maos
 despachos, indinat se cõtra hũs, sofrer contra
 võtade os outros, ver perdidos seus proprios
 seruiços, & cortados pela raiz todos os gar-
 fos de suas esperanças? Com que repouso po-
 de viuer o triste do coração, que está feyto
 hũa fragoa donde se forjam seus desejos nũ-
 ca compridos, & hũa bigorna onde se mar-
 tellam os seus trabalhos nunca acabados?
 Quanteu não sey que contentamentos podê
 ter homês que ora ardem com desejos, hora
 se congelam com desesperações, hora rim
 sem vontade, hora choram com ella, homês
 que seruem sem saberem porque, que nem
 se entendem, nem se acabam de determinar.

vazios nos pñamētos, vãos nos desejos, impacientes nos trabalhos, esquecidos quanto aos favores, rotos nas palauras, injustos nas obras, entedados em tratos illicitos, sofrendo cada dia mil desaventuras sem lhe poderem dar fim: antes por lho ellas não darem andam apontoando a vida com tam fracos espeques como são os de suas enganofas esperanças. Grande merce faz Deos a quē tira destes labyrinthios, & lhe dà hū pobre casal onde laure em terra suã cō boís seus, negociãdo cō os cãposq̃ nũca dão mã reposta, onde viva cõtente a seruiço de Deos, tirandose de gastos superfluos, esquecēdo injurias, refreãdo palauras, atalhando a desejos, pôdo limites a appetites, cortando esperanças, vigiãdo os dias cō alegria, & dormindo as noites sem sobrefalto, & finalmente onde descanse, não fazendo caso do mūdo, que o não faz de ninguém, mas tendo conta com Deos, q̃ a ha de pedir a todos. Que mais quer que isto, quem ve, que lhe vay continuamente fugindo a vida, & que o vay sempre seguindo a morte? Esta he a verdade, o contrario engano. Que mais quer hum Christão, que ter em paz hū pão com que se possa sustentar, & hum modo de vida quieto, cō que possa acudir a suas

necessidades, & servir a Deos em quietação
 O que descanso he o da vida solitaria, q̄ tran-
 quillidade, q̄ contentamento. Quê isto qui-
 ser ver ponha os olhos nos trabalhos & difi-
 trações dos seculares revoltosos, & verá a
 merce que Deos faz aos solitarios quietos.
 Alevantase de madrugada hum negociante
 matinado de seus cuidados, q̄ ate no somno
 nam dorme alheo de todo o repouso, solto
 do ceo, & atado cõ a terra, & a primeira cou-
 sa q̄ faz he cuidar em suas trãpas, vrdir teas,
 fazer redes em que cuidãdo que enreda a ou-
 tros enreda a si: finalmente a primeira cou-
 sa q̄ cuida he como ha de offender a Deos.
 Alevantase hũ solitario acordando às vezes
 ao tom dos roufines, & outras aues musi-
 cas, q̄ em amanhecendo o espertam cõ suas
 aluoradas & suaves cantos, com q̄ estam lou-
 uando ao criador, & em se erguêdo a primei-
 ra cousa q̄ faz he encomêdar-se a Deos, & oc-
 cupar-se em seus louvores, & pôdo os olhos
 no ceo suspira polapatria celestial, reza o of-
 ficio diuino, & cūpre cõ suas costumadas me-
 ditações & contemplações, & cõ isto ceua
 seu coração, deleitando-se grandemente com
 o suaue pasto do spirito. Que gosto ha no
 mundo que se possa com este da vida solita-
 ria

ria comparar? Que riquezas ha nesta vida q̄ cotejadas com estas nam fiquem area, ou outra cousa desta qualidade? Tudo ilto terá quem quizer acabar de conhecer o mundo & fugir de seus enganos, & desprezar suas vaidades, & telo por cousa que em nenhũa fez assento & firme aliceece. Ao mūdo se me crerdes, não o creais, por q̄ tem por manha enganar a quem lhe mais cre, debaixo de pouco outro escôder muitas fezes, sob color dũa verdade dizer mil mentiras, com hũ breue gosto misturar dez mil de gostos, & finalmẽ te procura mores males aos que engana com esperanças de mores bẽs, pera que he crer ao mundo pois he enganador: pera que he seguilo pois vay errado: pera que he ser uilo pois he ingrato: pera que he amalo pois he immigo? Elle abate os altos, & alevanta os baixos, honra os infames, & infama os famosos, tira as dinidades aos bõs, & da as aos maos: de maneira que o merecelas he a principal parte pera não alcançalas, por q̄ me de elle os merecimentos não cõ a vara da verdadeira justiça, mas com a medida da falsa opinião. He tam mã cousa o mundo que os seus proprios enlea & engana, falos pera os desfazer, & empinaos pera os derribar, & assi

Capitulo. VIII.

andam sem se entenderem, semelhantes ao fumo, que sobe & sobe, em fim na mór altura se desfas. Que se pode esperar do mundo, pois a sua esperança he desesperada, a sua alegria he triste, a sua paz he discorde, a sua honra he infame, a sua vida he morte, o seu bẽ he mal. Pois he destruidor de virtudes & favorecedor de vicios? Que se ha d'esperar do mundo, pois aos seus mesmos destrue? Os males fazhos por lhos fazer, & os bens por lhos tirar, & consente que ganhẽ, por q̃ percam, porque ja mais dà a mão pera sobit que nam de de pẽ pera derribar. E cõ todo isto acha muitos q̃ o firuã, os quaes de muyto inflamados na cubiça & ambição de suas cousas nõ acabam de entender seus enganos. E andão tam longe de deixarẽ carregos & officios inquietos & perigos, que antes os buscam per fas & per nefas, sem lembrança de seruiço de Deos não sò por satisfazer a sua opiniã, a que elles falsamẽte chamam honra, & por comprirem com suas vaidades & spiritos mundanos. E sobre isso litigam & contendem como sobre cousa honrosa & vtil pera a consciência. Assim como dous nauigantes q̃ coçobrado o nauio se lançaram ao mar, querendo contẽder sobre qual leuaria

hũa grande pasta de ferro dourado, se perde
 ram, porque elle com seu peso os leuou ao
 fundo, & os que a nã quizeram, escaparam
 do naufragio, & se saluaram em terra, assi os
 que debatem sobre magistrados e carregos
 pubricos, çoçobrado o navio defeu repouso
 se perdem nas duniçofas & perigosas ondas
 do mar do mundo, sem verê que as dignida
 des que pretêdem são pastas de ferro, q̄ ain
 daque de fora resplãdecem como ouro das
 apparencias de honra, todavia com seu peso
 os enleam, & metem no fundo, & aquelles
 escapam do naufragio, que conhecendo os
 enganos & embarços do mûdo, não curam
 de suas pastas douradas per fora, mas tem
 conta com suas consciencias, & se saem a ter
 ra firme da vida solitaria. Bem sey eu que
 taes hai, que com os pubricos carregos &
 gouernanças se saluam, porque usam beni
 delles, mas eu não falo senão daquelles que
 mouidos de ambição, os possuem, ou ao me
 nos desejam. E se me differdes que estes po
 dem ter tanta força que nadem com as pa
 stas nas mãos, digo q̄ onde ha ambição nam
 hai força mas fraqueza, & que toda a sober
 ba he pusillanimidade. Quãto mais que eu
 não falo de sua força nem esforço, senam de

sua inquietaçam & descontentamento. Como he possiuel viuerem elles quietos & contentes, pois nada os satisfaz, & todas ellas honras lhe parecem inda pouco, & lhe fazê mais sede d'outras mayores, & sempre se dam por agruados, & se queixam do mundo, & dizem mal da vida? Sempre lhe parece que lhe tiram o que se da a outrem, nam medem as merces, que lhe fazem com seus seruiços & merecimētos, mas tudo he fazer cõparações de si aos outros todos, querem entrar em cõparaçã & ninguē se quer medir per si. Daqui vem muitos a viuerē com o coração fistulado per dentro cõ mil desgostos & muitas vezes por ver se podem alcançar o que pretendem, trabalham por parecer bem a quem nam querem nenhū, mudando se em mais cores que poluos & quando vem q̄nem isto lhe aproueita, perdē totalmēte o repouso. Chamarlhe o Apostolo Indas Thadeu ondas do mar brauo, q̄ se desfazem nas escumas de suas cõfusoēs & estrellas erraticas de varios mouimentos differētes do das fixas situadas no firmamēto. E cõ estes mouimentos & inquietações andam bazcolejados, & trastornados, & confusos ate q̄ o mūdo enfadado ja de os enganar os vê de todo

Iud. i.

a de-

a destruir. Pera que he logo confiar no mundo, senão deixalo antes que nos deixe. E pelo mudo não entendais que entendo as criaturas em suas naturezas, mas os males, & os q̄ os seguem, q̄ são aquelles que trazê as almas mortas em corpos viuos, ca como diz sãto Augustinho falando do q̄ pelo peccado mortal mata spiritualmente sua alma, o seu corpo viuo he sepultura de sua alma morta.

¶ CAPITULO. IX.

Em que o Portugues mostra os enganos do mundo he a pouca confiança que nelle se ha de ter, per exemplos das historias antigas.

E Pera que claramente vejais os enganos do mundo, querouolos mostrar pelas humanas historias. O rico Cresso Rey de Lyuia alcançou tam grandes auares, & em tam menos tempo do que parece que a vontade os podia desejar, que não duidou chamar se felicissimo. E mostrando hũa vez seus thesouros ao philosopho Solam legislador dos Athenienses, preguntoulhe se sabia alguem mais bemauetudado que elle: ao qual Solam respondeo que si, & nomeoulhe certos homens ja defuntos de baixa sorte, mas

que viueram & morreram bem, porque esta
 cousa nam consista em riquezas, senam em
 perseverança de bõdade. E disse, que aq̃lles
 tenha por mais bemaumentados quelle, por
 que caso que fossem baixos na estofa, foram
 altos na virtude, & acabaram nella cõ hõra,
 & que elle nam sabia que fim aueria. E por-
 tanto que se não podia chamar bemaentu-
 rado, pois em quanto viuia neste miserauel
 valle, por alto, rico, & poderoso que fosse,
 estaua subjeyto às mudanças, variadades, &
 desauenturas do mundo. Esta foy a sentença
 deste philosopho, da qual se rio el rey Cressõ
 porque confiado em seu poder & grandes
 thesouros, tinha pera si que era impossiucl
 auer cousa no mûdo q̃ o podesse abater, &
 fazerlhe amaynar as velas de sua grandeza e
 presumpção. Mas depois se vio elle em tam-
 manha tormenta, q̃ amaynou de todo, sem
 querer mais que terse ao mar, & saluar, se po-
 desse, samente o casco de sua pobre fusta, &
 entam teue por verdadeiro o sesudo Philo-
 sopho lançador de contas, amigo de as fazer
 de perto, & de allomar ao longe o que podia
 acontecer, porque elle se vio vencido del rey
 Gyro, & vio roubar toda sua riqueza, & an-
 te seus olhos destruir sua terra, & assolar
 seu

seu reyno: & viõse injuriado em poder de
seus inimigos, os quaes depois de o aultarem
& encherẽ de opprobrios, o penduraram nõ
pao pera o queimarem. E vendosse elle na-
quella defaentura nu & despojado, & que
atẽ os seus o deixaram em tal tẽpo q̃ muyto
auia q̃ o seguiam, & que começaua ja arder
o fogo, q̃ auia de abraçar suas entranhas se lẽ
brõu da sentença do philosopho, e começou
com grandes vozes a dizer Solão Solão. Au-
thores sãõ desta historia Herodoto no j. li-
uro, & Plutarco na vida de Solam, & outros
muytos. Quem foy mais poderoso q̃ el Rey
Dario, & no meo de sua prosperidade foy
desbaratado & vencido de Alexandre, como
o conta copiosamẽte Quinto Curcio, & ou-
tros authores. Vindo Alexandre com todo
seu poder nam o reue elle pera lhe resistir &
vendosse em tempo que lhe compria mais
determinação que conselho, e que o seu exer-
cito era desbaratado, lançou a fugir torpe-
mente deyxando sua molher & filhas em
poder de seus inimigos & fugindo foy rema-
do & injuriado, & morto com grande des-
honra. Evẽdose sua molher & filhas desem-
paradas em poder de seus inimigos chora-
uam cõ tanta dor, q̃ a auiam elles dellas, por
que

que mostrauam elles tanta lastima nas palas
 bras, que lha punham a ellas nos corações.
 Nisto se tornou a potencia daquelle grande
 Dario rey da Persia, cõ que soiem espantar o
 mundo, por isso diz Aristoteles, como refere
 Stoben, que o homem he hum exemplo de
 fraqueza hũ despojo do tẽpo, hũa zombaria
 da fortuna, hũa imagẽ de inconstancia, hũa
 balança ouro & fio de enueja & desuentu-
 ra. O bom Phocião Athenies hum dos mais
 justos gouernadores na paz & dos mais ani-
 mosos capitaẽs na guerra que ouue antre os
 Gregos, aquelle em quẽ parecia q se achaua
 a religiãõ de Numa Pompilio, o esforço de
 Scipiõ, a prudẽcia de Quinto Fabio, a po-
 breza de Curio, a lealdade de Regulo, a con-
 stancia de Fabricio, a grauidade de Catam a
 seueridade de Torcato, depois de ter feytos
 muitos beneficios à patria: & de ser quaren-
 ta & cinco vezes magistrado, como o conta
 Sabellico, foy per enueja accusado, & condẽ-
 nado à morte. Este he o galardam com que
 a repubrica lhe pagou seus grãdes seruiços.
 E estando elle com o vaso da peçonho na
 mão pera a beber, q aquelle foy o genero de
 morte que lhe deram, diz Eliano, que lhe
 perguntaram, que deixaua encomendado a
 seu

seu filho, & que elle respondeo, que lhe man-
 daua que senão lembrasse daquella injuria,
 nem tornasse a Athenas mal por mal. Até
 nisto quis mostrar que era, & pôr o sello a
 sua virtude Bajazeto o gram Turco senhor
 da menor Asia, & da mór parte de Grecia, &
 finalmente hum dos mais ricos, poderosos,
 & temidos principes do múdo, ajuntou hũ
 exercito de perto de quatrocentos mil ho-
 mões de caualo, & infinidade de pé, & pelejou
 em campo cõ o Tamorlão, q̃ fora em outro
 tẽpo recoueiro, ou como outros dizẽ, pastor
 de ovelhas, & foy o gram Turco vencido, &
 seu exercito desbaratado, & elle foy tomado
 viuo, & metido em hũa gayola de ferro, on-
 de o Tamorlão o trazia, & cada vez que co-
 mia o fazia por debaixo da mesa como cão, Tamor-
 & o fazia comer dos ossos que lhe lançaua lam.
 da mesa, & quando canalgaua o fazia trazer
 & punha sobre elle os pès pera subir no ca-
 ualo, & assi o teue muito tempo, até que o
 triste Bajazeto morreo de paixam. E desta
 maneira o trazia per sua propria terra, subju-
 gandoa & destruindoa pera q̃ o visse naq̃lla
 defauentura, os que antes se espantauam de
 sua bemauenturança. Hũ dia pela manham
 se vio este gram Turco poderoso & alto rey

senhor d'hum exercito grandissimo, & de
 muitos reynos, delles herdados de seu pay,
 delles cõquistados & ganhados per si, e quã
 do veio à tarde se vio escravo, & companhei
 ro dos caës de seu senhor, captivo de hũ seu
 inimigo, que fora tempo, que não tiuera mais
 que hum çurrão & hum cajado. Estas são as
 variedades do mũdo, estas são suas mudan
 ças, as quaes se podem bem ver na historia
 destes dous principes Bajazeto & Tamorlá
 scripta per Fulgusio nas collectaneas, & per
 Cambino Florentino na historia Turquesa,
 & per Rauisio Textor na officina, & per ou
 tros. Que camelião hai que se mude em tan
 tas cores, que logo dos Trogloditas que fa
 çã tãtas mudançãas, que protheo, que mude
 em tam varias figuras, como o mũdo se mu
 da cada dia? Pera que he logo confiar nelle,
 pera que he dar credito a seus enganos, pe
 ra q̃ he sua cõuerçaçam, de que serue sua pra
 tica, pera que he senão fugir delle, & buscar
 hũa vida quieta & contemplatiua, & seruir
 a Deos com a ssofego, & chorar cõ muita cõ
 triçã as culpas passadas, & os annos mal
 espendidos? Por q̃ como diz sancto Augsti
 nho, a fonte das lagrimas he hum segundo
 baptismo.

CAPITULO. X.

Da comparação da vida actiua com a contemplatiua, & do primor de cada hũa.

A Gora acabo de crer, disse o Italiano, quã verdadeira he aquella sentença de Aristoteles que diz, que hũa das cousas que ha no mundo difficiles he julgar por erro aquilo em que naturalmente nos deleytamos. Digo isto porque per hũa parte estou vendo com quam bõas razões & authoridades fostes descubriendo os perigoss das praticas & conuersações do mundo, & quam claramente prouastes quã dânosas eram, & pela outra não posso acabar comigo a telas portaes, pola afeição que lhe tenho, & pelo contentamento, que nellas leuo. E certo que eu tenho por grande penitência deixar o gosto da pratica & conuersação, & conuerter isto em suspiros, & as alegrias em lagrimas. Quanto isso, disse o Portugues, he mais aspero, tanto he a Deos mais accepto, quanto mais q̃ o amor de Christo tira essas asperezas & faz parecer a cousa suaue. E a razão porq̃ Deos mandaua na ley que lhe offerecessem pombos he, porq̃ as suas musicas são gemidos, & em vez de câtar choram, ca os nossos can-

cantos ham de ser suspiros, & os nossos ver-
 fos & cantigas ham de ser entoados cõ salu-
 ços & lagrimas, & não com vãs alegrias, &
 ociosas praticas, & falsas deleitações. Esta he
 a causa porq̃ não offereciam a Deos calhan-
 dros, nẽ pintifirgos alegres em sua musica,
 mas pôbas tristes em seu canto. Isto he o q̃
 dizia o bom Rey Ezechias falando cõ Deos
 (Meditabor vt colūba.) E logo abaixo: (Re-
 cogitabo tibi omnes annos meos in amari-
 tudine animæ meæ,) Como se dissera: Medi-
 tarey como pomba cuidarey, & ante vossos
 olhos estarey trazendo à memoria todos os
 meus annos gastados em tribulações & an-
 gustias de minha alma. E el Rey David: Tra-
 balhey em meu gemido, lauarei cada noite
 o meu leito, resoluerey & desfarey meu cora-
 ção em chuua de lagrimas com que regue o
 meu estrado. A estes dous reys desejava de
 imitar o sancto propheta Jeremias, quando
 pedia a Deos q̃ conuertesse sua cabeça em
 agoa, & seus olhos em diluuiio de lagrimas.
 Isto faziam os santos no deserto quando sol-
 tauam os olhos ao choro, ajuntando em seu
 pranto o dia com a noite. Essa authoridade,
 disse o Italiano, q̃ vos trazeis das pombas te-
 nho eu q̃ milita cõtra vos, & he hũ grãde ar-
 gu-

gumento contra a vida solitaria. Porque perguntou o Portugues. Porq̃ se a vida solitaria, disse o Italiano, fora mais excellête q̃ a politica, mandâta Deos que lhe offerecerão melroas & solitarios, q̃ viuem em apartamêto, & não pombas q̃ viuem em seus pôbaes em cõgregação, & são aues domesticas & cõmunicatiuas. Esse, disse o Framêgo, he maravilhoso argumêto. E bem creio eu que se vos seõhor atentareis pera o que auieis de dizer, não o differeis, porq̃ vos não podeis negar, que pelas pôbas se entende a vida actiua, & se ella fora mã, não mandara Deos que lhas offereceram. Né eu digo, disse o Portugues, q̃ he ella mã, senão muito boa, & ainda vos digo que casos hai em que a actiua se ha de preferir à contêplatiua, como mais fructuosa em muitas cousas. Mas nem por isso se cõclue, que simplesmente falando he melhor que a cõtèplatiua, porque tambem Deos mandana que lhe offerecessem rolas, q̃ são aues solitarias amadoras de lugares tristes, & apartados, pelas quaes se entêde a vida cõtèplatiua, como o affirma o venerauel Beda sobre o segundo capitulo de sam Lucas, declarando aquellas palauras: (Par turturū, aut duos pullos columbarum.) Dous gene-

Leu. 23.

Beda.

Luc. 2.

ros de aues mandaua alli Deos que lhe offercessem rolas, & pombos: pelas rolas se entende a vida contemplatiua: & pelos pombos a actiua. Estas são as duas vidas dos homês, por q̃ a outra q̃ he gastada em seruiço da vôtade, empregada é vicios & deleytações, não he de homês, mas de brutos animaes: por isso falarey agora da actiua & contemplanua, q̃ são as de Deos se serue. E destas duas digo q̃ a contēplatiua he mais accōmodada à limpeza & pureza dalma. Isto quis significar a diuina Scriptura quando diz no liuro dos Numeros, q̃ pera Maria irmã de Moyses fer sam da lepra, a mandou Deos estar sete dias separada da gente, & quando diz no Exodo, que a mão de Moyses recolhida no seo estaua sam, & saida fora ficaua leprosa. Donde se colhe que a vida solitaria & recolhida he grande remedio pera euitar peccados, & grande mezinha pera a lepra dalma. Quê quiser sarar da lepra de suas culpas, apartese de más cōuersações, & metase no seo de si mesmo entrado em cōta cōsigo & auerã saude & reponso. E como estas cousas alegrem alma, segue se q̃ a vida solitaria, & contemplatiua traz consigo spiritual contentamento. Verdade he que hai muitos que lho

Num. 12

Exod. 4

nãO

não achã, mas isto não he por defeito della, **Compa-**
 mas delles. Afsi como os maos humores são **ração.**
 causa do estamago não achar gosto nas bõas
 igoarias, afsi os maos custumes fazem alma
 não gostar dos suaues contentamentos da
 vida solitaria. E daqui se conclue, que os re-
 ligiosos que nam gostam do recolhimento,
 mas folgam de andar distraidos & vagabun-
 dos, trazem na alma algũs maos humores.
 Afsi como arvore prantada num jardim fe- **Compa-**
 chado aproueita com seu fructo a seu dono, **ração.**
 mas prantada no caminho he colhida & ape-
 drejada dos caminhantes, afsi o religioso re-
 colhido dà fructo de religiam, mas se anda
 trastornado & embaraçado em negocios, &
 distrações, he roubado dos pensamẽtos que
 passam pello caminho de seu coraçam, sem
 aproueytar com obras de spirito, nem com
 fructo de deuação. E esta he a causa de não
 ter o spiritual contentamento, q̃ tem os con-
 templatiuos, aos quaes descobre Deos gran-
 des misterios. Isto quis significar a sãta Scri-
 ptura nas duas irmãs Lia & Rachel, quando
 disse, que Lia tinha doentes os olhos, & Ra-
 chel saõs & claros, porque per Lia, que co-
 mo diz sam Ieronimo, quer dizer trabalho-
 sa, se entende a vida actiua, & per Rachel,

Capitulo. X.

que como elle mesmo diz, que dizer cousa q̄
 ve a Deos se entende a contemplatiua, que
 té excellêtes visoões do alto Deos, & ve mais
 que a actiua. E porq̄ primeiro he a vida acti
 ua que a contēplatiua, diz a Scriptura, que
 Lia nasceo primeiro, & casou primeiro que
 Rachel. Donde veo a dizer Sam Ieronimo
 na epistola a Rustico monge q̄ quem quiser
 tomar vida eremitica, se exercite primeiro
 na actiua. E sam Gregorio diz que quem de
 seja subir à torre da contemplação, se ha pri
 meiro de exercitar no câpo das bõas obras
 exteriores. Demaneira q̄ quem quiser alcan
 çar o cume da vida contēplatiua, ha primeir
 ro de ganhar soldo no arrayal da actiua, de
 baixo da bandeira de Christo. Porq̄ querer
 entrar logo de supito na cõtēplação, sem pri
 meiro deixar os peccados, & exercitar-se nas
 virtudes, he cousa de pouco fructo, & ainda
 vos digo, que de muito perigo. Se hũ falcão
 estando nũa torre atado a hũa pedra cõ hũs
 fios, quiser voar ao alto, & penetrar as nu
 vés com a força de suas asas, caso que com o
 primeiro impeto se moua com tãta furia, q̄
 leue consigo a pedra, & voe algum tanto, to
 dauia cõ o peso da pedra ha de cair, & por li
 geiro & voador q̄ seja, ha de dar consigo em

Compa
 ração.

terra, & é vez de subir pera cima, decerá pera baixo. Bem assi o que quiser contemplar os altos & diuinos misterios, estando atado cõ os *víos* do custume á dura & carregada pedra do peccado, bem pode começar a meditar & cõtemplar, mas em fim com o peso do peccado & vida estragada dará grande q̄ da & em vez de subir pera cima, dara cõsigo no fundo. He isto como hũ dos emblematos de Alciato, onde me lêbra q̄ vi debuxado hum minimo cõ hũa mã aleuãtada cõ asas nella, como que queria voar, mas não sobia, porq̄ na outra mão, q̄ estaua pẽdente tinha atado hũ grande peso, que tiraua por elle pera baixo, & o leuaua ao fundo. E ainda q̄ elle isto applique a outro proposito, eu applico ao meu, approueitandome aqui do debuxo que fez, mas não da tenção com que o fez, nem da significaçam que lhe deu. O que se colhe daqui he, que a vida pera ser contemplatiua ha de ser limpa de peccados, que he o q̄ que rem significar as diuinas letras quando dizẽ no Levitico, q̄ não entrava Aaron no sancta Leu. 16. sanctorũ sem se primeiro lauar. E o q̄ Christo diz em S. Matheus, q̄ bẽauenturados sãõ Mat. 5. os limpos de coração, porque elles veram a Deos o que se entende não somete da visam

Capitulo. X.

beatifica da gloria, mas ainda que neste mudo se alcança per contemplaçam. Per onde esta claro, quanto os homês deũ trabalhar por se darem a vida contemplatiua, pois tẽ tam excellentes visoẽs & reuelações. E alem disto he ella mais pacifica que a actiua, & mais acompanhada de confiança, & mais repousada, q̃ sãõ tres cousas grandes, & dinas de nellas empregarmos os desejos. Todas estas tres cousas tocou breuemẽte o diuino Propheta Esaias aos trinta & dous capitulos de suas visoẽs quãdo disse falando da vida contẽplatiua, (Sedebit populus meus in pulchritudine pacis & in tabernaculis, fiducia & in requie opulenta.) Como se differa estarã o pouo dos contemplatiuos assẽtado na fermosura da paz & nos tabernaculos de confiança, & no rico repouso. Em dizer que estarã assentado, & não andarã em pẽ, nota a vida contemplatiua, o que significou sam

Isa. 5.

Luc. 10.

Lucas quando disse, que Maria Magdalena estaua assentada aos pès de Iesu, & q̃ Marta andaua em pẽ solícita & turbada, por q̃ a vida cõtẽplatiua significada per Maria cõsiste em repouso, & a actiua significada per Marta em mouimẽto. He tam alta cousa a vida cõtẽplatiua, q̃ consiste nella a bẽaueturancã

ça, q̄ hũ homẽ neste mundo pode alcançar. E q̄ isto assi seja prouoc desta maneira. Sentença he não somente dos philosophos, mas dos theologos, que a sũma bẽauenturança desta vida consiste na obra da virtude, & como aja duas maneiras destas obras, hũas do torpo, outras d'alma, & as d'alma sejam mais excellentes que as do corpo, claro estã que nas obras da alma consiste a sũma felicidade, & como a alma tenha tres potencias memoria, entendimento, & vôtade, & o entendimento seja a mais illustre & excellẽte de todas ellas, segue-se q̄ ha de ser na obra delle, & como a obra do entendimento seja contemplar, claramente se conclue, q̄ na contemplação consista summa felicidade desta vida. Mas esta contemplação, como ja disse, ha de ser liure de peccados & acompanhada das virtudes assi theologaes como moraes, de maneira q̄ o cõtemplatiuo resista a todas as mãs tẽtações, esperando a razão, & fortalecendo com ella a torre d'alma, atalhando de tal maneira os passos a sensualidade & cerrando cõ tanta força as portas aos maos desejos, q̄ por nenhũa via possã entrar & metterse dentro na fortaleza d'alma, & tomar posse della, antes ha de ter tal vigia & con-

Capitulo. XI.

emplação, q̄ estando na terra chegue cõ as
ameas ao ceo, e estè à vista da gloria dos san-
ctos, conuersando ja cõ elles, & abraçando se
na bemaumentada chama do diuino amor.
Esta he a perfeiçam da philosophia christãã,
& a q̄lle alto estado a que o homẽ nesta vida
pode chegar: & pera o alcãçar he necessario
deixar o caminho do appetite, & entrar no
do spirito cõ a guia da razão, pedindo sem-
pre a diuina graça, & o lume do Spũ sancto.

C A P. XI. E F I N A L.

¶ Em que o Portugues mostra que a contem-
plação conuem ao homem segundo a mais
excellente das potencias dalma, & conclue
sua pratica, & o Italiano declara o que
vio & notou em Portugal.

COMO o homem conste de duas partes,
corpo corruptiuel & caduco, & alma ra-
cional & immortal, a qual cotejada com o
corpo se pode chamar cousa diuina em res-
peito da humana, & contemplação conue-
nha ao homem segundo alma, & segundo a
mais excellente de suas potencias, que he o
entendimento, segue se q̄ lhe conuem segun-
do aquillo que nelle he racional & imortal,
& mais alto & excellente. E como quer que
o ho

O homem seja nesta parte differente dos brutos animaes, tendo a outra, que he o corpo, com elles cômum, segue-se que a contemplação conuem ao homem segũdo aquillo, q̃ o faz homẽ, & diferente dos animaes irracionaes, & per cõsequente q̃ he mais segũdo sua natureza, pois consiste nas obras da alma intellectual, que a vida actiua, que consiste nas obras do corpo, o qual he commum ao homẽ cõ outros animaes. E como na quillo, que he mais segũdo nossa natureza, achemos mais deleitação e suauidade, segue-se q̃ a vida contemplatiua he mais deleitosa & suauẽ que a actiua. E se lhe nos nam achamos este gosto, he porque nam viuemos segũdo a natureza, mas seguimos sua corrupção. Quanto mais q̃ ainda q̃ a vida contemplatiua não fora mais segũdo nossa natureza que a actiua, bastaua pera lhe acharmos mais gosto ter ella por objecto a Deos, tendo a actiua como tem por objecto ao proximo, quero dizer q̃ a vida cõtèplatiua direita & imediatamẽte pertẽce ao amor de Deos, & actiua mais directamente se ordena ao amor do proximo, & o diuino amor traz cõ si suauissima deleitação. E dado que a vida contemplatiua quanto à mesma essencia

Capitulo. XI.

da acção pertença ao entendimêto todavia quanto ao que o moue a exercitar a tal operação, pertence a vontade, donde procede o amor, & onde estam as virtudes moraes, as quaes ainda que essencialmente não pertencam à vida contemplatiua, pertencelhe dispositiuamente. Por estas & outras muytas razões conclue S. Thomas na secunda secunda, que simplesmente falando, a vida contemplatiua he melhor, & mais excellente, & de mayor merecimento, que a actiua, cõ o qual se vão cõmumente os outros doctores, que depois d'elle tractaram esta materia: porque todos os que tiueram altos espiritos, & quiseram falar propria & grauemente, & defender a verdade com modestia, se arrimarão à doutrina & modo de S. Thomas, pedra preciosissima & gloria da ordem dos pregadores como a firme colūna, cofre & receptaculo das verdades theologicas, & o seguirão como a principe, que elle he, dos doctores scholasticos, muitos dos quaes eu aqui pudera allegar, pera prouar minha conclusam. Mas pera que he gastar tempo em recitar doctores, pois sabemos que aquelle doctor diuino q̄ decco do ceo a terra pera ensinar o caminho da verdade aos mortaes, q̄ andauam em

brenhados nas matas de sua ignorancia, perferio claraméte a vida cõtêplatiua a aãtina, quando disse fazêdo cõparaçam de Marta a Maria, que Maria escolhera a melhor parte. Estauam alli as duas vidas, & a fonte da vida perferindo hũa a outra, não que condénasse a aãtina, mas como diz sancto Augustinho, fez antrellas differença, & approuandoas ambas, mostrou ser a cõtêplatiua melhor que a aãtina. Esta he a verdade, esta he a doutrina de Christo, e não tem q̄ duvidar a malicia humana, no que affirma a bõdade diuina. He tam sublime a cõtêplação, q̄ muytas vezes esta hum homem tam enleuado, que a mente não cabendo em si se aleuanta sobre si mesma, & como chama de fogo parece q̄ cresce pera cima, inflãmada no fogo do diuino amor & desejo celestial. E às vezes allumiada cõ o diuino respládor, suspêsa com a admiração da diuina fermosura, chea de sua uissimo cõtentamêto, he arrebatada & enleuada, & como engolfada no pego da deçura & charidade sente tam marauilhosa consolação, que se não pode per palavras exprimir, porque passa alem da raya & demarcaçam do juizo vulgar. E pois na vida solitaria se acha tam grande bem, & aos dados a ella cõ

suas

Luc. 10.

Capit. XI.

suas orações, & scripturas, & cōtemplações,
 & exemplo de vida, aproueitam não somen-
 te a si, mas a todos, esta claro, q̄ he ella mais
 excellente, & fructifera no spiritual fructo,
 & de mais alta empresa que a publica & da-
 da a negocios. Verdade he que a vida mistu-
 rada de actiua & contēplatiua he de mais
 quilates que a contēplatiua sò, porq̄ tem
 hũa cousa & outra, em especial tendo mais
 da contēplatiua, demaneira que acudin-
 do em seus tempos à cōtemplação & acçã-
 lhe fique o principal, & a substancia, & o no-
 me de vida contēplatiua & solitaria. E cō-
 tudo isto digo q̄ a vida solitaria & contē-
 platiua nam he pera todos. Assim como nũa
 nao hūs mandam, outros obedecẽ, hūs estã
 na proa, outros na popa, outros na cuberta,
 hūs alargam, outros tiram, hus tem hũ offi-
 cio, outros outro, porq̄ a estarem todos nũa
 parte faria a nao pendor, & a estarẽ todos hũ
 officio, não se poderia governar, assi na repu-
 blica hūs ham de contēplar, outros ham de
 despachar, hūs ham de rezar, outros de pele-
 jar, hūs ham de cultiuar a terra, outros ham
 de reger a cidade, finalmete hūs ham de ter
 hũ officio, outros outro, porq̄ a todos que-
 rerẽ fazer hũa mesma cousa, a republica pẽ-
 de

deixa à bãda, & não se poderia sustentar. Isto he o q̄ se me offereceo pera apontar acerca da vida solitaria, & nisto não tenho mais que dizer. O q̄ vos peço he, que leueis em conta minhas palauras mal cercadas, & pouco polidas como ferro martelado sem mais lima, nem perfeçãõ. Assim como o nouel & bayxo Compã illuminador não sabe mais que assentar as principaes linhas do debuxo, sem as ornar cõ a lindeza & fermosura das viuas & naturaes cores, nẽ saber per arte de perspectiua fazer parecer altos & baixos, & lóges, & pertos na palanra igoal, assi eu estiuẽ debuxado cõ as linhas de minhas rudes palauras a vida solitaria: & isto q̄ disse, he hũa imagẽ & retrato della, não feito per mão do nosso Olanda nẽ do vosso Michael Angelo, mas per meu baixo ingenho, sem afermosentar o debuxo com o lustro & viueza, & sombras, & perspectiua da eloquẽcia. Tudo isto he hũ fiado grosso, tirado de meu estudo, ordido em minha fraca memoria, tecido, & lãdrado com a fragil mão de meu baixo ingenho, & barbaro estilo. Por certo, disse o Italiano, vos tratastes esta materia com tanta erudiçãõ, & tambem trazida, assi das letras diuinas, como das humanas, & cõ tam claro & distinto

Capi. XI.

estilo, que se não pode melhorar, nã ha contra isso que dizer. Ca pois he tãmanho o fructo & repouso da vida solitaria, quem sera tam alheo de consideração, q̃ a vitupere, que sera tam inimigo da spiritual riqueza, que a não deseje, pois não ha no mundo tam rica tenda, nem mina tam cheia de tam preciosos thesouros? E ainda que no principio contradissemos vossa opinião, não vos pareça que estauamos cõtrayros a ella, q̃ bem sabiamos quanta excellência tem a vida solitaria sobre a publica & secular, mas quisemos oppugnar vossa sentença pera vermos a oratoria cõ que a defendeis, q̃ certo nos satisfez muito. Ao menos eu, disse o Framẽgo, tenho tanto contentamento com vos ouir, que não sinto agora cousa, q̃ mo tanto podera dar. Queira Deos, disse o Italiano, leuarnos a Bolonha, & acabada nossa peregrinaçam darnos essa vida solitaria, que tanto engrandecestes, que certo vimos cansados d'andar pelo mudo vèdo diuersas terras, & varios costumes. Folgara de saber, disse o Portugues, o que vos moueo a esta peregrinaçã. Ainda, disse o Italiano, q̃ se juntaram muitas cousas, todavia o principal foy, ver homens doctos, & communicar com elles. Excitou nos muito a isto

Termos nas antigvas historias, que o famoso Pythagoras foy à Cidade de Memphis , & correo o Egypto, pera ver os sabios q̄ nelle residiam. E Platão q̄ na sciência vence os Philosophos, & na eloquencia deixou a tras os oradores, veo de Athenas àquella parte da nossa Italia, que naquelle tempo se chamaua a grande Grecia, & agora se chama Calabria, a verse cõ Architas o philosopho Tarantino. Pois Homero, ao qual per consentimento de toda a Grecia foi dada a palma da poesia, & cometido que emedasse a lingua Grega, como o affirma Archiloco Chronographo no seu liuro dos tempos, pera mostrar a perfeiçã do seu Vlysses diz delle, q̄ vio muitas cousas no mûdo, & q̄ passou grandes trabalhos per mar & per terra: o que tambem faz Vergilio ao seu Eneas. E acabounos de moner a isto Philostrato historiador antigo na vida que escreueo de Apolonio o philosopho, onde diz delle, que foy a Persia, & passou o alto monte Caucaço, & atraveçsou a terra dos Albanos, Scytas, Massagetas, & entrou na India Orietal & passou o profundo rio Ganges por ir ver Hiarcas o philosopho que lia na academia do Oriente. E dahi deu a volta pelos Elamitas, Babylonios Medos.

Assi

Assyrios, Parthos, Palestinos, Egypcios, & Ethiopicos. Em fim q̄ andaua apos as letras q̄ parece q̄ lhe hiam fugindo pelo mūdo, & hia buscando homēs doctos, com q̄ cōmunicasse, & de quem aprendesse, & pera q̄ visse os custumes, trajos, regimentos, & diuersidades de governanças das republicas, reynos, & imperios, & os edificios, & sitios, & nobreza das cidades, cō suas antigualhas, & outras cousas que ha pelo mundo pera ver, & contar. E cō ter andado tantas terras lhe pareceria ainda que erāo poucas, & a nōs cō termos visto poucas nos parecem muitas, ca nō vimos mais que Italia, com o Piamōte, & França com a Saboya, & hum pedaço de Frandes, & Espanha com seus reynos & provincias. Que cousas, disse o Portugues, notas em Portugal, que vos melhor pareceis? Muitas respondeo o Italiano, mas de todas tocary samente algūas poucas. A primeira foy o zelo da fee dos principes, & sua virtude & religiāo com q̄ excitam o pouo ao mesmo. A segunda ver a cōtinua paz q̄ tem com os Christāos, & a perpetua guerra com os infieis. A terceira ver o grande amor que todos os Portugueses tem cōmunmente a seu Rey, porq̄ eu pergūtey por el Rey dō Ioam

o terceiro deste nome, q̄ pouco ha faleceo, a
muitos Portugueses, & não ouue nenhũ q̄
o não louuasse cõ palauras de muito amor,
& lealdade, cõ muita dor de sua morte. Não
he muito, disse o Portugues, porq̄ alẽ de os
Portugueses terem isso que dizeis, ~~esta~~ esse
Re y que nosso Señor tem em gloria, digno
de ser amado de todos, porque foy elle muĩ
catolico, & amador das cousas de Deos, pru
dente no conselho, humano na audiência das
partes, largo nas merces, certo no q̄ prome
tia, graue no que mandaua, justo no q̄ julga
ua, sofrido & cõstante no q̄ lhe succedia, con
seruador da paz, fauorecedor das letras, pay
das religiões, amigo de seu pouo, finalmẽte
teue todas as partes q̄ ha de ter hũ Rey ca
tolico, pera se com razão poder chamar fere
nissimo, & verdadeiro Principe Christão.
Essa he logo a causa, disse o Italiano, de to
dos sentirem sua morte, & representarem a
dor que teueram com ella, com palauras de
muito sentimento. Bem q̄ a isto ajuda muĩ
to a lealdade dos Portugueses afamada per
todo o mũdo, a qual alem de se mostrar em
muitas cousas, se ve claramente na cõquista
da Africa & Asia, que tendo elles conquista
das muitas cidades, & grandes reynos, & ga

nhadas as Indias, até o cabo do mundo, onde fizeram em armas façanhas tam espantosas que excederam as dos Gregos & Romanos & alcançaram pera si perpetua memoria, nunca lá oue Portugues, que se alleuantasse & rebellasse a seu rey, o que nunca me lembra q̄ lesse de nenhũa outra naçam. A quarta coisa foy a vniuersidade de Coimbra outra Athenas de Grecia, cheia dos mais excellentes letrados da Europa em todas as faculdades. A quinta foy a nobreza, riqueza, grandeza, e sumptuosidade de Lisboa, cidade antiquissima, & edificada pelo grande Vlysses com o mayor & mais rico almazem do mundo situada ao longo do Tejo, onde se elle com suas salgadas agoas alarga tres legoas, apar donde se vay meter no gran mar Oceano, rio famoso, rico em pescaria, & areas douro, como o affirma Plinio, & o confirma Solino, & outros authores. O qual tomou este nome de Tago, quinto Rey de Espanha tam antigo, que affirma Beroso neste liuro que delle temos: que foy trezentos e setenta & oito annos antes da fundaçam de Troya. Ainda que hum vosso Portugues diz, que nam he este liuro de Beroso, & fez contrelle & contra algũs outros hũas censuras, que a

meu ver mereciam césuradas: sem embargo
que he elle muito docto, & de varia erudi-
ção, & grande eloquencia. Mas tornando a
Lisboa, digo que me parece, que o mundo
he hum anel, & ella he a pedra preciosa do
anel. Parece-me que he Lisboa hũa praça &
feyta de todo o vniuerso, & o porto de Be-
lem he a boca desta praça, onde está situado
o mais bello, & sumptuoso, & insigne mo-
steiro de quâtos se sabẽ no mûdo, pouoado
de muitos religiosos, e excellêtes varões, af-
si nas virtudes como nas letras. A estas pala-
uras se nam pode ter o Portugues, que nam
derrama sse hûas raras lagrimas de soidade,
q̃ não pode encobrir, ca o amor vêceo a dissi-
mulaçã. Aqui ficou o Italiano algum tanto
enleado, mas logo lhe pareceo, que o Portu-
gues, q̃ religioso era, deuia ser daquelle mo-
steiro, pelo habito de Sá Ieronymo, que tra-
zia, mas pera se certificar perguntoulhe que
causa fora a da q̃llas suas lagrimas. E bem lhe
quisera elle a isto responder mais sobre si, se
a multidam dellas lhe nam fora a mão: mas
assicomo pode lhe disse q̃ se mouera cõ ou-
tir nomear o misterio de Belem, onde elle
viuera muitos annos cõ muito cõtentamen-
to, & que lhe fizera tanta tristeza a soidade.

Es a da

Capit. XI.

da sua cella, & da doce & sancta conuersaçã dos religiosos, que não podera ter as lagrimas. Entam lhe contou breuemente como fora enuiado sobre negocios da ordem, & tornaua caminho de Belem. Deos vos leue là, disse o Italiano, com paz & a saluamento, & de fim a nossos trabalhos, & perigos, que certo temos passados tâtos, que senam podẽ contar. Pelos q̃ eu passsey, disse o portugues julgo os q̃ vos passareis, & se eu não desejo fim aos vossos, nunca a eu veja aos meus. Mas como ver muytas cousas açacala o ingenho, & desta vossa peregrinaçam vos resulta muyta experiencia, & prudencia, & conhecimẽto de grandes & varias cousas daya por bem empregada, que em fim quem alcãçou algũa notavel cousa, q̃ lhe nam custa se pena, nũca della teue muito gosto, ca entam he mais estimada a hõra, quando as pessoas com mais risco se auenturam a alcançala. O que vos peço he, que busqueis hũ repouso solitario, & vida quieta, pera descanso de vossos trabalhos acabada vossa jornada que assi espero eu ã Deos de fazer aos meus acabada a minha. E entam tirarey a limpo algũas cousas insignes, que vi per estas terras, & passsey cõ homẽs de ingenho, que pretedẽ

abalisar-se no estudo das letras, & na liçã das historias antigvas, & no conhecimẽto de diuersos costumes, & varias terras & nações, é especial esta pratica, q̃ aqui tiuemos, ey de por ê lingoagẽ Portuguesa, pera a poder em Portugal cõmunicar cõ meus amigos. E por q̃ isto he noite, recolhamonos pera o lugar q̃ daqui está apparecido. Recolhamos, disse o Italiano, pois se ños encubrio de todo a clara luz do sol, deixãdonos metidos na escura sombra da terra. Pouco impedimẽto faz, disse o Framẽgo, a escuridão do ar, quãdo a luz do entẽdimẽto fica cõ seu resplendor. Digo isto, por q̃ ha muitos dias q̃ desejava d'ouuir tractar esta materia da vida solitaria, porque tendo hũs suspiros della, aßombraname por outra parte hũa neua de temor, que me cubria o entendimento, a qual com esta pratica fica desfeita, & elle allumiado com o conhecimento de muitas cousas em tambreue espaço alcançadas, q̃ parece q̃ se anticipou o effeito ao desejo. Nisto se aleuantaram todos tres, & se foram á pouxada praticando em seus trabalhos, & cõsolãdose hũs aos outros, ca o spirito cansado quer com quem descanse.

¶ Fim do dialogo da vida solitaria.

DIALOGO

Da lembrança da morte.

INTERLOCUTORES,
hum pay, & hum seu filho.

¶ CAPITULO. I.

Do descuydo que temos na vida, & da lembrança que deuemos ter na morte.



M Italia, antre Sena & Florença, estando hum homê nobre, dado ao estudo das letras, em hũa quintã sua saio hũa tarde passear ao câpo, onde topou hum seu filho, que saira de casa ao mesmo effeyto. E estando o filho vendo hũs vultos de pedra q̃ alli estauam, que deniam ser estatuas d'algũs antiquos, que ouueram algũa asinada victoria naquelle câpo, onde estauam algũs ossos de finados, como que se dera alli em outro tempo algũa batalha, perguntoulhe o pay que fazia. Estaua considerando, respon-

deo

de elle, o artificio, proporção & viveza destas imagês, q̄ cõ serẽ cõ o longo tẽpo gastadas n'algũas partes, o q̄ estã saõ nas outras, estã tam viuo & tam ao natural, q̄ engana os olhos de quẽ as vê. E deste pensamento foy saltar noutro, q̄ me tem posto em admiração, que he contemplar a muita diligencia q̄ poẽ os homẽs em querer dar vida às cousas mortas, & morte às cousas vivas. Querem mostrar que dã vida às pedras, & nam atẽ tam que a tiram às almas, quando as matã spiritualmente pelo peccado. Folgo, disse o pay, de te ver occupado nesse pensamento, q̄ eu ja per vezes tiue: Porque às vezes pôdo os olhos nestas estatuas, & vendo a perfeçã de suas feições, estou admirado de ver o muito cuidado q̄ poẽ os homens pera as pedras parecerẽ homẽs, & o pouco que tem pera os homẽs não parecerẽ pedras. Vivemos tam esquecidos de nós, & tam estrangeiros do que temos por natureza, que com razã podemos ser comparados a estas pedras insensiveis, que tendo olhos nam vem, & orelhas não ouuem. Voa o tempo, & vay com seu discurso, annullando & consumindo as cousas, & a nós parecemos que se não muda passa nossa gloria, como se nunca fora, & cui-

Capitulo. I.

damos que sempre fica: ameaçanos a idade
 com a fim, & viemos com o somno quieto
 descuidados de seus sobressaltos, saõ as cou-
 sas do mûdo ocas & vãs & temolas por soli-
 das & maciças: saõ tam inconstantes, q̃ não
 tem mais firmeza que nunca serem constan-
 tes nem firmes, & nos temolas por de tanta
 constancia & firmeza, que lhe não pode fal-
 tar perpetuidade: & finalmente sendo tam
 desordenadas que não tem mais ordem que
 em a não terẽ, imaginamolas tecidas de tal
 ordem que não podem ter desordem. Que
 pensamentos teriam ja aquelles, cujos oslos
 ves semeados per esse campo? Aquellas per-
 nas, que caminhos andariam? Aquellas ca-
 ueyras q̃ imaginações teriam, quam infun-
 das nas falsas esperanças do mundo seriam,
 q̃ castelos de vento fariam? E em fim olha o
 em q̃ se tornaram, & o em que se tornarão, &
 o em que todos nos auemos de tornar. Segũ
 do minha idade nã pode tardar muito a mi-
 nha hora, & vou ja nas compretas de minha
 peregrinação. A tua hora nam sey quando
 seraa, que ainda não faiste dos termos da a-
 dolescência, mas em fim has de ter fim. Estas
 çousas queria eu filho que tu muytas vezes
 reuolueffes na memoria, porque he grande
 freo

freo pera o descuydo da vida a lembrança da morte. Isso, disse o filho, tenho bem experimentado: porque muytas vezes, de ter mal arrecadado o pensamento, me foge cõ grande perdição do tempo & anda vagueãdo & fantasiando mil vaydades, & prometendo-me vida perpetua. Mas quando vejo o fundo ás cousas, & conforme ao conselho que me senhor tendes dado, cuydo na morte, & como nos Deos tem sentenciado a ella, & me lembra aquillo de san Paulo: Determinado he aos homẽs morrer hũa vez, & aquillo que diz a igreja: Lembrate homem que es de cinza, & que te ás de tornar em cinza, metome per dentro: & tornando sobre mi, estou pasinado de minha ignorancia, & cõparome entãm a padecente sem juyzo, q̃ sendo condemnado â morte, assinada & pubrica da sentença, & dados ospregões, indo caminho da morte, vay com confiança da vida, deleytandose pelo caminho em vãos pensamentos, & apascentando os olhos cõ a fermosura dos deleytosos câpos. O q̃ tu filho, disse o pay, ás de fazer acerca do pensamento, ha de ser telo preso em ferros como escravo fugitivo, & occupalo em sanctos exercicios. E quãdo te fugir hum bom remedio pera o

Capit. I.

arrecaðares, & tornares a seu lugar, he essa
lêbrãça da morte, que dizes. E has de andar
cuidando & dizendo contigo mesmo. Eu ca
minho pera a morte, vou a juyzo, hã me de
tomar conta, & per força a ey de dar. Que
serà de mi quando forem abertos os liuros
& o caderno de minha vida se auerigoar cõ
o liuro da diuina justiça? Nisto has muitas
vezes de meditar, & haste cada dia de orde
nar, como se souberes que aquelle dia auia
de ser o derradeiro de tua vida, & ter a fim
diante dos olhos. Em fim se queres ser quẽ
deues ser, lembrate do que has de se, porque
a memoria da morte te fara cair na conta de
quem es, & conhecendo tua miseria não ad
mitirás as vans, & lisongeiras esperanças do
mundo, tam peregrinas & alheas de teu na
tural. Os olhos vendo as outras cousas não
vem a si mesmos, mas vendo hum espelho,
vemse a si nelle: assi nos conhecendo as na
turezas das cousas do mundo, vivemos sem
conhecimẽto de nos, mas tomando na mão
o espelho da memoria da morte, vêdo a elle
vemos nelle a nos mesmos. E aproueitamos
esta vista pera abater nossas soberbas vãs, &
faz desfazer a roda de nossa presumpção, &
excitarnos a temperar & moderar os gostos

&

& aluoroços do mundo: & finalmente aprou-
 neitanos pera nam peccarmos. E daqui veo Eccle. 7
 a dizer a Scriptura sagrada no Ecclesiastico:
 Lembrete das tuas cousas derradeiras, & nũ
 ca peccaras. Prophetizando Esaias a destrui
 Esa. 47.
 ção da soberba Babylonia, quando os Per-
 fas & Medos regaram suas ruas com o san-
 gue de seus moradores, diz: Nunca isto cui-
 daste, nem te lembraste da fim. Onde attri-
 bue as desauenturas dos Babylonios ao es-
 quecimento da morte cõ que viuia. A mes-
 ma consideração tinha Jeremias, quando cho-
 rando a destruição de Hierusalem com tãta
 magoa, q̃ não auia quẽ delle a não ouesse
 soltou na primeira lamentaçam estas pala-
 tras: Peccou Hierusalẽ, & por isso foy perdi-
 da. E declarando estes peccados disse: Não
 Thre. r.
 alimpou as çugidades dos pés, nẽ se lãbrou
 de sua fim. Como se dissera: A causa da per-
 dição dos moradores de Ierusalẽ fuy descui-
 do na vida & esquecimento na morte, porq̃
 nam lauara as afeições, q̃ são os pés dalma,
 que tinham çujos & cõtaminados, nẽ se lem-
 braram q̃ auiam de morrer. No Deuterono-
 mio falando a Scriptura nos homẽs esqueci-
 dos de Deos diz: Gente sem conselho & sem
 prudencia, prouesse a Deos que soubessem
 &

Capit. I.

& entendessem as cousas derradeyras. Estas
 cousas vltimas que auemos de prouer, & em
 que auemos de cuydar pera nos saluarmos,
 saõ aduersidades de mortes, que cada dia se
 acontecem. Alludindo a isto Sam Hierony-
 mo nua Epistola a Cypriano diz: Acordate
 de tua morte, & nam peccaràs: que aquelle
 que cada dia se lembra que ha de morrer,
 despreza as cousas presentes, & caminha de
 pressa pera as futuras. Sancto Augustinho
 diz, q̄ nenhũa cousa aysi reuoca do peccado
 como a frequẽte meditação da morte, & chã
 malheremedio de culpa. Isto sentia bẽ Phi-
 lonorio Galata, como conta Heraclides, &
 refereo Marullo author moderno, q̄ seis an-
 nos morou em sepulchros de mortos, pera
 se lembrar da morte. E dos Brachmanes phi-
 sophos Orientaes, contam as historias q̄ an-
 dauam tam metidos per este pensamento,
 que tinhã abertas as sepulturas às portas de
 suas casas, pera q̄ entrãdo & saindo per ellas
 não perdessem da memoria a lembrança da
 morte, pera não peccarem. E pois da lem-
 brança da morte procede euitar peccados,
 segue-se que do esquecimento della procede
 cometelos. Não samente os Christãos, mas
 ainda os Gentios entenderam quanto a lem-
 bran-

brança da morte aproueytaua. Seneca nũa epistola, onde tracta do aparelho pera bem morrer, diz: Tu, pera que nã temas a morte cuyda nella. E Quintiliano na segunda declamaçam, diz que não ha pior morte que a que vem toda jũta, sem se antes cuidar nella. Lembrame que li em Horodoto author Grego & antigo, que era custume antre os Egypcios no principio dos bāquetes trazer a mesa hũa figura de pao hũ homem morto muyto pelo natural cõ aquella cor com que a morte cobre aos seus conuidados, & o q̃ a trazia dizia a cada hũ per si: Quando comeres & beberes, & te deleitares, olha pera esta figura, q̃ tal has de ser. Aquella era a primeira igoaria q̃ se trazia à mesa, q̃ era a salsa em q̃ todas as outras se molhauam. Em muitos dos banquetes de agora se comem vidas alheas, e naquelles se moderauã as pprias: Assim como agora a ordinaria igoaria, he a murmuração da vida, assim entam era a lembrança da morte. A mim me parece, disse o filho que hahi agora muitos q̃ se riram disso, sem embargo que o custume me parece excellente. E eu, disse o pay, rirmey de quem se disso. Digam elles o que quizerem, que eudigo que a meu fraco juyzo ella era hũa das milhores

Capit. I.

Ihores & mais medicinaes igoarias q̄ se po-
 diam trazer em principio de meſa. E não di-
 go eu ſomente nos banquetes, mas ainda em
 muitas outras partes deniamos trazer debu-
 xada ante os olhos d'alma a morte, com hũa
 letra que diſſeſſe: Memoria pera eſquecidos
 Nũ author moderno li, & parece q̄ o devia
 elle tirar d'algũ antigo, q̄ a primera couſa q̄
 antiguamente ſe apresentaua ao Emperador
 o dia de ſua coroaçam eram pedras pera ſua
 ſepultura. Eu vi com meus olhos na coroa-
 ção do Papa Pio Quarto, irem queimando
 diante delle hũas eſtopas, em cima de hũa
 haſte, com hum pregam que dizia: Padre fan-
 to, aſſi paſſa a gloria deſte mundo. No meo
 daquella feſta de tanta gloria & ſolénidade
 lhe hiam trazendo à memoria a fim das cou-
 ſas do mundo. E he eſta cerimonia a meu
 ver muy excellente, polo proueito que traz
 conſigo a lembrança da morte. Os verdes
 & graciosos jardins, os altos & ſumptuoſos
 edificios, as vãs & falſas deleitações com to-
 das as riquezas & prosperidades da vida, ſão
 alambres, que não alevantam nem atrahem
 a ſi o ferro, mas as palhas, quero dizer, que
 não tiram de ſeu ſentido aos homẽs fortes
 & couſtantes, mas aos fracos & mudaueis.

Epelo contrayto a lembrança da morte he
 pedra de ceuar, que alevanta o ferro, & não
 as palhas. Húa das escolas & academias on-
 de os homês aprendem a bem biuir, & bem
 morrer, & a conhecerse a si, & a ver o q̄ são
 & o em que se ham de tornar, & o em q̄ ha-
 dir parar a fermosura corporal, & a vã prof-
 peridade do múdo, he a meditação da mor-
 te. Isto quis significar o alto Deos, quando
 disse a Jeremias que decesse á casa onde se la Iere. 18
 urara o barro, que queria ahi falar com elle.
 Que casa de barro he esta senão a sepultura,
 onde nos Deos manda que deçamos com o
 pensamento, pera nos ensinar a breuidade
 da vida, & a miseria humana? Ca a medita-
 ção da morte he a escala da alta sabedoria.

CAPITULO. II.

Em que o pay prosseguindo sua pratica vay
 descobrindo o engano da fermosura
 do mundo, & como auemos de
 passar da consideração
 das criaturas à do
 criador..

SE os homens cuydasssem na morte, nam
 lhe pareceriam bellas as cousas do mun-
 do.

Capi. II.

do: porque considerando quam presto ellas auian de acabar, & elles com ellas, não lhe achariam nenhũa fermosura. Donde veo a dizer hum author, que o esquecimento da morte faz o mundo fermoso. E este he hum grande mal que elle traz consigo. Que mal he disse o filho, pareceruos fermoso este mudo? Eu to direy, respondeo o pay. Procede dahi enganarnos & tirannizarnos, porque como diz Theophrasto, a fermosura he hum engano mudo, & como diz Socrates, a fermosura he hũa tirannia de pouco tempo. Hum lhe chama engano, outro tirannia. E enganandonos o mundo com esta falsa & apparente fermosura, affeyçoamonos a elle, & seguimolo, sem acabarmos de entêder sua tirânia. Assi corremos tras elle como tras quẽ nos leua enganados & roubados os desejos. E quãto mor he o roubo q̃ nos faz, tanto mor he o amor q̃ lhe temos. E este amor do mundo expelle o amor de Deos: porque estes dous amores nũca se poderam amassar. Antes, como diz sancto Augustinho, fizerão duas cidades differentes. O amor de Deos fez Ierusalem, & o do mundo Babylonia. Demaneira que não podem fazer parçaria. Traz pera isto sam Cypriano esta compara-

ção.

ção. Assim como hũs mesmos olhos não podem olhar para a terra & juntamente para o ceo, assim hũa alma não pode amar juntamente ao mundo & a Deos. Porque como a alma mais estè onde ama que onde anima, ca o amor a leua à cousa amada he impossivel que hũa mesma alma num mesmo tempo se alevantè & vna com Deos, e se abaixe, & lie com o mundo. Hora, que mal pode ser que deyxar o amor de Deos polo do mundo? Quanto mais que de amarmos ao mundo procede seruirmolo, & como ninguẽ possa servir a dous senhores, que mandam cousas contrayras, como diz Christo nosso Senhor em sam Matheus, & Deos & o mundo sejam dous senhores que mandam cousas contrayras, seruido ao mundo deyxamos a Deos, & deyxando o perdemolo, que he a maior perda que se pode imaginar: & perdendo a elle ficamos nõs perdidos. Ves logo aqui quanto mal faz o esquecimento da morte, em nõs fazer parecer o mundo fermoso, & imaginar molo qual elle não he. Porque para bem, o mal não nos ha de parecer bem, nõs ha de parecer as cousas senão aquillo que realmente sam. Desejo de saber, preguntou o filho, como isso pode quadrar com outra

Mat. 6.

cousa, q̄ lhe eu senhor ja ouui. Que cousa?
 disse o pay: A mim me lembra, disse o filho,
 que lhe ouui louuar hũa vez aquella senten-
 ça de Thales o philosopho, hum dos sete sa-
 bios de Grecia, relatada per Laercio, que di-
 zia, que das cousas desta vida, a mais ligeira
 era o pensamento, a mais forte a necessida-
 de, a mais sabia o tempo, a mais fermosa o
 mundo. Se o mundo he feo, como acerta
 Thales chamadolhe fermoso? & se he fer-
 moso, como he mal telo por tal, pois como
 vòs senhor dizeis, he bem parecem nos as
 cousas o que são? Muyto folgo, disse o pay,
 de tocares essa duuida, & de me pores essa
 questam, & outras, que algũas vezes apon-
 tas, porq̄ he final de querereres saber. Que bẽ
 vejo que te nam vem esse atreuimento de al-
 gũa ousadia nascida da temeridade & presũ-
 pção, mas d'hũa confiança nascida do amor
 q̄ me tẽs, & do desejo q̄ sempre em ti conhe-
 ci de saberes. E nisso que dizes, nam aponta
 tu mal, mas enleaste por não attentrates pera
 a equiuocaçã do vocabulo. Tu has de saber
 que mũdo tomase de duas maneiras, hũa he
 pelos maos, em quanto maos, consideradas
 suas vaidades, fallas honras, enganosas prof-
 peridades, desejos deprauados, pestiferas
 deley,

deleytações cō todos os mais males q̄ con-
 go tras a sede & interesse destas cousas, que
 são mētiras, treyções, lisonjarias, murmura-
 ções, & finalmente hũ labyrintho espantoso
 de enganos. Desta maneira o tomou o apos-
 tolo sam Ioam na sua primeira epistola, qua
 do diz: Nam queyrais amar o mūdo nē suas
 cousas, porque rudo o que ha no mundo he
 concupiscencia da carne, & concupiscencia
 dos olhos, & soberba da vida. Este he o mun-
 do de que diz o apostolo Sanctiago: não sa-
 beis que a mizade deste mūdo he imiga
 de Deos. Logo qualquer q̄ se faz amigo do
 mundo, faz bāco roto com Deos. Isto he do
 Apostolo. Doutra maneira se toma mundo
 polo ceo, terra, elementos, como avniuersida-
 de das creaturas. E desta maneira se entēde
 o que diz sam Ioão no primeiro capitulo de
 seu euangelho. E o mundo per elle foi feito.
 E sam Paulo aos de Epheso, Elegeo nos em
 elle antes da constituição do mūdo. Quando
 eu digo que he mal parecemos fermoso o
 mundo não o sendo, como o mundo da pri-
 meira maneyra pola maldade & vaydade
 do mundo, & não pelas naturezas das crea-
 turas: & quando Thales o Grego lhe chama
 fermoso, tomao na segunda accepção pola

Ioão. 2.

Ioan. 1.

Eph. 1.

fabrica das cousas criadas, considerando o
 Sol, lúã & estrellas com os seus fermosos &
 resplandecêtes lumes, & a terra com seus ri-
 cos aruoredos, animaes, & obras da nature-
 za, que com serem tam diuersas, dão cõtenta-
 mento, e fermoso pasto: aos olhos, porque a
 diuersidade das cousas faz muito ao caso pe-
 ra a fermosura dellas. E desta maneyra não
 hai debate, senão q̄ o mundo he cousa bella,
 como feytura das mãos daquelle summo ar-
 tifice e alto Deos, que sem nenhũa cousa po-
 de errar. Donde vieram os Gregosa chamar
 lhe Cosmos: que quer dizer ornamento &
 fermosura. E o primeiro que lhe pos este no-
 me dizem que foy Pithagoras, como o refe-
 re Eugubino na sua Cosmopoêja. Em fim
 que Thales cõsideraua o mundo, não segun-
 do as malicias feytas pelos homês, mas segũ-
 do as naturezas feytas per Deos. Das quaes
 diz a sagrada scriptura no genesis. Vio Deos
 todas as cousas que fizera, & eram muyto
 boas. Donde veo a dizer sancto Augustinho
 no quarto decimo liuro da cidade de Deos,
 que bem pode hi auer bês sem males, mas
 que auer males sem bês he impossivel, por-
 que as naturezas em q̄ estam os males, em
 quãto naturezas são boas, e obras de Deos.

E quando a Scriptura diz que as vio Deos,
& que eram boas, quis significar q̄ as appro-
uaua como cousa feita per sua sabedoria. E
ainda Platão no Timeo, oufou a dizer q̄ não
samente approuara Deos as cousas que fize-
ra, mas que se alegrara de ver sua ordem &
fermosura. Mas à verdade, nem ainda esta
he a verdadeira fermosura: porque em fim
he corporea & transitoria, & mudavel. E se
nos nella muito deleytarmos, pondo nella
nossa demasiada affeyçam, sem passarmos
auante erraremos grauemente. Mas da fer-
mosura das criaturas auemos de passar à fer-
mosura do criador, que he a verdadeira fer-
mosura, summa, permanente, immortal, &
sempiterna, cujo desejo & amor ha de acen-
der nossa alma, pera que ardendo nesta bem-
auenturada chama, se aleuãte à sua mais ex-
cellente potencia, que he o entendimento, &
alli apartadas as treuas das cousas terreas,
allumiado com o fogo do diuino amor, con-
temple aquella luz infinita, aquella bonda-
de immensa, aquella fermosura sempiterna
cujo amor a tẽ fornida & inflãmada. Ves lo-
go aqui como o sabio de Grecia dizia bẽ, &
eu não dizia mal: nẽ ha antre nòs repugnan-
cia algũa. Mas como a fermosura de que ele

fala he caduca, pera te nam embaraçares cõ
 ella , has logo de cuydar que ha de ter fim.
 Porque se posermos noffo amor na fermo su
 ra das creaturas sem lembrança de quem as
 criou, & da fim q̃ ham de ter, viremos a atar
 com ellas os desejos , & a dar obediencia a
 noffos appetites, & assi metidos neste enleo
 iremos cõ os olhos fechados per hũa escada
 abaixo de descuidos , atè irmos dar cõnosco
 no ultimo degrao de noffa perdiçam. E pois
 a raiz de tudo isto he o descuido da morte,
 segue se que elle he o principio de noffas de
 sauenturas. E isto basta por agora: & vamo
 nos pera casa. Façamos, disse o filho, o q̃ elle
 mandar. Mas eu folgaria muito, se elle niffo
 não leuasse desprazer que nos assenta ssemos
 hum pouco nestes assentos que aqui estam
 debaixo destes altos alemos, & q̃ profeguisse
 esta materia da lembrança da morte, porque
 sinto com ella muyto proueito, & que dila
 tasse a pratica , sem fazer comigo prouifam
 de palauras. Sam estas tuas, disse o pay, tam
 arrazoadas & deriuadas da vôtade de apro
 ueitares, & he tam justo o que me pedes, &
 tam pouco em comparação do muyto a que
 o amor que te tenho me obriga , que erro
 feria não forçar eu minha vontade por fazer
 a tua,

a tua, estando ella tam adjectiuada com a obrigação que teens à sciencia & à virtude. Porque entam se ha de fazer a vontade ao q̄ pede, quando ella tem feyta liga com o entendimento & com a razão.

¶ CAPITULO. III.

Em que o pay per authoridades & figuras das divinas letras profegue a materia da lembrança da morte & desprezo do mūdo.

A Quelle Doctór celestial Christo nosso Deos, que veo do ceo à terra abrimos e mostrarnos o caminho da saluaçam, & se constituiu & offereceo em sacrificio no altar sacrarissimo da vera cruz, peraque com seu sangue lauasse nossas culpas, & com suas chagnas curasse as nossas, & com sua morte nos desse a vida, saindo hum dia do templo de Ierusalem com seus discipulos nos ensinou a consideraçam que auiamos de ter da fim das cousas & da nossa mesma fim. Porq̄ mostrandolhe os discipulos o templo, & fallandolhe naquelle alto & nobre edificio, como espantados de seu grande artificio e sumptuosidade, lhe disse elle: Vedes vós tudo isso? Digouos de verdade q̄ ha de ser derribado

Mat. 24

Mat. 13.

Luc 21.

& destruido, & que ha de vir tẽpo que nam fique pedra sobre pedra. Quis o Señor enfiarnos, que quando se nos appresentassem & possessem diante dos olhos cousas grãdes & sumptuosas, que acudissemos logo com a lembrança da fim, porque ella he agoa com que se tempera o vinho das cousas desta vida, que bebidas puras nos podem tornar, & fazer perder o juizo. Vẽnos à memoria hũa cousa deleytosa & de nosso gosto, mas cousa que nos pode enlear & por em risco de perder a Deos, auemos de ter prompto o remedio, & acudir logo com presteza com a memoria da fim, & cuydarmos q̃ tudo aquillo ha de acabar, & nos com elle, & q̃ se aquillo não acabar tam a sinha, ao menos acabaremos nos. Desta reposta & doutrina de Christo tomaram os discipulos motiuo pera lhe perguntarem quando auia de ser a fim do mundo. Mas porque o saber isto nos nam era necessario nam quis nosso seuhor declarar o dia da fim dos homẽs em geral, nem de cada hum em especial, mas disse muitas cousas de grande doutrina, & trouxe parabolâs & comparações em que concluia que nos aparelhassemos pera a morte, & embarcassemos cõ tempo, & fizessemos alforge & pro-
uizam

uisam de longe, & que viemos lembrados da morte, porque nam sabiamos o dia nem a hora. Esta doutrina vos deu Christo nosso Redemptor: & não tem ninguem nella que emendar, nem quer dizer, porque a doutrina que vay ao liuel do juyzo diuino, não tem licença de lhe lançar o plamo o juizo humano. Per onde está claro quam escuro he o entendimento dos que julgam por desnecessaria a lembrança da morte. O piloto pera gouernar bem o nauio, não vay assentado na proa, que he o principio, senão na popa, que he a fim, levando os olhos na agulha & carta de marear, afsi nós pera bẽ governarmos a nao de nossa vida, e nauegarmos ao porto da saluação, auemos de estar da sêto na fim que he a morte, & aparelharmonos pera ela levando sempre pregados os olhos em Christo, que he a carta de marear per onde nos auemos de reger. Nã curemos de ir na proa onde não vay senão a gente baixa, e de pouco tomo. Aquelles vão na proa, que jactando se da nobreza de seus antepassados, donde trazem sua origem, se aleuuntam em presumpção & oufania, lembrando se do principio que ouueram, & não da fim que ham de auer. Mas nos tomando na mão o leme da

razão, & indo d'assento na lembrança da morte, ponhamos a proa na eterna bemaventurança, & naueguemos com muíro tétto, porque doutra maneira serà quereremos governar a vida sem leme, & iremos dar cónosco na Scila & Carybde de nossa perdiçam. O glorioso Iosias Rey que foy de Ierusalem, diz a diuina Scriptura no quarto liuro dos Reis, que mandou derribar os ydolos que tinham feito os Reis seus antecessores, e faze los em pedaços, & que mandou encher os altares, ou lugares onde elles estauam de ossos de finados. Ainda que esta historia no sentido literal declare a fee do bom rey Iosias, & o zelo q̄ tinha da diuina religiam, com tudo no sentido moral per Iosias se entêde Christo nosso Salvador, pelos altares nossas almas, pelos ossos de finados a memoria da morte, & pelos idolos os peccados & vaidades, & cousas do mundo a que nos affeycoamos & seruimos, & em q̄ pomos nossa felicidade. Por q̄ tantos deoses damos a nosso coraçã quãtos sam os interesses de nossas maldades, e u q̄ trazemos ocupados nossos pensamentos. E auendo nossas almas de ser altares de Deos, fazemos delas altares de nossos idolos, e em vez de estarẽ accellãs cõ o fogo do

do diuino amor, estam enregeladas & ãcara meladas com os frios ventos do mudo. Que cousa he logo mandar Tofias derribar os idolos dos altares, & quebralos, & em seu lugar por ossos de finados, senão mandar Christo que deixemos os peccados & vaidades em q se occupam & deleytam nos sos sentidos, & que os lancemos de nossas almas, e pisemos com os pès, & em seu lugar ponhamos a lembrança da fim, pera que deyxados os descuidos da vida nos ocupemos nos cuydados da morte, trazendo à memoria os ossos de finados, & a terra de que somos, & em que nos tornamos. Naamam Syro de pois de limpa da lepra, pera não adorar os idolos, pedio ao propheta Eliseu que lhe deyxasse leuar de Samaria pera Siria hũa pouca da terra entrouxada. Assim o affirmam as diuinas letras no quarto dos Reys. Nòs pera nam peccarmos leuemos conosco entrouxada na memoria a terra de que somos, pera nam adorarmos os idolos de nossas vaidades. Se nòs bẽ considerassemos que somos, & em q nos auemos de tornar, não hai duuida senã que melhorariamos nossas consciencias, amaynariamos as velas de nossa soberba, & metteriamos a presumpçam debaixo dos pès.

Assi

4. Re. 5.

Compa
ração.

Afsicomo a bibera mata com sua mordedu
ra, mas queymada & tornada em cinza he
excellente remedio pera a mesma mordedu
ra, como o refere La Etancio Firmiano, bem
assí a soberba, fantasia & prosperidade do
mundo soe a ferir nossas almas mortalmête
mas se posermos na mesma alma ferida a
cinza em que se torna a mesma prosperida
de do mudo, viremos a ter tal dor & contri
ção, que fiquemos saõs das mesmas chagas.
He necessario trazer na memoria a cinza em
que se tornão os Reis & principes, & nos có
elles, & em q̄ vam parar os apparatus & pò
pas, & sumptuosidades do mundo. Porque
daqui procede darmos volta, & deixado o
mundo abraçarmonos com Christo, quan
do vemos que aquellas cousas que o mundo
chama altos estados, todas acabam & se con
sumẽ. Afsicomo as ondas do mar se quebrã
em terra, & por grandes & furiosas q̄ venhã
tanto que dão na praya se desfazem: assí os
reys & principes tocando na terra da sepul
tura se acabam, & por altos & poderosos q̄
pareçam, tanto que dão na praya da morte
fencẽ. Mandaua Deos no Leuitico, q̄ hũas
auẽs q̄ lhe auiam de offerecer fossem depe
nadas, & que as penas fossem lançadas no lu
gar

Compa
ração.

Leuit. 1.

gar onde se soia lançar a cinza a par do altar
pera a parte do Oriente. Que cousa he esta
señor? Nã tomareis estas aues por depenar?
E ja q̃ as não quereis se não depenadas, não
bastara lançar as penas onde quer senã que
per força ham de ser lançadas na cinza? E ja
que quereis que estas plumas sejam metidas
nũ monte de cinza, não bastará lançalas nela
da banda do Occidente, senam que necessa-
riamente as auemos de lançar pera onde
nasce o sol, & não pera onde se pôe? Que par-
ticularidades são estas? Nem isto carece de
mysterio, nem o mysterio de ponderaçam.
Bem podera dizer a Scriptura que offerece-
ram a Deos hũas aues, mas apontar tãtas ce-
rimonias, & particularizar tam miudas cir-
cunstancias he quereremos excitar ao enten-
dimento desta figurã. Que penas sam estas,
senão nossas fanteſias que nos trazẽ pelo ar?
Nos somos as aues q̃ auemos de ser a Deos
offerecidos em sacrificio & perpetuo holo-
causto. Mas pera q̃ este sacrificio seja a Deos
accepto he necessario que depenemos as plu-
mas de nossas vaydades, & que as lancemos
no lugar da cinza, na lembrança da cinza q̃
somos, que as emburilhemos neste môturo
de cinza cuberto com hũa pelle, & que as

reuoluamos na memoria, do que auemos de
 fer. Quem he tam transportado e esquecido
 de si, que se quiser atentar, não veja que he
 poo & cinza? Quem hai q̄ nã se desfaça em
 terra? Quem foy que tal não fosse, & quem
 serà que tal nam seja? Quis nisto significar o
 alto Deos, que tanto que nos vier ao pensa-
 mento algũa vaidade, acudamos logo com a
 meditação de quẽ somos & de quẽ auemos
 de fer. O quem visse depenadas todas as plu-
 mas de sua presumpçam & oufania, & meti-
 das antre a ciuza da lembrança da morte. E
 porque, como diz Gregorio Nazanzeno no
 seu primeiro liuro da theologia, o bem nam
 he bem senam faz bem: porque nam abasta
 fazer cõsa boa se a tẽçam he mã, diz a Scri-
 ptura que isto se ha de fazer pera a parte do
 Oriente, & não pera o Occidente, significa-
 do q̄ nossa tençam ha de ser posta e Christo
 & que a elle auemos de dirigir nossas obras
 & não ao mundo que he o Occidente, onde
 se põe o sol, onde se perde a luz, onde fenece
 & se consume o resplendor, ficando a terra
 nua de claridade, & cuberta de treuas que a
 escura noite do peccado tras consigo. Mas
 auemos de levar os olhos d'alma pera onde
 os guiar o diuino amor, pera Christo nosso
 Deos

Deos a quẽ os prophetas chamam Oriente porque delle vem a diuina charidade. Lance mos logo as penas na cinza pera o Oriente, porque pouco nos aproueitara a lembrança da morte, se com ella nos nam exercitamos a servir a Deos, e o tomalo por aluo onde vã parar as setas de nossas obras, palauras & pêfamentos. Mas a lembrança da morte desta maneira, he grande remedio pera a vida. Isto parece q̃ quis Deos significar pelo propheta Ezechiel aos noue capitulos de suas visoẽs, Eze. 9. onde diz q̃ mandou Deos a hũs homẽs que mata sãe quantos achassãe em Ierusalẽ, salvo os que estiuessãe assinados com a letra Tau q̃ he a derradeira do abece Hebrayco. Algũs, querem dizer q̃ esta letra he hũa cruz, & que queria Deos dar a entender q̃ viria Christo ao mũdo remilo pela Cruz, & que somente se saluariam os que tiuessẽm a fec catholica, e fossẽm assinados com a cruz de Christo, e que todos os outros moririam pera sãpre. He esta interpretaçãõ assaz pia & deuota, & fora ella muito pa seguir, se a letra fora cruz mas estã claro q̃ não tẽ feiçã disso no hebraico, como sabẽ todos os q̃ o sabẽ. Bem pode ser q̃ na q̃lle tempo em que o propheta Ezechiel isto screueo tiuessẽ esta letra figura de

cruz: porq̃ a mim me lêbra q̃ li é s. Ieronimo
 nos cōmentarios sobre este lugar, q̃ em seu
 tempo vsauam os Samaritanos de cruz em
 lugar desta letra, sem embargo q̃ os Hebreos
 a escreuiam como agora a escreuem. Mas ja
 pode ser que teriã os Hebreos mudados os
 seus proprios caracteres das letras, & que fi-
 cariam aos Samaritanos, os quaes reteriam
 as antigvas figuras & feyções das letras que
 tomaram do Hebrayco. Porem isto he con-
 jectura somente. O que me a mim parece,
 saluo o melhor juizo he, que per esta letra an-
 tre os Hebreos se entendia a fim, por ser fim
 do alfabeto Hebrayco; assicomo entre os
 Gregos per esta letra Omega, por ser a final
 do alfabeto Grego. Logo trazer o Tau assi-
 nado na testa he trazer a fim debuxada e im-
 pressa no pensamento, & a morte scripta na
 memoria. E he o sentido, que manda Deos q̃
 mouram os que se não lembram q̃ ham de
 morrer, & que tenham vida os que se lem-
 bram da morte. Porque hũa das cousas que
 muito excita ao caminho da vida sem fim he
 a memoria da fim.

¶ CAPITVLO. IIII.

Do proueito da meditação da cinza que so-
 mos, & do dãno do amor do muudo.

Agora me parece, disse o filho, que isso quer significar a igreja, quando o premeyro dia da quaresma nos traz à memoria quem somos nós & põem na testa a cinza, que he o Tau de que fala Ezechiel, & a lembrança da morte com que auemos de andar assinados, & que deuemos trazer impressa na memoria. E declarando per palauras aquella obra & representação: diz: Lembra-te homem que es cinza, & em cinza te has de cõuerter. Não sey se digo nisto mal. Não dizeis disse o pay, senão bem. E ainda te digo q̄ diz o senhor no euãgelho desse dia, que quando jejua rmos vutemos as cabeças, & a igreja vntanolas com cinza, porque não ha tam suaves perfumes & excellentes ingoentos como a lembrança da morte. A cõsideraçã he hũa chaue q̄ desfecha todas as portas. Se quizeres entrar no paraíso com passos da alma, & cuidas na gloria dos sanctos, pera te inflamares no desejo de tamanha bẽauenturãça com a chaue da cõsideraçã o podes fazer. Isto he o que dizia o diuino Paulo aos Philippenses. A nossa conuersaçã he nos ceos. Pois ao inferno tambem podes ir & desfechado com a mesma chaue pera que cuidando nos tormentos dos dãnados, te apartes

Mat. 6.

das culpas merecedoras das taes penas. E não te pareça que he ma esta romaria ir de quando em quando ao inferno com o pensamento ficando viuo em terra que nam he se não muyto boa. Mas deyxadas estas & outras côsiderações, venhamos à q̄ faz mais a nosso proposito. Hum peccador governado por seu danado appetite, anda fora de si, em tanto q̄ esta aferrolhado & fechado a si mesmo: & pa tornar a si he necessario desfechar se cõ achauẽ da côsideração. Isto he o que querẽ significar aq̄lles brados de Deos scriptos pelo seu propheta Esaias, Rediteprauaricadores ad cor, como se dissera. Homens esquecidos & alógados de vos, quebradores & desprezadores da minha ley, fazey volta & tornay em vos, que não ha cousa tâ longa de vos como vos. E nosso redemptor falando em sam Lucas do filho prodigo e esperdido, diz, que tornou em si, & se conuerteo. Se tornou sobre si logo antes nã andaua em si. Sabes q̄ cousa he quarta feira de cinza he o dia em que a igreja nossa madre mete na mão a cada hũ de nos achauẽ da côsideração de quẽ somos & anemos de ser, dizêdo Lembrate homẽ, que es cinza, & nella te has de tornar. Como se dissera, Desfecha a por-

ra de ti mesmo, entra em ti, & verás quem
 es, verás hũa casa de taylor, & a taylor de cin-
 za, & dentro nella tudo cinza: em fim verás
 hum edificio de cinza fraco, & quebradizo,
 q̄ em breue ha de cair, & desfizerse em cinza
 Apartete de ti descuydos, tornete sobre ti lē-
 branças, lembrete que es cinza, & em cinza
 te has de conuerter. A que Fenix, depois de
 tam velha que não pode voar, dizem que se
 queima & se conuerte em cinza, da qual tor-
 na a renascer outra Fenix, & renouada de
 cinza voa tam altamente, q̄ penetra as nuuēs
 com suas asãs: assi nos pera nos renouarmos
 & subirmos aos ceos cō o pensamento, tor-
 nemonos em cinza cō a meditaçam, abaixe-
 monos per humildade, & conheçamos quem
 somos, & quem auemos de ser. A cinza lan-
 çada pelo ar não somete não aproueita, mas
 damna, cegando aos q̄ a lançam, & se esta no
 chão conserua as brasas que se não apaguē,
 assi o homem aleuantado em vaidade nam
 ferse mais que de cegar a si mesmo: mas hu-
 mildandose, conserua em si o fogo do amor
 diuino. Diz a diuina Scriptura no Exodo, q̄
 de Moyses lançar pelo ar a cinza do Egypto
 nasceram aos Egypcios grandes chagas, &
 postemas. Que cinza do Egypto he esta se-

não nòs mesmos. Donde vem os inchaços de
 nossa soberba, senão d'andarmos pelo ar de
 nossa presumpçam & vaidade. A isto nos
 quer Deos atalhar dizendo no Ecclesiastico
 Quid superbis terra & cinis? Donde vem ao
 homem tanta oufania, fantesia & arrogancia,
 de que se ensoberbece a terra & a cinza?
 Está nos Deos mostrando quem somos, &
 declarando a origẽ de nossa uobreza, pera q̃
 como pauões no meo de nossa vaidade olhe
 mos pera os pès, e cõsideremos a terra e cin
 za de q̃ somos, & desfaçamos a roda de nos
 sos enganos. Ia q̃ somos cinza, saybamonos
 aproueytar de nòs. A cinza aproueyta pera
 decoada cõ que se tiram grandes nodas. De
 coada não he outra cousa senão agoa coada
 per cinza. Que cousa são lagrimas senam de
 coada, & que decoada he esta senã agoa estil
 lada per nòs q̃ somos cinza! Esta he a decoa
 da cõ que deuemos lavar as ^{outras} ~~outras~~ q̃ os pec
 cados fazẽ em nossas almas. E ainda q̃ neste
 mudo hũs tẽ mais, outros menos, hũs são se
 nhores outros seruos, hũs Reis, outros laura
 dores, todavia tam cinza sam hũs como os
 outros. Cinza enfronhada em olãda, e cinza
 metida em sacco de liteiro tudo he cinza, tã
 cinza he a vestida de fina seda, como a cuber
 ta

ta cõ grosso burel. Bem q̃ em quanto dura a vida hũs tem mais valia antre os homẽs, outros menos, mas na morte todos sãõ igoaes. **Comparaçãõ.** No jogo do enxadrez ha diuerſas peças, rey roque, piãs, & outras muitas, & em quanto dura o jogo hũas valem mais, outras menos mas o jogo acabado todas as peças sãõ miſturadas ſem differença, & igoalmente metidas no ſaco dos trabalhos, e como os mores peſam mais, elles ſãõ os q̃ pela mor parte ſe vãõ primeiro ao fundo . Bem aſſi em quanto dura eſta vida, hũs sãõ de mais alto tomo & excellente luſtro que outros, hũs sãõ principes, outros vaſſallos, hũs fidalgos, outros piaẽs, mas acabada, todos sãõ tornados e terra, ſem differença, & igoalmẽte metidos neſſe ſaco da ſepultura, & ainda te digo q̃ os mais poderoſſos, eſſes sãõ os q̃ per ventura daram mais a ſinha cõ ſigo no inferno pera ſempre: o que elles poderam eſcuſar ſe ſe ſouberam lẽbrar da morte, & trazer na memoria a fim das couſas do mũdo Iacob & Eſau filhos de Iſaac & Rebeca forã gemeos, & diz a Scriptura, q̃ eſtãdo ambos no vẽtre de ſua mãy pera nacer, o Iacob pegaua nos pes e Eſau Per Iacob, q̃ ſe regeo pela razão, ſe entendem os prudẽtes: & per Eſau, q̃ ſe entregou a ſeu de

Capit. IIII.

sejo, & perfigio a Jacob, se entende o mudo
 Que cousa he tirar Jacob pelos pès a Esau,
 senão que os prudêtes ham de pegar na fin
 das cousas do mundo, que são os pès, & cui
 dando q̄ tudo ha de fenecer, ham de trazer a
 imagem da morte ante os olhos do entendi
 mento. São essas comparações & authorida
 des & figuras, disse o filho, tam accommoda
 das ao proposito, que parece que não hai ou
 tras, que se possam com ellas igoalar. Antes
 si auerã, disse o pay, mas não as sey eu buscar
 nem applicar, ca não he meu nem de quem
 quer entender os sentidos literais, & muito
 menos os misterios que jazem metidos no
 profundo mar das diuinas letras. São Ioan
 Chrysolomo compara isto a pescaria das
 perolas. Porq̄ assi, diz elle, como as perolas
 estão debaixo do mar metidas em conchas
 & pera as tirar he necessario mergulhar mui
 to ao fundo : assi muytos misterios diuinos
 estão encerrados em palavras na altura do
 sentido da escriptura sagrada, que pera os ti
 rar ha mister pescar ao fundo . E assi como
 nê todos podem mergulhar a tirar as pero
 las senão os mestres e officiaes, assi pela môt
 parte não entendem bem os profundos mi
 sterios da diuina escriptura , senam os spiri
 tuacs,

tuacs,

tuas, & q̄ nella são versados. E se bem estive
ueste attento, veras que estes lugares que al-
leguey, não somente nos ensinam lêbrarmo-
nos da morte, mas ainda d̄prezarmos o mū-
do, porque do hum se segue o outro. E ain-
da que a memoria da morte nã trouxesse cō-
figo mais bem q̄ o desprezo do mundo, este
bastaria & seria grandissimo. Porque hē elle
hū abismo de males, & hum embaidor que
nos traz embaidos, & anda zombando com
a vida, & com a honra, & he hum tregeyta-
dor que joga cō nosco o p̄lle passe. E não te
pareça q̄ te digo isto de minha cabeça, por q̄
Plotino philosopho Platonico lhe chamama
gico & feyticeiro, que com nos roubar as vō-
tades nos traz como encantados, sem o en-
tendermos. Por isso cumpre vigiar, viver com
cautela, & afinar o entendimento, pera não
admirarmos seus enganos. E em sentindo
que se começa acender algũa faisca de seu a-
mor, a auemos logo de pagar com a lembrã-
ça da morte, porque se nam va ateando, &
de hūa faisca se faça grande incendio. Por q̄
he tam prejudicial este amor, que tanto que
entra nūa alma, quer logo tomar a posse del-
la, & alevantarse com a menagem, & a ferro-
lhar a razam, & tela presa em ferros. E pera

ter tyrannizada a alma desta maneyra, he
 dão não sey que falsos contétamentos, com
 que ella quer bem a seu mal. Gregorio Na-
 zanzeno, aquelle a quem os antigos per ex-
 cellencia chamaram o theologo, definindo
 o amor do mundo diz, que he hum doce ty-
 ranno. Sam Ieronymo chamalhe esquecimẽ
 to da razão. E cõ razam, porque onde o ha,
 não a ha. Plotino chamalhe pintor que nos
 engana com suas falsas imagẽs de fermosura
 sem o entendermos. E mal diria quẽ dissesse
 que diz elle nisto mal, Porque como diz Me-
 nandro, o amor do mundo traz na mão as
 treuas, com que escurece o coraçam. Donde
 diz Plutarcho, que o que he de tal amor in-
 flammado, está enganado & sem vista. E
 Quintiliano affirma que os amantes não po-
 dem julgar da fermosura, por carecerem de
 vista. E daqui vieram os antigos a pintar o
 amor cego, porque cega os olhos do enten-
 dimento, de tal maneyra, que nam vem sua
 perdição. Porq̃ como diz hũ author, o amor
 do mũdo he como hera, q̃ indo de si lançan-
 do com que vay trepando & prendendo, so-
 be pela aruore cõ ajuda della mesma, & de-
 pois a seca: assi elle sobe per consentimento
 da alma, & depois a mata. Cõta Celio no quin

Compa
 ração,

to liuro de suas lições antigvas, q̄ estaua em Babilonia no tēplo de Apolo hū cofre douro antiquissimo fechado, & q̄ abrindoo hūa vez, o acharam vazio, mas cheo de tam mau humor q̄ delle saio, que matou muita gēte, Per Babylonia, que quer dizer confusam se entende o mūdo, & pelo seu precioso cofre douro se entende a sua enganosa fermosura & vaidade, que ainda q̄ de fora estē ceuando os olhos dos homēs, todauia de dētro he vāo, mas cheo de tal peçonha, que deleytando de fora, mata de dentro. Conta Pomponio Mela, que ha em Cicilia hūa coua muito larga & deleytosa, & de graciosos aruoredos na entrada, & q̄ quanto mais vam per ella, tanto mais se vay apertando & estreytando, & escurecendo atē que os q̄ vāo per ella vam dar cōsigo em tal parte que a nāo sabē de si, porque se acham metidos nūa maneira de labyrintho, onde senāo sabem sair. Assim o mūdo logo no principio promete contentamētos & altas empresas, conuidandonos com grandes esperanças, que em fim nunca vem a ser mais que esperanças, atē que no las faz perder, & quanto mais nos metemos nelle, tanto mais nos enreda, & embarça, atē nos trazer a tal enlco, q̄ lhe entregamos nossas

Capit. V.

vontades, sentidos, & pensamentos, dias, & annos, & quanto temos sem nos dar denada conta, nem nós a temos com nosco. Qual cõta? Nem caímos nella pera lha pedirmos, nem elle a tem com nola nam dar. Isto fez elle aos seus, sem o elles acabarem de entender, aleuantaos pera os derribar, hontraos pera os destruir. Quantos vimos ja que anduam bufando priuança, mais soberbõs que Anibal cõ a victoria de Canas, trazêdo diante de si mais mares de soberba q̃ hũa balea quando vem soprando, & depois vieram a cair, & ser rodilhas em q̃ os outros alimpauam os pés, & virã cortados em breue espaço todos os enxertos de suas esperanças, que muito tempo auia q̃ creciã sem ainda darem fructo. O fallas esperanças do mûdo õ vaõs & enganofos cuidados dos mortaes, que no mico da viagẽ se espedaçam, & antes que vejam o porto se perdẽ & vão ao fundo. Diz Solino q̃ hai duas fontes de tal natureza, q̃ quem bebedõa, rij, tanto que morre poren se lhe acodem cõ a agoa da outra, deixa de rij & viue. A primeira destas fontes he o esquecimento da morte, & a segûda a lêbrança della. Bebendo na fonte do esquecimento, rimos sem tino, & deleitamonos nas cou-

fas do mundo, indo rendidos a nossos appetites, correndo tras elles a redea solta, atee darmos cõ nosco em casa da morte sem fim. Porẽ se acudimos cõ tẽpo cõ agoa da outra fonte q̃ he a lembrança da morte, tornamos sobre nos, & deixadas as vãs & falsas deleitações do mundo, cõuertemos nossos risos em lagrimas, & nossa alegria em dor, & contrição. Fugamos logo da fonte do descuydo da morte, & bebamos na fonte da lembrança della, pera q̃ acabada a jornada vamos beber à gloria no rio da suaue fartura & eterno cõtentamẽto. Desprezemos na terra a morte, pera alcançarmos no ceo a ã mortalidade. E se queremos bẽ viuer, nã estimemos por seruiço de Deos morrer. Porq̃ aquelles se pode dizer que viuem, q̃ desprezam a morte, estando aparelhados pera satisfazer cõ a transitoria vida ao que deuem a perpetua honra.

¶ C A P I T V L O . V .

Do aparelho pera a morte, & do temor & desprezo della, & da conta em que a teueram os antigos.

Hũa duuida, disse o filho, se me offerece
 a mim, q̃ queria que me senhor decla-

rasseis. Que duuida? disse o pay. Eu lha dy-
 rey, disse o filho. E sobre isto que diz, que
 auemos de desprezar a morte. A lembrança
 da morte causa temela, & por isso nos deue-
 mos de lêbrar della pera a temermos. E pe-
 lo contrario o desprezo da morte causa não
 a temer. E porque temer a morte & nam a
 temer são duas cousas contrayras & repu-
 gnantes seguese, que as cousas donde proce-
 dem os taes effeitos, tambem antre si se con-
 trariam & repugnam: & as cousas são cuidar
 na morte & desprezala: logo estas duas cau-
 sas se contradizem, & nam se compadecem
 num mesmo subjecto. Porque assicomo di-
 zemos que o fogo & agoa sam contrayros,
 porque os effeitos, que são aquecitar & es-
 friar, sam contrayros, assi parece que pode-
 mos dizer, que a lembrança da morte, & o
 desprezo della se cõtrariam, pois os effeitos
 que são temer a morte & não a temer antre
 si repugnam. E pois o Senhor diz, q̄ auemos
 de cuydar na morte, como pode ser isso que
 agora acabaua de dizer, q̄ a auiamos de des-
 prezar? Tu, disse o pay, tomaste dous princi-
 pios ambos falsos, & por isso não he muyto
 ser falsa cõcrusam. O hum he o que disseste
 dos effeitos. Porque bê pode ser q̄ douse effei-

tos sejam côtrayros, sem serê contrayras as causas efficientes. Queres ver isto? Mete hũ pao nũ forno, & outro em outro: o pao far-se ha impuro & escuro, & outro ficará apurado & resplandecente. E bem ves q̃ os fogos não são contrayros, ainda que sejam contrayros seus effeitos. E o mesmo fogo endurece o barro, & abranda a cera ate a derreter, assi como tambem os rayos do sol que fazem rosto negro & o linho aluo. Assi q̃ claro está que não he verdadeira a proposiçã que tomas. O outro principio falso, he isso que dizes, que a lêbrança da morte causa temela & que por isso nos auemos della de lembrar pera a temer: antes de cuydar na morte procede não a temer. Porque de cuydarmos nella, procede aparelharmonos pera ella, & de estarmos pera ella aparelhados nasce nã a temermos. E daqui veo Sam Bernardo a dizer nũa epistola, que o seruo de Deos, dando q̃ nam escape da morte, ao menos nam a teme: porque a virtude o faz e star prompto pera morrer. E sancto Augustinho diz, que o demasiado receo da morte, vẽ de ter pouco aproueitado na vida. E Seneca aconselha (como te agora antes dizia) que cuydemo na morte pera a não temermos. Porque do

cuy

cuydar nella, vem aparelharmonos pera ella
 & de nos pera ella aparelharmos, se segue
 nam a temermos. E nam digo eu q̄ nos lem
 bremos da morte pera a temermos, senão pe
 ra nos pera ella aparelharmos: por q̄ entã
 he proueitosa a lembrança da fim, quando a
 dá a nossos peccados. Grande sciencia, disse
 o filho, será saberse hum homem aparelhar
 pera bẽ morrer. He, disse o pay, hũa das mo
 res & mais altas q̄ ha no mundo, & hũa das
 mais esquecidas que ha nelle. Se hũ homem
 se aparelha pera hũa festa, não sabendo se ha
 de chegar a ella, como senão aparelha pera
 a morte, que sabe que necessariamente ha de
 chegar? Encomendote muito este aparelho
 pera a morte, espera em todo lugar, pois em
 todo lugar te espera. Estandoa com esta
 lembrança esperando não a temerás. Verda
 de he que da lembrança da morte nasce hũ
 temor, mas nam della, senam da conta que
 nos Deos ha de pedir, & que per força auer
 mos de dar? & o temor desta conta nos faz
 tela com nossa consciencia, donde nos nasce
 deixarmos o amor do mundo, & abraçarmo
 nos no de Deos, de q̄ procede per vezes de
 sejarms de partirmos ja desta vida, por go
 zarmos de Ghristo na sua gloria. Homem
 que

que ha de nauegar pera lóges terras, & nem
tem feita matalotagem, nem fato entrouxa-
do, né aniados seus negocios, sempre lhe pa-
rece que estam as naos de pressa, & q̄ parté
ja. E dalhe muita dor quando lhe lembra q̄
ham de partir estando tam desaperebido:
mas os q̄ tem aniado tudo, desejam partir, &
a pressa lhe parece tardança. Parte a armada
deste mundo pera o outro, & forçadamente
ha de partir: os descuidados de sua alma, q̄
nem tem pago o que deuê, nem se té tirado
dos peccados, né pedido perdão aos que per-
seguiram, nem feito nada em cousas impor-
tantes, & summamente necessarias a suas có-
ciencias, parecelhe que está a armada a pi-
que, & que começam ja alevantar as ancho-
ras, & a tardança julgam por pressa, & temê
a partida, pera a qual foram descuidados:
mas os justos, & que tem sua alma ordena-
da vivê sem estes temores, & de tal maneira
desprezam a morte, que por nenhum medo
della deixam de fazer o que deuem, antes
estam determinados de morrer por Christo
quando for necessario, estimando a elle mui-
to mais que a vida sem comparaçam. Nem
entêdas q̄ digo eu que não temamos em ne-
nhũa maneira a morte: porque he tam natu-
ral

Capitulo. V.

tal este temor que não podemos naturalmēte deixar de ter algum, mas digo que a namauemos de temer de tal maneira, que este temor nos faça fazer o que não deuemos. E a isto chamo eu nam temer. E chamo desprezala, estar hū homē aparelhado pera morrer antes q̄ cometer hū peccado mortal. Ves logo aqui, como a lembrança da morte & o desprezo della não repugnam antes tomando estas duas cousas da maneira q̄ digo, andam tam liadas, q̄ estam bē lōge de o serem nūca hūa da outra. Sãcto Ambrosio diz assi Se es forte despreza a morte, & se es fraco fugelhe: mas de tal maneira fuge da morte tēporal, q̄ não vas dar na eterna: por q̄ ninguē pode fogir da morte, senão seguindo a vida & a vida he Christo. Periandro diz que desejar sem necessidade a morte he mau, mas q̄ temda he pior. Quinto Curcio diz que dos varões fortes, mais he desprezar a morte, q̄ auorecer a vida. Querem dizer estes authores que os varões esforçados & de altos animos ham de desprezar a morte, nã por odio da vida que acaba, mas por amor da honra, que permanece. E como esta hōra cōsista na virtude, & a virtude em seruir a Deos, segue se que auemos de desprezar a morte quando

assi

assí cōprir ao seruiço & Christo. E como pe-
ra este seruiço de Christo nos excite muito a
lembrança da morte segue-se que não repu-
gna esta lêbrança cō este de'prezo. Quem ti-
nha mais lembrança da morte que sam Tero-
nimo, & quem mais desprezo della que elle?
Lee suas obras & veras hũa coufa & outra.
Toma nas mãos hũa epistola q̄ mādou a Ci-
priano, ve o prologo q̄ fez sobre Esdras, lee
hum pouco pelos commentarios que fez so-
bre os prophetas, onde elle abriu a porta de
sua tenda, & mostrou as ricas sedas & broca-
dos de sua sapiencia, & verás quam pouco
temia a morte, & quanto se lembrava della.
Olha pera a sua imagem, & velo has nũ aspe-
ro diferto, banhado em lagrimas ferindo
seus peitos, & com hũa caueira diante. Na-
quella dura & espantosa penitencia veras
como desprezava a morte, & na caueyra diã-
te, como se lembrava della. E pera que ve-
nhamos à sagrada Scriptura, dizime aquelle
sanctissimo Propheta & serenissimo Rey
Dauid, que lauava de noite o seu leito, & o-
lhando per si se achava nũa lagoa de suas la-
grimas, como q̄ regava seu estrado, & tinha
a cabeça como conuertida em fonte, & seus
olhos em bicas de suas lagrimas: não deseja-

Capit. V.

ua elle a morte? Lé os seus psalmos, & veras quantas vezes suspiraua & saluçaua por ella. Ay de mi, dizia elle, que minha peregrinação he perlongada. E noutra parte. Assim como o ceruo deseja as fontes das agoas, assim deseja minha alma de vos ver a vos meu Deos. Ha minha alma sede da fonte da vida, ah quando será ja o dia que meey de partir & apparecer ante a face de Deos. Estam meus olhos estilando lagrimas de meus desejos, quaes me seruem de pão & mantimento de dia & de noite. Com estas palauras soydo-fas estaua o bõ amante explicando os abraçados desejos que tinha de se ver com Deos na sua gloria, & o sentimento que tinha de seu longo delterro enuolto em lagrimas, em que o feruente amor fazia experiêcia de seu sentimento & soidade. Chamaua a Deos fõte de vida, cuja sede o tinha inflammado, & a si ceruo sequioso, ligeiro, & corredor sobre os outros animaes, o qual como dizem os naturaes, & o affirma sancto Augustinho, mata as serpentes, & depois q̃as tem mortacorre com mór sede & ligeireza á fonte das viuas agoas: porque mortos os peccados, que sam as serpentes, suspira a alma com mór feruor por aq̃lla fonte de vida, q̃ he Christo nosso

Deos

Deos. E he de notar que o titulo deste psalmo he este. Pera a fim, entendimento aos filhos de Corè. Como se dissera: Este psalmo he dirigido a Christo, q̄ he o fim a q̄ ham de ser dirigidas nossas cousas. E he este psalmo um entendimento que convem aos filhos da caueira. Porque Corè na lingua hebrayca quer dizer caueyra, como o affirme Sancto Augustinho na explanaçam dos psalmos. Que se entende pela caueyra & ossos de finados, senão a lembrança da morte? Não te pareça que desejava este sancto propheta & real psalmista a morte por escusar os trabalhos da vida, nem como desesperado, porque isto he fraqueza & culpa: mas lêbrauase da morte, & desejava pera verse com Deos, cujo amor o tinha nelle transportado. E isto he perfeçam. Assim interpretam muitos aquele psalmo, sem embargo que outros lhe dam outro sentido, & ambos podê ser verdadeiros. Quando Periandro affirmava, como te agora antes dizia, que era máo desejar a morte, entendia do desejo procedido de odio dos trabalhos da vida, & nam do amor de Christo: porq̄ desejar de morrer por amor de Christo, he cousa gloriosa, conformando sempre este desejo com a diuina vontade.

Aquelle diuino Paulo, aquella doçaina euãgelica, aquella vaso escolhido, não dizia que a sua vida era Christo, & que a morte lhe era proueyto? Lee a Epistola que escreueo aos Philippenses, & velo has. E logo mais abaixo diz q̄ deseja ser morto & desatado, & estar com Christo. E depois vindo o tempo de seu martyrio, hia tam alegre pera a morte, como se fora a celebrar algũas grãdes voadas. Estando elle preso em Roma nũa aspera & escura cadeia, que depois foy cõsagrada em igreja, & he agora oragode sam Processo & Martiniano, na qual eu per vezes entrey, lhe deram nouas de sua morte, as quaes elle recebeo cõ grande contentamento. E logo foy leuado pela via Ostiense hũa legoa de Roma, onde lhe cortaram a cabeça, que deu tres saltos em terra, onde se logo marauilho samête abrirã tres fontes d'agoa, que ainda oje em dia duram, porq̄ o quer Deos assi per memoria daquelle milagre, as quaes eu vi cõ meus olhos, & ainda te digo q̄ bebi dellas. Aquella multidão de martyres que morreram pola fee de Christo nosso Deos, quẽ poderã explicar o sancto aluoroço, & feruente amor com que caminhauam pera a morte? Chorauam os amigos & parêtes, que os acõ

panha

panhauam até o lugar do martyrio, & representando cō lagrimas seu sentimêto, faziam triste pranto, dizendo hūs aos outros com altera da dor, & soidade tam magoadas e lastimosas palauras, q̄ antre os indomitos tigres & brauos liões podião fazer impressam. Mas nem por isso os algozes deixauã de lhe dar a morte, nē aos sanctos pesaua cō ella Antes cō inestimable alegria, & feruor desejauiam ja de se ver cō seu Deos na sua béauéturança. Queriam autes perder a vida, q̄ a fe & maravilhosa constancia: & embebidos na diuina charidade não tinham em cōta os crueys tyrãnos, nē seus terribéis tormentos, q̄ nunca os asperos disertos de Arabia, nē os espantosos ermos da Ethiopia, nē as brauas montanhas de Lydia criaram tam feras serpentes, tam terribéis, & crueis como erã os tyrãnos. Mas os gloriosos martyres entrauã per meo das chamas & dos cutelos, como per suaues & deleitosos jardins. Nã auia tormêtos por asperos, & exquisitos q̄ fossem, que os espantassem. Deleytauamse em morrer por quem moreo por elles, nam querendo por medo da morte deixar a verdadeyra vida, antes cō penetratiuas palauras, & sospiros soydosos do intimo d' seu peito mostrauã o desejo:

Capit. V.

Luc. 2.

q̄ tinham de ja partir. Sam Basilio declarando aquellas palauras do bõ velho Simeam q̄ sam Lucas escreue no segũdo capitulo de seu sagrado euangelho. Agora deixay Señor o vosso seruo ir em paz, segundo a palaura q̄ dado tinheis, diz, que se attentarmos pera as vozes dos justos, acharemos que todos gemem com a triste tardança & detença desta vida. Hai duas vidas, hũa neste mundo, & outra no outro, & a morre he fiuella, que ajunta estas duas vidas. E saindo os sanctos martyres desta trabalhosa, entam na outra descansada: saindo desta vida, que he perlongada morte, per meo da breue & gloriosa morte, entram naquella vida, que he eterna & verdadeira vida, onde ha vida sem morte, luz sem treuas, alegria sem tristeza, descanso sem trabalho, & finalmente onde estaa o summo bem, a quem do qual ficão todos os bens, & todos os bens que sam contrayros a este bem, estam tam longe de ser bens, que são males. Antes da morte de Christo Iesu, nam era muyto ser a morte temida, pois por mais sanctos que os homẽs fossem hiam ao limbo, lugar, que era dos justos. Mas como o sangue de Christo foy chaue que desfechou a porta do paraíso, & a deyxou abert

ta pera todos os justos , & estaa o bom Iesu com os braços abertos pera os receber & fazer participantes do seu reyno , não hai razão pera os bõs Christãos terem o arrecoo, que tem os gentios , pois nosso Salvador com sua morte temporal nos liurou da eterna . E como diz Sam Paulo escreuendo aos Romanos, foy entregue por nossos delictos, & resurgio por nossa justificação. E pois elle resurgio , tambem nos auemos de resargir, pois elle com sua morte matou a morte . Se em hum sepulchro cerrado meterem hum homẽ viuo, dahi a tres dias o acharam morto . Foy metido no sepulchro Christo morto, & dahi a tres dias saio viuo . Aqui se mudou o curso da natureza: foy a vida sepultada no sepulchro da morte . Porque Christo he vida como elle diz em sam Ioan. E foy a sepultura da morte, casa da vida, & resurgio a vida , ficando enterrada a mesma morte. Assim tinha elle dito pelo propheta Osea. O morte, eu te serey tua morte. Cõta Solino q̃ hai hũa fonte no Epiro, onde se metem hũa tocha apagada fae acesa, & se a metem acesa fae apagada. Assim no sepulchro onde se metem hũ viuo sairá morto, meteram hũ morto & saio viuo . Saio viua aquella tocha que

Rom. 5.

Ioan. 14

Ose. 13

Capitulo. V.

allumiou o mudo, q̄ de si diz per sam Ioam.
Eu sou a luz do mundo. Da qual diz noutra
parte o mesmo, Euangelista. Elle era a luz
verdadeira, que allumia todo o homem, &c.
Resurgio viua esta luz, & ficou apagada a
morte. Que he de tua victoria ò morte, on-
de estam os teus triumphos? Vas morta diã-
te de Christo vencedor, que vay num car-
ro glorioso triumphando de ti, como o ti-
nha prophetizado o propheta Abacue, quã-
do falando do Saluador dizia: diante delle
iraa a morte. Tu morte engoliste a nosso ver-
dadeiro Ionas, mas saio viuo ao terceiro dia
engolisteo pera que abrandasse a tempesta-
de do mundo, & a nossa Niniue se saluasse
com a pregaçam de sua doutrina. Elle te vê
ceo & degolou. Elle he aquelle Propheta
que saio de sua terra, que deixou o castello
& fortaleza do padre, que veio pregar peni-
tencia a Niniue, que veio ensinar o Euange-
lho ao mundo, o qual estando no mundo
enchia o ceo & a terra, & sendo homem
nam deyxaua de ser Deos, duas naturezas
num supposto. Elle he aquelle a quem se
accómodam aquellas palauras do propheta
Jeremias: Deixey minha casa & minha he-
rança, dey minha amada vida nas mãos de
meus

meus inimigos. Cõ sua morte foste tu morta, ò morte, pera que nõs viuessemos, engoliste mas foste engolida. Morreo a vida, & morrẽdo te matou, & tu ficaste morta, & ella viua. O gloriosa victoria, ò excellente pressa, ò espantoso, & divino triumpho. Quem nam pasinarà na consideraçam de tam altos mysterios? Pelo paimero Adam entrou a morte, & pelo segundo a vida: pelo primeyro o peccado, pelo segũdo a graça: pelo primeiro a pena, pelo segundo a gloria. Isto he o que diz sam Paulo na primeira epistola aos Corinthios. Pelo homẽ a morte, & pelo homem a resurreiçam dos mortos. E assi como em Adam todos morrem, assi em Christo todos seram viuificados. Isto he do ~~Apõs~~ *Apõs*. Pera q̃ he logo temer a morte, pois Christo morreo & resurgio, & pois todos auemos de morrer & resurgir? E pera q̃ he desejar lóga vida, pois nos dilata nosso desterro, & nos detẽ neste mar de trabalhos, sem podermos entrar no porto do eterno descanso, o q̃ nõ podemos fazer senão per meo da morte, que he o cays em q̃ desembarcamos desta vida pera a outra? E ainda que pareça que a morte he contrayra aa vida, he caminho pera ella. E daqui veo a dizer Salamão no seu Ec

Capit. V.

Pro. 14. clefiastes, que melhor he o dia da morte, que o do nascimento. E nos prouerbios diz, que o justo tem a esperanza na morte. E por isso não tem os justos quando morrem aquella

Sap. 3. pena que tem os maos . Isto he o q̄ diz o liuro da Sapiencia: As almas dos justos são na mão de Deos, & não lhe tocará o tormento da morte. Não diz que não morreram os justos, mas que receberão a morte com contentamento. Porque a morte dos taes, como diz o Psalmista, he preciosa em o conspêcto de Deos. Pola morte de Christo, a morte, que era pena & tormento dos peccados, he feyta alegria & merecimento do justo . Dizeme hũ martyr não merece em morrer por Christo? Quem duuida nisso? Ves logo a morte, que nasceo da culpa de Adam, feyta merecimento pela graça de Christo. Nossos primeiros padres, por peccarem morreram, & os Sanctos morrem por nam peccarem. Logo a morte corporal nam samente nam he maa, mas he bõa. Quanto mais que a vida he tam triste & penosa, que não sey como os homẽs tem coração pera excessiuamente a desearem. Sancto Ambrosio diz q̄ em comparaçam dos males da vida, a morte he mais remedio que pena . E noutra parte diz

diz, que nos deu Deos a morte pera remedio & fim de males. Amiano Marcelino chama a morte fim de viuer & de doer. Salustio diz, que não he desauentura, mas fim de desauenturas. Marco Tullio na primeira Tusculana, chama he porto, & aos longos dias ventos contrayros, que nos não deixam entrar pela barra que he a morte, no sso emparo, & cabo dos trabalhos da vida. Euripides diz, como refere Plutarcho, q̄ a vida não té de vida mais q̄ o nome: mas q̄ a verdade não he vida mas trabalho. E Menádro dizia como o cõta o mesmo Plutarcho, q̄ duas cousas ha perpetuamente vnidas, & liadas, & estas sam ter vida & ter dor. Os cõtentamêtos q̄ tem hum homẽ em cincoenta annos cõta los ha nũ dia, & os descontentamêtos de hum dia não os acaba de contar em cincoenta annos Falta vida pera acabar de cõtá os trabalhos da vida. Daqui vieram os Thraces, em especial aquelles q̄ se chamauam Trausos auorrer a vida, & folgar cõ a morte. Solino no capitulo. xv. & Pomponio Mella no segũdo do liuro primeiro escreuem, que estes homẽs quando os meninos nasciam, chorauã, & lamentauam & faziã triste prãto, & quando morriam, os parentes & amigos se alegrauam

Capit. V.

uam festejando a morte com grãdes conten-
 tamentos. Isto affirma tambẽ Valerio Maxi-
 mo no segũdo liuro, & Quintiliano no quiu-
 to, & Herodoto mais antigo que elles o con-
 ta no seu Terpsichore, q̃ he o quinto de sua
 historia. E hai muitos outros authores, que
 fazem disto mençam, vindo a falar nas lagri-
 mas & trabalhos deste triste destero & mi-
 fera uel valle de nossa peregrinaçãõ. Quando
 os antigos em suas fingidas fabulas deyxar-
 am em memoria que Bibli chorãra tanto
 q̃ se conuertera em fonte, & Atis em rio, nãõ
 quizeram significar senam as tristezas da vi-
 da, & as lagrimas que estillamos & em que
 nos resolvemos. E assi chamauam ao princi-
 cipio de nossa vida fonte de lagrimas, & ao
 discurso della rio de magoas & defauẽturas.
 Donde veo Plinio no septimo liuro de sua
 historia natural a dizer que eram tantos os
 desgostos da vida, tantos os perigos, tantos
 os medos, tantos os cuydados, que nenhũa
 cousa era melhor pera os homẽs que a breui-
 dade da vida. Donde veo Alcidano antigo
 rhetorico a e' creuer hũ liuro em louuor da
 morte, a quem segue Cicero na sua primeyra
 Tusculana. Depois dos quaes sancto Ambro-
 sio fez a quelle breue, mas excellẽte traçãdo
 do

do bem da morte. Pera que he logo desejar longa vida, pois quanto ella he mais longa tanto mais se alonga nosso desterro, & se encurta nossa alegria: & quanto mais viuemos mais nojos sentimos. Donde se segue q̄ não auemos de temer a morte excessiuamente: por q̄ dos altos & generosos corações he ter por vida dala a troco da gloriosa memoria.

¶ CAPITULO VI.

Em que per authoridades das humanas historias vay o pay mostrádo os trabalhos da vida & a honra da gloriosa morte.

HV M breue interualo feyto, tornou o pay á pratica, dizêdo. Parece que basta ua pera prouar o trabalho da vida o que eu tomey em to mostrar pellas historias diuinas, mas por não faltar uada, trarey alguns exemplos das humanas. Dizeme, nam fora mais illustre Pompeo Magno, se morrera antes da guerra ciuil? Que homem hai dado á liçam antigua que o ouse duuidar? Nam tomara armas pera seu sogro, não deyxara sua casa, não fugira de Italia, nam fora infelicemente vencido de Cesar, nam viera cair em

mãos

Capit. V.

mãos de escravos, não lhe fora cortada a cabeça tam miseravelmente, não foram todas suas riquezas possuidas de seus inimigos, & finalmente não padecera tantas desaventuras como lhe consigo trouxe a longa vida. Elle favoreceo a Cesar em seu principio, & elle o fez & sublimou. Em fim fez quẽ lhe tanto mal fez, & ergueo quẽ o derribou, & quãto mais viueo, tanto mais desaventuras sentio. Venceo em tam breue tempo tantas nações, que parecia que se lhe anticipaua o effecto ao desejo. E quando cuidou de gozar da honra de tantas & tam insignes victorias ficou vencido, vio eclipsada sua fama, desbaratados seus exercitos, & perdidos seus capitães. Enterrou seus amigos, & com elles enterrou suas esperanças. Choraua sem ver remedio, baralhado em diuersos pêsamientos nam sabia determinar-se, nam se viraua para parte que não visse sua perdição, ate o matare cõ tanta ignominia. q̃ seus proprios inimigos ouueram d'elle piedade. Pois aquelle terribel Anibal, que ajuntando grandes nuuẽs de exercitos ameaçaua o mundo cõ espantosas tempestades, & querendo effectuar o desejo de dominar (que muitos dias auia que tinha criado raizes em seu peito) attraessou

Os alpes, espantou Italia, venceu grandes batalhas, & esteve em risco de saquear a Roma, depois de tam illustres victorias foy vencido de Scipião em sua propria terra, & fugio della com grande magoa & ignominia, & de grande senhor veo a ser seruo doutrê, & cair em tam terribéis trabalhos, que nem pera cuydar no remedio delles tinha vagar.

Que magoa te parece que teria quando hũa vez estando diante del Rey Antiocho disse estas palauras: Antes que me brotassem as barbas fuy seruido, & depois que me nasceram cãs comecey a servir? Com que nuem de tristeza te parece que estaria entam coberto seu coração? Aquelle grãde Cyro rey de Persia, que, como diz Xenophonte, teue Imperio sobre os Medos, Hircanos, Syros, Assirios, Arabes, Gregos, Lydos, Fenices, Egypcios, & outras nações, depois de grandes victorias & triumphos, veo a morrer a mãos de hũa molher sua aduersaria, que lhe cortou a cabeça nũa batalha, & lha meteo nũ odre cheo de sangue humano, dizendo: Fartate de sangue cabeça desejosa delle. Assim o conta Herodoto, & muitos outros authores. Quando elle venceu os Chaldeus, & restituiu os Hebreos a sua antiga dignidade,

Capi. V.

& alcançou de muitas nações marauilhosos triumphos, nao te parece que se entam morrera, que fora com muito mór fama. Mas viu-neo pera morrer sua honra, & morreo pera viuer sua infamia: & os longos dias da vida lhe trouxeram longos defasires. Seria logo em contar quantos nojos a vida acarreta, hũa conta de males sem conto. E esta era a causa que excitaua & esporeaua muitos dos gentios a meteremse no meo da morte voluntaria, porque vsam que era a vida hummar de trabalhos & perigos, & lagrimas, & que na vida eterna auia descanso & tranquillidade & alegria. Que ainda q̄ viuam às escuras, & não atinauã cō o caminho da immortalidade, todavia a cousa em si nam os enganaua: Porque Thales o Milesio, com quem antes te alleguey, coufessou clarissimamente q̄ a nossa alma era imortal. E esta sentença depois de aprovada per muitos philosophos ueo ter a Socrates o mais eminente dos sabios antigos que Athenas teue em seu thesouro, o qual com muitas razões a engrandeceo & amplificou. E affimou que auia duas vias per onde hiam as almas depois de saídas dos corpos, hũa pera o ceo lugar da gloria, e outra pera o lugar da pena: de maneira que

que cada hũa hia ao lugar de seus merecimẽtos. E sendo injustamẽte condẽnado á morte, não quis fugir do carcere, podendo fazer. Antes disse que não tinha de que se queixar de seus acusadores Anito & Melito, porque não lhe fizeram nenhũ mal em lhe procurar a morte, salvo se fosse de cnydarẽ que lho faziam, & que elles lhe podiam diuidir a alma do corpo, mas nam lhe podiam empecer, pois hia gozar da immortalidade có os justos, como largamẽte refere Platão na sua apologia, & no dialogo de Crito: & Xenophonte na apologia, & no liuro dos feytos, & ditos de Socrates. E quando veo a hora dizẽ que tomou na mão o vaso da peçonha com que o auiam de matar, & que a bebeo sem fazer mudança. E Platão falou nalgũas partes tam altamẽte da immortalidade d' alma, que cõta Calimaco, que andando Clõbroto de leer este liuro, se lançou de hũa torre no mar, por ir gozar daquella immortalidade. Assim refere Cicero na primeira questam Tusculana, & depois sancto Augustinho no liuro de ciuitate Dei. E Plutarcho conta, que estãdo Catão Vticense em Vtica cidade de Africa, atribulado & acollado de tristes pensamẽtos, pelas victorias de Cesar

li que

Capit. VI.

que elle tinha por tyranno, passou hũa uoyte o Phedo de Platão da immortalidade d'alma, & que acabando de o ler se matou com hũa espada. E ainda que estes gentios errauam grauememente em se matarem (porque não he licito a ninhuu tomar a morte com suas mãos) todavia quis te trazer aa memoria estas historias, pera veres como sentiam ser a alma immortal, & quanto mais estimauam possuir a fama longa que a vida curta. Em tanto que os Lacedemonios desterrarão ao poeta Archilochu, porque disse nũs versos que melhor era na batalha perder as armas que a vida: Diziam elles que pola honra se auia de perder a vida, e pola immortalidade a vida & a honra: porque entam seriam ganhadas, quando desta maneira fosse perdidas. E daqui vinha a fazerẽ a q̃llas passmosas estranhezas, de que estam cheas as historias. Isto moueo a Codro Atheniense meterse desconhecido no exercito dos inimigos, que tinham por oraculo de Apollo, q̃ morreriam se o mataassem. Isto fez a Marco Curcio meterse em Roma no lago onde foy fornido, sem nunca mais apparecer, por saude da patria. Por esta causa se offerecco Bruto a morte, por librar Roma da tyrãnia de Tarquino.

quino. Isto inflâmou os Decios, & Metelos,
 & outros capitães a morrer pola republica,
 & a ter a morte por gloriosa, indose meter
 dôde sabiam q̄ nã auiam de sair, qu'brados
 todos os elteos das esperanças de suas vidas.
 Finalmente a lembrança da honrosa fuma
 acceudeo todos os q̄ a deixaram de si, & os
 pos em muitos perigos arduos de cometer,
 & incertos de acabar. Grandes cousas disse
 o filho, se cõtam dos antigos, assi Gregos co
 mo dos nossos Romanos: mas parece q̄ não
 ferà tanto quanto dizem. Antes creio, disse
 o pay, que ferà mais, Por q̄ assi como o eco
 de muitas palauras não representa senão as
 derradeiras, & ainda pouco dellas: assi nòs
 não contamos das virtudes & proezas dos
 homês, senão ocabo, & auêdo pera dizer muĩ
 to tocamos somete pouco. Os antigos forão
 muito a vigos de fama, & a sede que trnhão
 della os esporeaua a singularizarse, & abali
 sar-se na virtude, & a não terem conta a vida
 que logo acaba, por alcançar a fama, q̄ sem
 pre dura: porque o tempo triumphado co
 mo erramos por defeito em cõtár os grãdes
 feitos dos homês, assi erramos per excessso
 em contar seus defeitos, & a crecêtamos tan
 tas cousas outras à verdade, que parece hũa

Compa
ração.

historia destas, capa de romeiro com tantos
remédos doutros panos que senão pode di-
uisar o proprio. Dizem que auia na Olimpia
cidade de Grecia hum alpêdre feito per tal
artificio, q̄ se se dizia nelle hũa palavra alta,
foauam sete. Dôde vieram os Gregos a cha-
marlhe Heptaphonô, que quer dizer sete vo-
zes: & os letrados Septiuoca, que quer dizer
o mesmo. Assi nos contando hũ erro alheo
q̄ ouuimos acrescentamos lhes tantos outros
q̄ por hũ dizemos sete, & de hũ moxã nu fa-
zemos hũ alifante carregado darmas. E hai
homês tam deprauados nisto, q̄ parece q̄ os
bens dos outros são seus males, & os males
alheos são seus bês proprios. Em fim que tẽ
por estudo os maos acanhar o dos bôs, não
considerando quam grande tacha he desco-
brinas alheas, quanto mais acrescentalas, &
quanta virtude he contar a q̄ ha nos outros.
Assi que a fama nos bês hecco, & nos males
septiuoca. Auisate q̄ nunca defames ningũ
porque a fama, caso que te pareça cousa pou-
ca em comparação da graça, & virtude, com-
tudo tomada per si, faz muito ao caso. Don-
de diz Salamão nos prouerbios, que milhor
he bom nome, que muytas riquezas. Hũa
maçã dura hum mes, & dous, & muytos
mais

Pro. 22.

mais, se está com sua casca, mas se lhe tiráres a casca, dahi a duas ou três horas a veras negra disforme, & corrupta. Pois assicomo a casca he cousa pouca, mas dá ornamento, & fermosura à maçã, & a faz terse e sustentar se muito tempo, bem a si a fama, ainda que seja cousa exterior, & de pouca valia em comparação dos bês d'alma, todavia ella he hũa gentil cobertura, & orna & afermosenta a virtude, & he nella como hũ rico esmalre no fino ouro. E finalmente fala mais bella, fixa & cóstante. E pois hai ley que manda matar quem rouba a fazenda: não sey como a não ha pera castigar quem rouba a fama, pois he de mais valia que a fazenda. Não sey qual he a justiça, que sofre tirar a vida a quem tira o dinheiro, & deixala a quem tira a fama, estimando os homês mais a fama, que o dinheiro & que a vida. E a sede da fama espora a muitos antigos a singularizar se & abalifar se antre os outros, & a não ter em conta a vida, q̄ logo acaba, por alcançar a fama que sempre dura, porque o tempo triũpha da vida, & a fama do tẽpo. Verdade he que errauam elles, por q̄ dirigiam suas obras à gloria do mundo, auẽdoas de dirigir à gloria de Deos. Porque assicomo nas cousas na

turas, os elementos são por causa dos corpos miltoes, & as cousas menos perfeitas por causa das perfeitas, & tudo por causa do homem, que he o mais excellente dellas, assi as nossas obras corporaes deuem ser por causa das obras da alma, & estas deue ser por causa da mais excellente dellas, a qual deue ser dirigida a Christo. Logo do primeyro ao vltimo, todas as nossas obras deuem ser dirigidas & ordenadas a Deos, como a fim, ao qual ham de ser dedicadas. Mas ainda que os Gentios nam olhauam a este fim, mas lançauam as raizes de suas obras em busca da falsa gloria, com tudo de tal maneyra se enfunauam nas vãs esperanças della, q̄ mouidos de hũa desesperada & honrosa determinação, se abraçauam cõ a morte, fazendo façannas espantosas. Mas pera que he espanrar das antiguas, pois yemos as que em nossos tempos tem feito os modernos. Nã quero falar nas dos nossos Italianos, porque me parece que as tẽs viuas na memoria, mas trahey a ella as dos Portugueses. Quem duniadar dos notauẽs feitos dos passados ponha os olhos nas miraculosas façannas dos presentes, & com a vista das modernas, desfarã a roda do pouco credito q̄ tem as antiguas.

Dizime, as que fizeram na India os Portugueses, não mostram claramente quam pouco eiti nauã a vida, & como tinham por gloriosa a morte em seruiço de Christo, & em honra de seu Rey, & de sua patria? Aquelle espantoso dô Vasco de Gama cõde Almirante, não fez elle ~~com~~ ^{com} em cuja comparaçã as grandezas antiguas parecẽ pouquidades? Elle passou muito abaixo da linha equino-cial & torridazona, & atranessou o mar Oceano, Atlâtico, Arabico, Persico, Indico, & achou outro nouo ceo, & nouas estrellas, & regiões incognitas & inauditas, & descubrio outro mundo, & decco ao sul alem do espantoso cabo de bõa esperãça, & tornou a virar & atranessar a torridazona, & passou per onde os antigos cuydaram que não auia passagem, descubrio as Indias orientaes, & rompeo os brauos & indomitos mares, & subjugou as m:donhas & terribes ondas, & domou os mon:ruosos peixes marinhos, & cõquistou terras riquissimas & distantissimas, & ouue grandes batalhas em que per muitas vezes se vio abraçado com a morte, & alcançou illustres victorias, em que com seu esforço, & inuenciuel animo fez Reis tributarios a seu rey, e alcuãrou a cruz de Christo

Capit. VI.

por final & tropheo de seus espirituaes & tē
 poraes triumphos, & leuou a fee de nosso
 Senhor do Occidente ao Oriente & chegou
 onde nunca os exercitos do grande Alexan
 dre, nem nenhūs dos antigos chegaram, &
 eclipsou a fama dos passados, & espanou os
 presentes, & deixou de si fama perpetua pe
 ra os futuros. Parecete que quando se auētu
 rava a tamanhas cousas, que temia a morte
 pera deixar de fazer o q̄ deuia? Se a elle assi
 temera, nūca elle tam altas empresas come
 tera, nē com ellas cō tanta gloria feita. E per
 derradeiro, depois de ir tres vezes a India, la
 morreo, sem vir gozar do descansado galar
 dam q̄ per seus trabalhos merecia, onde tam
 bem morreram as lançadas dous seus filhos
 excellentes capitães, imitando o animoso
 esforço & singular virtude de seu pay, como
 cousa sua hereditaria. Que te direy das ma
 ranilhosas & abalifadas estranhezas, grande
 & inuenciuel animo, illustres & sobrenatu
 raes victorias daquelle antre os fortes sapiē
 tissimo capitão Duarte Pacheco, espelho de
 todos os capitães do mundo? Quem pode
 ria contar as proezas, caualarias, & glorio
 sas victorias de dom Francisco Dalmeida: &
 daquelle espantoso Afonso Dalborquerque
 a quem

aquê do qual ficam todos os Gregos & Romanos: cuja morte os mouros & géticos não podiam crer, mas diziam que não morreria, senão que o mandara Deos chamar, porque tinha necessid^{de} d'elle no ceo pera fazer alguma guerra? Que palauras hai có que se possam explicar as grandezas de dom Enrique de Meneses, dom Esteuam da Gama, Antonio da Sylueira, Martim Afonso de Sousa, dom Ioam de Castro, dom Ioam Mazcarenhas, Iorge Cabral, Francisco Barreto, & de outros muitos capitães & fidalgos, & de infinitos & excellentes caualeiros, cujos gloriosos feitos eu contára, senão foram sem conto, os quaes sendo mortaes deixaram de si memoria immortal. Nam pode ninguê por nada em sua honra, porq̄ assicomo os rayos do sol vencedor das treuas desfazem có seu resplendor a escura noite, assi a fama das excellentes obras de todos estes que nomey, & podera nomear, desfazê có a força de sua claridade a escuridade da murmuração nascida de hũa nuuê de odios & falsas opiniões. Nem hai que debater, senão q̄ estes animosos varões preferiam a honra de Deos a propria vida, & que entam cuidauiam q̄ viuiam, quando por amor de Deos se a triscam em a

morte. E á verdade, elles estauã na verdade, porq̃ a inconstante vida he transitoria, e a cõstante virtude he immortal. Ella he thesouro inexhausto, diamãte firme, exercito inuenciucl, & finalmẽte he castello inexpugnauel. Os que della forem ornados, estarão aparelhados pera a morte, & os que pera ella estiuere m aparelhados, claro he que não a temerã sobejamẽte, antes trabalhando como q̃ sempre ouessessem de viuer, viuerã como se logo ouessessem de morrer. Mas tristes da q̃lles, que estando emboscados nos vicios, não tendo conta cõ a manhaã da emenda, lhe sobreuem de improviso a noite da sepultura, & não tendo lembrança da morte, entra ella per casa de supito sem bater à porta. Hem uito pera espãtar de nossos descuidos, que sendo nos mortaes, & vestindo & calçando de animaes mortos, & comendo cousas mortas, & viuendo nas casas, que fabricaram os mortos, & gastando as rendas, que nos deyxaramos mortos, & falando cada dia nos mortos, nos não lembremos da morte. Os Gregos chamauam ao sepulchro *lyma*, & ao corpo *soma*, pera declararẽ, que o corpo dos viuos he sepulchro de mortos. Não se pode negar, que o nosso estamago he adro & cimi

terio de corpos mortos, & trazendo nos cô-
nosco o adro & a sepultura, nos não lembra-
mos della. O descuido grãdissimo quãto ha
em ti que dizer, & quanto que chorar. Que
magoa he ver a ignorancia dos homẽs, o def-
cãso da vida, o descuido da morte, quam de-
fatados andam do ceo, quam atados com a
terra, quãto mais perto da morte, tãto mais
lõge da lembrança della: arca por arca com
a morte, & descuidados na vida. Qual he o co-
ração q̃ sentindo isto não arrebeta cõ dor?
Quaes sãõ os olhos q̃ se não convertem em
fontes de viuas agoas? Encomendote filho
muito q̃ te não esqueças da morte, mas que
andes sempre pera ella apercebido, por q̃ he
esta hũa alta philosophia. E assi o entenderã
não somente os theologos Christãos, mas os
philosophos gentios. Dessa maneira disse o
filho entendẽ muitos aquella sentença de So-
crates, q̃ refere Platão, q̃ a vida dos philoso-
phos he meditação da morte. E querẽ daqui
colher, q̃ a mais excellẽte de todas as philo-
sophias he occupar o pensamento na lẽbran-
ça da morte. E dizẽ q̃ isto he o q̃ quis dizer
Platão ainda q̃ a verdade eu vos ouni ja se-
nhor a interpretação deste lugar muito dif-
ferente da comũ, mas nẽ eu lha entẽdi, nem
elle

elle cuido q̄ acabou de a declarar, & desejo de a entēder dele, porq̄ hi ha interpretacões de cujos authores me não confio, nē os q̄ria ver nē ouuir: porq̄ daquelles authores se ha homē de goardar, que não somēte na vida, mas ainda na tēçam se mostram corruptos: porque erradas tēções geram quasi sempre erradas opiniões, & entendimentos.

¶ C A P I T V L O . V I I .

Em que se expoem a authoridade de Platão acima tocada, & quantas maneiras hai de morte.

A Qui estene o pay hum pouco pensatino como reuoluendo na fantasia o q̄ auia de dizer, & começou desta maneira. Ainda q̄ he excellente philosophia cuydar na morte, com tudo não he isso o que Platam quis significar. Hi ha quatro maneiras de morte, a primeira he a que chamamos natural, quando a alma se aparta do corpo, & a segunda he quando a alma morre ao mundo & viue a Deos, quando viuendo segundo o spirito, morre segundo as obras da carne, a terceyra he quando alma perde a graça & morre pelo peccado mortal, a quarta he a morte eterna

eterna no inferno pera sempre. Da primeira falamos ate aqui, & falaremos inda adiante. Mas agora pede a materia que toquemos na segunda, & depois ella nos chamará a practica da terceira & da quarta. Quando o homem viue não segundo a carne, mas segundo o espirito, & alma estando inda no corpo, se aparta d'elle per pensamento, & se põe em alta contemplação, como que totalmente estiuesse do corpo separada, vem a alcançar tam grandes cousas com o entendimento, que diz Aristoteles no decimo das Ethicas, que neste conhecimento, & contemplação consiste principalmente a mais excellente bemauenturança que se pode nesta vida alcançar. E porque morrer he apartarse a alma do corpo, & nesta contemplação está a alma separada d'elle, deixando os sentidos, & aleuantandose no entendimento, alienada do exterior que distrahe, & medita no interior, que vne, posta no centro de si mesmo. Chamou Socrates a isto meditação de morte, como se lhe chamára meditação de homem morto á carne & ao mundo, & cõtemplação de hũa alma desatada dos laços e prisãoes do corpo, que a empedem, & reduzida ás inuisiueis das cousas visiueis. E esta disse

que

q̄ era a vida dos philosophos. Isto he o que
 quis significar seu discipulo Platão no dialo
 go das Tuscullanas, & Macrobio no sonho d'
 alma intitulado Phedo: Assim interpreta Cí
 cero Scipião. Bem pode ser que tomasse Sor
 crates esta doctrina de Pythagoras aquelle
 antigo sabio q̄ foy o primeiro q̄ se chamou
 philosopho, como tomou outras muitas q̄
 depois declarou & amplificou. Porque o
 Pythagoras foy tam curto nas palauras, como
 longo nas sentenças, & tam affeyçoado a ca
 lar que mãdava a seus discipulos que os pri
 meiros dous annos não falassem, como diz
 Aulo Gelio no .j. das suas noites Atticas. E
 taes avia que cinco annos não falavam, co
 mo diz Luciano. E ainda depois que podião
 falar, lhe mandava que fosse pouco. Deman
 neira que a sua rhetorica, mais ensinava a ca
 lar que a falar, porque tinha elle pera si que
 o silêcio he o trajo do sabedor. Pois hũa das
 suas sentenças era, como o refere sam Cyrillo
 contra Iuliano, & Laercio na vida de Pytha
 goras, que a imagẽ de Deos não avia de tra
 zer por pedra encaustada em anel. Onde pe
 la imagẽ de Deos entedia nossa alma, e pelo
 anel o nosso corpo: Porque assi como o fino
 rubi, ou preciosa esmeralda, he de mais valia
 que

que o anel, assi a alma he muito mais excellente q̄ o corpo. E inda q̄ nê Cyrillo, nê Laercio isto assi declaram, com tudo esta me parece a verdadeira interpretação. Que queria Pythagoras significar dizendo q̄ a imagẽ de Deos não auia de andar vnida no anel, senão que a alma não auia de andar liada, atada & vnida com a carne, indose com ella & seguindo suas obras, mas que separada & como sobre si auia de voar ao alto, & contemplar as cousas não samente humanas, mas diuinas. Isto cuido q̄ quis dar a entender Zoroastes, quando disse que a alma tinha asas com que voaua fora do corpo estando nelle, & transcendia às alturas, mas que se as asas lhe quebrauam caia no corpo onde estava abatida, submergida, & sepultada. De maneira que entendiam todos estes sabios que a vida do philosopho era apartar, & alienar alma do corpo, & morrer quanto a elle. Porq̄ tinham elles que o corpo era grãde impedimẽto para a contemplação, & chamauam lhe fundamento de maldade, laço de corrupçam, morte viva, sepulchro mouediço, ladrão domestico, & outros nomes desta qualidade, que lhe pos Trimegisto, aquelle antigo Egypciano, a quem os Platonicos muito imitaram. Mas

Capitulo. VII.

como elles viuiam ás escuras sem o lume da fe, não viam em q̄ consistia a verdadeira philosophia, cujo fundamento he a fe, de q̄ elles careciã O diuino Paulo na epistola aos Co-

Colo. 3.

lossenses, q̄ eram mortos à carne, & viuiam següdo ao espirito diz: Vos sois mortos, & a vossa vida he escõdida cõ Christo em Deos.

1. Co. 6

E na següda aos Corinthios diz. Quasi mortos, & ex que viuemos. E na epistola aos Galatas. O mundo me he crucificado a mi, & eu a elle. Não se contentou com se chamar peregrino mas morto ao mundo, & não de qualquer morte, mas de cruz, que era a mais deshõrada & ignominiosa que entam auia. E Sancto Augustinho diz, que anemos de morrer ao mundo, pera viuermos segundo Deos. E Sam Bernardo num sermão da quaresma, falando desta morte, diz estas palavras: O morte sem duvida bemaumenturada, que guarda o homẽ sem magoa, & o faz totalmente alheo do mundo. Mas he necessario que o que não vive em si, viua Christo nelle. E isto he o q̄ diz o Apostolo: Vivo eu, ja não eu, mas viue Christo em mi. Como se dissera: Sou morto ao mudo, não sinto, nem curo suas cousas, mas as de Christo me achã viuo & aparelhado. Isto he de S. Bernardo,

com

com quem concertam os outros doutores catholicos. Dõde se conclue q̄ entam moramos ao mudo, & ao corpo quando nossa alma governada pelo Spiritu sancto, como que não ouuesse corpo, atalhados os passos do appetite sensitivo entra cõ a guia da razão no caminho da alta contêplação & diuino amor, & como aguia real aeuâtada do ninho se alça ao ceo aberto, penetrâdo altissimos segredos, & nã vay õde quer o corpo mas elle vay onde ella quer. Isto quis nosso s. ãor significar no euãgelho, quando sarando o paralitico que jazia no leito, lhe disse; Alcuâtate do leito, & tomao às costas & vai te pera tua casa. Pelo paralitico se entẽde a alma enferma pelo leito o corpo. E assi como onde hia o leito la hia o paralitico, assi onde vai a carne la vai a alma do triste peccador q̄ jaz entreuado no corpo. Mas recuperada a saude da alma, a leuãtese é cõtêplação, & vai cõ o pêsamêto a sua casa, q̄ he gloria, meditãdo vs diuinos & altos misterios. E ja não he governada pelo corpo, mas elle por ella. E isto he a leuantar se alma, & caminhar pa sua casa leuãdo cõsigo o leito, q̄ dantes a leuaua. isto baste quãto à morte tomada da segũda maneira: agora tratemos bre-

Mate. 9

- Ezec. 33.** nemête da terceira. Cõta o profeta Ezechiel aos 33. capitulos de sua profecia, q̃ foi leuado é spiritu de Deos ahũ capo cheo de ossos de finados, & era tâto o numero, q̃ o não tinha. E disse lhe o profeta, Ossos secos ouui a palavra de Deos. E a pos estas & outras palavras ueo o spiritu sobre elles, & aleuâtará se cubertos de carne, & ficarâ homêes viuos. **Que campo he este cheo de ossos finados, se não o mûdo cheo de pecadores? E asico mopeira se aleuantarê os ossos & ficarem homêes viuos, ueo sobrelles o spiritu, asicõ pera o triste q̃ está em peccado mortal ficar viuo he necessaria a graça diuina, sem a qual o impio se não pode justificar. Isto he o q̃ diz Ieremias nas lametações Cõuerteinos senhor a vos, & teremos cõuertidos. E isto significou Christo nosso Saluador, dizêdo em sam Ioão: Ninguê pode vir a mi. se meu padre lo nam trazer. Veslogo aqui como os q̃ estam em peccado mortal, estam mortos tomando a morte na terceira maneira, que he a de que falamos. Que isto asicõ seja dilo a sagrada Scriptura no liuro da Sapiência por estas palavras. O homem mata pela malicia a sua alma. Daqui se colhe claramête q̃ o peccador he homicida de si mesmo.**
- Treb 5.**
- Ioan. 6.**
- Sapi. 6.**

Santiago diz, q̄ o peccado, como for cōsumado, gera morte. Então se chama peccado cōsumado, quando a vōtade deliberadamente nelle consente, ainda que senam ponha por obra: porque abasta ser cōsumado por deliberado cōsentimento do pensamento & vōtade pera matar. E por isso se chama elle peccado mortal, porq̄ mata a alma. Donde se conclue q̄ a vida do maõ he morte. Isto he o que diz iam Paulo aos Romanos: Se viuerdes segundo a carne, morrereis. E Christo nosso leñor dezia em S. Mathens: Deixay os mortos enterrar seus mortos. Como se disse ra. Deixay os mortos quanto a alma, enterrar os mortos quanto aos corpos. Esses q̄ enterram os outros, també estã enterrados, & esta he hũa causa affaz mōstruosa, andar sepultada hũa alma morta nũ corpo viuo. Ou de ves q̄ chama nosso senhor mortos aos viuos, q̄ sendo viuos quanto ao mũdo eram mortos quanto a Deos. Donde veo a dizer iam Ioão Chrysofomo, q̄ he impossivel viuermos, se em nos os vicios não morrerem. Como nos podemos chamar viuos estando nos vicios sepultados? A alma dá vida ao corpo, & a graça dá vida a alma, a qual sem graça está morta sendo imortal, & estando ella

Iacob. 1

Rom. 8. 1

Matt. 9. 2

Matt. 9. 1

Ioa. 14.

morta, dizse o homê não ter vida, & ficado
 ella sé vida, nã viue, & nã viuêdo está morto
 E como Christo nosso Deos seja a vida, co-
 mo elle diz em sam Ioão, seguele que quê
 viue apartado d'elle não viue, porque como
 pode viuer sem vida? Ves logo claramête q
 o que está em peccado mortal, he morto,
 & não se pode chamar homem mas fantal-
 ma, & se não fosse o costume, así nos denia-
 mos de espantar de ver hũ homê que iou-
 bessemos que estaua em peccado mortal, co-
 mo de ver hũ finado andar fora da sepultu-
 ra enterrado em si mesmo. Cuydamos mul-
 tas vezes que vemos homês, & não sam ho-
 mês: nos homês não vemos homês, mas fan-
 talmas de homês, & sepulturas de si mel-
 mos. Vemos ossos, & caueyras, & corpos
 mortos, fracos, caducos & transitorios. Em
 fim vemos imagês viuas no parecer, & mor-
 tas no obrar. E sendo tam miseraueis, cuy-
 dam que estam seguros em fugirê de Deos
 pera si. Tãto que Adam peccou, diz a escri-
 ptura que fugio & se escondeo de Deos: por
 que cõ a morte se apartou da vida: & disse
 lhe Deos, Adam onde estás? Como se disse-
 ra: Quê de ti? Porque fugiste de mim pe-
 ra ti? Onde estás, pois não estas em mi, pois
 estas

estás em ti perdido sem mim: pois morrendo pelo peccado mortal, viues sem viueres. Nam te poderia acabar de cōtar os males que consigo traz esta morte, a qual se bem attentaste he totalmēte contrayra àquella de q̄ agora antes falauamos, porq̄ aquella aparta a alma da carne, & esta ajuntaa com ella pera nossa perdiçam. Porque assim como *Compa-*
 a vela se a apagares viuirá sem se cōsumir, *ração.*
 mas nam a matando, ella mesma viuēdo se esta consumindo, demaneyra que sua vida he sua morte: assi tu, se te apagares & morreres ao mūdo, viuirás sem te consumir, & se viueres a elle, viuendo te estarás consumindo, & estarás morrédo, & a vida do corpo sera a morte da alma, que he a tercēyra maneira de morte, de q̄ te prometi que te auia de falar. Agora direy algũa cousa da quarta, que he a morte eterna no inferno pera sempre: onde sam lançados os maos, porque se não lébraram de suas más obras pera se dellas arrependerem, nem das boas, senão pera se dellas gloriarē: porq̄ as boas obras háose de depositar no cofre do esquecimento, pera atalhar a vaamgloria & as mas na buceta da memoria, pera fazer dellas penitencia.

CAPITV. VIII. E FINAL.

Da morte eterna, & da lembrança da temporal, com hũa deuota peroração.

A Vida perfeytissima he a visã diuina, onde ha vida sem morte, contentamento sem arreceo, bem sem mal: da qual vida participão os sanctos na gloria, & os que estã aqui nesta vida a'oda q̄ nam participem della, ao menos participam de sua esperança. Mas como os que estã no inferno careço não somente daquelle celestial & eterna vida, mas ainda da esperança della, por isso se chamão mortos, & aquella pena se chama eterna morte por quanto eternamente são privados da eterna vida. E ainda q̄ aqui tratey desta morte no quarto lugar, esta se chama morte segūda, da qual diz assi

- Apo. 2.** sam Ioão no Apocalypse: Aquelle que vencer, não sera offendido da morte segunda, como se disse: Aquelle q̄ vencer os vicios & triumphar de sua propria vôtade, será liure do inferno. E noutra parte do mesmo
- Apo. 21.** Apocalypse diz, q̄ os maos será atormêta dos nũ tanque aceso de fogo & enxofre. E acaba do isto diz: E esta he a morte segunda, Della
- Psal. 25.** diz o psalmo: Pessima he a morte dos peccadores

dores. E noutra parte: Seram metidos no inferno como ouelhas no curral, & a morte os comerá. Alli a pena nunca tera fim. E como diz sam Gregorio nos moraes, será morto sem morte. Mas pera tu não vices a esta morte eterna, cuida na temporal, & está pera ella apercebido, ná te tome ũ sobressalto. A morte prendenos a todos, & tomanos habito & tōsura, Se nos acha em habito de verdadeiro Christão, valnos a igreja, & liuramos pelas ordēs da misericordia: & senão somos entregues à justiça secular do inferno. Mas a culpa d'isto não se ha de attribuir à morte, senão a nós, que não fazemos nosso deuer, ea ella faz o seu. Se Adam não peccara não morrera: porque sam Paulo diz, que per hũ homem entrou o peccado, & pelo peccado a morte. E por isso se chama ella morte ũ morsu vocabulo latino, q̄ quer dizer bocado, porq̄ pelo bocado do pomo ũ feso entrou ella, & né he mã, como muytos dizé, né tãta medonha como a fazem. De mim te digo q̄ não me pesaria cō ella: & nesta longa idade em q̄ me ves, nesta velhice castigadora dos erros da mocidade, estou contente, porq̄ me parece que vou ja vendo a terra, & q̄ cansado da longa naugação da vida começo ja

Psal. 84

Gregor.

Rom. 5

entrar pela barra do porto da morte: nem
queria por nenhũ preço tornar outra vez
a entregarme nas duuidosas & tẽpestuosas
ondas. Nete pareça q̃ me dâ pena verme de
sẽparado das forças, & daq̃lla disposiçã q̃ cõ
sigo traz a mocidade, ates dou graças ao Nosso
Senhor, porq̃ me liurou do poder de tam
perigosos señores, & me trouxe a conhecer
nestes dias q̃ os meus eram acabados. O re-
postoiro dũ príncipe arma a casa, & depois
d̃ passada a festa torna a desfamar. Assim o tẽ-
po arma a mocidade de força & gẽtileza &
viueza de sentidos, mas depois vindo a ve-
lhice elle mesmo torna a desfamar sua tapi-
çaria, & a tirar tudo atẽ q̃ as paredes ficam
nuas & despouoadas. E daqui vejo eu q̃ as
minhas festas são acabadas, & meus dias cõ
fumidos, pois o tempo, que he o reposteiro
da natureza, me tem ja desfamada & tirada
toda a tapiçaria de minha mocidade, & me
tem dado o desengano da minha partida a
qual eu ja q̃ria ver. E se me vẽ as lagrimas
aos olhos, quãdo vejo morrer outros velhos
de minha idade, que tenho por virtuosos &
amadores das cousas de Deos, não he tam
fomente por ver quebrados os esteos & co-
lunas da republica, mas també por os ver ir

Compa-
ração.

primeiro que eu a receber a coroa da victo-
ria. E em estremo fico consolado quâdo os
vejo receber a morte com contentamento,
porq̃ final he q̃ lhe fará Deos merces, pois
vão com alegria onde os chama. Ca como
queremos q̃ nos dê premio aquelle em cu-
ja presença apparecemos contra nossa von-
tade? E se todos tem obrigação a terê prôta
sua vôtade â se Deos, quâto mais os velhos
que tem passado todo o ver de de sua vida?
Assi como as maçaãs verdes se arrancã da ar-
vore com força, mas as maduras ellas per si
estam desejanço de cair: bẽ assi os mãebos
morrem trabalhosa mête, como pomas que
estam no verde de sua idade, mas os velhos
como maduros, ellestão desejado de mor-
rer, pera que saídos dos males temporaes,
vão gozar dos bẽs eternos. E assi como os
açores de Noruega voão com mayor ligei-
reza que os das outras terras, não por elles
naturalmente serem mais ligeiros, mas por
verem quam pouco espaço tem pola breui-
dade do dia, q̃ alli não he mais que de tres
horas: assi os velhos, vendo quam pouco es-
paço tem de vida, de nẽ de dar obra â virtu-
de cõ grande pressa, & voar altamête com
grande velocidade, quando não poderẽ cõ

Compa-
ração.

CAP. VIII.

obras corporaes, ao menos cõ as spirituaes, pera q̃ a morte os ache apercebidos, & vão cõ grande alegria possuir a eterna b̃auenturança. E se Deos pela sua misericordia me la leuasse, antes queria q̃ fosse oje q̃ a manhã. O claro & desejado dia aquelle em q̃ os justos entrão na b̃auenturança, recebidos & festejados dos Sãctos, admitidos ao b̃aque te dos spiritus celestiaes. O bemauenturada morte, principio de tamanho bem. Esta he a de que diz o real Propheta. Preciosa he em o cõspecto do Senhor a morte dos seus sãctos. O recebimento singular, ô festa sem nenhum arrecco de mudança. Quem fosse tão ditoso q̃ visse este dia: ô glorioso dia aq̃lle é q̃ eu entrar na gloria, & naquellas b̃auenturadas moradas pera sempre, se o Sñor Deos pela sua immensa piedade me esta merce quiser fazer onde verei o mesmo Deos, a quella desejada gloria, aq̃lle summo b̃e, fatura de meus desejos, onde cõuersarey cõ os sãctos & verey não somente os q̃ eu conheci, mas os de q̃ li & ouui, & outros muytos. O alegria inextimavel: ô contentamento a quem do qual fica toda a humana consideração. Mas não sei se me tolherão minhas desventuras tamanha bemauenturãça. Daime Senhor

Psal. 115.

nhor lagrimas para leuar meus males, que
 me não priuê de tantos bês. Vos meu Deos
 que daís agoa aos brutos animaes, não a ne
 gueis a meus olhos, pera que afogado Pha
 rao no mar de minhas lagrimas, me veja li
 ure do Egypto, & seja seguro do labyrintho
 do mûdo, com o fio da vida pelas portas da
 morte, & va gozar do verdadeiro contenta
 mento. Porque aqui que contentamento
 posso eu ter assentado sobre os rios de Babi Psal. 136
 lonia, desfazendo meus olhos em lagrimas
 com lembranças de Siam, tendo dependura
 dos os instrumentos musicos de minha ale
 gria nos esteriles & amargosos salgueiros do
 mundo? Liurame Senhor desta Babylonia,
 pera que foruido em vossas lem branças, &
 abraçado em vosso amor, parta pera a cele
 stial Ierusalem, onde cante com os Santos
 as suas musicas de Siam. Aleuanto a vos mi
 nha voz dizendo com o propheta: Educ de Psal. 141
 custodia animam meam. Tiray Senhor mi
 nha alma deste carcere, liuraya desta coua
 & prisam do mundo, leuayme deste dester
 ro a essa patria & deste miseravel vale a esse
 glorioso monte da visam diuina, onde go
 zemos de vos na eterna bemaenturança.
 Aqui acabou o bõ velho de falar, & saião lhe
 pelos

CAP. VIII.

pelos olhos hũas raras lagrimas hũas apos
 as outras, que fizeram ao filho derramar ou
 tras tantas, & assi esteueram hũ pouco salu
 çando ambos, & soltado de tal maneira os
 olhos ao choro, que o despojo das lagrimas
 q̄ alli ficou, podera ser boa testemunha do
 sentimento & deuacão, q̄ com aquellas de
 uotas & soidas palauras teueram, & ali m
 pandose o filho, disse pera o pay: Muito qui
 sera senhor, q̄ estiueram aqui meus irmãos,
 pera se aproueitarem desta pratica, em que
 tratou altamete da morte. Isto, disse o pay,
 se me offereceo ao presente, q̄ he bẽ pouco
 em cõparação do muito q̄ se podera dizer.
 E não tenhas magoa q̄ não estarẽ aqui teus
 irmãos, q̄ eu por exercicio escreuerey tudo
 isto, pera que tu & elles o leais. E recolha
 monos pera casa, que ha muito que o sol he
 recolhido, & q̄ a terra està cuberta das tre
 uas q̄ a escura noite traz consigo. Recolha
 mos disse o filho, pois assi o manda: & folgo
 muito denão morrer tal pratica como esta,
 & de a p̄petuar, entregandoa às le
 tras: porque a escriptura he a vi
 da das palauras.

¶ Fim do dialogo da lembrança da morte.

SVMARIO DE HV M

SERMAM DE FREY HEYTOR

Pinto, em dia da Alcêsam: o qual he
nouamente acrescentado.

¶ Recumbentibus vndecim discipulis appa **Matth.**
ruit illis Iesus, & exprobauit incredulita- **vlt.**
tem eorum, & duritiam cordis, &c.



Propheta Ezechiel, Eze. 47.

aos 47. capitulos de
suaprophecia diz. q̄
vio hũ tēplo, & que
da parte da capella,
chamada sancta san
ctorũ, saia hũ rio q̄
sefaziamuito grãde
& q̄ sondado o rio,

& tomada a altura delle, vira q̄ é parte era
tã baixo, q̄ dũa pelo artelho, noutras pelo
joelho, noutras pela cinta, noutras tã alto
q̄ se não podia vadear. Finalmēte em partes
era baixo, & em partes tã fundo q̄ parece q̄
o nã tinha. E noutra parte cõtão as diuinas
letras, q̄ subindo o ppheta Elias ao ceo nũ
carro de fogo, deixou sua capa a seu disci-
pulo Eliseu, cõ a qual elle tocou nũ grãde
rio

rio & diuidindose as agoas o passou & foy auante. Estes dous rios no verdadeiro entedimento são hũ so. A sua agoa he a doutrina euágelica, em partes tã clara, q̄ quẽ quer a entẽde, & ẽ partes tã alta, q̄ passa as demarcações do humano entedimento. O Sancta sanctorũ he o ceo, como o declara S. Paulo na Epistola aos Hebreos: & a porta he Christo, porta do ceo, q̄ de si diz em S. Joáo Ego sum ostiũ, si quis per me introierit, saluabitur: como se dissera, Eu sou a porta, se alguẽ por mĩ entrar, serã saluo. Elias q̄ subindo aos ceos deixou a capa a Eliseu pa poder passar o rio, era figura de Christo nosso verdadeiro Deos que subindo ao ceo deixou a seus dicipulos a capa de sua graça, pera penetrar a santa Scriptura. Esta he a capa de q̄ diz o profeta Esaias: Viste os vestidos de tua gloria cidade de Ierusalẽ. E S. Pedro: A charidade cobre a multidam dos peccados. E S. Paulo: Vestiuos de nosso Senhor Iesu Christo. Bõ Deos queremos passar este rio do sagrado euangelho não podemos sem a capa de vossa graça. Vòs sois o verdadeiro Elias celestial, q̄ oje subistes ao ceo. vos sois nosso verdadeiro Deos. nossa esperãça, nosso summo bê: estamos com os olhos longos

Hebr. 9.

Ioan. 10.

Esai. 52.

I. Pe. 4.

Rom. 13.

ſuſpirando por voſſa graça E vós Virgê ſa-
grada madre de Deos, impetra inos de vol-
ſo bento filho eſta capa de graça, q̄ vos ſau-
damos com as palauras angelicas, dizêdo,
Aue gratia plena, &c.

¶ Recumbentibus vndecim diſcipulis, &c.

Hũa aguea em quáto os filhos ſam peque-
ninos, & não eſtam inda veſtido b de to-
das ſuas plumas, nã os deixa ſair do ninho
& voar ao ar aberto: mas depois de bẽ em-
penados os lança fora do ninho a voar. Aſſi
Chriſto noſſo redemptor aquella aguea ce-
leſtial, teve ſeus diſcipulos no ninho depois
de ſua reſurreição, até que veo ſobrelles o
ſpiritu ſancto. Entam lhe mandou que
foſſem piêgar pelo mundo, que entam te-
riam forças & ſaber & penas pera voar. E
aſſi como a aguea quando tem os filhos no
ninho, ainda q̄ voe ao alto nam tira delles
os olhos, & os filhos tambem eſtam com
os olhos na aguea: aſſi Chriſto noſſo Salua-
dor ſubindo aos ceos não perdia os diſcipu-
los de viſta: & elles tambem com os olhos
pregados nelle q̄ o viam ſubir ao ceo ſuſpi-
raam com ſoidade daquelle apatarmêto.

Mas

Compa-
ração.

Mas antes q̄ esta agueza lubisse aos ceos, diz o sagrado euangelho q̄ reprêdeo seus discipulos, lâçadolhe é rostro sua incredulidade & a dureza de seu coração, porq̄ não crerão aos q̄ o virão resucitado. Exprobauit incredulitatem eorū, & duritiam cordis, quia his quæ viderant eum relurrexisse nõ crediderunt. Donde se colhe quam excellête cousa he a reprehensam dada cõ amor a quem a merece: & pelo contrayro quam bayxa cousa he a adulação & lisonjeria. Donde diz Salomão nos proverbios: Filij si te lactauerint peccatores ne acquiescas eis. Filho se os peccadores te adoçarẽ os ouvidos, & te êgrosofarẽ cõ o leite de seus falsos louvores, nã lhe creas. Não ha musica q̄ tão suave seja às orelhas como ouuir seus louvores, mas quã de leitosa parece, tão perigosa he. Porisso dizia o serenissimo rey Dauid: Emendarme ha o justo com misericordia, & reprenderme ha: mas o oleo da bráda adulação do lisongeiro não me vntrará a cabeça. O lisongeiro he como hũ espelho: assi como o espelho representa as cousas cõ suas cores, mas às vellas: porq̄ leuos estais vêdo nelle cõ o vulto pa o norte, representa uolo pa o sul, & se estais vido pa o sul, representa uolo pera o norte:

Prou. 1.

Psal 148

Cõpara
ção.

assi o lisongeiro, se rides ri, se chorais chor a,
 se vos calais louua vosso silencio: se falais en
 grandece vossas palauras, se mostrais ousadia
 diz que a fortuna ajuda aos ousados, se mo-
 strais temor & pusillaniedade, diz que os ho-
 mēs não ham de ser temerarios, mas sofridos
 & que o mor mal dos males he não os poder
 sofrer. Finalmente trãstformasse em vossa cõ-
 diçam, & representa vossas cousas cõ suas co-
 res, mas tudo às vellas, porq̃ sua tençã m não
 he louuarugs, mas aproueitar-se de vós. Assi
 como no eco quando se brada antre montes
 o tom he em hũa parte, & em outra a panca-
 da assi quando o lisongeiro engrandece vos-
 sas coulas, o tom he em vosso louuor, mas a
 pancada em seu proueito. Diz sam Ieroni-
 mo, q̃ os aduladores sam ímigos, & faiscas do
 diabo. E Sancto Augustinho diz, q̃ hay dous
 generos de perseguidores, hũs q̃ perseguẽ con-
 injurias, outros cõ adulações, mas q̃ mais dã-
 no faz a lingua do lisongeiro, que a mão do
 ímigo manifesto. Christo nosso Redemptor
 não lisonjou seus discipulos, antes os repre-
 deo com benignidade & zelo de sua saluaçã.
 E desta maneyra ham de ser as reprehões com
 charidade & mansidam. Assi como o tro-
 uam sem relampado he final de vento &

Plinio. tempestade, segundo diz Plinio, assi adura
 reprêsam sem amor diuino, he final de vai-
 dade, & odio & ambiçam. Imitem os Prela-
 dos, & todos os a q̄ cõuem reprêder, a este
 mestre celestial Christo nosso Salvador, q̄
 reprehendia os pecados com amor & miseri-
 cordia. Desta maneira fez aqui aos discipu-
 los, cuja incredulidade reprendeo, & a du-
 reza de seu coração. Et duritiam cordis. Di-
 zem os naturaes, q̄ não ha cousa mais du-
 ra que o diamante: mas ami me parece que
 muito mais duro sem comparação he o co-
 raçam do homê, pois o diamante abranda
 com o sangue do cabrito, & o coração do
 pecador obstinado, não amellece cõ o san-
 gue daquelle cordeiro innocete, daquelle al-
 to Senhor Christo nosso verdadeiro Deos
 q̄ morreo por nos. Entendendo isto S. Ber-
 nardo exclamaua: O duri & indurati filij
 Adã, quos nõ emollit tâta vis amoris. Co-
 mo se differa ô duros & obstinados filhos
 de Adã, aos quaes não abráda tanta força
 d'amor de hũ Deos q̄ padeeo a morte por
 lhe dar a vida. Se Christo reprêdeo a dure-
 za dos cor: ções de seus discipulos, q̄ em cõ-
 paraçã de n' ssa dureza, a sua cauã brádu-
 ra quãto mais digna de reprêsam he nossa
 pertinacia

pertinacia & a obstinaçã de nosso coração duro como pedras. Diz Alberto Magno, q̄ ha em Alemanha hũa fonte que tudo o q̄ nella se mete conuerte em pedra, & q̄ elle fez nella experiêcia. Não parece le não que entramos nesta fonte, & q̄ ficamos conuertidos em duras pedras. Que será de nos naquelle espantoso dia do juizo? q̄ rezão daremos de nossa dureza na quella estreita conta que nos ham de pedir, & que necessariamente auemos de dar?

A rezão porq̄ Christo reprendeo os discipulos poêna o euangelho dizendo.

Quia his qui viderant eum resurrexisse nõ crediderunt: Forq̄ não deram inteiro credito aos q̄ lhe deram as nouas de sua resurreiçãõ. O sol quando nasce apparece logo no mais alto môte, & depois nos outeiros atê vir a aparecer nos campos & varzeas, & inda nos baixos & sombios valles, saluo se elles sam tam carregados & encubertos cõ o espesso aruoredo, q̄ impedê, & não deixam entrar os rayos & resplendor do sol: Antre todas as puras creaturas, o mais alto monte de merecimentos he a virgem gloriosa Rainha dos Anjos. Ella he aquelle cume altissimo das virtudes, onde ellas estam no

maís fermoso lustro, na mór fineza, na maís
 alta perfeiçam q̄ se pode imaginar. Chri-
 sto nosso Deos he o sol da justiça, nã esse q̄
 vemos cõ os olhos; mas o sol q̄ fez este sol
 o sol inclinado, o sol criador do mundo, &
 vécedor das trevas, de cujo resplendor pro-
 cede o outro resplendor. Em Christo resur-
 gindo apparece logo ac maís alto môté,
 à virgê sacratissimã sua madre, & depois à
 Madalena, & as outras Marias, q̄ vierã dar
 noua aos dicipulos: as quaes elles nã aca-
 barã de crer, & depois aos mesmos dicipu-
 los & a muitas pessoas. E isto he o q̄ he Chri-
 sto lança em rosto nã darem inteira fe aos
 q̄ diziam q̄ elle era reuicitado, se nã depois
 que com seus olhos o viram. E depois q̄ o
 Senhor disto reprêde o, he mandou que
 fossem per todo o mundo, & pregassem o
 Evangelho a toda a criatura.

¶ Euntes in mūdū vniuersū prædicatē Euā-
 gelī omni creatūræ. Evangelho quer di-
 zer bēa noua: esta era a q̄ he Deos manda-
 ua, que pregassem aos homēs, q̄ aqui sã
 entēdidos per toda a criatura, como o affir-
 ma S. Gregorio, porque o homem partici-
 pa cõ todas as creaturas. Donde vieram os
 Philolophos Gregos a chamar he Micros-

mos, que quer dizer mundo piqueno. E diz
 Christo que os q̄ creem com fe formada
 & forem baptizados seram salubs. Esta he
 a fe q̄ diz S. Paulo: Fides, que per charita-
 tem operatur. E os q̄ desta fe eram ornados Galat. 8
 na igreja primitiua faziam grandes mila-
 gres, que eram como sellos pendentes, que
 confirmauan a verdade Euangelica, & dou-
 trina Apostolica.
 E isto acabado de spidioso o Senhor de seus
 discipulos, & subio aos ceos. Assumptus est
 in caelum, & sedit a dextris Dei. E foy isto
 no monte Oliuete, onde ficaram as vltimas
 pègadas do Saluador. E diz sam Ieronimo
 no liuro de Locis Hebraicis, que em seu tẽ-
 po estauã aq̄llas sanctas pègadas impressas Hiero.
 na terra: & que leuandó cada dia os Chri-
 stãos aq̄lla terra por reliquias, logo as san-
 ctas pègadas tornauam a receber seu pristi-
 no estado. E foy alli edificada hũa igreja
 dabobada, a qual se não podê cerrar: & fi-
 cou hũa grande abertura na mor altura
 dabobada, em sinal da Ascensam do Senhor
 & da passagem da terra ao ceo. Assim refere
 o glorioso nosso padre S. Ieronimo, que
 viu este templo com seus olhos.
 Mas ha aqui hũa cousa muyto pera ponde

rar, qual he a causa porq̄ os Euangelistas fa-
 lam tam pouco da Ascensam do Senhor fa-
 lando tão de sua morte & paixam. Na sua
 morte falaram todos, & contarãna cõ muí-
 tas palauras & na sua a Ascensam não fala-
 ram mais q̄ dous, & ain ja muito breuemé-
 te, sendo ella hũa gloria altíssima, & o mais
 illustre triumpho q̄ nunca ouue né auera.
 O q̄ me amí disto parece he, q̄ quiserã dar
 a entender os Euangelistas, que mór cousa
 era merecer a honra q̄ possuila. Cõ sua mor-
 te & paixam mereceo Christo a glorificaçã
 de, seu corpo sacratissimo. E nestes mereci-
 mentos se esprayaram os Euangelistas, &
 quando veo á honra, passaram breueméte
 per ella: porq̄ a honra, mór honra he mere-
 ceda sem a ter, q̄ tela não á merecêdo, & q̄
 Christo é quãto homẽ merecess: sua exalta-
 çam, dilo o propheta per estas palauras: De
 Psal. 109. torrente in via bibit propterea exaltauit
 caput. Que he o q̄ S. Paulo diz per outras
 palauras: Humiliatit semetipsum factus
 o Jediẽs vsque ad mortẽ, mortẽ autem cru-
 cis, propter quod Deus exaltauit illum &
 dedit illi nomen quod esta super omne no-
 mẽ Subiologo o Señor aos ceos, & como
 diz S. Lucas nos Actos dos Apostolos. Vi-
 denti-

dētibus illis eleuatus est, & nubes suscepit eum ab oculis eorum. Aleuātouse em presença dos discipulos, & o recebo em si hũa nuvem resplandecente, q̄ dizem q̄ era hum respãdor q̄ sayã do mesmo Christo. Eazeu nuuês resplandecentes q̄ vos leuam ao ceo resplandores q̄ sayam de vos, q̄ vos sayam do coração, resplandores de Jesus, esmolas, orações, & de todas as virtudes, que estas vos meteram na eterna bemaventurança.

Foy esta Ascensam figurada na tornada Gene 38 do patriarcha Jacob de Mesopotania para a terra de promissã, & na volta de Tobias Tob. 10. para casa de seu pay. Della disse Dauid. Ascendit Deus in iubilatione, & Dominus in voce tubæ. E Michas: Ascendit pandens iter ante os. En se Christo despedindo delles diz S. Lucas, q̄ lhes lançou a sua bençã. Luc. 24. E sam Cypriano diz, q̄ hia Chrysto com as mãos levantadas ao ceo E Damasceno diz q̄ hia cõ o vulto virado para o Oriente cõforme aquillo do psalmista: Psalme Deo, qui ascendit super cœlũ cœli ad orientẽ. E nesta postura subio aos ceos apartãdo se de seus discipulos, q̄ estauã cõ os olhos pregados nele ficãdo metidos antre muitas memorias tristes & cõtetes, alegres por hũa parte, mas

tam foy doſos pela outra, q̄ forá ſeus olhos
 conuertidos em fontes de viuas lagrimas,
 quádo viran que ſe a partaua delles corpo-
 ral mēte ſeu meſtre, ſeu pay, ſeu amigo, ſeu
 brando & ſuaue Senhor. O apartamento,
 ô ſoidade, ô meo Deos, que me dera eſtar
 alli pera vos ver, & me despedir de vos, &

Joan. 17

fazer de meus olhos em voſſa despedida hū
 diluuiio de minhas lagrimas. Vos ſois o q̄
 diſteſtes: Deixo o mundo & vou ao padre.
 Tirayme Señor do mūdo, & leuayme com
 voſco ao padre. Suspiro por vos, carregado
 nã de grilhões de ferro, mas de minha dura
 vōtade. Chariffimos meus, ſubamos cō Chri-
 ſto, aleuãtemos os pès da terra, deixemos o
 mūdo, q̄ he hū labiryntho de enganos, q̄ co-
 mo diz S. Ioan, he todo poſto em maldade.

2. Ioã. 5.

O mundo ſam os maos, gente encarniçada
 em pecados, rēdida a ſeus vícios, cega no en-
 tēdimēto, deprauada na vōtade, matricula-
 da na matricula da terra, enſopada em ſuas
 falſas & peſtiferas deleytações, perdida por
 couſas q̄ aos dous lanços de vida ſe perdē.
 Não ſigamos as riquezas q̄ nos vão fugin-
 do, mas a Chriſto q̄ nos vay esperando. De
 ſatemonos do mūdo, que nos leua a toa de
 ſuas vãs eſperanças, amarem os o batel de
 noſſa

nossa vida à firme & segura nao de Christo
 & assi liados cõ elle, iremos onde elle foy,
 & subiremos cõ elle ao ceo. Mas cõ elle nã
 sôbe loberba, nem auareza, nem gula, nem
 vaidade, nem outros pecados. Hi m os An-
 jões cantãdo & tangêdo, os Thronos & Do-
 minações aparelhauã o lugar, os Cherubis
 & Seraphis resplandeciam derredor cõ grã-
 des raios de claridades & resplandores so-
 bre celesties, todo o exercito celestiel cele-
 braua cõ summa gloria a grandeza, solên-
 dade & magnificencia de tam alto triúpho.
 Delle dezia o Propheta: Eleuata est magni-
 ficẽcia tua super cœlos. O festa solênifi-
 mas, ò contentamentos à quem dos quães
 ficam todos os humanos contentamêtos.
 Bõ Deos recebey nossas almas q̃ se vos of-
 ferecem em sacrificio, leuaynos cõ vosco ar-
 nos collocardes no alto monte da vilam di-
 uina, q̃ he a gloria: *Quam nobis cõcedere*
dignatur Christus filius Dei, qui cū Patre
& Spiritu sancto uiuit & regnat in se-
cula seculorum. Amen.

Este sermão he pio & catolico, pode se
 imprimir. 1567.

Simão de Saa

Luis Aluares Doliueira.

Pereira.

AS ARMAS DE
COIMBRA.

A Antigua, nobre & sempre leal cidade de Coimbra tem por armas hũa donzela coroada, metida num vaso, per cima do qual està aparecendo dos peitos pera cima combatida d'hum lião de hũa parte, & da outra de hũa serpente: mas como vencedora tem na cabeça coroa de victoria. E por q̃ estas antiguas armas sam vistas de muitos, & entendidas de poucos, por se perder a memoria de sua significação, por culpa dos tēpos q̃ passarão, obscuros & apagados ouue nestes nossos algũs homẽs doctos & curiosos q̃ quizeram interpretar & deseter rar da sepultura do esquecimẽto a significação deste notauel escudo. Mas como se não fundasẽ em theologia, nẽ philosophia nẽ em historias autéticas, mas somente qui se se seguir a rota de seu parecer, disseram cousas fabulosas, q̃ tão facilmete se negam, quã facilmete se afirmã. Pois vëdo eu q̃ nã cõuinha estar a interpretaçã de tã excellentes armas encuberta, determiney cauar tãto no cãpo das letras, q̃ a podesse descobrir como thesouro escondido. E se não effeuey meu desejo, ao menos he de agradecer o q̃ tiue de o effectuar, & o q̃ acheu escripto, & me parece destas armas, he o q̃ se segue.

¶ Nas diuinas letras tem o diabo dous no-
 mes principaes antr e muitos outros, hum
 he lião, outro serpente: quando nos tenta
 com asperezas chama se lião, quando cõ brã
 duras, serpente. O glorioso S Pedro princi
 pe dos Apostolos na sua primeira Epistola 1. Par. 5.
 diz: irmãos sede sobrios & vigiay, porq̃ vos
 so aduersario o diabo assi como lião brauo
 vos cõbate & tẽ posto cerco, buscãdo vossa
 destruyçam. Onde o didino Apostolo està
 claramente chamando lião ao diabo Pedin
 do o bom Rey Dauid a Deos num psalmo Psal. 7.
 q̃ o liurasse do demonio q̃ o nã destruyse
 diz: Ne quando rapiat vt leo animam meã
 Como se dissera, Senhor tendeme de vossa
 mão, pera que o diabo como lião nã arre-
 bate minha alma. E a fora estes lugares hai
 muitos outros onde o diabo se chama lião.
 Pois q̃ se chame serpente affirmão clarame
 te sam Ioam aos. xx. capitulos do Apoca-
 lypse, dizendo q̃ Christo nosso Saluador
 tomou a serpente antiga, q̃ he o diabo, &
 que aprendeo & meteo no abismo. E no
 terceiro capitulo do Genesis esta posto em
 memoria, q̃ quando o diabo tentou a Eua
 com branduras, pera q̃ comesse do deitoso
 mas de seio pomo, vinha õ figura dõ serpẽte

- Hiero.** Donde veõ S. Ieronimo no liuro q̄ escre-
 ueo cõtra Iouiniano a chamar aos maos
 cõselhos cõ q̄ aq̄lle herege excitaua a gēte
 a pecar, affouios da antiga serpēte. E isto
 nã sõmente os Christãos o entenderã, mas
 inda muitos dos gērios, os quaes forã raste-
 jãdo & atinãdo cõ muitas verdades q̄ dei-
 xará em escripto enfronhadas em suas fa-
 bulas. Dõde vierã a dizer, q̄ hercules, a quẽ
 elles punhá por exēplo & idea das virtudes
 matara sendo inda de tēra idade hũas ser-
 pētes, significãdo nisto, como diz Pãerio Vã-
Pierio. leriauo q̄ os homēs q̄ na virtude auia de ser
 infines & abalifados, logo de piq̄nos auian
 de extinguir as branduras & fallõs cõtenta-
 mētos cõ q̄ o diabo ostentasse, & q̄ nã auia
 de fazer bõ rosto às tentações, antes è come-
 çãdo as auia de fazerem pedaços. Isto ensi-
 nou o real propheta quãdo falãdo nũ psal-
 mo dos filhos de Babilonia disse: Beatus
 qui allidit parulos ad petrà: Como se mais
 claro differa. Bẽ auēturado he o q̄ quebra
 os maos pēsamētos, sendo ainda piq̄enos
 & barra cõ elles à pedra. Aos maos pēsamē-
 tos quãdo comecã chama filhos de Babilo-
 niã, q̄ quer dizer cõfusamos quaes è nascē-
 do auemos de q̄brar na q̄lla pedra, de q̄ dizia
 sam

sam Paluo: E a pedra era Christo. Afsi inter-
 pretam esta authoridade S. Ieronimo, & S.
 Ambrosio, & outros doutores. Per estas
 razos & authoridades tenho mostrado cla-
 ra mête q̄ o diabo quãdo nos cõbate cõ iras
 & asperzas, se chama lião, & quãdo cõ afa-
 gos & mimos, serpête. A isto se pode redu-
 zir o q̄ diz S. Augustinho, q̄ o lião abertamê-
 te se ira, mas a serpête secreta mentenos cõ-
 bate. Agora pois temos declarado os com-
 bates, he pecessario declarar que he esta dô-
 zella cobatida, mas nã vécida, têtada mas nã
 se brepojada: & q̄ quer significar este vaso é
 q̄ está metida, percima do q̄l a pãtece triũ-
 phate. O diuino Paulo na epistola. 2. aos co-
 rinthios falãdo na alma diz: Hebemus thesau-
 rû hũc in vas is fictilibus: Temos, diz elle,
 nossa alma q̄ he thesouro imortal, & criada
 à imagẽ de Deos, em vasos de barro. Onde
 sem nehbũ debate chama ao corpo vaso. Es-
 ta fermosa & rica imagẽ de nossa alma está
 metida, no fragii & caduco vaso de nosso
 corpo, cobatida de ambas as bãdas de diuer-
 sas têtacões, hũas brãdas & mimosas: outras
 asperas & crucis, mas todos perigosas. Quã-
 do a alma resiste ao diabo, & vêce tuas têtacões,
 he coroada de Deos. E diz s. Cypriano, q̄
 quã

Das Armas

quantas tentações vence, tantas vezes a coroa o alto remunerador de nossos trabalhos por elle padecidos. Esta he a coroa de q̄ diz o Propheta: Vos Senhor lha polestes na cabeça a coroa de pedras preciosas. E quando a alma assi he coroada, estado no corpo está sobrelle, cō mais alta & eminente, & como rainha & vencedora He logo a exposição destas armas, q̄ a donzella he a alma, & o vaso o corpo: & o lão, & a serpente q̄ a combatem, sam as tentações do diabo q̄ a guerream hoia per asperezas, hora per branduras. Mas ella resistindo a todas as tentações, esta per seus effeitos apparecendo mais alta & eminente q̄ o corpo, como rainha cō coroa de victoria, triūphado de seus proprios aduersarios. E como este Reino de Portugal he como hū corpo humano, & Coimbra como a alma delle: per esta rainha se entēde esta nobre cidade, q̄ de v̄cer os inimigos da alma veo avēcer os do corpo, em muitas batalhas cãpaes, perigosas de cometer, & espátolas de acabar, em especial em tēpo do inuēciuel Rey dō Afonso Enriquez de gloriosa memoria, o q̄l com a gēte de Coimbra v̄ceo os mouros inimigos de Deos, & os lançou deste Reino, & regou

seus campos cō o sangue da barbara gente
& entregou seu nome à perpetuidade. E
porq̃ os Reys deste reino le coroaũ nesta
cidade, esta ella coroadada, porq̃ alem de lha
pertencer a coroa per via de victoria, tēna
tambem pera a dar aos Reis, porque os q̃
quiserem ter coroa, em Coimbra a ham de
receber, & ella lha ha de dar. E assi como
quē edifica em terra alhea, por mais q̃ faça
sempre fica deũdo o foro ao senhoria da
cuja mão tē a terra, assi por mais q̃ os mo
radores de Lisboa, Euaora Santarē, & dou
tras cidades & villas nobres deste reino edi
fiquem sempre ficam deũdo o foro a esta
tã antiqua como excellēte cidade de Coim
bra, pois ella como senhora & rainha lhe
entregou as terras que ella tirou de poder
dos inimigos de Christo, q̃ por pecados domũ
do tinhã vsurpadas. E assi como do centro
da esphera saem as linhas pera a circũferē
cia, assi daqui sairam as armas cō que se cō
quistou o reyno, & daqui saē as virtudes
& as letras, assi diuinias como humanas, cō
q̃ elle he ornado & ennobrecido. E finalmē
te he esta cidade como alma deste Reino,
coroadada & sempre leal, & hũa fermosa
imagem em que todos deuen poer os o
lhos. Esta he a antigualha das insignias de

Armas de Coimbra.

Coimbra, & a exposiçam do brasaõ de suas
armas q̄ certo laõ illustres & dignas de nũ
ca terem gasta tas do esquecimẽto, pois de
claram a virtude d' alma quẽ esta em graça
& a vitoria q̄ alcãça aos inimigos, assi spiri-
tuales como corporaes. & como vẽce toda
a tẽcaçam, toque onde sua firmeza mostra
o lustro da virtude, & todos os quilates da
fineza de sua constancia. E por cima disto
estam mostrando estas armas, q̄ a mais no-
bre cousa deste Reino he Coimbra, õde os
Reys se loizam coroar. O que agora resta
he, que os que nesta cidade viuem nos
armemos destas illustres armas, imitando
sua significaçam, & vençamos nossas tenta-
ções & appetites, em quanto nauegamos
pelo mar do mundo, pera que acabada a
viagẽ em graça, entremo no seguro
porto da gloria: a qual o senhor
Deos nos queyra cõceder pola
sua misericordia.

AMEN.

Vieste d'apel, & não tem nada que cõtra
diga nossa lãndã fee Catholica.

F. Martinus de Ledesma.

FINIS.



